EMILY HENRY

Autora Bestseller de **ROMANCE DE VERÃO** *e* **DOIDOS POR LIVROS**

LUGAR FELIZ

Eles terminaram a relação há meses. Mas ninguém sabe...



“Uma das minhas escritoras favoritas.”

Colleen Hoover

“Emily Henry nunca falha… uma lufada de ar fresco!”

Taylor Jenkins Reid

“Cada um dos seus livros consegue superar o anterior. Estou ansiosa pelo próximo!”

Ali Hazelwood

“Os romances de Emily Henry são uma dádiva
para qualquer leitor. Ela consegue o equilíbrio
perfeito entre ternura e sensualidade.”

V. E. Schwab

Emily Henry

LUGAR FELIZ

Tradução

Elsa T. S. Vieira

Índice

Capa
Ficha Técnica
1 - LUGAR FELIZ - KNOTT'S HARBOR, MAINE
2 - VIDA REAL - Segunda-feira
3 - VIDA REAL - Segunda-feira
4 - LUGAR FELIZ - MATTINGLY, VERMONT
5 - VIDA REAL - Segunda-feira
6 - VIDA REAL - Segunda-feira
7 - LUGAR FELIZ - KNOTT'S HARBOR, MAINE
8 - VIDA REAL - Terça-feira
9 - VIDA REAL - Terça-feira
10 - LUGAR FELIZ - MATTINGLY, VERMONT
11 - VIDA REAL - Terça-feira
12 - VIDA REAL - Terça-feira
13 - VIDA REAL - Terça-feira
14 - LUGAR FELIZ - MORNINGSIDE HEIGHTS, NOVA IORQUE
15 - VIDA REAL - Quarta-feira
16 - VIDA REAL - Quarta-feira
17 - LUGAR FELIZ - A UMA HORA DE BOZEMAN, MONTANA
18 - VIDA REAL - Quarta-feira
19 - VIDA REAL - Quarta-feira
20 - MAIS OU MENOS VIDA REAL - Mas ainda quarta-feira
21 - LUGAR FELIZ - WEST VILLAGE, NOVA IORQUE
22 - VIDA REAL - Quinta-feira
23 - LUGAR INFELIZ - A UMA HORA DE INDIANÁPOLIS, INDIANA
24 - VIDA REAL - Quinta-feira

25 - VIDA REAL - Quinta-feira
26 - LUGAR INFELIZ - SÃO FRANCISCO, CALIFÓRNIA
27 - VIDA REAL - Sexta-feira
28 - LUGAR INFELIZ - SÃO FRANCISCO, CALIFÓRNIA
29 - VIDA REAL - Sexta-feira
30 - VIDA REAL - Sexta-feira
31 - VIDA REAL - Sexta-feira
32 - VIDA REAL - Sexta-feira
33 - VIDA REAL - Sábado
34 - VIDA REAL - Sábado
35 - VIDA REAL - Sábado
36 - LUGAR FELIZ - KNOTT'S HARBOR, MAINE
37 - VIDA REAL - Domingo
38 - VIDA REAL - Domingo
39 - VIDA REAL - Segunda-feira
40 - LUGAR FELIZ - VIDA REAL
AGRADECIMENTOS

Ficha Técnica

Título: Lugar Feliz

Título original: Happy Place

Autor: Emily Henry

Tradução: Elsa T. S. Vieira

Revisão: Salvador Guerra

ISBN: 9789896616465

QUINTA ESSÊNCIA

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2023, Emily Henry Books LLC

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

www.leya.pt

Para a Noosha, que fez com que fosse seguro ser eu e que regularmente responde à pergunta “Porque não?” com “Porque eu não quero.” Adoro-te, sempre.

1

LUGAR FELIZ

KNOTT'S HARBOR, MAINE

Uma casa na costa rochosa, o soalho de tábuas de pinho com nós e janelas que estão quase sempre abertas. O cheiro a plantas e a maresia a pairar na brisa e cortinados de linho branco a esvoaçar numa dança indolente. O borbulhar de uma máquina de café e aquela primeira inspiração do ar frio do oceano quando saímos para o pátio empedrado, com as canecas fumegantes na mão.

As minhas amigas: Sabrina, esguia, de cabelo cor de mel, e Cleo, uma criaturinha delicada, com o pequeno *piercing* de prata no septo nasal e as tranças pintadas. As minhas duas pessoas preferidas em todo o mundo, desde o nosso primeiro ano de estudantes universitárias em Mattingly College.

Ainda me deixa estupefacta pensar que não nos conhecíamos antes, que foi um comité de alojamento fastidioso no Vermont que nos juntou às três. A amizade mais importante da minha vida teve por trás uma decisão tomada por desconhecidos, um mero acaso. Costumávamos dizer, a brincar, que a nossa situação de alojamento devia ter sido uma experiência financiada pelo governo. À primeira vista, não fazia qualquer sentido juntar-nos.

Sabrina era uma herdeira nascida e criada em Manhattan, que se vestia como Audrey Hepburn e lia como Stephen King, quanto mais macabro, melhor.

Cleo era a filha pintora de um produtor musical semifamoso e de uma ensaísta indubitavelmente famosa. Crescera em Nova Orleães e aparecera em Mattingly com umas jardineiras salpicadas de tinta e *Doc Martens vintage.*

E eu, uma rapariga do sul do Indiana, filha de um professor e da rececionista de um dentista, que estava em Mattingly porque esta escola de artes e humanidades, um furo abaixo da Ivy League, era a que me oferecera o melhor pacote de ajuda financeira, o que era importante para uma estudante que planeava seguir Medicina e passar a próxima década a estudar.

Ao fim da nossa primeira noite juntas, Sabrina já nos tinha sentado lado a lado em cima da cama dela a ver *As Meninas de Beverly Hills* no seu computador portátil, com uma tigela de pipocas no colo. No fim da primeira semana, mandara fazer camisolas personalizadas para as três, inspiradas pela nossa primeira piada privada.

A de Sabrina dizia: *Virgem que não sabe conduzir.*

A minha dizia: *Virgem que sabe conduzir.*

E a de Cleo dizia: *Não virgem mas grande condutora..*

Andávamos sempre com elas, mas nunca fora do dormitório. Eu adorava o nosso quarto bafiento no grande edifício branco com paredes de madeira. Adorava deambular com elas pelos campos e pela floresta em volta da universidade, adorava aquele primeiro dia de outono em que podíamos fazer os trabalhos de casa com as janelas abertas, enquanto bebíamos chá com especiarias ou descafeinado com xarope de ácer e sentíamos o cheiro das folhas que se encaracolavam e caíam dos ramos. Adorava o nu de mim e Sabrina que Cleo pintara como projeto final de desenho e que pendurou por cima da porta para que fosse a última coisa que víamos antes de sair para as aulas, e as polaroides que fomos colando de ambos os lados, de nós as três em festas e piqueniques e cafés pela cidade.

Adorava saber que Cleo tinha estado a pintar quando a via com as tranças presas pelo elástico de pano verde fluorescente e com as roupas a cheirar a

diluente. Adorava a forma como Sabrina inclinava a cabeça para trás com uma gargalhada maléfica sempre que lia algo particularmente aterrorizador e batia com os *mocassins* à Grace Kelly nos pés da cama. Adorava debruçar-me sobre os manuais de Biologia, a gastar os marcadores fluorescentes porque *tudo* parecia tão importante, parando para limpar o quarto de cima a baixo sempre que não conseguia adiantar um trabalho.

Mais cedo ou mais tarde o silêncio era sempre quebrado e acabávamos a rir como tolas com as mensagens da nova namorada de Cleo, ou a gritar e a tapar os olhos com as mãos enquanto víamos um filme de terror escolhido por Sabrina. Éramos *barulhentas*. Eu nunca fora barulhenta antes. Cresci numa casa silenciosa, onde só havia gritos quando a minha irmã chegava a casa com um novo *piercing* ou um novo interesse amoroso ou ambas as coisas. Os gritos davam sempre lugar a um silêncio ainda mais profundo, e por isso eu fazia os possíveis para prevenir os gritos antes que começassem porque *detestava* esse silêncio, sentia cada segundo dele com uma espécie de temor.

As minhas melhores amigas ensinaram-me um novo tipo de silêncio, a quietude calma de nos conhecermos tão bem umas às outras que não havia necessidade de preencher o espaço. E um novo tipo de barulho: ruído como celebração, o transbordar da alegria por estarmos vivas, aqui, agora.

Eu nunca teria imaginado poder ser mais feliz, amar outro lugar assim tanto.

Até que Sabrina nos trouxe para a sua casa de verão na costa do Maine. Até que conheci Wyn.

2

VIDA REAL

Segunda-feira

Pensa no teu lugar feliz, diz a voz calma nos meus ouvidos.

Visualiza-o. Um azul tremeluzente espalha-se pelo interior das minhas pálpebras.

Ao que cheira? Rochas molhadas, maresia, manteiga a fervilhar na frigideira e um esguicho de limão na ponta da minha língua.

O que ouves? Risos, as ondas a rebentarem contra as falésias, o sussurro da maré a recuar sobre areia e pedra.

O que sentes? O sol, por todo o lado. Não só nos meus ombros nus e no alto da cabeça, mas também *dentro* de mim, o calor irresistível que só existe quando estamos precisamente no sítio certo, com as pessoas certas.

A meio da descida, o avião dá outro solavanco e inclina-se para o lado.

Contenho um grito e cravo as unhas nos braços do assento. Não costumo ficar nervosa por andar de avião, em geral. Mas sempre que venho para *este* aeroporto específico, é num aviãozinho minúsculo que parece ter sido feito com latas de refrigerante recicladas e fita adesiva.

A minha aplicação de meditação acompanhada encontra-se numa pausa silenciosa inconveniente, por isso repito as instruções para mim mesma: *Pensa no teu lugar feliz, Harriet.*

Levanto a cortina da janela. A extensão vasta e brilhante do céu faz-me palpitar o coração sem ser preciso recorrer à imaginação. Há uma mão cheia de lugares, de memórias, aos quais regresso sempre que preciso de me acalmar, mas *este* está no cimo da lista.

É psicossomático, estou certa disso, mas de súbito *consigo* cheirá-lo. *Oiço* os gritos distantes das gaivotas que o sobrevoam em círculos e *sinto* a brisa agitar-me o cabelo. Sinto o gosto de cerveja gelada, de mirtilos maduros.

Dentro de poucos minutos, depois do ano mais longo da minha vida, estarei com as minhas pessoas preferidas, no nosso lugar preferido.

As rodas do avião tocam na pista. Alguns passageiros ao fundo aplaudem e eu tiro os auriculares e a ansiedade sai-me de cima e desaparece como sementes de dente-de-leão ao vento. Ao meu lado, o homem de cabelo grisalho que ressonou durante todo o voo, como se não corrêssemos risco de vida, pisca os olhos e acorda.

Fita-me de baixo de um par de sobrancelhas brancas hirsutas e pergunta:

– Vem ao Festival da Lagosta?

– Eu e as minhas amigas vamos todos os anos – digo.

Ele acena com a cabeça.

– Não as vejo desde o verão passado – acrescento.

Ele resmunga qualquer coisa ininteligível.

– Fomos colegas de universidade mas agora vivemos em sítios afastados, por isso não é fácil sincronizar as nossas agendas.

A expressão pouco impressionada no rosto dele diz *Era só uma pergunta de sim ou não*.

Normalmente, eu considerar-me-ia uma companheira de voo fantástica. Mais depressa me sujeito a apanhar uma infeção urinária do que peço licença à pessoa do lado para ir à casa de banho. Regra geral, nem sequer acordo o vizinho do lado mesmo que este adormeça com a cabeça no meu ombro e esteja a babar-se para o meu peito.

Já peguei em bebés de desconhecidos e em cãezinhos com problemas de gases. Já tirei os auriculares para fazer a vontade a homens de meia-idade que morrerão se não me contarem a história da sua vida, e já pedi sacos de papel às hospedeiras quando o adolescente vindo de férias ao meu lado começa a ficar pálido.

Portanto tenho plena consciência de que este homem não tem interesse algum na semana mágica que me espera com as minhas amigas, mas estou tão empolgada que não me consigo conter. Tenho de morder o lábio para não começar a cantar «Vacation» das GoGo's na cara daquele rezingão enquanto damos início ao lento e penoso processo de desembarque.

Vou recolher a minha mala no tapete rolante do pequeno aeroporto estadual e quando saio pelas portas principais sinto-me como uma mulher num anúncio de tampões: esfuziante, deslumbrante e impossivelmente confortável, pronta para qualquer atividade física, incluindo – mas não exclusivamente – *bowling* com os amigos ou andar às cavalitas do tipo bem-parecido – mas não demasiado – que foi contratado para o papel de meu namorado pela agência de *casting*.

Tudo isto para dizer que estou *contente*.

Este é o momento que me fez aguentar os turnos ingratos no hospital e as noites em claro que se seguem muitas vezes.

Ao longo desta próxima semana, a vida será vinho branco fresco, sanduíches de lagosta cremosa e rir com as minhas amigas, até as lágrimas nos deslizarem pelas faces.

Uma buzinadela vinda do parque de estacionamento. Mesmo antes de abrir os olhos e a ver, já estou a sorrir.

– Oh Harriet, minha Harriet! – grita Sabrina, tropeçando ao sair do velho *Jaguar* vermelho-cereja do pai.

Como sempre, ela parece uma Jackie O. platinada, com os braços morenos perfeitamente tonificados e os corsários pretos clássicos, para não falar no lenço de seda *vintage* enrolado ao cabelo curto e brilhante, com franja. Parece-me ainda igual ao que era quando a conheci, como uma estrela de cinema naturalmente sofisticada, transportada de outra época.

O efeito é de certa forma atenuado porque está aos saltos, com um cartaz nos braços levantados no qual escreveu, com a sua caligrafia horrorosa de assassino em série, *DIZ QUE VIERAM CANTAR CÂNTICOS DE NATAL*, uma referência ao filme *O Amor Acontece* que, a bem da verdade, não podia fazer menos sentido neste contexto.

Começo a correr pelo parque de estacionamento soalheiro. Ela grita e atira o cartaz para a janela aberta do carro, onde bate no caixilho e tomba para o chão, e desata também a correr para mim.

Colidimos num abraço muito desconfortável. Sabrina tem precisamente a altura certa para que o seu ombro arranje sempre forma de me cortar o abastecimento de ar, mas eu não quereria estar em mais lado nenhum.

Ela baloiça-me de um lado para o outro e entoa:

– Estás aquiiii.

– Estou aquiiii! – respondo.

– Deixa-me olhar para ti. – Afasta-se para me mirar de cima a baixo com uma expressão séria. – O que é que está diferente?

– Cara nova – digo.

Ela estala os dedos.

– Eu sabia. – Passa o braço sobre os meus ombros e vira-me na direção do carro, para o qual nos dirigimos seguidas por uma nuvem de Chanel Nº. 5. É o perfume dela desde que tínhamos dezoito anos e eu ainda usava uma mistela da Bath & Beyond que cheirava a algodão doce ensopado em vodca. – O teu médico fez um excelente trabalho – continua ela sem se desmanchar. – Pareces trinta anos mais nova. Praticamente recém-nascida.

– Oh, não, não foi uma operação médica – digo. – Foi um feitiço adquirido na Etsy.

– Bom, seja lá o que for, estás fantástica.

– Também tu! – exclamo, e aperto-lhe a cintura.

– Não acredito que isto é real – diz ela.

– Passou demasiado tempo – concordo.

Mergulhamos naquele tipo de silêncio hiperconfortável, o silêncio de duas pessoas que viveram juntas durante praticamente cinco anos e que, mesmo tanto tempo depois, ainda têm a memória instintiva de como partilhar o mesmo espaço.

– Estou tão contente por teres conseguido vir – diz ela quando chegamos ao carro. – Sei que estás muito ocupada no hospital. Hospitais? Trabalhas em mais do que um, não é?

– Hospitais – confirmo. – Mas nada me teria conseguido impedir de vir.

– Queres então dizer que saíste a correr a meio de uma cirurgia ao cérebro? – diz Sabrina.

– Claro que não – respondo. – Saí aos *saltinhos* a meio de uma cirurgia ao cérebro. Ainda tenho o bisturi no bolso.

Sabrina solta a sua típica gargalhada maquiavélica, um som tão contrastante com aquele exterior sofisticado que durante a primeira semana que vivemos juntas eu dava um salto sempre que a ouvia. Agora, todas as suas arestas ásperas são as minhas partes preferidas de Sabrina.

Ela abre a porta de trás do carro e atira a minha mala lá para dentro com uma facilidade que a sua estrutura desengonçada não deixa adivinhar, e depois guarda o cartaz também.

– Como foi o voo?

– O mesmo piloto da última vez – digo-lhe.

Ela ergue uma sobrancelha.

– O Ray? Outra vez?

Aceno afirmativamente.

– Com os seus famosos óculos de sol na nuca.

– Nunca o vi sem eles – comenta Sabrina.

– De certeza que tem um segundo par de olhos no pescoço – digo.

– É a única explicação – concorda ela. – Lamento muito... desde que o Ray deixou de beber, juro que voa como se fosse um zangão moribundo.

– Como era quando ainda bebia? – pergunto.

– Oh, era igual. – Senta-se atrás do volante e eu deixo-me cair no lugar do passageiro ao seu lado. – Mas a conversa dele pelo intercomunicador era uma delícia.

Tira um segundo lenço do porta-luvas e oferece-mo, um gesto atencioso embora inútil, uma vez que o meu rabo de cavalo de caracóis caóticos não tem salvação possível depois de três aviões seguidos e uma corrida

desesperada, tanto no aeroporto de Denver como no Logan em Boston, para conseguir apanhar o voo de ligação.

– Bom – digo –, hoje não apanhei nem um trocadilho a viagem inteira.

– Trágico – diz ela, e abana a cabeça. O motor do carro ganha vida com um rugido. Com uma exclamação entusiástica ela sai do parque de estacionamento e vira para leste, na direção da água, com as janelas abertas e o sol a incidir-nos na pele. Mesmo aqui, a uma hora da costa, há armadilhas de lagosta pelos quintais e em pirâmides ao fundo dos terrenos.

Por cima do barulho do vento, Sabrina grita:

– COMO ESTÁS TU?

O meu estômago dá uma volta, passando do júbilo absoluto de estar neste carro com ela, para o pavor abjeto de saber que estou prestes a pôr um travão nos seus planos.

Ainda não, penso. *Vamos apreciar isto mais um bocadinho antes de eu estragar tudo.*

– BEM! – grito em resposta.

– E COMO ESTÁ A CORRER O INTERNATO? – pergunta ela.

– BEM – repito.

Ela olha para mim de lado, com fios de cabelo loiro a escaparem-se do lenço para a testa.

– PRATICAMENTE NÃO FALAMOS HÁ SEMANAS E É TUDO O QUE TENS PARA ME DIZER?

– SANGUINOLENTO?

Cansativo. Aterrorizador. Eletrificante, embora nem sempre no bom sentido. Por vezes, agonizante. Em certos dias, devastador.

Não que eu esteja envolvida em muitas cirurgias. Ao fim de dois anos de internato, continuo a fazer muito trabalho de rotina. Mas os fragmentos de tempo que passo com um cirurgião e um doente são tudo aquilo em que penso quando saio do trabalho, como se esses minutos pesassem mais do que todos os outros.

O trabalho de rotina, por outro lado, passa a correr. A maior parte dos meus colegas detesta-o, mas eu até gosto dessa mundanidade. Mesmo quando era miúda, limpar, organizar, riscar pequenas tarefas da lista que eu própria criava, sempre me trouxe um sentimento de paz e controlo.

Há um doente no hospital e eu posso dar-lhe alta. É necessário tirar sangue a alguém e eu estou lá para o fazer. Têm de ser introduzidos dados no sistema informático e eu introduzo-os. Há um *antes* e um *depois*, com uma linha bem definida entre eles, prova de que há milhões de pequenas coisas que podemos fazer para tornar melhor a vida de alguém.

– E COMO ESTÁ O WYN? – pergunta Sabrina.

O meu estômago dá mais uma volta. Passam-me pela mente uns olhos cinzentos penetrantes e paira sobre mim o aroma fantasma a pinho e cravo-da-índia.

Ainda não, penso.

– O QUÊ? – grito, fingindo não ter ouvido.

Esta conversa é inevitável, mas o ideal seria que não tivesse lugar quando vamos a 120 km/h num carro dos anos 60. Além disso, preferia que a

conversa acontecesse quando Cleo, Parth e Kimmy estivessem presentes, para só ter de arrancar o penso rápido uma vez.

Já esperei até aqui. Que diferença fazem mais alguns minutos?

Sem se deixar intimidar pelo turbilhão de vento que atravessa o carro, Sabrina repete:

– O WYN, COMO ESTÁ O WYN?

Eletrificante, embora nem sempre no bom sentido? Por vezes, agonizante? Em certos dias, devastador.

– BEM, ACHO EU. – A parte do «acho eu» faz com que pareça menos uma mentira. Provavelmente ele *está* bem. Da última vez que o vi, parecia praticamente iluminado a partir de dentro. Há meses que não o via tão bem.

Sabrina acena com a cabeça e sobe o volume do rádio.

Ela partilha esta casa, e os carros a ela associados, com cerca de 25 outros primos e irmãos da família Armas, mas há uma regra rigorosa: todas as estações de rádio memorizadas têm de voltar a ser as que o pai dela prefere no final de cada estada, pelo que as nossas viagens começam sempre por Ella Fitzgerald, Sammy Davis Junior ou outro dos seus contemporâneos. Hoje, *Summer Wind* de Frank Sinatra acompanha-nos pelo caminho ladeado de pinheiros até à casa, que se ergue sobre um penhasco rochoso.

Nunca se torna menos impressionante, por mais vezes que veja esta paisagem.

Nem a água cintilante. Nem as falésias. Muito menos a casa.

Na verdade, parece mais que uma mansão *engoliu* uma casinha de campo, e depois pôs a touca dela na cabeça e imitou a sua voz num falsete pouco convincente, ao estilo do Lobo Mau. A dada altura, provavelmente mais perto

de 1900 do que dos nossos dias, foi uma casa de família. Essa parte ainda existe. Mas por trás dela, e de ambos os lados, foram aparecendo extensões, construídas de forma a que o exterior condiga na perfeição com o edifício original.

Ao lado, há uma garagem para quatro carros, e do outro lado, para além do riacho, uma casa de hóspedes aninhada entre musgo, fetos e árvores retorcidas pela maresia.

O carro passa pela garagem e Sabrina desliga o motor em frente da porta principal.

Nostalgia, contentamento e felicidade abatem-se sobre mim numa vaga.

– Lembras-te da primeira vez que nos trouxeste cá, a mim e à Cleo? – pergunto. – Aquele tipo, o Brayden, tinha desaparecido da minha vida sem deixar rasto e tu e a Cleo fizeram um PowerPoint sobre os piores defeitos dele.

– Brayden? – Ela tira o cinto e sai do carro. – Estás a falar do *Bryant*?

Descolo a pele das coxas do banco de couro e saio também.

– Chamava-se *Bryant*?

– Estavas convencida de que ias *casar* com o Bryant – diz Sabrina, divertida. – E agora nem sequer te lembras do nome do pobre rapaz.

– Foi um PowerPoint poderoso – digo, tentando tirar a mala do banco de trás.

– Sim, ou talvez tenha alguma coisa a ver com o facto de a doutora Cleo James nos ter feito psicoterapia gratuita a semana toda. O meu pai tinha acabado de ficar noivo da Esposa Número Três antes dessa viagem, lembras-te?

– Oh, pois foi – digo. – Era aquela que tinha uma data de cães.

– Não, essa era a Número Dois – corrige Sabrina. – E para ser justa, não teve os cães todos ao mesmo tempo. Era mais como se tivesse uma porta giratória mágica por onde chegavam novos cachorrinhos de raça e por onde os cães adultos eram transportados diretamente para o canil.

Estremeço.

– Que macabro.

– Era mesmo, mas pelo menos nesse ano ganhei a aposta do divórcio entre os primos. Foi assim que consegui garantir o acesso à casa durante o *Festival da Lagosta*. Ficámos a ganhar com a derrota do primo Frankie.

Uno as mãos numa prece silenciosa.

– Primo Frankie, onde quer que estejas, estamos gratas pelo teu sacrifício.

– Não desperdices a tua gratidão. Acho que ele está a viver num catamarã em Ibiza. – Sabrina tira-me a mala do braço e puxa-me pela mão em direção à porta. – Anda. Está toda a gente à nossa espera.

– Sou a última a chegar? – pergunto.

– O Parth e eu chegámos ontem à noite – diz ela. – A Cleo e a Kimmy esta manhã. Temos estado todos sentados em cima das mãos, num frenesim, à espera que tu chegasses.

– Uau – respondo –, parece que as coisas resvalaram para a orgia muito depressa.

Outra gargalhada à Sabrina. Ela roda a maçaneta.

– Se calhar devia ter sido mais específica: cada um esteve sentado em cima das *próprias* mãos.

– Bom, isso altera consideravelmente as coisas – admito.

Ela entreabre a porta e sorri-me.

– Porque é que estás a olhar para mim com esse ar de expectativa? – inquiro.

– Não estou nada – nega ela.

Semicerro os olhos.

– Os advogados não deviam ter jeito para mentir?

– Protesto! – exclama ela. – Especulativo.

– Porque é que não estamos a entrar, Sabrina?

Sem uma palavra, ela empurra a porta e faz-me sinal para entrar à sua frente.

– Está bem... – Passo por ela com cautela. No vestíbulo fresco, atinge-me o cheiro de verão: prateleiras empoeiradas, verbena aquecida pelo sol, protetor solar, aquela humidade salgada que se entranha nos ossos das casas mais antigas do Maine e nunca seca por completo.

Ao fundo do corredor do piso térreo, onde fica a cozinha aberta para a sala (parte das extensões novas da casa, claro), oiço o timbre de voz suave de Cleo seguida pelo riso baixo de Parth.

Sabrina descalça-se e atira as chaves para cima da mesa da entrada, enquanto grita:

– Chegámos!

A namorada de Cleo, Kimmy, é a que aparece primeiro no corredor, um turbilhão de curvas e cabelo loiro.

– Harryyyyy! – grita, com os dedos tatuados a procurarem-me o rosto enquanto deposita beijos sonoros nas minhas bochechas. – És mesmo *tu*? – Sacode-me pelos ombros. – Ou os meus olhos estão a enganar-me?

– Se calhar estás confusa porque ela arranjou uma cara nova na Etsy – diz Sabrina.

– Hum – responde Kimmy. – Bem estava a estranhar o que estaria o Danny Devito a fazer aqui.

– Talvez isso tenha mais a ver com as substâncias que ingeriste – respondo.

Kimmy não tem uma risada maléfica como Sabrina; o riso dela é estrondoso. Como se cada uma das suas gargalhadas fosse expelida à força com a manobra de Heimlich. Como se fosse constantemente apanhada de surpresa pela sua própria alegria. É de longe o membro mais recente da nossa pequena unidade, mas é fácil esquecermo-nos de que não esteve connosco desde o primeiro dia.

– Tive tantas saudades tuas – digo, apertando-lhe os pulsos.

– Eu tive mais! – Une as mãos e o seu carrapito dourado baloiça como um pompom entusiasmado. – Já *sabes*?

– Já sei o quê?

Olha para Sabrina.

– Ela já sabe?

– Não.

– Já sei o *quê*? – repito.

Sabrina enfia o braço no meu.

– A surpresa. – Do meu lado direito, Kimmy pega-me no outro cotovelo e, juntas, conduzem-me até à sala como quem conduz uma criminosa à cela.

– Que surpr...

Estaco tão de repente que dou uma cotovelada nas costelas de Kimmy. Apercebo-me vagamente do seu gemido de dor. Os meus sentidos estão totalmente concentrados no homem que se levanta atrás da bancada de mármore.

Cabelo loiro escuro, ombros largos, uma boca improvavelmente macia em contraste com as linhas duras que formam o resto do seu rosto, e olhos cinzentos que, à distância, têm um brilho de aço, embora eu saiba por experiência própria que têm no exterior da íris um círculo verde-musgo.

É algo que se vê mais de perto, por exemplo quando estamos enroladas com ele debaixo de um lençol rosa-pálido, com o brilho difuso do candeeiro da mesa de cabeceira a pintar-lhe a pele de dourado e a dar textura aos seus murmúrios.

Ele tem os ombros descontraídos, o rosto perfeitamente calmo, como se estar na mesma divisão que eu *não* fosse a pior coisa que poderia ter acontecido a qualquer um de nós.

Entretanto, eu sou basicamente uma garrafa andante de Cola na qual alguém deixou cair um rebuçado *mentos*, com o pânico a subir, efervescente, e a ameaçar derramar-se por entre as minhas células.

Vai para o teu lugar feliz, Harriet, penso desesperadamente, antes de me aperceber de que estou literalmente no meu lugar feliz e ele... está... *aqui*.

A última pessoa que eu esperava ver.

A última pessoa que *quero* ver.

Wyn Connor.

O meu noivo.

3

VIDA REAL

Segunda-feira

Bom, já não é meu noivo, mas primeiro, os nossos amigos ainda não sabem disso, e segundo, quando estamos comprometidas com uma pessoa tanto tempo como *eu* estive comprometida com Wyn Connor, não deixamos de pensar nele como nosso noivo assim de repente, de um dia para o outro.

Nem, ao que parece, ao fim de alguns meses.

Que é há quanto tempo temos estado a manter as aparências.

Uma situação que devia ter terminado esta semana, enquanto eu aqui estivesse. Sem ele.

Tínhamos discutido os pormenores numa troca de *e-mails* cordiais, de forma quase competitiva: faríamos férias à vez, como se os nossos amigos fossem os filhos apanhados por um divórcio.

E ele *insistira* para que eu ficasse com a primeira viagem. Então o que está a fazer ali, entre Parth e Cleo, na cozinha, como o grande prémio de algum concurso televisivo mal planeado?

– *Surpresaaaa!* – canta Sabrina.

Abro a boca. Fico de queixo caído. Estou paralisada, e o vaivém no meu peito baloiça de um lado para o outro com a força de uma catapulta.

O cabelo dele cresceu ao ponto de ter de o prender atrás das orelhas, um sinal garantido de que o negócio de reparação de mobiliário da família tem estado cheio de trabalho, e deixou também crescer a barba, mas isso não suaviza a linha dura do seu queixo *nem* torna mais firmes os lábios cheios. Ainda estou penosamente ciente de como a metade direita do seu lábio

superior é um pouco mais elevada do que a esquerda. Pelo menos as covinhas do rosto estão mais escondidas.

– Olá, *querida*. – A voz rouca e aveludada faz com que pareça que está a declamar as falas de uma peça devassa.

Este homem nunca, nem por uma vez, me chamou *querida*. Nem sequer me trata por Harry, como os nossos amigos. Uma vez, quando tive uma gripe muito má, chamou-me *amor* num tom tão terno que o meu cérebro febril decidiu que seria boa altura para desatar a chorar convulsivamente. Tirando isso, eu sempre fora, para ele, unicamente *Harriet*. Quer estivesse a rir ou frustrado, a despir-me ou a pôr fim à nossa relação num telefonema de quatro minutos.

Harriet, acho que ambos sabemos onde isto vai parar.

– Oh! – exclama Kimmy. – Olhem para ela! Está sem palavras!

Parece mais que a minha rede frontoparietal entrou em curto-circuito.

– Eu...

Antes que consiga decidir-me pela segunda palavra da frase, Wyn atravessa a cozinha, prende-me pela cintura com um braço e puxa-me para si.

Estômago com estômago, peito com peito, nariz com nariz. Boca com boca.

Agora todo o meu cérebro parece estar a arder, com fragmentos aleatórios de informação a voarem contra mim como corvos num filme de Hitchcock: o sabor a pasta de dentes de canela. O bater acelerado de um coração. O roçar de uma face com a barba por fazer. O toque suave de lábios.

ELE ESTÁ A BEIJAR-ME, apercebo-me, vários segundos depois de o beijo ter terminado. Tenho as pernas bambas, como se todas as articulações se

tivessem dissolvido misteriosamente. O braço de Wyn aperta-se mais à minha volta enquanto ele afasta o rosto, e muito provavelmente é a única coisa que me impede de cair de cara no chão de pinho da casa de férias dos Armas.

– Surpresa. – Os seus olhos castanhos transmitem algo mais semelhante a *Bem-vinda ao inferno; eu serei o teu anfitrião, o diabo.*

Estão todos a olhar para mim, à espera de que eu diga algo um pouco mais efusivo do que *Eu...*

Consigo balbuciar com voz aguda:

– Pensei que não conseguias deixar o trabalho.

– As coisas mudam. – Com uma centelha nos olhos, os seus lábios curvam-se num esgar infeliz.

– O que ele quer dizer é que a Sabrina o atormentou – intervém Parth, levantando-me do chão num abraço tão forte que me faz tossir.

Sabrina atira a minha mala para o chão.

– Gosto de pensar que resolvi um problema. Precisávamos do Wyn aqui. E agora temos o Wyn aqui.

As pessoas dizem que os opostos se atraem e sim, é verdade – Wyn é um tipo irrequieto e calejado, filho de dois ex-rancheiros, e eu sou uma interna de cirurgia cuja fantasia mais tórrida, ultimamente, é lavar o chão sozinha, às escuras.

Mas Parth e Sabrina são um daqueles casais feitos do mesmo material estranhamente específico. Tal como a namorada, Parth é um advogado bem-parecido e cuidado (cabelo escuro e denso, ondulado; maxilar forte; sorriso branco perfeito), com personalidade de tipo A, que usa o mesmo perfume desde sempre (*Tuscan Leather* de Tom Ford). Apesar de todas as

semelhanças, demoraram uma quantidade ridícula de tempo para aceitarem que estavam apaixonados um pelo outro.

– Não telefonas, não escreves! – brinca Parth.

– Eu sei, desculpa – respondo. – Tem sido caótico.

– Bom, mas agora estás aqui. – Passa-me a mão pelo cabelo. – E pareces...

– Cansada? – sugiro.

– Isso é só a cara nova dela – diz Kimmy, deixando-se cair num banco e enfiando a mão no pacote de aperitivos *Takis Fuego* que está em cima da bancada.

– *Fabulosa*. – Cleo afasta-o para me abraçar, e sinto o seu discreto aroma de alfazema envolver-me quando encosta a cabeça por baixo do meu queixo. Até as diferenças de altura entre mim, Cleo e Sabrina sempre pareceram prova de que o nosso lugar era juntas, porque nos equilibrávamos umas às outras.

– *Claro* que está fabulosa – diz Parth –, mas o que eu ia dizer era *esfomeada*. Queres uma sanduíche, ou qualquer coisa, Har?

– *Taki?* – Kimmy estende o pacote roxo brilhante na minha direção.

– Estou bem! – diz a minha boca.

Na verdade, estás MUITO mal, contrapõe o meu cérebro.

Cleo franze a testa.

– Tens a certeza? Por acaso pareces um bocadinho abatida.

Sabrina inclina a cabeça.

– Olha que eles têm razão, Har. Estás tipo... cor de leite. Sentes-te bem?

Não, na verdade sinto-me como se estivesse prestes a vomitar e a desmaiar, não sei bem por que ordem, e ter a atenção e a *preocupação* de toda a gente em cima de mim só torna tudo cem vezes pior. Já a sensação da atenção *dele* é pura tortura.

– Estou bem! – repito.

Apenas a desejar furiosamente ter vestido *soutien* antes de entrar no avião, ou ter arranjado o cabelo, ou talvez apenas ter deixado cair menos mostarda nas mamas enquanto comia aquele cachorro-quente no aeroporto.

Oh, céus. Ele não devia estar aqui!

Da próxima vez que o visse, eu devia ter um vestido *sexy* da Reformation, um namorado atraente e o rosto bem maquilhado (nesta fantasia, eu aprendera também a maquilhar o rosto). Mais importante ainda, não devia reagir de qualquer modo percetível à presença dele.

Merda, merda, merda. Por mais que tivesse passado os últimos meses, desde a separação, a evitar rebentar esta bomba entre o nosso grupo de amigos, queria agora com igual intensidade pôr a verdade cá para fora de modo a poder *afastar-me* dele.

– Há uma coisa que tenho de...

– *Querida*. – Wyn está de novo ao meu lado, e as suas mãos prendem-me pela cintura como se estivesse a preparar-se para me pôr ao ombro e levar-me dali à força, se necessário. – A Sabrina e o Parth têm uma coisa para te dizer – anuncia ele em tom firme. – Para dizer a todos.

Sinto um ardor na pele sob as mãos dele. De súbito parece-me que não tenho calções vestidos, mas não, pelos vistos consigo sentir os seus dedos calejados através de ganga.

Quando tento libertar-me, as pontas dos dedos dele cravam-se na curva das minhas ancas. *Não te mexas*, dizem os seus olhos.

Vai-te lixar, tento responder com os meus.

O lado direito dos seus lábios estremece com irritação.

Sabrina está a tirar uma garrafa de champanhe do frigorifico de aço inoxidável e vidro, mas não parece estar com estado de espírito de celebração. Parece positivamente melancólica.

Parth coloca-se atrás dela e pousa-lhe as mãos nos ombros.

– Temos umas coisas para anunciar – diz. – E o Wyn já sabe porque, bom, tivemos de lhe contar tudo para ele compreender como era essencial que estivesse aqui esta semana. Que todos estivéssemos aqui.

– Oh, meu Deus! – grita Kimmy, instantaneamente esfuziante. – Vocês os dois vão ter um...

– Oh, *céus*, não! – interrompe Sabrina. – Não. *Não*! Nem pensar nisso. É... é a casa. – Faz uma pausa para respirar fundo, depois engole em seco e levanta o queixo. – O meu pai vai vendê-la. Para o mês que vem.

O silêncio abate-se sobre a cozinha. Ouvir-se-ia o bater de asas de uma mosca. Não é um silêncio confortável, mas sim chocado.

Cleo desaba num dos bancos da bancada. Wyn tira as mãos de cima de mim e coloca de imediato alguns metros de distância entre nós, agora que, pelos vistos, considera que já passou o risco de eu me confessar.

E eu fico ali parada, como uma astronauta que se soltou da nave, a flutuar no vazio.

Já perdi a pessoa com quem pensava casar. Já me mudei para o outro lado do país, para longe das minhas melhores amigas. E agora esta casa – a *nossa*

casa, este universo-bolha onde sempre nos sentimos em casa, onde, aconteça o que acontecer, estamos em segurança e felizes – isso vai desaparecer também.

Todo o pânico que senti quando me vi aqui encurralada com Wyn eclipsa-se instantaneamente perante este novo horror.

A nossa casa.

Onde, no verão depois do segundo ano de faculdade, Cleo, Sabrina e eu dormimos numa fila de colchões que arrastámos para o meio do chão da sala e a que chamámos «supercama», passando a maior parte da noite acordadas, a conversar e a rir, até os primeiros raios de sol entrarem pelas portas do pátio.

Onde Cleo murmurara, como se fosse um segredo ou uma prece, *Nunca tive amigas assim*, e Sabrina e eu acenámos com ar solene, e onde adormecemos de mãos dadas.

A braseira nas traseiras onde, em vez de um pacto de sangue (que me pareceu perigosamente pouco higiénico) as três queimámos o mesmo sítio na ponta do dedo indicador contra o metal quente, e depois rimos até às lágrimas enquanto imaginávamos cenários cada vez mais ridículos nos quais poderíamos usar as nossas cicatrizes na impressão digital para levar a cabo vários assaltos e pôr as culpas nas outras.

A escada de madeira onde Parth orquestrara uma vez uma elaborada corrida de luge em trenós de cartão, e a pequena biblioteca apainelada a madeira em frente de cuja lareira Cleo nos falara pela primeira vez sobre uma rapariga chamada Kimmy. O prego espetado numa tábua no pontão onde, um ano mais tarde, Kimmy feriu o pé, e as escadas inseguras por onde Wyn a

trouxera depois ao colo, enquanto ela exigia que nós lhe atirássemos uvas para a boca aberta e a abanássemos com folhas de palmeira invisíveis.

E Wyn.

A primeira vez que o beijara.

A primeira vez que lhe tocara, sequer. *Aqui.*

A casa é tudo o que resta de nós.

– Esta será a nossa última viagem. – Sabrina desenrola o lenço de seda da cabeça e atira-o para cima da bancada. – Pelo menos a última viagem para aqui.

As palavras ficam suspensas no ar. Pergunto-me se os outros também estarão desesperadamente à procura de uma solução, como se pudéssemos simplesmente passar um chapéu de mão em mão e juntar os nossos trocos e reunir seis milhões de dólares para comprar uma casa de férias.

– Não podes?... – começa Kimmy.

– Não. – Sabrina corta-lhe a palavra. – A esposa número seis não quer que o meu pai fique com a casa, presumo que por a ter comprado com a minha mãe. Não importa o facto de haver quatro esposas mais recentes nas quais podia fixar os seus ciúmes. – Revira os olhos. – O meu pai já tem um comprador em vista e tudo. O negócio está praticamente fechado.

Parth sacode os ombros de Sabrina, como se estivesse a tentar livrá-la do mau humor.

Os meus olhos viram-se para Wyn, e uma parte subconsciente de mim espera ainda que um olhar partilhado com ele possa aliviar o meu *stress*.

Em vez disso, assim que os nossos olhos se cruzam, o meu coração começa aos saltos. Viro o rosto.

– Mas não são só más notícias – diz Parth. – Também temos uma boa notícia. Fantástica, na verdade.

Sabrina levanta os olhos da garrafa de champanhe que está a abrir.

– Pois. Há outra coisa.

– *Pois, há outra coisa* – imita Parth em tom trocista. – Não trates o nosso noivado como um assunto de somenos importância.

– O vosso *quê*?

Ao princípio, não tenho a certeza de quem gritou.

Fui eu. Eu é que gritei a pergunta.

Bom, eu *e* Cleo, que salta do banco tão depressa que o derruba e tem de o segurar contra a bancada com a anca.

A risada maléfica de Sabrina está entre a incredulidade e o entusiasmo.

– O vosso *quê*? – repito.

– Ouve, eu sei – diz ela. – Estou tão surpreendida como tu.

Kimmy pega na mão de Sab e olha, de boca aberta, para a esmeralda gigantesca que cintila no seu dedo anelar.

E é mais ou menos por essa altura que me apercebo de que alguém vai notar que o meu anel de noivado desapareceu.

Enfio as mãos nos bolsos de trás. Muito natural. Apenas uma rapariga com os punhos enfiados nos bolsos minúsculos e inúteis dos seus calções de mulher.

– Disseste que *nunca* te casarias – diz Cleo, enquanto admira a pedra preciosa e o anel de ouro branco, com uma ruga escrupulosa entre as

sobrancelhas. – Em circunstância alguma. Disseste «nem com uma arma apontada à cabeça».

E quem podia censurá-la? Mesmo se não contássemos com o rasto de ex-mulheres deixado pelo seu pai, Sabrina é advogada de divórcios. Passa oito horas por dia, no mínimo, rodeada por razões para *não* casar.

– Conta-nos a história – pede Kimmy, enquanto Cleo continua:

– Uma vez, disseste-me que preferias passar cinco anos na prisão a um ano como mulher casada.

– Amor! – Kimmy dá uma cotovelada nas costelas de Cleo. – Estamos a *festejar.* A Sabrina mudou de ideias. As pessoas fazem isso, sabes.

As pessoas sim; Sabrina Armas não.

Às vezes hesito tanto sobre o que quero ao pequeno-almoço que entretanto é hora de almoço. Mas Sabrina come exatamente o mesmo iogurte com granola todos os dias, sendo a única variante a fruta da época que adiciona à tigela.

Sabrina põe o braço à cintura de Parth.

– Pois, enfim. Descobrir que tinha de me despedir desta casa fez-me abrir os olhos para algumas coisas. – A sua voz vacila ligeiramente antes de se tornar de novo firme como aço. – Quer o Parth e eu nos casemos ou não, estou comprometida com ele, e estou farta de querer armar-me em esperta às custas da minha própria felicidade. Quero que isto seja para sempre, e não quero fingir que não é isso que quero.

Kimmy leva a mão ao peito.

– Que bonito.

Parth sorri a Sabrina e acaricia-lhe o ombro com ternura. Os olhos dela pousam em mim e um sorriso abre-se nos seus lábios pintados do vermelho habitual.

– E, para ser franca, fomos inspirados por...

Parece o momento antes de um acidente de carro, quando os pneus começaram a derrapar e sabemos que vai provavelmente acontecer algo terrível, mas ainda há uma hipótese de que os pneus encontrem tração e nunca cheguemos a saber a agonia a que escapámos por pouco.

Mas depois Sabrina continua.

– Quer dizer, olha para a Harry e o Wyn. Estão juntos para aí há dez anos e continuam a fazer com que a relação funcione, mesmo agora que têm de a manter à distância. É evidente que o amor conquista mesmo tudo.

– Oito anos – corrige Wyn calmamente.

Kimmy aperta-lhe o bíceps.

– Oito *anos*, e mesmo assim nunca estão a mais de um metro um do outro.

Pelos meus cálculos, Wyn está a cerca de noventa e três centímetros e meio de mim quando ela diz isto, mas ao ouvir o comentário passa o braço sobre os meus ombros e diz:

– Bom, mesmo ao fim de tantos anos a Harriet ainda consegue fazer-me sentir como se tivéssemos acabado de nos conhecer.

Kimmy leva de novo a mão ao coração, sem se aperceber da ironia, que é destinada apenas a mim.

Quando a rolha salta da garrafa de champanhe na mão de Sabrina, ouve-se um coro de exclamações. Eu sinto-me como se estivesse a pairar acima do meu próprio corpo. A adrenalina está a fazer-me coisas *estranhas*.

Normalmente, prefiro rebolar por uma encosta coberta de vidros partidos e poças de álcool a criar conflito, mas quanto mais tempo isto se arrastar, mais difícil será vermo-nos livres desta mentira.

– É mesmo espantoso – comento, e a minha voz eleva-se duas oitavas e meia. – Mas tenho de vos dizer...

– Harriet. – E aqui está ele outra vez, ao meu lado, abraçando-me por trás, com o queixo apoiado no cimo da minha cabeça, e agora, quando me passa pela mente *pensa na merda do teu lugar feliz*, tudo o que consigo pensar é *quem me dera ainda estar na armadilha mortal do avião do Ray Bêbado!*

– Isto ainda não é – continua Wyn – o fim das novidades.

Mais uma vez, Kimmy bate palmas e sustém a respiração.

– Continuo a não estar grávida – diz Sabrina.

Kimmy suspira.

Parth tem no rosto aquele seu sorriso que diz claramente *Tenho uma surpresa fantástica para vocês*. O mesmo sorriso que antecedeu a festa de aniversário com tema de Nova Orleães que organizou para Cleo, ou o momento em que me presenteou com o estetoscópio que mandou gravar com o meu nome como presente de fim de curso.

Ele e Sabrina trocam um olhar cúmplice.

– Oh, vá lá – diz Cleo.

Kimmy atira um *Taki* à cabeça de Sabrina.

Ela defende-o com uma sapatada.

– Está bem, está bem! Diz-lhes.

– Vamos casar – diz Parth.

Todos trocamos olhares confusos.

– Bom... geralmente é isso que se segue ao noivado – diz Cleo.

– Não, quero dizer no sábado – esclarece ele. – Vamos casar no sábado. Aqui, só com nós os seis. Nada de extravagante. Literalmente uma pequena cerimónia lá em baixo na doca, com os nossos melhores amigos.

Todo o meu corpo fica gelado e depois a escaldar. Sinto o rosto e as mãos dormentes.

Wyn liberta-me *de novo*, e quando o meu olhar se ergue para o dele, vejo a minha infelicidade refletida no seu rosto.

Estamos encurralados.

Com os ouvidos a apitar, as vozes dos meus amigos adquirem uma qualidade abafada. Alguém me enfia entre os dedos entorpecidos uma flute de champanhe azul para brindar, e a minha audição melhora o suficiente para ouvir Parth gritar:

– Ao amor eterno!

E Sabrina acrescentar:

– E aos nossos melhores amigos para sempre! Não poderia haver melhor maneira de passarmos a nossa última semana nesta casa.

VAI PARA O RAIO DO TEU LUGAR FELIZ, HARRIET, penso, e logo a seguir *NÃO, ESSE NÃO.*

Tarde de mais.

4

LUGAR FELIZ

MATTINGLY, VERMONT

Uma rua no centro, ladeada por edifícios antigos, de tijolo vermelho. Um apartamento por cima do Maple Bar, o nosso café preferido, no terceiro ano de universidade. Cleo e eu ainda só vimos o nosso novo colega de casa, Parth, uma vez, mas Sabrina teve uma cadeira de Direito Internacional com ele na primavera passada e, quando ele lhe disse que iam ficar quartos vagos neste apartamento, não hesitámos.

Ele está um ano à nossa frente, no quarto ano, e dois dos seus colegas de casa já se licenciaram, enquanto o terceiro, estudante de Gestão, foi estudar um semestre na Austrália. Eu ficarei com o quarto *dele*, porque na primavera vou passar um período em Londres. Podemos facilmente trocar de lugar nas férias de Natal.

A universidade de Mattingly é uma instituição relativamente pequena. Apesar de não *conhecermos* Parth Nayak, conhecemos a sua reputação: o Rei das Festas de Paxton Avenue. Assim chamado, em parte, porque organiza festas temáticas fabulosas, mas também porque tem o hábito de aparecer nas festas das *outras* pessoas com garrafas de álcool de primeira, uma dúzia de amigos deslumbrantes e uma *playlist* fantástica. Ele é uma lenda de Mattingly.

E viver com ele é ótimo. Embora ele e Sabrina – ambos líderes naturais – choquem de vez em quando. O verdadeiro Parth é melhor do que o mito. Não apenas por ser divertido. Ele *adora* pessoas. Adora organizar festas, escolher os presentes perfeitos, apresentar pessoas que acha que deviam conhecer-se, encontrar a pessoa mais calada da festa e trazê-la para o centro da atividade.

O mundo nunca pareceu tão bom, tão positivo. Como se qualquer pessoa fosse um potencial amigo, com algo fascinante e brilhante para oferecer.

Quando parto para Londres, quase tenho pena de não poder ficar.

A cidade é maravilhosa, claro, todas aquelas casas de pedra antigas com hera, que convivem lado a lado com edifícios elegantes de aço e vidro. E graças a este último semestre, estou mais preparada do que nunca para conviver com estranhos. Na maior parte das noites, pelo menos meia dúzia de jovens do programa de intercâmbio saem para beber cerveja num dos inúmeros *pubs* de Westminster, ou para comprar peixe frito com batatas fritas em cartuchos de papel de jornal, que comemos enquanto caminhamos ao longo do Tamisa. Aos fins de semana há piqueniques com champanhe em jardins, ou visitas a galerias de arte, e horas a deambular por todas as emblemáticas livrarias de Londres – a Foyle's e a Daunt Books e toda uma sucessão de outras em Cecil Court.

À medida que o tempo avança, as pessoas juntam-se, em amizades e relações. É assim que eu escapo às saudades constantes das minhas amigas e do nosso apartamento de esquina com vista para os edifícios de tijolo no centro de Mattingly: começo a passar cada vez mais tempo com outro americano chamado Hudson, e nessas horas em que estamos a estudar – ou a *não* estudar – deixo de imaginar, ainda que por apenas algum tempo, as estações a mudarem em frente à janela de Parth, Cleo, Sabrina e do Colega de Casa Misterioso, montes de neve a derreterem para revelar uma manta de retalhos de um verde-pálido e enérgico, salpicado de lírios amarelos e gerânios silvestres.

Quanto mais nos aproximamos do verão, contudo, menos Hudson consegue distrair-me. Em parte porque estamos ambos a estudar

obsessivamente para os exames, e em parte porque esta coisa entre nós – este romance de necessidade – está a aproximar-se do fim do prazo de validade e ambos o sabemos.

Os meus pais mandam-me quinhentas vezes mais mensagens do que o habitual à medida que se aproxima a data do meu voo.

Mal posso esperar por saber tudo sobre esse programa de Londres daqui a poucos dias, diz o meu pai.

A minha mãe escreve: As senhoras do consultório do Dr. Sherburg querem levar-te a almoçar quando cá estiveres. O filho da Cindy está a pensar ir para Mattingly.

O meu pai diz: Gravei-te um documentário de dez episódios sobre dinossauros.

A minha mãe diz: Achas que terás tempo para me ajudar a limpar o quintal? Está uma vergonha, e tenho andado tão atarefada.

Eu tinha pensado em fazer-lhes apenas uma visita breve antes de regressar ao Vermont, mas eles estão tão entusiasmados. Acabo por passar dois meses a contar os minutos no Indiana, e depois sigo diretamente para o Maine, para me juntar às minhas amigas no Festival da Lagosta.

O avião atrasa-se. Já é de noite quando chego, o calor do dia há muito substituído por um vento frio e húmido. Há dois carros no parque de estacionamento, com as luzes apagadas, e demoro um instante a identificar o carro desportivo vermelho-cereja. Sabrina tirou a carta de condução especificamente para podermos usá-lo este verão.

Mas não é Sabrina que está encostada ao capô, com o rosto iluminado pelo brilho de um telemóvel. Ele levanta a cabeça. Um maxilar quadrado, cintura

estreita, cabelo loiro revolto penteado para trás, tirando uma madeixa que lhe cai para a testa no instante em que os nossos olhos se encontram.

– Harriet? – A sua voz é aveludada. O som lança-me um *zing* de surpresa pela espinha, como um fecho-éclair a abrir.

Vi-o em fotografias com os meus amigos ao longo do último semestre, e antes disso vi-o pelo *campus*, mas sempre à distância, sempre em movimento. Assim tão perto, algo me parece diferente nele. Menos bonito, talvez, mas mais impressionante. Os seus olhos parecem mais claros, à luz do telemóvel. Tem pés de galinha a formarem-se prematuramente aos cantos dos olhos. Parece ser feito essencialmente de granito, tudo exceto a boca, que é pura areia movediça. Macia, cheia, com um lado do lábio superior notoriamente mais elevado do que o outro.

– Um semestre afastadas – digo –, e estás exatamente na mesma, Sabrina.

Covinhas simétricas surgem de ambos os lados da boca dele.

– A sério? Mas cortei o cabelo, pus lentes de contacto coloridas e cresci dez centímetros.

Semicerrei os olhos.

– Uh... não, não estou a ver.

– A Sabrina e a Cleo beberam uma *box* de vinho a mais – diz ele. – Cada uma.

– Oh. – Estremeço quando a brisa fresca me entra pela gola da camisola. – Desculpa obrigar-te a vires-me buscar. Podia ter chamado um táxi.

Ele encolhe os ombros.

– Não me importo. Estava morto por ver se a famosa Harriet Kilpatrick está à altura da sua notoriedade.

Ser alvo da sua atenção plena faz-me sentir como um veado perante os faróis de um carro.

Ou talvez eu seja um veado a ser perseguido por um coiote. Se ele fosse um animal, era isso que seria, com aqueles estranhos olhos cintilantes e aquela descontração física. O tipo de confiança reservada para quem passou completamente ao lado de qualquer fase embaraçosa.

Por outro lado, toda a confiança que *eu* possuo são despojos arduamente conquistados depois de passar grande parte da infância com aparelho nos dentes e o corte de cabelo de um *poodle* infeliz.

– A Sabrina – digo – tem tendência para exagerar.

Estranhamente, contudo, as descrições que me fez *dele* não chegam sequer perto da realidade. Ou talvez, como sabia que ela tinha uma paixoneta por ele, eu esperasse algo diferente. Alguém mais refinado, mais melífluo. Alguém mais parecido com Parth, que é o seu melhor amigo.

Os cantos da boca dele elevam-se ligeiramente enquanto se aproxima com passo indolente. O meu coração dá um salto quando o vejo levantar a mão, como se estivesse a planear pegar-me no queixo e virar-me a cara de um lado para o outro para a inspecionar, comprovando assim os exageros da publicidade que me fora feita.

Mas ele limita-se a tirar-me a mala do ombro.

– Disseram-me que eras morena.

A minha gargalhada surpreende-me.

– Ainda bem que falaram tão bem de mim.

– E falaram – diz ele –, mas a única coisa que posso corroborar, por enquanto, é se és ou não morena. E não és.

– Sou sem dúvida alguma morena.

Ele atira a minha mala para o banco de trás do carro e vira-se de novo para mim, encostando-se à porta. Inclina a cabeça com ar pensativo.

– O teu cabelo é quase preto. Ao luar, parece azul.

– Azul? – repito. – Achas que tenho cabelo *azul*?

– Não quero dizer azul como os Smurfs – diz ele. – Preto azulado. Nas fotografias não se percebe. És diferente em pessoa.

– Isso é verdade – respondo. – Na vida real, sou tridimensional.

– O quadro – diz ele em tom pensativo. – No quadro pareces tu.

Sei de imediato a que quadro ele se refere. Aquele que Cleo pintou como trabalho final da cadeira de Desenho, de mim e Sabrina recostadas como Deus e Adão. Esteve semanas exposto no edifício de artes da universidade, onde dezenas de estranhos o viam todos os dias, e isso nunca me fez sentir tão despida como me sinto agora.

– Que maneira tão discreta de dizer que viste as minhas mamas – digo.

– Merda. – Ele desvia os olhos e esfrega a nuca, atrapalhado. – Acho que me esqueci de que era um nu.

– Palavras que todas as mulheres sonham ouvir.

– Não me esqueci de maneira nenhuma de que estás nua no quadro – esclarece ele. – Esqueci-me apenas de que talvez fosse estranho dizer a uma pessoa que é tal e qual como foi pintada, quando não tem roupas nessa dita pintura.

– Isto está a correr mesmo bem – digo eu.

Ele geme e leva a mão ao rosto.

– Juro que costumo ser melhor nestas coisas.

E, normalmente, *eu* esforço-me por deixar as pessoas à vontade, mas há qualquer coisa de satisfatório em o ver ficar sem pé. Satisfatório e encantador.

– Que coisas? – pergunto, com uma risada.

Ele passa os dedos pelo cabelo.

– Primeiras impressões.

– Devias tentar mandar primeiro um grande quadro de ti próprio, nu, antes de conheceres uma pessoa nova – digo. – Comigo, resulta sempre.

– Vou pensar no assunto – diz ele.

– Não tens cara de Wyndham Connor.

Ele ergue uma sobrancelhas.

– Como achas que devia ser?

– Não sei – respondo. – Casaco azul-escuro com botões dourados. Um chapéu de capitão. Uma grande barba branca e um charuto?

– Portanto o Pai Natal num iate – diz ele.

– O homem do Monopólio, de férias – respondo.

– Se queres ir por aí, também não és a imagem estereotipada de uma Harry Kilpatrick.

– Eu sei – digo. – Não sou um órfão de rua dickensiano com uma boina de ardina.

A gargalhada dele faz os seus olhos cintilarem de novo. Parecem agora mais verde-claros do que cinzentos, mais como água sob o nevoeiro do que o nevoeiro propriamente dito.

Contorna o carro e abre-me a porta do passageiro.

– Então, Harriet. – Levanta os olhos e o meu coração palpita com a surpresa de ser novamente alvo da sua total atenção. – Estás pronta?

Por alguma razão, sinto que estou a mentir quando respondo:

– Sim.

Wyn faz com que conduzir o *Jaguar* por aquelas estradas estreitas e sinuosas pareça um desporto ou uma forma de arte. Um dos braços musculados vai pousado sobre o volante, e tem a mão direita apoiada ao de leve no manípulo das mudanças, com o joelho a subir e a descer num ritmo inquieto que nunca afeta o seu controlo sobre o pedal do acelerador. Quando nos aproximamos da água, abro a janela e inspiro a maresia familiar. Ele faz o mesmo e o vento agita-lhe o cabelo sobre o perfil bem definido. Aquela madeixa caótica vai sempre parar ao lado direito da sua testa, como se estivesse unida por um fio invisível à parte superior do lábio.

Quando percebe que o estou a estudar, as suas sobrancelhas erguem-se em simultâneo com os lábios.

Areia movediça, penso de novo. Um instinto primordial de predador-presa parece concordar, e o meu sistema límbico envia instruções aos músculos: *Prepara-te para fugir; se ele se aproximar mais, nunca conseguirás escapar.*

– Estás a olhar fixamente para mim – diz ele. – De forma muito suspeita.

– Estou apenas a pesar as probabilidades de seres de facto o colega de casa dos meus amigos e não um assassino que rouba o carro às suas vítimas – digo-lhe.

– E que depois vai buscar a amiga das vítimas ao aeroporto na hora certa? – pergunta.

– Deve haver muitos assassinos que são pontuais.

– Porque será que a nossa geração está sempre à espera de que toda a gente seja um assassino? – pergunta ele com uma gargalhada. – Tanto quanto sei, nunca conheci ninguém que o fosse.

– Isso significa apenas que nunca conheceste um assassino que fosse mau naquilo que faz – comento.

Ele olha para mim de lado e um raio de luar passa-lhe sobre o rosto.

– Então ouvi dizer que és uma espécie de génio, Harriet Kilpatrick.

– O que é que eu te disse sobre os exageros da Sabrina?

– Então *não* planeias ser neurocirurgiã?

– «Planear» é a palavra chave – digo. – E tu? Estás a estudar o quê?

Ele ignora a minha pergunta.

– Eu diria que «cirurgiã» é a palavra chave.

Isto faz-me rir outra vez. Com os olhos fixos na estrada ele sorri, e os meus ossos parecem encher-se de hélio.

Olho para a janela.

– E tu?

Após alguns segundos de silêncio Wyr diz:

– E eu o quê? – Parece ligeiramente desagradado com a pergunta.

– Tudo o que ouvi sobre *ti* está correto? – pergunto.

Ele olha para o espelho retrovisor e passa os dentes sobre o lábio inferior.

– Depende daquilo que ouviste.

– O que achas que me terão dito? – pergunto.

– Preferia não dar palpites, Harriet.

Ele usa muito o meu nome. E, de cada vez que o faz, é como se a sua voz fizesse vibrar uma corda de piano demasiado esticada no meu ventre.

O que está realmente a acontecer é que o meu sistema nervoso simpático decidiu redirecionar o sangue para os músculos. Não tenho borboletas a esvoaçar nas entranhas. Apenas vasos sanguíneos a contraírem-se em torno dos órgãos.

– Porque não? – respondo. – Achas que me disseram alguma coisa de mal?

Ele contrai o maxilar sem tirar os olhos dos faróis que cortam a estrada à frente do carro.

– Esquece. Não quero saber.

Tem outra vez o joelho a baloiçar para cima e para baixo, como se houvesse demasiada energia no seu corpo e a estivesse a bombear para o exterior.

– Disseram-me que seria impossível perceber quando estás ou não a querer ser sedutor.

Ele ri-se.

– Agora estás a *tentar* deixar-me embaraçado.

– Talvez. – Sem dúvida. Não sei o que se apoderou de mim. – Mas disseram-me mesmo isso.

Na verdade, Sabrina queixara-se de não conseguir perceber, enquanto declarava com veemência que gostava demasiado dele para dar algum passo, de qualquer maneira. Seria complicado tendo em conta que viviam todos juntos.

– Seja como for – diz Wyn –, sou *muito* melhor sedutor do que isso pode dar a entender.

– Nunca te ocorreu – digo, inclinando-me para a frente de modo a estar no seu campo de visão –, que se calhar o problema é mesmo esse?

Ele sorri.

– Um pequeno *flirt* nunca matou ninguém, Harriet.

– É evidente que não estás familiarizado com o conceito dos duelos na era da Regência – respondo.

– Oh, conheço o conceito, mas como raramente dou por mim a tentar seduzir as filhas solteiras de duques poderosos, acho que não terei problemas.

– Achas que vou deixar passar em branco o facto de seres tão versado nos costumes da Regência?

– Harriet, tenho a sensação de que não deixas passar *nada*.

Solto mais uma risada involuntária, acompanhada de um ronco, e as covinhas dele tornam-se mais profundas.

– Por falar em damas nobres – diz –, ensinaram-te a rir dessa maneira na escola de etiqueta?

– Não – admito. – Isto é algo que se apura ao longo de séculos e várias gerações.

– Imagino – diz ele. – E eu não sou assim, já agora.

– Criado para conseguir rir pelo nariz?

Wyn inclina a cabeça e lança-me um olhar entendido.

– Essa impressão que tens de mim. Não brinco com os sentimentos dos outros. Tenho regras.

– Regras? – questiono. – Como por exemplo?

– Como por exemplo, nunca dizer as regras a uma pessoa que acabei de conhecer.

– Oh, vá lá – digo. – Somos amigos por afinidade. Podes dizer-me.

– Bom, para começar, o Parth e eu fizemos um pacto de nunca namorar com amigas. Nem com as amigas do outro. – Fita-me de relance. – Quanto a amigas por afinidade, não tenho bem a certeza de qual a política aplicável.

– Espera, espera, espera – digo. – Não namoras com *amigas*? Com quem é que namoras então, Wyn? Com inimigas? Desconhecidas? Espíritos malévolos de pessoas que morreram no teu prédio?

– É uma boa política – assegura-me ele. – Previne complicações posteriores.

– Estamos a falar de namorar, Wyn, não de comer demasiado num *buffet* ilimitado – digo. – Embora, por aquilo que ouvi dizer, talvez para ti seja quase a mesma coisa.

Ele olha para mim através das pestanas e faz *tsc-tsc* com a língua.

– Estás a chamar-me promíscuo, Harriet?

– De maneira nenhuma – respondo. – Adoro gente promíscua! Alguns dos meus melhores amigos são promíscuos. Eu própria já tentei aventurar-me pela promiscuidade uma vez ou duas.

Outro raio de luar ilumina-lhe brevemente os olhos, conferindo-lhes uma tonalidade prata esfumada.

– Não gostaste? – palpita ele.

– Não cheguei a ter oportunidade de descobrir – respondo.

– Porque te apaixonaste – diz ele.

– Porque os homens nunca me escolhem a mim.

Ele ri-se.

– Está bem.

– Não estou com falsas modéstias – afirmo. – Depois de me conhecerem, às vezes os homens ficam interessados, mas não sou aquela que primeiro atrai os seus olhares. Estou em paz com isso.

Ele mira-me de cima a baixo.

– O que estás a dizer, então, é que és atraente mas de libertação prolongada.

Aceno afirmativamente.

– Nem mais.

Ele estuda-me por um instante.

– Não és aquilo que eu esperava.

– Sou tridimensional e de cabelo azul – digo.

– Entre outras coisas – responde ele.

– Eu esperava que fosses um Parth versão 2.0 – confesso.

Ele semicerra os olhos.

– Achavas que eu me vestiria melhor.

– Melhor do que calças de ganga e uma camisola rasgada? – digo. – Impossível.

Ele não parece ouvir o que eu disse e estuda-me de testa franzida.

– Não és atraente de libertação prolongada.

Afasto os olhos e atrapalho-me com o rádio enquanto um calor me invade o peito.

– Bom – digo –, a maior parte das pessoas não me vê nua antes sequer de falar comigo.

– Não tem nada a ver com isso – diz ele.

E eu *sinto* o momento em que o seu olhar me deixa e se vira de novo para o vidro do carro, mas deixou uma marca: daqui para a frente, falésias escuras, vento no cabelo, aroma de canela com cravo-da-índia e pinho – tudo isto significará apenas *Wyn Connor* para mim. Abriu-se uma porta que nunca mais conseguirei fechar.

Podemos não estar na era da Regência, mas em muitos aspetos ele desgraçou-me.

5

VIDA REAL

Segunda-feira

Ficamos presos na cozinha durante mais três brindes ao amor eterno antes de Wyn finalmente pedir licença aos nossos amigos e me puxar consigo para nos irmos «instalar».

Kimmy imita um ronronar rouco e Parth dá-lhe um «mais cinco» por isso, o que faz com que Cleo estremeça porque «mais cincos» lhe fazem tanta impressão como unhas num quadro negro a outras pessoas.

Enquanto Wyn e eu praticamente *corremos* pelas escadas acima, debatemo-nos silenciosamente pelo controlo da minha mala.

Quero com isto dizer que eu estou a levá-la até que ele a tira com facilidade da minha mão e a muda para a sua mão oposta, onde eu não lhe chego.

– Eu levo-a – diz.

– Não precisas de te armar em simpático – sussurro por entre dentes. – Não está ninguém a ver.

– Não estou a armar-me em simpático – diz ele.

– Claro que estás – insisto.

– Não. – Afasta a minha mala quando eu tento apanhá-la. – Estou a fazer isto única e exclusivamente pelo prazer de te irritar.

– Se é só isso – digo –, não precisas de ter tanto trabalho. A tua mera presença basta.

– Bom, seja como for – diz ele –, sempre me incentivaste a ir um passo mais longe, Harriet.

Estamos quase em segurança quando Sabrina aparece atrás de nós ao cimo das escadas.

– Esqueci-me de vos dizer. Desta vez vão ficar no quarto maior.

Wyn e eu travamos abruptamente, como num desenho animado, e ele apressa-se a pegar-me na mão, como se, caso não o fizesse, Sabrina pudesse gritar e deixar cair o champanhe com o choque de nos descobrir numa espécie de flagrante delito mas ao contrário, todos vestidos, sem estarmos a tocar-nos.

Pelo menos não optou pela medida mais radical de me apalpar o rabo.

– O quarto maior – repete ele, posicionando a mão ao fundo das minhas costas. Encosto-me a ele com tanta força que tem de se apoiar com o ombro na parede para não cairmos ambos.

Pergunto-me se pareceremos um por cento que seja um casal apaixonado, ou se estaremos a projetar apenas a vibração de *rivais prestes a enfrentar-se ao pôr do sol num* western *de terceira.*

– Ficamos sempre no quarto dos miúdos – digo.

É o que a família de Sabrina lhe chama, porque tem duas camas de solteiro em vez de uma cama de casal, como os outros dois quartos.

– A Cleo e a Kimmy ofereceram-se para ficar lá desta vez – diz Sabrina. – Vocês os dois agora só se veem para aí uma vez por mês... não podemos obrigar-vos a passar a visita em camas separadas.

Quando eu e Wyn estávamos juntos, costumávamos sempre juntar as duas camas.

– Não nos importamos – digo.

Sabrina revira os olhos.

– Tu nunca te importas. És a rainha do *não me importo*. Mas neste caso, nós importamo-nos. Está decidido. A Cleo e a Kim já desfizeram as malas.

– Mas...

– Obrigado, Sabrina – interrompe Wyn. – Foram todos muito atenciosos por se lembrarem disso.

Antes que eu possa ensaiar mais um débil protesto, ele conduz-me para o quarto maior, como se fosse um cão pastor e eu uma ovelha particularmente renitente.

Assim que a porta se fecha, giro sobre mim própria preparada para o ataque, mas sou atingida com a força da proximidade dele, a estranha intensidade de estarmos juntos atrás de uma porta fechada.

Sinto o coração a bater na garganta. Estamos tão perto que vejo as pupilas dele dilatarem. O seu corpo decidiu que eu sou uma ameaça que precisa de analisar o mais depressa possível. O sentimento é mútuo.

Era fácil estar zangada quando estávamos lá em baixo, rodeados pelos nossos amigos. Agora sinto-me como se estivesse nua, numa plataforma iluminada por holofotes, para ele inspecionar.

É ele que fala primeiro, em voz rouca e baixa.

– Eu sei que isto não é ideal.

O absurdo do comentário põe-me o cérebro em movimento.

– Sim, Wyn. Passar uma semana fechada num quarto com o meu ex-namorado «não é ideal».

– Ex-noivo – corrige-me.

Olho para ele sem dizer nada.

Ele vira o rosto e coça a testa.

– Desculpa – diz. – Fiquei sem saber o que fazer. – Os seus olhos encontram de novo os meus, agora demasiado suaves, familiares. – Ela ligou-me, com um grande discurso. Que isto era «o fim de uma era». Que nunca me tinha pedido nada e nunca mais voltaria a pedir. Tentei ligar-te. Não consegui, mas deixei uma mensagem de voz.

Havia um bom motivo para eu não ter recebido essa mensagem.

– Bloqueei o teu número – digo. Fartara-me de passar noites em claro com o telemóvel na mão, o polegar suspenso sobre o nome dele, agoniada com o desejo de que ele ligasse, me dissesse que tudo não passara de um erro. Tinha de afastar essa possibilidade, de me libertar desse desejo.

Uma expressão tempestuosa ensombra-lhe os olhos. Entreabre os lábios. Olha para a varanda, com rugas verticais na testa, entre as sobrancelhas. Ele tem sempre uma daquelas caras ligeiramente torturadas, recordo a mim mesma.

Não consegue evitá-lo, e de certeza que não precisa do meu conforto.

Ele é que fez descarrilar a nossa vida num telefonema de quatro minutos.

Com os músculos do maxilar contraídos, vira de novo para mim os olhos cor de nevoeiro.

– O que querias que fizesse, Harriet?

Que desses uma desculpa.

Que dissesses simplesmente que não.

Que não me tivesses partido o coração como se fosse um plano de última hora.

Que nunca me tivesses feito amar-te.

Abano a cabeça.

Ele aproxima-se mais, até ser um ponto de interrogação inclinado sobre mim.

– Estou a perguntar, a sério.

Com um suspiro, baixo os olhos e esfrego as têmporas.

– Não sei. Mas agora não *podemos* fazer nada. Não podemos acabar tudo num *casamento*. Muito menos quando a lista de convidados consiste em quatro pessoas.

– Podemos dar-lhes esta noite – sugere ele. – Festejamos com eles hoje, contamos-lhes amanhã.

Ergo os olhos para o teto, para ganhar tempo. Talvez nos próximos quatro segundos o mundo acabe e eu não tenha de tomar esta decisão.

– Harriet – insiste ele.

– Está bem – respondo por fim, com má vontade. – Acho que conseguimos tolerar-nos um ao outro por mais uma noite.

Ele semicerra os olhos, limitando a absorção de luz pelas pupilas e concentrando o foco para melhor avaliar a minha expressão.

– Tens a certeza?

Não.

– Eu estou bem – digo. – Está tudo bem.

Deixo-me cair na beira da cama.

Após um compasso de espera, ele sacode os ombros.

– Ainda bem que estamos de acordo.

– Claro.

Ele acena com a cabeça.

– Ótimo.

– Ótimo. – Levanto-me da cama.

Ele recua um passo, para manter a distância entre nós.

– Podemos dizer-lhes que as coisas já não estavam bem há algum tempo e que ver como eles estão felizes nos fez compreender o quanto nos afastámos.

Sinto uma pontada no peito. Não são exatamente as mesmas palavras, mas é muito parecido com o que ele me disse há alguns meses: *Éramos miúdos quando nos juntámos, as coisas agora são diferentes e está na altura de o aceitarmos.*

– Achas mesmo que não vão desconfiar de nada?

– Harriet. – Os seus olhos faíscam. – Eles só souberam que estávamos envolvidos ao fim de *um ano*.

Recuo mas colido com a cama com tanta força que sou projetada contra ele.

Afastamo-nos como se ambos estivéssemos convencidos de que o outro é feito de vespas, mas o seu cheiro levemente almiscarado já me entrou pelas veias como uma droga que deixei a frio.

– Isto é capaz de ser mais complicado – digo, secamente.

Wyn passa as mãos pelo cabelo e a *T-shirt* sobe para revelar uma tira de cintura, de forma tão sensual que quase se poderia dizer que havia um diretor

artístico ao canto do quarto a dar instruções.

Obrigo-me a erguer os olhos para o rosto dele.

– Conseguimos aguentar uma noite.

Está a tentar fazer com que *uma noite* pareça uma mera acumulação de minutos. Mas eu sei que não é bem assim. Quando estamos juntos, o tempo nunca se move a uma velocidade normal.

Esfrego os olhos com as palmas das mãos.

– Devíamos ter-lhes contado há meses.

– Mas não contámos – diz ele.

Ao princípio, não foi intencional. Eu estava apenas tão aturdida, magoada e – sim – em negação. Depois, alguns dias após a separação, apareceu-me à porta uma caixa com as minhas coisas. Nem um bilhete. Tão abrupto, que chegou a ocorrer-me que ele tinha acabado tudo comigo enquanto ia já a caminho da filial mais próxima da UPS.

Depois fiquei zangada. Por isso enviei as coisas *dele* no mesmo dia. Até atirei o meu anel de noivado para dentro da caixa, à solta, quando não encontrei a caixa de veludo em que viera.

Três dias depois disso, chegou um segundo pacote, um pequeno embrulho de papel pardo. Ele devolvera-me o anel. Eu conhecia-o bem o suficiente para saber que ele estava a *tentar* ter a atitude mais correta, o que só me deixou ainda mais zangada, pelo que lho voltei a devolver imediatamente. Quando o recebeu, ele mandou-me uma mensagem escrita, a primeira em duas semanas: *Devias ficar com o anel. É teu.*

Não o quero, respondi. Embora a verdade fosse mais que não conseguia suportá-lo.

Podias vendê-lo, disse ele.

Também tu, respondi.

Passaram cinco minutos antes que ele respondesse. Perguntou-me se contara a Cleo e a Sabrina. Essa perspetiva deixava-me agoniada. Contar-lhes ia destruir o nosso grupo de amigos, dez anos de história por água abaixo.

Estou à espera para as apanhar às duas ao mesmo tempo, disse. Era apenas meia mentira.

Contara a alguns colegas no hospital, mas praticamente não falava com Cleo e Sabrina há algum tempo. Estávamos todos tão ocupados.

Sabrina e Parth ficavam quase todos os dias a fazer serão nas suas respetivas firmas de advogados, e Cleo e Kimmy deitavam-se cedo porque o trabalho numa quinta implicava muitas atividades a partir das quatro da manhã.

No Montana, Wyn tem o negócio de reparação de mobílias da família Connor para gerir, e precisa ainda de ajudar a mãe.

E depois eu, no meu fuso horário separado, no segundo ano do internato na Universidade da Califórnia em São Francisco. Na maior parte dos dias estou a funcionar com um nível de cansaço que vai para além dos bocejos e tremores nas pálpebras e que me afeta de forma mais profunda. Tenho os *órgãos* cansados. Os meus *ossos* estão exaustos.

Passo o tempo livre, geralmente, no estúdio de olaria ao fundo do quarteirão ou a ver episódios antigos de *Crime, Disse Ela* enquanto limpo o apartamento que Wyn e eu escolhemos juntos, há dois anos, antes de as coisas se complicarem com a doença de Parkinson da mãe dele, que o obrigou a regressar ao Montana.

Esta relação à distância devia ter sido apenas temporária, apenas o tempo necessário para a irmã mais nova de Wyn terminar o curso e voltar para casa, para cuidar de Gloria. E assim fomos fazendo com que as coisas funcionassem, até que deixaram de funcionar.

Não precisava de perguntar a Wyn se contara a Parth da separação. Eu já teria tido notícias se assim fosse. Perguntei-lhe apenas pela mãe. *A Gloria sabe?*

Não é a melhor altura, respondeu ele. Passado um minuto, acrescentou: *Ela tem estado a tentar convencer-me a voltar para SF. Já se sente tão culpada por eu estar aqui. Tentou internar-se a si própria numa instituição de cuidados continuados sem me dizer nada. Se lhe contar que nos separámos, vai pensar que a culpa foi dela.*

Eu adorava Gloria e *detestava* a ideia de a perturbar. Mesmo assim, pensei em sugerir a Wyn que lhe dissesse a verdade. Que, na opinião dele, a culpa era na verdade toda *minha*.

Ele mandou-me mais uma mensagem: *Podemos esperar antes de contar a todos? Só um pouco mais?*

E eu não só concordara, como fora um alívio tremendo poder adiar essas conversas, relegá-las para o reino dos Problemas da Harriet do Futuro. Ao fim de dois meses, numa noite em que dei por mim perigosamente à beira de lhe ligar, bloqueei por fim o número dele. Embora o desbloqueasse de vez em quando para interagir com ele no grupo de *chat*; eu nunca fora uma interveniente muito ativa, pelo que depreendi que ninguém estranharia. Um mês depois disso, iniciei a conversa por *e-mail* sobre como lidar com a viagem anual, e assim formulámos o nosso plano. O plano que jazia neste momento em cacos, algures na cozinha.

Isto fora há dois meses, e agora a Harriet do Futuro tem umas coisinhas a dizer à Harriet do Passado sobre as suas miseráveis capacidades de tomar decisões.

É por causa *dela* que estamos nesta situação.

Concentro-me no anel verde no exterior das íris de Wyn em vez de na totalidade dele, que é demasiado avassaladora.

– Como é que vamos fazer isto?

Ele encolhe os ombros.

– Fingimos que estamos juntos durante mais um bocadinho e depois dizemos a verdade.

Começo a cruzar os braços, mas Wyn está tão perto que para não ficar com os braços entalados entre nós os dois, baixo-os de novo, atrapalhada.

– Sim, isso já percebi. Estou a falar das regras. – Preparo-me para conseguir dizer, em voz quase firme: – Tocamo-nos? Beijamo-nos?

Ele olha para mim de lado, um pouco embaraçado, com ar culpado.

– Eles sabem bem como eu sou contigo.

Uma forma muito diplomática de dizer que os nossos amigos estarão à espera de que ele me toque constantemente. Que me puxe para o colo, ou me passe o braço sobre os ombros, ou enfie os dedos no meu cabelo e me beije à mesa de jantar como se estivéssemos completamente sozinhos, que aninhe o rosto no meu pescoço enquanto eu falo, ou passe o dedo pelo meu lábio quando eu estou calada e...

A questão é que algumas pessoas passam a maior parte da vida dentro da sua própria cabeça (eu) e outras são seres altamente físicos (Wyn).

Por breves momentos, cedo à fantasia de me atirar da janela, sobre as falésias, para o oceano, e de nadar até chegar à Europa. Seria muito feliz na Nova Escócia.

Porém, uma vez que sou uma pessoa que *não* é altamente física, o mais certo era que batesse com a cabeça ao saltar e acordasse com Wyn a fazer-me respiração boca a boca, em tronco nu.

– Nada de contacto físico quando não estiver ninguém a ver – previno, rapidamente. – Quando estivermos com eles... fazemos o que tivermos de fazer.

Ele baixa a cabeça.

– Preciso de linhas de orientação mais específicas.

– Sabes muito bem o que quero dizer – respondo.

Ele fita-me, à espera. Devolvo o olhar.

– Mãos dadas? – pergunta.

Não sei bem por que raio *isso*, no meio de tudo o resto, me faz o coração querer sair pela boca.

– Aceitável.

Ele inclina a cabeça num aceno de confirmação.

– O que é que posso tocar? Costas, ancas, braços?

– Queres que te desenhe um diagrama? – sugiro.

– Desesperadamente.

– Era uma piada – digo.

– Eu sei – diz ele. – No entanto, isso não diminui a minha curiosidade.

– Costas, ancas, braços, barriga, pode ser – digo, com o ventre a aquecer dez graus a cada palavra.

– Boca? – diz ele.

Olho para a mesa de cabeceira e vejo uma espécie de carteira preta fechada, como a conta num restaurante.

– Estás a falar de me *tocar* na boca ou de a beijar?

– Qualquer uma dessas coisas – diz ele. – Ambas.

Pego na carteira e abro-a, fingindo ler enquanto espero que as minhas sinapses parem de gritar.

– Itinerário.

Perante a minha confusão evidente, Wyn aponta com o queixo para o documento que eu estou a «ler».

– Temos itinerários personalizados.

– Mas... fazemos as mesmas coisas todos os anos – digo.

– Acho que o objetivo é esse – diz ele. – É uma recordação. E a Sabrina planeou algumas surpresas individuais para nós, na sexta-feira, para que ela e o Parth possam ter algum tempo sozinhos antes do casamento.

– Oh, meu Deus. – Estudo o papel, agora com atenção. – Ela incluiu aqui *pausas para ir à casa de banho*, Wyn.

Quando ergo o rosto, ele é apanhado desprevenido.

Uma memória ilumina-se ao fundo da minha mente, crescendo até se sobrepor ao presente: Wyn e eu a jogar à macaca sobre as rochas molhadas ao fundo da falésia nas traseiras da casa. Aos gritos, e a fugir quando os dedos gelados da maré correm para nós. Ao fundo da praia, o som dos risos dos

nossos amigos ergue-se em espirais no ar da noite, transportado pelo fumo da fogueira.

Eu oferecera-me para ir a casa buscar mais cerveja e Wyn, que nunca ficava sentado sem fazer nada se o pudesse evitar, veio comigo. Corremos pelas escadas até ao pátio atrás da casa, perdidos de riso.

És um bloco de músculos com um metro e oitenta, Wyn. Como é que eu consigo ganhar-te?

A mão dele pega na minha quando chegamos ao pátio, as lajes a brilhar com a estranha luz esverdeada da piscina de água salgada. Era a primeira vez que ele me tocava nos dedos. Nessa altura ainda só nos conhecíamos há alguns dias, era a nossa primeira viagem de grupo, e todo o meu corpo vibrou com esse simples contacto. Ele murmurou: *Quase nunca dizes o meu nome.*

Devo ter estremecido porque ele franziu a testa e despiu a camisola, a camisola de Mattingly com o rasgão na gola.

Eu disse-lhe que não era preciso, a bater os dentes. Ele aproximou-se, devagar, e enfiou-me a camisola pela cabeça, prendendo-me os braços ao lado do corpo e deixando o meu cabelo eriçado com a estática.

Melhor?, perguntou. Era aterrorizador e excitante como, com aquela única palavra, conseguia fazer-me tremer por dentro, sacudia-me como se fosse um globo de neve.

Quando estávamos com os outros, eu ainda mal conseguia olhar para ele.

Mas como Wyn e eu tínhamos sido os últimos a chegar, ou talvez porque os outros tinham decidido que a nossa amizade devia começar com uma prova de fogo, partilhámos o quarto dos miúdos logo a partir do início da semana, e todas as noites, quando apagávamos as luzes, ficávamos a falar em

murmúrios de uma cama para a outra, em lados opostos do quarto. Conversávamos durante horas.

Mas eu raramente dizia o nome dele. Parecia-me quase um encantamento. Como se pudesse iluminar-me de dentro para fora e deixá-lo ver o quanto eu o desejava, que ao longo de todo o dia a minha mente ficava presa nele como a agulha num disco riscado. Que, sem sequer tentar, eu sabia exatamente onde ele estava a qualquer altura, seria provavelmente capaz de fechar os olhos, girar sobre mim própria e mesmo assim apontar para ele à primeira.

E não podia desejá-lo. Porque a minha melhor amiga gostava dele. Porque ele se tornara uma parte importante da vida de Sabrina e Cleo, e eu não ia dar cabo disso.

Além do mais, disse a mim mesma, a minha reação a ele não queria dizer nada. Era apenas um imperativo biológico para procriar, a lançar pequenos fogos de artifício através do meu sistema nervoso. Não era o tipo de coisa sobre a qual se podia construir uma relação duradoura. Disse a mim própria que era demasiado inteligente para achar que estava a apaixonar-me por ele. Porque não podia apaixonar-me. Não podia.

Quem me dera que isso tivesse sido verdade.

Agora, Wyn tira-me o itinerário das mãos e passa os olhos pela folha.

– Aprecio genuinamente a capacidade de organização da Sabrina – digo. – Mas tudo o que é de mais, não presta. E quando estamos a incluir a atividade intestinal no calendário das férias em grupo, acho que se atingiu esse limite.

Wyn volta a colocar o itinerário na mesa de cabeceira.

– Achas que isto é mau, mas não é nada em comparação com a lista de bagagem que o Parth me mandou. Dizia quantos pares de cuecas tinha de

incluir na mala. Portanto, ou a minha «surpresa personalizada» na sexta-feira vai acabar mal ou ele acha que eu sou incapaz de fazer contas à minha própria roupa interior.

– Não te preocupes – digo. – Estou certa de que é um bocadinho das duas coisas.

Quando ele ri, as covinhas aparecem, pequenas sombras mais escuras por baixo da barba. Por um segundo, é como se nos tivéssemos desligado da linha do tempo e voltado atrás um ano.

Depois ele afasta-se de mim.

– Os próximos quinze minutos estão destinados a *relaxar* antes do almoço – diz –, portanto deixo-te a tratar disso.

Aceno com a cabeça.

Ele acena com a cabeça.

Dirige-se para a porta e hesita um segundo.

E depois sai e eu fico ali, paralisada onde ele me deixou. *Não* estou a relaxar.

6

VIDA REAL

Segunda-feira

O «quarto grande» é um desastre. Um desastre maravilhoso, fantástico, digno de um pesadelo. O quarto dos miúdos fica no princípio do corredor e é, por isso, parte da casa original. Este fica mais ao fundo, na extensão monstruosa. Aqui não há portas empenadas nem janelas que é preciso prender com livros para não se fecharem, nem tábuas no soalho que estalam e rangem mesmo quando ninguém lhes toca.

Este quarto é um autêntico luxo. A cama *king size* tem lençóis com quatro ziliões de fios. Uma portada dupla abre para uma varanda com vista para a piscina de água salgada e para as falésias mais à frente, e o quarto inclui uma banheira de pedra gigantesca e um duche para duas pessoas feito de ardósia escura e vidro.

Contudo, se me fosse permitido fazer uma pequena sugestão de *design* de interiores, seria colocar uma ou ambas as coisas por trás de uma porta. Porque estão à vista do quarto todo.

Claro, a *sanita* pode esconder-se num armariozinho pudico, mas se eu tenciono mudar de roupa em algum momento da próxima semana, as minhas opções são: 1) aceitar que o farei com um público de uma pessoa, mais precisamente o meu ex-noivo; 2) enfiar-me na retrete e rezar para não perder o equilíbrio, ou 3) arranjar uma maneira discreta de me escapulir até à famosa cabine de duche exterior junto da casa de hóspedes.

Tudo isto para dizer que passo os meus quinze minutos de «relaxamento» a tomar um duche *privado* enquanto posso. Depois visto umas calças de

ganga e uma *T-shirt* branca. Uma das poucas áreas em que Wyn e eu coincidimos é na total ausência de estilo pessoal.

O trabalho dele sempre implicou que se vestisse de forma prática, e a maior parte das suas roupas acaba por se gastar depressa, portanto nem vale a pena comprar coisas demasiado boas.

Para mim, contudo, a dependência de *Levi's* justas e *T-shirts* tem mais a ver com o facto de que detesto tomar decisões. Demorei anos a perceber que tipo de roupas gosto de sentir no corpo e agora não vou voltar atrás.

Mais uma memória, brilhante como uma tempestade solar: Wyn e eu deitados na cama, com a luz do candeeiro a iluminar-nos, ele de cabelo revolto, com aquela madeixa obstinada caída sobre a testa. A boca dele pressiona a curva da minha barriga, depois a prega da minha anca. E murmura contra todas as minhas partes mais macias: *Perfeita.*

Um arrepio percorre-me a espinha.

Já *chega*.

Prendo o cabelo num carrapito largo no alto da cabeça e desço as escadas.

Toda a gente se transferiu para a mesa de madeira no pátio das traseiras.

Mais de um metro de charcutaria percorre o centro da mesa, e, como Sabrina é Sabrina, vejo também cartões com nomes a marcar os lugares, de modo a garantir que Cleo e Kimmy ficam sentadas em frente das opções veganas, enquanto eu fico cara a cara com um queijo *brie* tão grande que, numa aflição, poderia substituir a roda de um carrinho de mão.

Wyn ergue os olhos do telefone quando eu saio para o pátio. Não tenho a certeza se a fugaz expressão de ansiedade que vejo passar-lhe pelo rosto é apenas imaginação minha, porque assim que penso nisso ele guarda o

telefone, abre um sorriso e estende o braço para me puxar pela cintura, apertando-me contra si.

Tensa, deixo-me cair na cadeira de ferro ao lado dele e o seu braço muda de posição, pousando ao de leve sobre os meus ombros.

Sabrina levanta-se da cadeira à cabeceira da mesa.

– Não sei se já tiveram oportunidade de estudar os vossos itinerários...

– Ah, era isso? – interrompe Cleo. – Tenho estado a usá-lo para prender a porta.

Kimmy, com dois *pickles* de pepino a sair da boca, como os dentes de uma morsa, acrescenta:

– Tem tantas partes censuradas que pensei que fosse uma deposição judicial.

– Isso são apenas umas surpresas – diz Sabrina. – O resto da semana será o habitual de todos os anos.

Wyn morde uma cenoura com tanta força que me perturba. Não consigo respirar fundo sem que centenas de terminações nervosas ao longo das minhas costelas e peito fiquem pressionadas contra ele, o que significa que estou praticamente sem oxigénio.

– Gladiadores de Supermercado? – Kimmy solta um gritinho deliciado enquanto Cleo acrescenta, em tom esperançoso:

– Crime, Leu Ela?

– Sim e sim – diz Sabrina, confirmando assim que iremos fazer duas das nossas atividades habituais (e diametralmente opostas) no Maine: uma visita à livraria local (a preferida de Cleo e minha) e uma maneira ridícula de fazer compras que tem sido a grande paixão de Parth e Kimmy desde que

formaram equipa há três anos e deram assim início a uma «série de vitórias», tanto quanto é possível alguém «vencer» uma ida ao supermercado.

Wyn e eu costumávamos debater se Sabrina inventara o jogo por se ter fartado de como eram demoradas as idas ao supermercado local. Há uma padaria divinal num dos cantos e toda uma secção de iguarias locais, e, entre nós os seis, é como ir às compras com criancinhas meio embriagadas e de gostos refinados, porque há sempre uma pessoa que desaparece quando os restantes estão prontos para seguir caminho.

– Mas esta noite pensei que podíamos dar uns mergulhos, fazer o nosso jantar habitual, essas coisas – diz Sabrina. – Quero só apreciar o facto de estarmos todos juntos.

– À união – grita Parth, naquele que é o quinto brinde do dia. Assim que Wyn tira o braço de cima dos meus ombros, viro a cadeira de lado com a desculpa de alcançar a garrafa de *prosecco* para reabastecer o copo.

– Aos Gladiadores de Supermercado! – acrescenta Kimmy.

Eu brindo a beber o meu peso em vinho e rezar para acordar e ver que isto não passou de um sonho, penso.

Do outro lado da mesa, Cleo está a olhar para mim com ar pensativo, uma leve ruga entre as sobrancelhas delicadas. Com um sorriso forçado, levanto o copo na direção dela.

– Àquele empregado da Crime, Leu Ela que ainda nos faz o desconto de estudantes.

Os lábios de Cleo estremecem levemente, como se não estivesse completamente convencida pela minha representação, mas toca com o copo –

de água; Cleo deixou de beber álcool há anos, porque lhe irritava o estômago – no meu.

– Que sejamos sempre assim afortunadas e de ar jovem.

– Bolas, a garrafa acabou – diz Sabrina da ponta da mesa.

Levanto-me precipitadamente antes que Wyn possa oferecer-se. Ele tenta levantar-se, ainda assim, e empurro-o de novo para a cadeira.

– Deixa-te estar aí e relaxa, *querido* – digo, com uma doçura ácida. – Eu vou buscar o vinho.

– Obrigada, Har! – diz Sab enquanto eu me dirijo à porta. – A adega deve estar aberta.

Outra faceta dos melhoramentos que Mr. Armas fez na casa: transformou a velha cave de pedra num cofre topo de gama para a sua imensa e imensamente valiosa coleção de vinhos. É preciso uma palavra-passe para entrar e tudo, embora Sabrina a deixe sempre aberta para qualquer um de nós poder ir lá buscar o que lhe apetecer.

Não demoro muito tempo a encontrar uma garrafa com o rótulo igual à que está na mesa. Calculo que isso significa que *não* é um *prosecco* de mil dólares, mas com Sabrina nunca se sabe. Ela pode muito bem ter ido buscar o melhor para nós, mesmo que os nossos palatos pouco refinados nem sempre consigam reconhecer esse melhor.

Sinto um aperto no coração ao pensar que ela planeou uma última semana perfeita para nós e eu nem sequer a consigo apreciar.

Um dia. Deixemo-los ter um dia perfeito, e amanhã contamos toda a verdade.

Quando volto para cima, encontro-os todos a rir, o retrato perfeito de umas férias descontraídas entre melhores amigos. O olhar de Wyn prende o meu e o seu sorriso não esmorece, nem uma fração.

Ele está ótimo! Tanto lhe faz que a sua ex-noiva aqui esteja, ou que tenham ficado instalados naquilo que é, basicamente, uma *suíte* de lua de mel com uma atmosfera que grita *cada superfície deste quarto foi especificamente concebida a pensar em sexo*.

Não mostra qualquer reação à minha presença.

Desta vez, o *zing* que me desce pela espinha parece menos um fecho-éclair a abrir-se, e mais uma chama inflamada num fio de gasolina.

Não é justo que ele esteja bem. Não é justo que estar aqui comigo não o faça sentir-se como se tivesse o coração a ser assado no espeto sobre uma fogueira, como eu me sinto.

Tu consegues, Harriet. Se ele está bem, também consegues estar. Pelos teus amigos.

Pouso a garrafa de vinho na mesa e ponho-me atrás de Wyn, deslizando as mãos pelos seus ombros e peito, até ter o rosto ao lado do dele e conseguir sentir sob as mãos o seu coração a bater de forma regular, imperturbável.

Não pode ser. Se eu vou ser atormentada, ele não escapará.

Encosto o rosto ao pescoço dele, a sua pele quente e a cheirar a pinho e cravo-da-índia.

– Então – digo –, quem é que quer ir dar um mergulho?

Ele fica com pele de galinha. Desta vez, o *zing* traz uma sensação de vitória.

*

– Começo a desconfiar – diz Kimmy –, que talvez estejamos um bocadinho iner-bi-bados. *Ire*-nera-*biados*.

– Quem? Nós? – digo, tentando lentamente pôr-me de pé em cima do tapete flutuante escorregadio, com Kimmy agachada na outra ponta. A Esposa Número Cinco comprara os tapetes para «ioga aquático» há alguns anos, e eu nunca mais me lembrara deles até esta noite.

Kimmy grita e Parth mergulha para fugir quando o tapete se vira, atirando-nos para a água da piscina pela sexta vez consecutiva.

Voltamos os três à superfície. Kimmy sacode a cabeça para tirar o cabelo dourado da cara.

– Nós – confirma. – Todos.

– Bom – digo, e inclino a cabeça na direção da mesa do pátio onde Cleo, Sabrina e Wyn estão imersos num jogo de póquer. – Eles talvez não.

– Oh, não – diz Parth. – A Sabrina está completamente embriagada. Mas a competição esfria-lhe a cabeça, e o seu grande objetivo para esta semana é finalmente conseguir ganhar à Cleo.

– E casar – recordo-lhe.

– E isso também – concorda Parth, e nada até à beira da piscina iluminada. Kimmy já está a tentar trepar de novo para cima do tapete, mas eu sigo Parth.

– Como é que foi? – pergunto.

– Não preferes que seja ela a contar-te? – diz ele.

– Não. Quero ouvir a versão pormenorizada – respondo. – A Sabrina é terrível a contar histórias.

– Eu ouvi! – grita ela da mesa, e pousa as cartas. – E não sou terrível. Sou sucinta. *Straight flush.*

Ao lado dela, Cleo faz uma careta e diz, em tom quase culpado:

– *Royal flush*.

Sabrina geme e deixa cair a cabeça até bater com a testa na mesa. Atrás de nós, ouve-se o som inconfundível de Kimmy a cair outra vez de chapa na água.

Em tom conspirador, Parth diz:

– Pedi-a em casamento há um ano.

Fico tão surpreendida que lhe dou uma palmada sem querer.

– Um ano? – exclamo. – Estão noivos há um ano?

Ele abana a cabeça.

– Não, nessa altura ela ainda dizia que nunca se casaria! Nem aceitou o anel. E depois, aqui há umas semanas, ela soube isto da casa e... – Olha rapidamente na direção do jogo de póquer. Sabrina está a baralhar as cartas, concentrada. – Ela é que me pediu.

– *O quê?*

Ele faz uma careta e esfrega a nuca.

– E eu disse não. Porque pensei que fosse, tipo, uma reação instintiva. Sabes como ela é. Esta casa era o último sítio onde sentiu que tinha uma família, antes de os pais se separarem. E depois, quando começou a vir contigo e com a Cleo... e connosco, mais tarde... este lugar é o que ela considera a sua casa. Assim, quando o pai lhe disse que a ia vender, pensei que ela queria apenas arranjar outra coisa qualquer que servisse de âncora. E, para mim, não era um motivo suficiente.

– Então pediste-a em casamento e ela disse não – respondo –, e depois *ela* pediu-te em casamento e *tu* disseste que não?

Ele confirma com um aceno.

– Mas isso foi há um mês e meio, e julguei que ela tinha ficado zangada comigo. Até há duas semanas. Ela voltou a fazer o pedido, desta vez a sério. Planeou uma caça ao tesouro e tudo.

– Uau – digo. – Mesmo à Parth.

– Eu sei – concorda ele. – Bom, no fim, ajoelhou-se à minha frente no Central Park, como uma autêntica romântica, e disse-me que sempre soubera que queria ficar comigo para sempre, mas tinha tanto medo de que isso fosse impossível que nunca ousara dizê-lo em voz alta. Por causa dos pais, percebes. E dos pais da Cleo. – Com um olhar comprometido, acrescenta: – E dos teus.

Fora algo que nos unira desde muito cedo: o pai dela que colecionava casamentos como quem vê séries, e os meus pais, que apesar de estarem juntos raramente pareciam felizes por isso.

Sabrina nunca quisera casar, com o receio de ter de passar por um divórcio amargo. Eu tinha mais medo de casar com alguém que não tivesse coragem para me deixar ou para continuar a amar-me.

Foi por isso que quando Wyn me deixou me recusei a chorar, ou a procurar respostas, ou a pedir-lhe uma segunda oportunidade. Sabia que a única coisa pior do que estar sem ele seria voltarmos a ficar juntos agora que sabia que ele nunca fora realmente meu.

Parth, Wyn e Kimmy eram todos produto de casamentos de amor, duradouros, e os pais de Cleo tinham-se separado quando ela era pequena mas mantinham uma excelente relação. Ainda viviam perto um do outro em

Nova Orleães e faziam jantares de família regularmente um com o outro e os respetivos cônjuges.

– Enfim – continua Parth –, a Sabrina decidiu que estava a permitir que o pai tivesse demasiado impacto na sua vida. Não queria continuar a tomar decisões apenas para *não* fazer o que ele faria. Assim, eu aceitei e depois planeei também um pedido de casamento elaborado.

– Bom, com certeza – digo. – Afinal, és o Rei das Festas de Paxton Avenue.

Ele ri-se e afasta o cabelo molhado do rosto.

– Precisava que ela soubesse que era também o que eu queria, percebes. Talvez seja esquisito juntar o casamento com as férias de despedida, mas não sei. Precisava que esta semana fosse absolutamente perfeita para ela.

Sinto uma dor no peito. Se não estivesse na piscina, de certeza que estaria a suar das palmas das mãos.

– Estou mesmo, mesmo feliz por vocês – digo.

Com um sorriso de lado, ele planta-me um beijo sonoro no alto da cabeça.

– Obrigado, Har. Nunca estaríamos juntos se não fosses tu e o Wyn. Espero que saibam disso.

– Oh, deixa-te de coisas.

– Estou a falar a sério – insiste ele. – Vocês foram os primeiros a ultrapassar a fronteira da amizade e a provar que era possível. A Sab está sempre a dizer que perdeu demasiado tempo preocupada, com medo de que ir atrás daquilo que queria pudesse pôr em risco aquilo que nós os seis já tínhamos, e ver vocês os dois continuarem apaixonados ao longo destes anos todos ajudou-a muito a acreditar que isto podia resultar.

Com um nó na garganta, olho para o jogo de póquer. Wyn não está a olhar para mim, está concentrado no telefone, mas sinto apesar disso uma vaga de calor descer-me do alto da cabeça até ao peito.

Atrás de nós, Kimmy grita:

– Consegui! Sou uma deusa! – mesmo antes de cair outra vez.

– Acho que tenho de ir fazer chichi – digo a Parth, içando-me para fora da piscina. – Ou beber água. Uma das duas coisas.

– Se não consegues distinguir uma da outra, Harry – grita Parth enquanto eu me afasto –, se calhar precisas é de um médico!

– Parth – respondo, antes de entrar –, eu sou médica.

– Parece-me que haveria um conflito de interesses. – Atira-se para a água, de costas, e nada em direção a Kimmy.

Limpo-me com uma toalha enquanto atravesso a casa fria e silenciosa. A cozinha está um caos, por isso aproveito para limpar as bancadas e pôr as garrafas vazias na reciclagem, e depois dirijo-me à casa de banho pequena, ao lado da casa das máquinas. Nunca ninguém a usa, porque já existe sob uma forma ou outra desde o princípio do século XX e, como tal, tem para aí meio metro de largura.

Seguro-me ao lavatório enquanto tento recuperar o fôlego. No espelho, o meu rosto já está queimado do sol e o meu cabelo parece uma juba emaranhada pelo sal. De pouco serviu o duche que tomei antes. Talvez consiga escapulir-me e passar-me por água num instante enquanto estão todos lá fora.

Talvez possa enfiar as roupas todas na mala e fugir e, não sei, *não* arruinar o casamento da minha melhor amiga. Oh, *céus*. Isto é um desastre.

Faço chichi, lavo as mãos com o luxuoso sabonete com aroma de toranja que Mr. Armas usa em todos os seus hotéis, respiro fundo e abro a porta.

O meu primeiro instinto, quando vejo Wyn à espera no corredor estreito, é fechar-lhe a porta na cara. Como se isto fosse um pesadelo e, ao voltar a abri-la, ele tivesse desaparecido.

Porém, como de costume, o meu corpo está dois passos e meio atrasado em relação ao cérebro, pelo que quando registo a presença dele *e* o som de vozes na cozinha ao fundo do corredor, ele já me empurrou para dentro e fechou a porta atrás de nós.

Tenho o coração aos saltos. As pernas quentes e bambas. Já tinha apagado a luz e, por alguma razão, ele não levanta a mão para a voltar a acender, pelo que estamos iluminados apenas pelo brilho fraco, como uma vela, da luz de presença automática por cima do interruptor.

– O que estás a fazer? – pergunto.

– Tem calma. – A escuridão faz com que a sua voz pareça demasiado próxima. Ou talvez seja o facto de estarmos separados apenas por quinze centímetros.

– Não podes empurrar uma mulher para uma divisão escura e depois dizer-lhe para ter calma! – sussurro.

– Não estava a conseguir apanhar-te sozinha – diz ele.

– Passou-te pela cabeça que talvez fosse intencional?

Ele sopra, aborrecido.

– O nosso plano não vai resultar.

– Eu sei – respondo.

Ele ergue a sobrancelha.

– Sabes?

– Foi o que disse mesmo agora, não foi?

Ele encosta-se à porta, levanta o queixo e suspira, enchendo os pulmões ao ponto de os nossos peitos se tocarem. Tento recuar, mas sou travada pelo suporte das toalhas.

– Temos de aguentar mais cinco dias – digo.

Wyn afasta-se da porta. Os nossos peitos ficam encostados e uma corrente furiosa de eletricidade salta da pele dele para a minha, ou talvez seja ao contrário.

– *Acabaste* de concordar comigo em como não podíamos fazer isso.

– Não, o que eu disse foi que não podemos seguir o nosso plano. Eles precisam que esta semana seja perfeita, Wyn. A Sabrina já está com os nervos em franja. Isto pode estragar tudo.

– Oh, vai estragar alguma coisa, isso é certo – resmunga ele.

– Fala com o Parth – peço-lhe. – Se depois dessa conversa ainda te sentires capaz de arruinar esta semana, não posso impedir-te. Mas tenho a certeza de que não o farás.

Ele suspira.

– Que complicação inacreditável.

– Não há dúvida de que *não é ideal* – respondo, imitando a expressão que ele usou antes.

– Muito engraçada – diz Wyn, com uma centelha nos olhos.

– Também achei – respondo, e levanto o queixo, como se não estivesse minimamente intimidada pela proximidade dele. Como se *não* tivesse de

maneira nenhuma centenas de vespas a debaterem-se dentro do meu peito para tentar alcançá-lo.

Olhamos um para o outro durante uns segundos, ambos irritados. Acho que ele nunca me lançou um olhar tão furioso. Sendo uma pessoa tão categoricamente avessa a conflitos, surpreende-me perceber que esse olhar me faz sentir poderosa. Estou finalmente a afetá-lo, a ultrapassar aquela fachada de granito que ele usou para me deixar de fora.

– Muito bem – diz. – Assim sendo, acho que tenho de fazer *isto.* – Pega-me na mão. Sinto-me como se todo o meu corpo fosse feito de fios elétricos descarnados, antes mesmo de me aperceber do anel frio de ouro branco a deslizar-me sobre o dedo.

Recuo para não o deixar pôr-me o anel. *Ele* deixa-me, mas, uma vez mais, o suporte das toalhas não.

– Alguém vai reparar se não o estiveres a usar – diz.

– Ainda ninguém reparou – argumento.

– Só passaram umas horas – diz ele. – E a Kimmy passou a maior parte dessas horas a dançar e a cantar aquela canção dos Crash Test Dummies para uma colher de pau. As pessoas têm estado ocupadas.

– Então podemos apoderar-nos da *playlist* – digo. – Lembro-me facilmente de pelo menos vinte e seis canções que deixarão a Kimmy em espírito de concerto.

Wyn arqueia as sobrancelhas e ergue os cantos dos lábios, num sorriso que deixa ver uma estreita faixa de dentes brancos na escuridão da casa de banho. Apodera-se outra vez de mim aquela sensação de globo de neve, em cima é em baixo e em baixo é em cima e tudo é lantejoulas ou xarope transparente.

– Porque é que andas com isto? – pergunto.

– Porque – diz ele. – Sabia que te ia ver, e o anel é teu.

– Mas eu devolvi-o – recordo-lhe.

– Estou bem ciente disso – diz ele. – E agora vais voltar a pô-lo, ou preferes ir dizer-lhes já que está tudo acabado?

Estendo a mão, com a palma para cima. Nem pensar que o vou deixar voltar a enfiar-me o velho anel de noivado no dedo.

Ele hesita, como se estivesse a pensar dizer mais alguma coisa, depois coloca-o na minha palma. Enfio-o e levanto a mão.

– Contente?

Wyn ri-se de novo, abana a cabeça e faz menção de sair. Depois vira-se e volta a encostar-se à porta.

– Quanto tempo havemos de dizer que passou desde que nos tínhamos visto? Se alguém perguntar.

– Ninguém vai perguntar – digo.

A minha visão adaptou-se à escuridão o suficiente para eu conseguir ver, ao pormenor, as rugas aprofundarem-se ao canto dos olhos dele.

– Porque não?

– Porque é uma pergunta aborrecida.

– Não acho que seja uma pergunta aborrecida – diz ele. – Eu estou desesperado por saber a resposta. Estou aqui em pulgas, Harriet.

Reviro os olhos.

– Um mês.

Ele fecha os olhos por um momento. Se eu soubesse que ficariam fechados, não me teria conseguido conter: passaria o dedo ao longo do nariz dele, pela curva da sua boca, sem lhe tocar, mas regalando-me no *quase*. Odeio que ainda me sinta tão interligada a ele, a um nível quântico. Como se o meu corpo nunca fosse deixar de tentar encontrar o dele.

Wyn abre os olhos.

– Fui eu que fui a São Francisco, ou tu vieste ao Montana?

Solto uma risada seca.

Os olhos dele brilham.

– Não tive tempo nem sequer para lavar roupa neste último mês – digo –, de certeza que não apanhei um avião para ir passear por um rancho no Montana com um chapéu de *cowboy*.

Em tom grave, ele pergunta:

– Quantos pares de cuecas é que tens?

– Tenho a certeza de que ninguém te vai perguntar *isso*.

– Não lavas roupa há um mês – responde ele. – Estou só aqui a fazer contas, Harriet.

– Bom, se ficar sem roupa interior, graças à lista do Parth acho que me podes socorrer.

– E se me tivesses visitado – continua ele –, nenhuma parte dessa visita teria sido passada a passear por um rancho com chapéu de *cowboy*. O que é que achas que eu faço o dia todo, afinal?

– Reparação de mobílias – respondo, com um encolher de ombros. – E és palhaço de *rodeos*. E talvez frequentes aquela classe de aeróbica aquática

para seniores a que a Gloria estava sempre a tentar convencer-nos a ir quando a visitávamos.

E sais com mulheres bonitas, e respiras o ar puro do Montana e sentes um alívio tremendo por teres deixado São Francisco, por me teres deixado.

– Como está a Gloria? – pergunto.

Wyn encosta a cabeça à porta.

– Bem. – Não desenvolve.

Magoa-me, como era intenção dele, este lembrete de que já não tenho direito a mais nenhuma informação sobre a sua mãe, a sua família, além desta resposta monossilábica.

Depois o rosto dele suaviza-se e a boca estremece.

– Por acaso, cheguei a experimentar a aula de aeróbica aquática com ela.

– Acredito mesmo.

Ele pousa a mão no coração.

– Juro.

O ronco do meu riso apanha-me de surpresa. Mais estranho ainda, não se fica por um, mas desenvolve-se até parecer que tenho pipocas a rebentar no peito, até sentir – *quase* – que estou a chorar e não a rir.

E enquanto isso Wyn olha para mim com ar divertido, encostado à parede.

– Já acabaste, Harriet?

– Por agora.

Ele inclina a cabeça.

– Então *eu* fui visitar-te a São Francisco. O mês passado.

Todos os vestígios de humor evaporam-se do ar.

– É essa a nossa história.

Ele estuda-me durante algum tempo. Sinto um formigueiro no rosto. O sangue a vibrar.

Ambos damos um salto com o som súbito e agudo ao fundo do corredor.

Wyn suspira.

– O Parth arranjou uma aplicação que imita uma buzina.

– Valha-nos Deus – digo.

– Usou-a umas quinze vezes antes de tu chegares. Como podes imaginar, ainda não se fartou.

Mordo o lábio para conter um sorriso. Recuso-me a deixar-me encantar por ele. Outra vez.

– Bom... – Desencosta-se da porta. – Deixo-te...

Agita a mão num gesto vago, como quem diz sem palavras *aqui sozinha numa casa de banho às escuras.*

– Agradeço – digo, e ele sai.

Conto até vinte antes de sair também, com o coração aos saltos. Depois de parar na cozinha apenas o tempo necessário para encher até à borda o meu copo de vinho abandonado, volto a sair para o ar fresco da noite. Vejo que os meus amigos estão agora todos aconchegados, em volta da braseira acesa, enrolados numa mistura de toalhas, camisolas e mantas. Sento-me ao lado de Cleo e ela puxa-me para si com um braço, tapando-me também as pernas nuas com a sua manta de flanela.

– Tudo bem? – pergunta.

– Claro que sim – afirmo, aninhando-me mais a ela. – Estou no meu lugar feliz.

7

LUGAR FELIZ

KNOTT'S HARBOR, MAINE

O quarto dos miúdos. Tábuas tortas no chão, janelas empenadas, cortinas creme e camas de solteiro com colchas azuis iguais encostadas a paredes opostas.

Um agradável cheiro a tempo, atenuado pelo produto de limão e verbena de polir os móveis.

Por pasta de dentes de canela. Por pinho e cravo-da-índia, e fumo de lareira, e olhos claros e estranhos que brilham e cintilam como os de um qualquer animal noturno. Não que eu esteja a olhar para ele.

Não *posso* continuar a olhar para ele. Mas poucas horas depois de ter conhecido Wyn Connor, é evidente que ele possui uma gravidade própria. Não consigo olhar para ele diretamente à luz do dia, dou por mim sempre a arrumar os pratos ou a puxar a cobertura da piscina quando ele está demasiado perto.

Desde as manhãs ainda ocultas pela neblina, até horas tardias da noite, o meu subconsciente segue-o.

Estou a viver duas semanas distintas. Uma delas é felicidade absoluta, a outra é tortura. E por vezes não consigo distinguir uma da outra.

Deito-me à beira da piscina com Cleo, enquanto ela lê as memórias de um artista qualquer ou uma enciclopédia exclusivamente sobre cogumelos. Vagueio pelas lojas de antiguidades, de velharias, pelas lojas de doces na cidade com Sabrina. Parth e eu vamos ao café, e à pequena banca de sanduíches de lagosta que tem sempre uma fila de uma hora.

Jogamos Verdade ou Consequência na piscina, e Eu Nunca à volta da braseira. Passamos entre nós garrafas de *sauvignon blanc*, de *rosé*, de *chardonnay*.

– O teu pai não se importa que bebamos o vinho dele? – pergunta Wyn.

Talvez esteja preocupado, penso, como eu fiquei da primeira vez que Sabrina nos trouxe aqui, a mim e a Cleo, talvez esteja a aperceber-se de que ela teria todo o direito de nos apresentar a conta no final da semana, uma conta que nenhum de nós conseguiria pagar.

– Claro que se importaria – responde Sabrina – se desse por isso. Mas é incapaz de reparar em qualquer coisa que não esteja numa conta bancária na Suíça.

– Nem imagina o que está a perder – diz Cleo.

– Todas as minhas coisas preferidas acontecem fora de contas bancárias na Suíça – concorda Parth.

– Todas as minhas coisas preferidas estão aqui – digo eu.

Na parte mais quente do dia, saltamos, à vez, do fim do pontão abaixo da falésia, e o desafio é *não* reagir ao choque gelado do Atlântico. Depois deitamo-nos na plataforma aquecida pelo sol e vemos passar as nuvens.

Sabrina planeia as nossas bebidas e refeições na perfeição. Parth arranja maneira de transformar tudo num jogo ou numa competição elaborada, como é o caso do jogo de saltar do pontão, ao qual chamámos NÃO PODES GRITAR. E Cleo, quase do nada, faz perguntas como «Há algum sítio onde regresses uma e outra vez nos teus sonhos?» e «Se pudesses voltar atrás, repetirias a escola secundária?» Parth diz que sim, porque teve uma experiência fantástica no secundário; Cleo diz que sim, porque teve uma

experiência *horrível* e gostaria de ter oportunidade de a corrigir, e os restantes concordamos que seria preciso oferecerem-nos muito dinheiro para nos sentirmos tentados a reviver as nossas experiências medíocres.

Depois disso, Cleo pergunta:

– Se pudessem ter outra vida completamente diferente e separada desta, o que fariam?

Parth diz, sem hesitar, que formaria uma banda. Sabrina demora um minuto a decidir que seria *chef*.

– Quando os meus pais ainda estavam juntos – diz –, sempre que vínhamos aqui passar o verão, a minha mãe e eu cozinhávamos refeições elaboradas. Eram atividades que ocupavam o dia inteiro. Como se não tivéssemos sítio nenhum onde ir, nem mais nada que fazer além de estarmos juntas.

Embora ela sempre tenha partilhado observações francas e comentários irreverentes mas autoconscientes sobre a sua vida familiar e o seu passado – como *Desculpem se isto foi demasiado intenso. É o meu complexo de filha de um narcisista. Ainda acho que tenho apenas trinta segundos para dizer o que tenho a dizer antes que as pessoas percam o interesse* – é mais raro ouvi-la partilhar memórias felizes.

É uma dádiva, este fragmento de ternura que ela decidiu mostrar-nos. É uma honra sentir que nos é confiado algo tão sagrado e raro como o lado doce de Sabrina.

Com a sua vida extra, diz-nos Cleo, teria uma quinta, o que nos faz rir tanto que o pontão estremece debaixo de nós.

– A sério! – insiste ela. – Acho que seria divertido.

– Claro que sim – diz Sabrina. – Tu vais ser uma pintora famosa, com paisagens penduradas nas mansões de todas as celebridades em Los Angeles.

Quando se vira para mim, tenho uma branca. Desde os catorze anos de idade que quero ser cirurgiã. Nunca me ocorreu sequer outra coisa.

– Podes fazer *qualquer coisa*, Harry – pressiona-me Sabrina. – Não penses de mais.

– Mas pensar de mais é o que eu faço melhor – digo.

Ela solta a sua risada maquiavélica.

– Talvez na tua outra vida possas arranjar maneira de lucrar com isso.

– Ou talvez – diz Cleo –, nas nossas outras vidas, não seja *preciso* lucrar com nada. Podemos simplesmente ser.

Sem se levantar do chão, Parth ergue a mão para lhe dar um «mais cinco».

– Gosto muito de ti – diz Cleo –, mas não dou «mais cincos».

Ele deixa cair a mão sobre o estômago, nada incomodado. Pergunta a Wyn o que faria com a sua segunda vida. Não olho, mas sinto-o esticado ao sol do meu lado esquerdo, como uma outra estrela, um objeto com gravidade, luz e calor próprios.

Ele suspira, ensonado.

– Viveria no Montana.

– Já fizeste isso – diz Parth. – Tens de dizer que irias para o Polo Sul reabilitar pinguins, ou coisa parecida.

– Está bem, Parth – diz Wyn. – Ia para o Polo Sul por causa dos pinguins.

– Não há uma resposta certa – esclarece Cleo. – Porque é que voltavas para o Montana, Wyn?

– Porque, nesta vida, decidi não ficar lá – responde ele. – Decidi fazer uma coisa diferente do que os meus pais fizeram, ser alguém diferente. Mas se tivesse outra vida para viver, queria ter uma em que também ficava lá.

Arrisco um olhar na direção dele. Ele vira a cabeça, com a face encostada à madeira do pontão, e os nossos olhares cruzam-se durante quatro respirações, os nossos braços húmidos quase a tocarem-se.

Uma conversa silenciosa passa entre nós: *Olá* e *Olá para ti também*, e *Estás a sorrir-me*, e *Não, tu é que estás a sorrir-me.*

Viro de novo os olhos para o céu e fecho-os com força.

Quando nos enfiamos nas nossas camas, em lados opostos do quarto, o zumbido nas minhas veias ainda não diminuiu.

Wyn, contudo, está tão silencioso que penso que adormeceu imediatamente. Passado algum tempo, a voz dele quebra o silêncio.

– Porque é que começas sempre a limpar quando eu entro numa divisão?

O meu riso é em parte surpresa, em parte embaraço.

– O quê?

– Se os outros estão todos lá fora, e tu estás na cozinha, assim que eu entro pegas numa esponja.

– Não pego nada – digo.

– É verdade. – Oiço os cobertores sussurrarem quando ele se vira de lado.

– Bom, se faço isso, é coincidência – digo. – Gosto de limpar.

– Já me tinham dito – responde ele.

Rio-me.

– Como é que isso veio à conversa? Perguntaste qual era a coisa menos interessante em mim?

– Algumas semanas depois de eu me ter mudado lá para casa, o apartamento estava absolutamente nojento – diz ele. – E eu nem sequer tenho a mania das limpezas. Por fim, falei nisso à Sabrina e ela disse que deviam ter-se habituado a que tu andasses sempre a esfregar tudo. Acho que sou a única pessoa que levou o lixo para a rua nos últimos seis meses. A Cleo arruma as suas coisas, mas não toca na desarrumação da Sabrina.

Sorrio para o teto escuro, com o coração a transbordar de afeto por elas as duas.

– A Cleo é fantástica a estabelecer limites. Provavelmente acha que se deixar os salpicos de pasta de dentes da Sabrina acumularem-se tempo suficiente, ela acabará por reparar.

– Pois, mas se eu não tivesse intervindo, o lavatório da casa de banho por esta altura seria mais pasta de dentes do que porcelana.

– Não estás a ser realista – digo. – A pasta de dentes teria coberto todo o apartamento.

– Não pareces incomodada por a nossa amiga ser uma desmazelada revoltante.

– Sempre gostei de limpar – digo. – Mesmo quando era pequena.

– A sério?

– Sim – continuo. – Ambos os meus pais trabalhavam muito e andavam sempre stressados por causa do dinheiro, mas faziam questão de que não faltasse nada a mim e à minha irmã. E eu não podia fazer muito para ajudar a não ser limpar. E gosto do facto de ser algo mensurável, vemos

imediatamente que as nossas ações fazem diferença. Sempre que estou ansiosa, ponho-me a limpar e é relaxante.

Um longo silêncio.

– Eu deixo-te ansiosa?

– O quê? Claro que não – digo.

Os cobertores dele agitam-se de novo.

– Hoje, quando entrei no quarto, começaste a arrumar as gavetas.

– Coincidência – insisto.

– Então não estás ansiosa – diz ele.

– Nunca estou ansiosa aqui – respondo.

Outra pausa.

– Como é que eles são?

– Quem?

– A tua família – diz ele. – Não falas muito sobre eles. São como tu?

Apoio a cabeça na mão e perscruto a escuridão.

– E como é que eu sou?

– Não sei explicar – diz ele. – Não sou bom com palavras.

– Se preferires, podes explicar por gestos – digo.

Ele vira-se novamente de costas e descreve um círculo com os braços.

– Uma esfera gigante – tento adivinhar.

Ele ri-se.

– Parece que também não tenho muito jeito para mímica. Era no bom sentido.

– Uma esfera gigante no bom sentido – digo.

– E então? – Olha de novo para mim. É mais fácil fitá-lo nos olhos no meio da escuridão. – Eles também são esferas gigantes?

– É impossível dizer, porque ainda não faço ideia do que queres dizer com isso. Mas os meus pais são simpáticos. O meu pai é professor de Ciências e a minha mãe trabalha num consultório de dentista. Sempre fizeram questão de que não nos faltasse nada, a mim e à minha irmã.

– Já disseste isso – diz ele.

Ao perceber a minha hesitação, acrescenta:

– Desculpa. Não precisas de falar sobre isso.

– Não há muito a dizer. – Mergulhamos de novo no silêncio, mas após alguns instantes as palavras brotam-me dos lábios. – Eles não se amam.

As palavras ficam suspensas no ar. Ele espera, e não importa que eu tenha decidido não falar sobre o assunto. Vem tudo ao de cima, apesar disso.

– Mal se conheciam quando casaram. Ainda estavam na universidade, e a minha mãe engravidou da minha irmã mais velha. Ela ia estudar Medicina e o meu pai queria especializar-se em Astrofísica... mas precisavam de dinheiro, por isso ela deixou os estudos para criar a Eloise, e ele arranjou emprego como professor substituto. Quando eu nasci, já era uma espécie de casamento de conveniência de finais do século vinte.

– Eles discutem?

– Nem por isso. A minha irmã é seis anos mais velha do que eu, e foi uma adolescente um bocado problemática, por isso discutiam com ela, mas não um com o outro.

Por ela ter desistido das disciplinas avançadas sem falar com eles, ou por aparecer em casa com um *piercing* no umbigo, ou por anunciar planos para tirar um ano antes da universidade e ir viajar de mochila às costas.

Os meus pais nunca gritavam, mas Eloise acabava sempre aos gritos, e quando, inevitavelmente, eles a mandavam para o quarto ou ela saía intempestivamente de casa, tudo parecia, de alguma maneira, mais silencioso do que antes. Um silêncio perigoso, como se o mais pequeno som pudesse fazer com que as fendas se espalhassem e a casa desabasse.

Os meus pais não eram cruéis, mas eram rigorosos, e estavam cansados. Por vezes, um deles ou ambos tinha de arranjar um trabalho ao fim de semana para colmatar as lacunas financeiras, se a carrinha se avariava, ou Eloise lascava um dente, ou eu apanhava um vírus que causava uma pneumonia, o que implicava a necessidade de radiografias ao tórax. Quando eu tinha nove anos de idade, podia não perceber nada sobre seguros de saúde, mas sabia que era sobre isso que os meus pais falavam enquanto se debruçavam sobre as contas sentados à mesa da cozinha, a esfregar a testa, entre suspiros abafados.

Sabia também que o meu pai detestava quando a minha mãe suspirava. E que, pela sua parte, a minha *mãe* detestava quando o meu *pai* suspirava. Como se ambos quisessem acreditar que o outro estava bem e não precisava de ser reconfortado.

Todo esse silêncio fazia-me procurar pistas e indícios, até que me tornei especialista nos estados de espírito dos meus pais. Eloise já saíra de casa há muito tempo, desde a derradeira discussão, onde lhes dissera que não tencionava ir para a universidade, e as coisas estavam agora muito melhores,

mas eles nunca lhe tinham perdoado completamente, e eu achava que ela também não lhes perdoara.

– São bons pais – digo. – Estiveram presentes em absolutamente tudo em que eu participei. No quinto ano, num concurso de talentos, fiz uma série de «truques de magia» que eram, na verdade, pequenas experiências científicas, e mais parecia que estavam a ver-me dar uma palestra na NASA.

»Só comíamos fora em ocasiões especiais, mas nessa noite levaram-me a comer gelado na Big Pauly's Cone Shop.

Enquanto falo com Wyn sobres estas coisas, sinto-me como se estivesse a sussurrar os meus segredos para dentro de uma caixa e a fechá-la muito bem fechada.

Vislumbro na escuridão os dentes brancos dele, num pequeno sorriso.

– Então sempre foste gulosa.

– Somos todos. Pedimos *várias* doses de gelado – recordo. – Como se estivéssemos a beber *shots*.

Nessa noite, ficámos até a gelataria fechar, muito depois da minha hora habitual de ir para a cama. Uma das minhas memórias mais nítidas é de adormecer no banco de trás do carro no regresso a casa, tão feliz, envolta pelo calor do orgulho deles.

Eu vivia para essas noites raras em que tudo encaixava e éramos felizes juntos, em que eles não estavam preocupados com nada e podíamos simplesmente divertir-nos.

Quando venci o primeiro prémio na feira de ciências da escola, no 10º ano, e eu e o meu pai passámos a noite a fazer *smores* ao fogão enquanto víamos um documentário sobre dinossauros. Ou quando entrei para o quadro de

mérito no último ano do secundário e a equipa administrativa do consultório dentário do Dr. Sherburg me organizou uma pequena festa, incluindo um bolo em forma de cérebro, verdadeiramente pavoroso, feito pela minha mãe. Ou quando recebi a carta sobre a bolsa de estudos para Mattingly, e ficámos os três acordados até tarde a estudar as opções de disciplinas no catálogo *online* da universidade.

– Tu, minha menina – lembro-me de a minha mãe dizer –, vais fazer coisas importantes.

– Nós sempre o soubemos – concordou o meu pai.

– E os teus pais? – pergunto a Wyn. – Vêm de famílias de rancheiros, não é? E agora têm um negócio de reparação de mobílias? Como é que eles são?

– Barulhentos. – Não desenvolve a resposta.

A primeira impressão que tive dele revelou-se verdadeira: Wyn não gosta de falar sobre si próprio.

Mas eu estou sequiosa de mais dele, do verdadeiro Wyn, das partes por trás daqueles olhos esfumados e sensuais.

– Barulhentos alegres – pergunto –, ou barulhentos zangados?

Apercebo-me do seu sorriso na escuridão.

– Barulhentos alegres. – Faz uma pausa. – Além disso, o meu pai é surdo de um ouvido, mas insiste em perguntar coisas da outra divisão, portanto às vezes são só barulhentos-barulhentos. E tenho uma irmã mais velha e outra mais nova. Michael e Lou. Elas também são barulhentas-barulhentas. Iam adorar-te.

– Porque eu sou barulhenta?

– Porque são brilhantes, como tu – diz ele. – E porque te ris como um helicóptero.

Infelizmente, isso faz com que eu me ria, dando-lhe razão.

– Uau. Não insistas em tentar seduzir-me.

– É um riso fofo – acrescenta ele.

Outro rubor de corpo inteiro.

– Bom, agora tens *mesmo* de parar de me tentar seduzir.

– Falas como se fosse muito fácil – diz ele.

– Acredito em ti.

– E não imaginas o que isso significa para mim – responde ele.

Viro-me e escondo a cara na almofada. Murmuro por entre um sorriso:

– *Boa noite*, Wyn.

– Dorme bem, Harriet.

A noite seguinte segue o mesmo padrão: enfiamo-nos na cama. Ficamos em silêncio. E depois Wyn vira-se de lado e pergunta:

– Porquê neurocirurgia, especificamente?

E eu digo:

– Se calhar porque achei que era o que parecia mais impressionante. Agora posso dizer constantemente a propósito de tudo e de nada: *Bom, pelo menos isso* não *é neurocirurgia.*

– Não tens necessidade de parecer mais impressionante – diz ele. – Já és... – Pelo canto do olho, vejo-o agitar os braços outra vez num grande círculo.

– Uma melancia estupidamente grande – digo.

Ele ri-se baixinho e continua em voz rouca:

– Então foi isso? Escolheste a coisa mais difícil e impressionante que te ocorreu?

– Fazes muitas perguntas, mas não gostas de responder quando é a tua vez – digo.

Ele senta-se na cama, encostado à parede, e os seus lábios curvam-se num sorriso, formando covinhas nas faces.

– O que queres saber?

Sento-me também.

– Porque é que não quiseste tentar adivinhar o que os nossos amigos me disseram sobre ti?

Ele fica calado e quieto. Não passa a mão pelo cabelo, não abana o joelho. Um Wyn Connor assim imóvel é uma coisa quase obscenamente bela.

– Porque – diz, por fim –, o meu palpite seria que eles te disseram que sou um tipo simpático que por pouco não conseguia entrar em Mattingly, e que não consegui acabar a licenciatura ao mesmo tempo que os outros e o mais certo é que nunca a termine.

– Eles gostam de ti – protesto. – Nunca diriam uma coisa dessas.

– Mas é verdade. O Parth vai prosseguir para a especialização em Direito para o ano, e eu devia mudar-me para Nova Iorque com ele, mas chumbei à mesma cadeira de Matemática pela segunda vez. Estou preso por um fio.

– Quem é que precisa de matemática?

– Os matemáticos, se calhar – diz ele.

– Estás a planear seguir matemática? – pergunto.

– Não – responde-me.

– Ainda bem, porque os matemáticos vão ficar todos sem trabalho assim que esta coisa das calculadoras pegar. Que interessa se não és bom a matemática, Wyn?

Ele ergue os olhos.

– Se calhar eu queria causar uma primeira impressão um bocadinho melhor.

– Não há parte nenhuma de mim que acredite que tens alguma dificuldade com as primeiras impressões – digo.

Ele afasta o cabelo da testa e este obedece, exceção feita àquela madeixa, claro, que está determinada a cair sobre a sua sobrancelha de forma sensual.

– Talvez me deixes um bocadinho nervoso.

– Claro, claro – digo, com um arrepio na espinha.

– Lá porque não me vês pegar numa esfregona de cada vez que tu entras, isso não quer dizer que eu não saiba que entraste.

Sinto-me como se uma bola de *bowling* me tivesse caído em cima da barriga. Depois vêm as borboletas.

Sangue redirecionado, vasos sanguíneos a contraírem-se, digo a mim própria. *Não quer dizer nada.*

– Porquê? – pergunto.

– Não consigo explicar – diz ele –, e por favor não me peças para tentar explicar com gestos.

– Também me deixas um bocadinho nervosa – admito.

Ele fica à espera que eu diga mais e sinto o peso do seu olhar sobre mim. Uma dor espalha-se por trás das minha costelas. Como se ter este bocadinho dele tivesse transformado todas as partes que *nunca* poderei ter numa espécie de membro fantasma, uma dor onde devia haver mais Wyn.

– Porquê? – diz ele por fim.

– És demasiado atraente – digo.

Uma expressão estranha passa-lhe pelo rosto, uma espécie de desapontamento. Desvia o olhar.

– Bom. Isso não tem nada a ver comigo.

– Eu sei – digo. – O problema é esse. Os tipos anormalmente bem-parecidos não costumam ser também tão...

– Tão?... – Ergue uma sobrancelha.

Abro os braços num círculo.

Ele sorri.

– Esféricos?

Agarro-me à palavra mais próxima daquilo que quero dizer.

– Vastos.

– Vastos – repete.

– Engraçados – digo. – Interessantes. Ou uma coisa ou outra, não podes ter tudo.

Ele ri-se e atira-me uma almofada.

– Nunca te julgaria tão snobe, Harriet.

– Oh, sou uma grande snobe. *Enorme*. – Devolvo a almofada com outro movimento circular dos braços. Esta aterra a meio metro da cama dele.

– O que foi isso?

– A almofada que me atiraste – respondo. – Não sei se te lembras.

– Eu sei que é uma almofada. Estou a falar do lançamento.

– Quem é que é um snobe, afinal? – digo. – Lá porque não sou uma atleta...

– É uma almofada, Harriet – interrompe ele –, não um peso. Estamos a quatro passos um do outro.

– Estamos para aí a dez passos – protesto.

– Nem pensar. – Levanta-se e começa a atravessar o quarto, contando os passos. Dou por mim a catalogar-lhe os braços e a barriga, a proeminência dos ossos das suas ancas por cima dos calções.

– Três... quatro... cinco...

– Estás a dar passos *gigantes*. – Levanto-me para medir eu própria a distância. Os nossos braços roçam quando nos cruzamos e todos os meus pelos desse braço se arrepiam.

– Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove.

Quando me viro, ele está mesmo atrás de mim. A escuridão estremece entre nós. Os meus mamilos ficam rígidos e estou cheia de medo que ele repare, e desesperada para que ele repare, por sentir os seus olhos sobre mim.

Ele pigarreia.

– Amanhã.

Pergunto num fio de voz:

– Amanhã o quê?

– Medimos a distância – diz ele. – Quem estiver mais perto, ganha.

– Ganha o quê? – pergunto.

Os lábios dele estremecem. Um dos ombros perfeitamente curvos levanta-se.

– Não sei, Harriet. O que é que queres?

– Dizes muito o meu nome – comento.

– Tu quase nunca dizes o meu – responde ele.

Sorrio de olhos no chão, o que só realça como estamos perto um do outro.

– Ganha o quê, *Wyn*?

Quando levanto a cabeça, ele tem os lábios apertados com força, as covinhas nas faces.

– Para ser franco, esqueci-me completamente do que estávamos a falar.

Mais uma tontura. Um frémito na barriga. Campainhas de alarme ecoam pelo meu sistema nervoso.

– Estávamos a falar de quanto ambos precisamos de dormir – digo. Ele finge acreditar. Voltamos para as respetivas camas.

Na noite seguinte, eu digo-lhe que ainda não estou habituada a todas as manifestações físicas de afeto que os nossos amigos fazem com naturalidade. Como Cleo, que se aninha ao meu lado como um gato a enroscar-se numa pilha de toalhas quentes, e Sabrina que me abraça à chegada e à partida, e Parth que me despenteia quando passa por mim.

– Preferias que eu não te tocasse? – pergunta Wyn baixinho.

Em tom igualmente baixo, digo:

– Tu nunca me tocas.

– Porque não sabia – diz ele. – Se querias ou não.

Tudo dentro de mim se aperta e contrai.

Ele ajeita a almofada debaixo da orelha e vira-se de lado, com o peito nu e o tronco esguio iluminados pelos primeiros raios da alvorada, as sardas nos seus ombros visíveis sob a claridade.

O meu pensamento racional está prestes a desaparecer numa esquina, deixando-me sozinha com um Wyn Connor seminu, quando ele diz:

– Só para que fique bem claro, podes tocar-me sempre que quiseres.

Estou intensamente consciente de todos os pontos em que os lençóis de seda fresca me roçam nas pernas. Afasto as cobertas.

– Que oferta extremamente generosa.

– Não é nada generosa – diz ele. – Sou voraz no que diz respeito ao toque físico. Nunca me farto.

– Estou a ver que sim – digo. – Se alguma vez encontrar alguém que esteja a precisar de «toque físico», dou-lhe o teu cartão.

O canto da boca dele vira-se para baixo.

– Lembras-te do que me disseste sobre a Sabrina?

– Não, o quê?

– Que ela exagera. O Parth também exagera.

Soergo-me sobre o cotovelo.

– Então quais foram os exageros, Wyn? A professora assistente que deixou o número de telefone no teu último exame do ano? A hospedeira de bordo que pagou todas as tuas bebidas? As trigémeas idênticas acrobatas russas?

– As trigémeas – diz ele – foram literalmente apenas umas raparigas que conheci num bar e com quem falei durante meia hora. E para que conste,

eram ginastas e não acrobatas, e eram muito simpáticas.

– Não posso deixar de reparar que não negaste a história da professora e da hospedeira.

Ele senta-se, encostado à parede. Este homem não consegue ficar na mesma posição mais do que quarenta segundos.

– E se falarmos sobre o *teu* historial romântico?

– O que tem?

– A Sabrina disse que andaste com um americano enquanto estiveste em Londres.

– O Hudson – digo.

– Nunca falas nele – diz Wyn.

Não falo nele porque eu e Hudson concordámos desde o primeiro momento que a nossa relação seria temporária. Sabíamos que quando voltássemos para casa estaríamos demasiado ocupados e concentrados nos estudos para termos tempo um para o outro. Era a segunda coisa que eu e Hudson tínhamos em comum. A primeira era a nossa preferência pela mesma banca de peixe frito em Londres. Não se tratava propriamente de uma história de amor lendária, mas funcionava e ninguém ficou magoado.

– Sou um livro aberto – digo-lhe. – O que queres saber?

Wyn morde o lábio inferior.

– Ele é um génio como tu?

– Não sou um génio.

– Está bem – diz Wyn. – Ele é brilhante como tu? Também vai ser cirurgião?

Brilhante. A palavra borbulha dentro de mim.

– Ele quer ser cirurgião torácico – digo. – Anda em Harvard.

Wyn emite um som trocista.

– Tens comichão na garganta? – pergunto.

– Como é ele? – indaga Wyn. Enquanto penso nisso, o seu sorriso abre-se mais. – Não te lembras?

– Cabelo escuro, olhos azuis – respondo.

– Como tu – diz ele.

– Idêntico. – Sento-me também na cama. – Lado a lado, não conseguirias distinguir-nos.

Os olhos de Wyn deslizam por mim abaixo e voltam ao meu rosto.

– És uma mulher de sorte.

– A mais sortuda das mulheres – digo. – Uma vez, quando eu estava doente, ele foi às aulas em vez de mim.

– Posso ver uma fotografia? – pede.

– A sério?

– Estou curioso – admite ele.

Debruço-me e procuro o meu telemóvel no chão, e depois aproximo-me dele enquanto passo as fotografias na galeria.

Escolho uma fotografia de Hudson que realça as maçãs do rosto altas, o queixo afilado, o cabelo escuro e brilhante. Quando lhe estendo o telemóvel, Wyn segura-me no pulso e olha para o ecrã de testa franzida. Depois tira-me o telemóvel da mão e aproxima-o mais dos olhos.

– Porque é que ele não está a sorrir?

– Está – digo. – É assim o sorriso dele. Subtil.

– *Este* tipo – diz Wyn – só sorri quando olha para o espelho. Que é também como se masturba. Com a camisola de Harvard vestida.

– Oh, meu Deus, Wyn. És oficialmente o maior snobe de todos nós. – Estendo a mão para o telefone, mas ele vira-se de barriga para baixo e protege-o com o corpo.

Lentamente, vê as minhas fotografias, estudando cada uma delas antes de passar à seguinte. Deito-me ao lado dele e espreito por cima do seu ombro quando ele para numa fotografia de mim na biblioteca, debruçada sobre um caderno, com várias pilhas de manuais alinhados à minha frente.

– Gira. – Olha para mim por cima do ombro e depois vira-se de novo para o telefone antes que eu possa reagir.

Aumenta a imagem para ampliar o meu rosto. Observo o perfil dele, com o rosto iluminado, as covinhas das faces ensombradas.

– Mesmo gira – repete baixinho.

O calor invade-me cada recanto do corpo. Desta vez, quando estendo a mão para o telemóvel, Wyn deixa-me tirar-lho. Senta-se. Os nossos rostos estão separados apenas por centímetros. Sinto o cheiro a cravo-da-índia do seu desodorizante. O olhar dele pousa, pesado, na minha boca.

– Já te disse – consigo balbuciar –, para parares de me tentar seduzir.

Ele levanta os olhos.

– Porquê?

Porque a minha melhor amiga gosta de ti.

Porque este grupo de amigos é demasiado importante para poder correr o risco de estragar tudo.

Porque não gosto de como me sinto descontrolada perto de ti, de como sempre que estás por perto só consigo concentrar-me em ti e tudo o resto perde a importância.

– Não namoras com amigas – digo-lhe.

– Não és minha amiga, Harriet – responde ele em voz baixa.

– Sou o quê, então? – pergunto.

– Não sei – diz ele. – Mas não és isso.

Os nossos olhares encontram-se e uma pressão embriagante cresce entre nós. O desejo dele e o meu começam a sobrepor-se, como duas metades de um diagrama de Venn a unirem-se no meio da cama de solteiro.

– Não podemos – murmuro.

– Por causa da Sabrina? – pergunta ele.

O meu coração dá um salto.

– Não – respondo em voz débil, pouco convincente.

– Não a vejo dessa maneira – diz ele.

– Vês toda a gente dessa maneira – digo.

– Não – nega ele com firmeza. – A sério que não.

– Wyn – murmuro. – Isto é... – Que palavra usou ele no outro dia? – Uma complicação.

– Eu sei – diz ele. – Acredita, estou a esforçar-me por não... não me sentir assim.

– Esforça-te mais. – Quero dizê-lo de forma ligeira e provocante. Em vez disso, sai-me em tom tão angustiado como me sinto.

– É isso que queres?

Não consigo mentir, por isso limito-me a levantar-me da cama.

– Devíamos dormir pelo menos um bocadinho.

Após alguns segundos, ele diz:

– Boa noite, Harriet.

8

VIDA REAL

Terça-feira

A primeira coisa em que reparo é num peso sobre o estômago, uma barra de pressão suave, como um cobertor pesado, mas mais concentrado. Uma brisa fresca corre sobre os lençóis. Aninho-me de novo no calor delicioso atrás de mim. Sinto a cabeça à roda quando me mexo. O meu estômago contrai-se. Algo duro roça-me na parte de trás das coxas e uma vaga de calor, de desejo, espalha-se por dentro de mim.

Raios!

Sento-me atabalhoadamente e abro os olhos para a claridade cinzenta da madrugada, com os cobertores enrolados nas pernas. Estou no chão.

Por que raio estou no chão?

Por que raio estou no chão com *ele*?

Olho em volta, à procura de pistas.

Cama *king size*. Janela aberta por cima dela, deixando entrar uma leve brisa. Pernas nuas, arrepiadas. E a *T-shirt* que tenho vestida... *Não!*

Merda. Merda. Merda.

Fina como papel de seda. Desbotada quase até à transparência, comprida o suficiente para, à frente, me dar pelo meio das coxas, sem contudo me tapar o rabo todo atrás. Nas costas, um *cartoon* de um cavalo a galope, com um *cowboy* montado nele, letras amarelas sobrepostas por cima da imagem: *ESTE NÃO É O MEU PRIMEIRO RODEO*.

Não, não, não, não, não, nem pensar. Esta *T-shirt* não é minha.

Sim, *era* a minha *T-shirt* de dormir preferida, mas depois de aquela caixa da UPS com as minhas coisas me aparecer à porta (apenas dois dias após o fim da relação), eu enfiara esta *T-shirt* – e todos os outros vestígios de Wyn que encontrei – na caixa da Crate & Barrel onde vinha o nosso primeiro serviço de loiça e devolvera-lha sem delongas.

Porque é que estou obcecada com a *T-shirt*?

Com certeza devia estar em pânico com o facto de o meu ex-noivo estar deitado ao meu lado no chão, em tronco nu, com a cara meio escondida na almofada, o braço ainda um peso morto sobre a minha barriga e a sua ereção entalada contra mim.

– *Psst!* – Empurro-o. Ele regressa de imediato à mesma posição. Eu sempre tive mau dormir, mas Wyn, que quando está acordado *nunca* para quieto, dorme tão profundamente que eu costumava ver se ele ainda tinha pulsação a meio da noite. – *Levanta-te!* – Empurro-lhe o ombro com mais força. Ele entreabre os olhos, franzindo-os com a claridade.

– O quê? – resmunga, fechando um olho para tentar focar a visão em mim. – O que se passa?

– O que se passa? – respondo por entre dentes. – Como é que isto aconteceu? Como é que eu deixei que isto acontecesse? Como é que *tu* deixaste que isto acontecesse?

– Espera. – Senta-se e afasta o cabelo da cara. – Diz-me o que aconteceu.

– O que aconteceu? – O meu sussurro é tão agudo que pareço uma chaleira a assobiar. – Dormimos juntos, Wyn!

Ele abre mais os olhos.

– Dormimos juntos? – Solta uma risada rouca. – Quando é que achas que podíamos ter feito tal coisa, Harriet? Entre tu e a Kimmy a beberem *shots* da barriga uma da outra e eu ter de te trazer ao colo... literalmente... pelas escadas acima?

– Mas... – Olho em volta, revendo todas as evidências que cataloguei. – Tenho a tua *T-shirt* vestida.

– Porque vomitaste na tua – diz ele. – E quando fui buscar-te uma lavada, exigiste, com grande *veemência*, a *T-shirt* de *já estive em tantos* rodeos*, porra.*

Olho para ele de boca aberta, tentando recordar a noite que ele está a descrever.

– Isso não parece coisa minha.

– Estás a brincar? – diz. – Disseste-me que querias ser enterrada com essa *T-shirt*. E depois disseste que não querias ser enterrada e que tínhamos de te cremar com ela vestida.

– Eu não faço *exigências* – replico.

– Pois – admite ele. – Essa parte foi uma agradável surpresa.

– Espera. – Sinto a cabeça a latejar. Aperto-a entre as mãos, com força. – Porque é que estou no chão?

– Porque te recusaste a ficar com a cama – explica Wyn.

– E porque é que *tu* estás no chão?

– Porque – continua ele – eu já me tinha recusado a ficar com a cama primeiro. Acho que estavas a tentar assumir uma posição de superioridade moral, mas caíste para o lado muito depressa e depois fiquei preocupado e tive medo que vomitasses outra vez e te engasgasses.

– Oh. – Mais uma martelada no prego que está a cravar-se por cima do meu olho direito. O meu estômago faz um som estranho, como um gambá simultaneamente moribundo e com o cio.

Lembro-me de beber de uma vez o copo de vinho na cozinha e de voltar a sair para o pátio.

Lembro-me de Parth pôr a tocar uma das suas famosas *playlists* pelas colunas exteriores, disfarçadas como pedras, e toda a gente a dançar menos Cleo e Wyn, que ficaram junto da fogueira a conversar, e lembro-me de como ele estava desprezivelmente belo, iluminado pelas chamas. Depois arrastámo-los à força para junto de nós e lembro-me de lhe dizer que quando estava sentado junto da braseira parecia o diabo, e de ele me dizer *Para de tentar seduzir-me, Harriet*, e de me sentir zangada e outra coisa qualquer completamente diferente. Daí para a frente, as memórias perdiam a nitidez. E se calhar ainda bem, a julgar por esta última recordação desconfortável.

– Porque é que tu não te sentes totalmente desgraçado neste momento? – pergunto.

– Se calhar – diz ele –, porque bebi metade da quantidade de vinho que tu bebeste, e cem por cento menos *shots* do que aqueles que tu bebeste da barriga da Kimmy.

– Isso foi mesmo *verdade*? – pergunto. – Bebi um *shot* da barriga dela?

– Não, não bebeste um *shot* da barriga dela.

Os meus ombros relaxam.

– Bebeste *quatro shots* da barriga dela.

– Porque é que ninguém nos impediu? – pergunto.

– Se calhar porque a Cleo foi para a cama cedo, a Sabrina e o Parth estavam a divertir-se como nunca e de cada vez que *eu* chegava perto de ti, esfregavas o rabo na minha braguilha até eu te deixar em paz.

Afasto-me dele o mais depressa que consigo.

– É absolutamente impossível que eu tenha feito tal coisa.

– Não te preocupes – diz ele. – Foi claramente um esfreganço vingativo.

Esfrego as sobrancelhas com as palmas das mãos.

Wyn pega no copo que está na mesa de cabeceira atrás de nós.

– Bebe um pouco de água.

– Não preciso de água – digo. – Preciso é de uma máquina do tempo.

– Não sou feito de dinheiro, Harriet. O que posso dar-te é água.

Tiro-lhe o copo da mão. Assim que acabo de beber, ele pega-lhe de novo e levanta-se, dirige-se para a parte do nosso palácio do sexo onde fica a casa de banho aberta e abre a torneira. Gatinho na direção da varanda e ponho-me de joelhos para abrir as portadas. Saio, com o cobertor a arrastar atrás de mim, para respirar umas golfadas do ar fresco do mar.

O sol ainda mal nasceu. Há demasiada neblina para se ver alguma coisa. Tudo é apenas uma bruma cinzenta tremeluzente.

– Toma.

Encolho-me ao ouvir o som da sua voz. Wyn saiu e, de pé ao meu lado, estende-me o copo com água e dois comprimidos de ibuprofeno. De má vontade, engulo-os.

– Não preciso que tomes conta de mim – digo.

– Sempre deixaste isso perfeitamente claro. – Baixa-se e senta-se ao meu lado na madeira húmida, com os braços à volta dos joelhos, a olhar para a água. Ou para onde a água estaria, escondida atrás daquela cortina prateada. – Desde quando é que bebes daquela maneira?

– Não costumo beber assim. – Ele olha para mim de lado e eu acrescento: – Em circunstâncias normais. Mas se bem te lembras, *estas* circunstâncias *não são o ideal.*

Ele afasta o cabelo do rosto.

– Posso perguntar-te uma coisa?

– Não – respondo.

Ele acena com a cabeça e fita em silêncio o horizonte invisível.

A minha curiosidade cresce até não conseguir ignorá-la.

– Está bem. O que é?

– És feliz, não és? – Olha para mim de lado, com os cantos da boca tensos, rugas pensativas entre as sobrancelhas.

Aquela exagerada sensação de oscilação abala-me por dentro, agravada pelo facto de haver um oceano turbulento de álcool no meu estômago.

Não existe uma resposta certa. Se lhe disser que tomou a atitude correta, estou a absolvê-lo. Se lhe disser que não sou feliz, admito que, mesmo agora, parte de mim ainda o deseja. Que ele voltou a ser o meu membro fantasma, uma dor imparável onde me falta qualquer coisa.

Sou salva pelo gongo. Só que, em vez de um gongo, é uma aplicação de uma buzina no volume máximo, a ecoar pelo corredor, seguida de um grito abafado – Kimmy:

– GLADIADORES DE SUPERMERCADO, PESSOAL!

Parth toca de novo a buzina.

Wyn levanta-se à pressa, a pergunta esquecida, a minha resposta evitada.

– Pelo menos *alguém* se lembrou de beber muita água antes de ir dormir.

9

VIDA REAL

Terça-feira

– Nunca gostei tanto de um supermercado – digo –, como gosto deste.

– Eu adoro todos os supermercados. – Sabrina empurra o carrinho e contorna a extremidade de um corredor, virando na direção da secção de legumes, que é colorida como uma caixa de lápis.

– Para ser franca, já não gosto tanto de supermercados – diz Cleo. – Depois de uma pessoa começar a cultivar as suas próprias frutas e legumes, tudo o resto parece muito desenxabido em comparação.

– Ai, sim? – Sabrina detém-se para apalpar umas mangas. – Não faço ideia, por acaso.

Algo no seu tom deixa bem claro que é uma alfinetada. Ou pelo menos é o que dá a entender, e a forma como Cleo olha para cima, sem sequer revirar os olhos, só o confirma.

– Já te disse – diz Cleo. – Podes vir visitar-nos no inverno. Agora é uma época muito atarefada. – Olha para mim. – É um convite aberto, Harry, se tu e o Wyn quiserem vir também à quinta nessa altura, adorávamos receber-vos.

Concentro-me numa caixa de morangos, à procura de algum com bolor. Mas como este mercado costeiro adorável foi abençoado pelos anjos, não há o menor indício de tal coisa. Inspeciono mais três caixas, todas impecáveis.

– A sério – digo. – É o melhor supermercado do planeta.

– Gostas deste supermercado porque não tens de tomar decisão nenhuma, porque estás sempre connosco e eu sou boa a fazer listas de compras – diz Sabrina. – E odeias todos os outros supermercados porque eu não estou lá

para planear as tuas refeições. Se voltasses para Nova Iorque, podíamos resolver esse problema. – Vira-se para Cleo. – E o Parth e eu somos hóspedes fantásticos, se queres mesmo saber. Levamos sempre um *babka* de chocolate do Zabar.

Fala em tom inexpressivo, com aquele ar indiferente típico de Sabrina, mas percebo pela expressão de Cleo que as pequenas alfinetadas estão a atingir o alvo.

– Não cancelámos a vossa visita por acharmos que não seriam bons hóspedes – diz. – Mas as coisas começaram a ficar caóticas.

Antes que Sabrina possa responder, intervenho:

– Bom, fico contente por tu e a Kim conseguiram vir, mesmo assim. Significa muito.

A expressão dela suaviza-se num sorriso.

– Também eu. – Passa a mão pelo braço de Sabrina. – Quer dizer, não é todos os dias que dois dos nossos melhores amigos se casam.

Sabrina sorri também, a irritação aparentemente esquecida.

– Bom, neste caso, será pelo menos duas vezes, porque ainda temos de organizar uma cerimónia maior para a família. Além disso, por vontade do Parth, o mais certo é que ainda haja mais três ou quatro festas de casamento espalhadas ao longo do tempo.

– Ora, com certeza – digo. – Tens de ter a certeza de que pega.

Do outro lado da loja, oiço Kimmy a gritar ordens a Wyn e a Parth como se estivesse a espicaçar um par de mulas. A sua estratégia neste pseudo jogo é sempre ser o mais rápida possível, o que significa que têm de dar a volta à loja toda umas três vezes enquanto Cleo, Sabrina e eu deambulamos a passo

de caracol, provando a fruta e estudando o frigorífico *impressionante* de queijos importados. Regra geral até têm alguns dos queijos de frutos secos preferidos de Cleo.

O jogo foi-se tornando mais elaborado com o passar dos anos. Estamos agora no ponto em que Sabrina faz as listas, as corta em tirinhas minúsculas de uma linha, dobra-as, coloca-as numa taça e cada um de nós, à vez, vai tirando papelinhos com artigos de mercearia até ambas as «equipas» terem o mesmo número.

Outra razão para que isto não seja realmente uma competição: Sabrina claramente não está nada preocupada em vencer, e ela é *sempre* hipercompetitiva.

– Esperem um bocadinho. – Cleo afasta-se pelo corredor dos refrigerados e volta com três garrafas de água de coco. Coloca duas no carrinho e estende-me a terceira.

– Estás verde.

Sabrina examina-me.

– É mais amarelo-esverdeado, como o licor de *chartreuse.*

Uma memória súbita: Parth a dar-nos copos de líquido verde com sombrinhas de papel enquanto dançávamos, transpiradas, pelo pátio.

Faço uma careta.

– Nem digas essa palavra.

Sabrina solta a sua risada de bruxa.

– E se for *cor de vinho*?

Pego num mirtilo do Maine e atiro-lho. Na parte da frente da loja, alguém está a dar vivas. «We Are the Champions» começa a tocar nos telemóveis.

– Uau – diz Sabrina, enfiando dois mirtilos na boca. – Ganharam outra vez. Quem diria?

– Não sei como é que a Kimmy consegue estar de pé – comento –, quanto mais aos gritos e vivas.

– Também não sei. É sobre-humana – diz Cleo. – E também porque me acordou para me contar dos *shots* e eu aproveitei para lhe despejar um litro de água pela goela abaixo. – Ergue a sobrancelha. – Até estou espantada por o Wyn não ter feito o mesmo por ti. Ele estava totalmente sóbrio quando me fui deitar.

Para disfarçar, inspeciono uma embalagem de mirtilos.

– Aha! – Viro-me. – Estás a ver? Bolor.

– Todas as rosas têm espinhos – diz Sabrina, virando o carrinho na direção das caixas. – Tal como todos os *cowboys* cantam a sua triste, triste canção.

Outra memória fugaz: eu, ajoelhada em cima do edredão que Wyn pôs no chão. *Mãos para cima*, diz ele em tom carinhoso. Despe-me a *T-shirt* branca suja e passa-me uma toalha húmida pelo pescoço, para limpar os resquícios de vómito. Eu mal consigo ter os olhos abertos. *Trouxeste-me a* T-shirt *dos* rodeos*? A* T-shirt *«já estive em tantos* rodeos*, porra»?*

Trouxe, diz ele. *Mãos para cima outra vez.* Não devo ter levantado bem os braços, porque sinto as palmas das suas mãos calejadas na parte de baixo dos bíceps, a empurrá-los para cima. Depois o tecido macio como manteiga a deslizar-me por cima da cabeça e dos braços, caindo sobre a parte de cima das minhas coxas.

Adoro esta T-shirt, murmuro.

Eu sei, diz ele, e tira-me o cabelo de dentro da gola. *Foi por isso que a trouxe. Agora dorme.*

– Har? – A voz de Cleo arranca-me à memória. – Agora estás mesmo a ficar cor de vinho.

– Oh, não. – Levo a mão à boca e corro para a casa de banho.

*

Assim que passo sob a sineta da porta da livraria Crime, Leu Ela, sinto-me quinhentas mil vezes melhor.

Quer isto dizer que continuo a sentir-me como merda, mas merda rodeada de livros e montras aquecidas pelo sol. Merda com um café com leite gelado e muito doce a correr-lhe nas veias.

Nunca terminei de ler um capítulo, quanto mais um livro inteiro, nestas viagens anuais, mas sempre adorei vir aqui e escolher a minha próxima leitura.

Wyn e Cleo afastam-se para a secção de Não Ficção e Kimmy para o lado do Romance. Parth dirige-se para a Ficção Geral e Sabrina vira na direção do Terror. Eu sou a única que se aproxima do caixão preto montado na parede, com a porta entreaberta à minha espera, a palavra *Policiais* pintada em letras douradas por cima.

Atravesso e do outro lado há um espaço quase tão vasto como todos os outros géneros juntos.

Nunca fui grande leitora até ao verão antes de ir para a universidade, quando, de repente, todas as minhas atividades extracurriculares cessaram. A entrada (e a bolsa!) na universidade dos meus sonhos já estava garantida, e pela primeira vez na vida dei por mim aborrecida e sem nada que fazer.

Encontrei um livro policial de bolso no antigo quarto de Eloise, que era agora o escritório da família, quando andava à procura de fita adesiva. Sentei-me a ler no parapeito da janela e só levantei a cabeça quando o terminei. Depois fui de imediato à biblioteca buscar outro. Provavelmente li uns vinte policiais nesse verão.

Passo os dedos pelas lombadas e aprecio os trocadilhos dos títulos, cada um pior do que os outros. Quando tiro um da prateleira, Cleo aparece ao meu lado.

– Pensei que já tinhas lido esse.

– Este? – Mostro-lho. – Se calhar estás a pensar em *Morto por Ganhar.* É sobre o leiloeiro assassinado na angariação de fundos. Este é *Morto por Amassar,* sobre um padeiro que encontra um corpo dentro de uma saca de farinha.

– Um corpo inteiro? – pergunta ela.

– Era uma saca das grandes – respondo. – Ou então um corpo pequeno, não tenho a certeza, mas por apenas seis dólares e noventa e nove cêntimos, vou descobrir. Já encontraste alguma coisa para ti?

Ela ergue um livro do tamanho de um dicionário com a ilustração de um grande cogumelo na capa verde-clara.

– E *tu*, não leste já *esse*? – pergunto.

Ela sorri.

– Estás a pensar em *Fungos Fabulosos.* Este é *Cogumelos Singelos.*

– Que parvoíce a minha.

Ela inclina-se e espreita pela porta para o outro lado da loja.

– Então o que achas de tudo isto?

– O quê?

– A Sabrina e o Parth. Casarem daqui a cinco dias – diz ela.

– Suponho que quando uma pessoa tem a certeza, tem a certeza. – Volto a colocar o livro na prateleira e estudo os outros.

– Pois. – Um momento depois, diz: – Mas é que tenho-a achado um bocadinho estranha.

– A sério? – Não dei por nada, mas a verdade é que não tenho estado muito presente nos últimos meses, porque sabia que da próxima vez que falássemos, que falássemos *mesmo*, teria de falar sobre a separação.

– Talvez eu esteja a exagerar – diz Cleo, agitando o copo de chá gelado de framboesa. – Mas o mês passado ela mandou-me uma mensagem, do nada, a dizer que ela e o Parth nos iam visitar. E eu disse que sim, porque ela parecia decidida. Mas depois apercebi-me de que estávamos cheias de trabalho e pedi-lhe para remarcar, e ela mal voltou a falar comigo desde então. Quando chegámos, ontem, tentei falar com ela sobre o assunto e ela não deu importância, e de repente hoje parece estar outra vez zangada por causa disso.

Os meus dedos detêm-se numa lombada: *Crime na Maternidade*.

– Acho que deve estar a custar-lhe muito esta situação da venda da casa – digo. – Com certeza não é nada pessoal.

Cleo franze os lábios.

– Talvez. – Levanta as tranças e sacode-as para refrescar o pescoço. Não corre ar nenhum aqui dentro, e a humidade é densa. – Vou tentar voltar a falar com ela hoje à noite. Só queria ver se tu tinhas dado por alguma coisa... diferente.

– Não! – respondo, se calhar em tom demasiado animado. – Parece-me tudo perfeitamente normal!

Cleo inclina a cabeça. Estou meio à espera de a ouvir gritar *Tu e o Wyn estão separados, não estão?* a qualquer instante. Em vez disso, ela enfia o braço no meu e apoia a cabeça no meu ombro.

– Devo estar cansada – diz. – Fico sempre mais preocupada quando estou cansada.

Franzo a testa. Tenho estado tão absorvida nos meus próprios problemas (e/ou tão embriagada) que não me apercebi de como o rosto dela emagreceu, e das olheiras escuras.

– Eh – digo –, está tudo bem *contigo*?

– Porque não havia de estar? – É uma resposta estranhamente evasiva para Cleo.

– Porque estás à frente do raio de uma quinta inteira – digo. – E és apenas uma mulherzinha delicada com pouco mais de metro e meio.

O seu sorriso ilumina-lhe todo o rosto.

– Sim, mas esqueces-te de uma coisa: a minha namorada é uma deusa de sangue escandinavo com quase um metro e oitenta, capaz de beber quatro pipas de vinho e mesmo assim vencer a corrida do supermercado.

– Cleo... – digo.

Ela olha para trás por cima do ombro e baixa a voz.

– Está bem, sim, estou stressada – admite. – A verdade é que a Kimmy e eu passámos as últimas três semanas a discutir se devíamos ou não vir na viagem deste ano. Quando disse à Sabrina que se calhar não conseguíamos vir, a conversa não correu *nada* bem, por isso decidimos que viríamos passar

só um ou dois dias. Mas agora não podemos voltar antes do final da semana, e andamos aflitas a ver se conseguimos que os vizinhos cuidem das nossas coisas.

– Lamento muito – digo. – Como posso ajudar?

– Não te preocupes. É só uma semana de *stress*. Bom, e a semana que vamos demorar a recuperar o tempo perdido quando voltarmos.

– Eh!

Por alguma razão – muito possivelmente relacionada com todos os subterfúgios em que me vejo enredada neste momento – dou um salto quando Sabrina enfia a cabeça entre nós.

Cleo também se sobressalta.

– Não assustes as pessoas dessa maneira!

– Ah... literalmente tudo o que fiz foi caminhar nesta direção – diz Sabrina. – Apanhei-as em alguma transação de drogas ilegais? – Estica o braço para pegar no livro de Cleo e olha para a capa. – Cogumelos? Outra vez?

Cleo aperta os lábios.

– São fascinantes.

– E tu, Sab? – interrompo. – Encontraste alguma coisa?

– Oh, meu Deus, sim – diz ela. – Este livro é uma versão ficcional da história do Grupo Donner.

– Que... interessante – digo.

Ela solta uma risada maníaca e tira-me o livro da mão. Nem me tinha apercebido de que tirara alguma coisa da prateleira, talvez quando ela nos

apanhou de surpresa.

– Harry – diz, enquanto lê a contracapa –, este livro é tão macabro como o meu.

– Garanto-te que não é.

– Um *designer* de interiores encontra uma mão dentro da parede – diz ela.

– Sim, mas é *aconchegante*. – Tiro-lhe o livro.

– Como é que isso pode ser aconchegante? – pergunta ela.

– É um policial aconchegante – respondo. – É difícil de explicar.

– Está bem... – Interrompe-se com um gritinho de surpresa quando Kimmy aparece atrás do seu ombro. Ao meu lado, Cleo apoia-se na estante.

– Porque é que estão todas tão assustadiças? – pergunta Kim.

– A Sabrina anda outra vez a ler coisas sobre o Grupo Donner – diz Cleo.

– É ficção – responde Sabrina.

– Onde estão o Parth e o Wyn? – pergunta Cleo. – Já estão despachados?

Kimmy encolhe os ombros.

– Passei pelo Parth ao pé dos livros sofisticados.

– O que são livros sofisticados? – indago.

– Ela quer dizer que o Parth está à procura de alguma coisa que o *New York Times* tenha descrito como «revelador» – explica Sabrina.

– Por acaso... – Parth aproxima-se já com um saco de papel na mão. – Escolhi este porque o *Wall Street Journal* lhe fez uma crítica tão má que faço questão de o ler. Foi escrito por um casal que, normalmente, publica coisas de forma independente. Um deles escreve romances literários gigantes e o outro escreve histórias românticas.

– O quê?! – Kimmy pega no livro. – Eu conheço-os!

– A sério? – pergunta Parth.

– Foram meus colegas no Michigan – diz. – Mas na altura ainda não eram um casal. Os livros dela são *muito* eróticos. Este é erótico?

– O *Wall Street Journal* não fez qualquer menção a esse aspeto – diz Parth.

– O Wyn já está despachado? – pergunta Sabrina.

– Está a pagar – confirma Parth.

– O que é que ele comprou, um livro do Steinbeck? – pergunta ela.

Parth encolhe os ombros.

– Não sei.

Nem pensar que Wyn comprou uma obra de Steinbeck. Até estou surpreendida por ele estar a comprar um livro, na verdade, porque nunca temos tempo para ler nestas viagens e ele é cuidadoso com os seus gastos. Mas se *fosse* comprar um livro, não seria sobre o Oeste americano. Parecer-lhe-ia demasiado uma caricatura.

Parth e Sabrina conduzem-nos até à caixa. Cleo paga o seu livro de cogumelos e eu compro *Morte por Design*. Saímos para a rua empedrada. O sol está alto e não resta qualquer vestígio de neblina, apenas um céu azul deslumbrante. Do outro lado da rua, Kimmy vê um carrinho com flores em frente da florista e, com um gritinho deliciado, arrasta Cleo consigo.

– O Parth e eu vamos buscar mais café. – Sabrina inclina a cabeça na direção do Warm Cup, o café ao lado da livraria, que tem o balcão aberto para o passeio, sob um toldo. Já lá estivemos duas vezes hoje. Uma antes do mercado, outra depois.

– Querem alguma coisa? – pergunta ela.

– Não, obrigada – respondo.

– Wyn?

Ele abana a cabeça. Depois de eles se afastarem, ficamos ambos em silêncio, a evitar olhar para o outro.

– Era para te dizer – diz ele por fim. – Falei com o Parth ontem à noite.

– E?...

Ele pigarreia ao de leve.

– Tens razão. Só podemos contar-lhes depois desta semana.

Não sei bem porquê, mas o alívio invade-me ao ouvi-lo. É garantido que o resto da minha semana será um tormento. Mas pelo menos Sabrina e Parth terão o seu dia perfeito.

Wyn recebe uma mensagem. Normalmente não dá tanta atenção ao telemóvel. Enquanto a lê, inclino-me um pouco para ele e tento espreitar para dentro do saco de papel da livraria.

Ele volta a guardar o telemóvel no bolso.

– Podes perguntar, sabes.

– Perguntar o quê?

Ele levanta as sobrancelhas. Olho para ele, impassível. Lentamente, ele tira a sua compra do saco e estende-mo. É enorme.

À Maneira de Eames; A Vida e o Amor por Trás da Emblemática Cadeira.

– Isto é um livro de mesa de centro – digo.

– É? – Inclina-se para o ver melhor. – Merda. Pensei que fosse um avião.

– Desde quando é que compras livros destes? – pergunto.

– É alguma pergunta com rasteira, Harriet? – diz ele. – Sabes que não é preciso uma licença especial para comprar livros destes, certo?

– Sim, mas é preciso ter uma mesa de centro – digo. – E a mesa de sala da Gloria não terá espaço para este livro.

A mãe de Wyn é uma acumuladora. Não no mau sentido, apenas dá muito valor sentimental às coisas. Ou melhor, o pai dele era assim, e Gloria não mudou grande coisa na casa da família Connor depois da morte do marido.

Da última vez que lá estive, não restava praticamente um centímetro de espaço livre no frigorífico. Havia uma fotografia de grupo que tínhamos tirado todos juntos na nossa primeira viagem à casa de férias de Sabrina, ao lado do anúncio de casamento de um dos primos de Wyn que entretanto já se casara, divorciara e voltara a casar. O diploma de engenheira da irmã mais velha dele, Michael, estava na prateleira por cima da lareira, ao lado de um conto emoldurado que a irmã mais nova, Lou, escrevera com nove anos, ao lado de uma fotografia emoldurada da equipa de futebol de Wyn na escola secundária.

Sem contar com a falta de espaço na sua casa de infância, este livro devia ter custado pelo menos uns sessenta dólares, e Wyn nunca fora pessoa de gastar muito dinheiro. Nem consigo próprio, nem em coisas cujo valor fosse primariamente estético. No nosso primeiro apartamento, usou um monte de caixas de sapatos como mesa de cabeceira até encontrar uma velha na rua que pudesse arranjar.

Ele tira-me o livro da mão e volta a guardá-lo no saco. Ainda estou a olhar para ele, perplexa, a tentar encontrar sentido em todas as pequenas diferenças entre o Wyn de há cinco meses e o Wyn que tenho perante mim, mas ele está de novo a olhar para o telemóvel.

Kimmy aproxima-se, aos saltinhos, com um ramo de girassóis.

– Onde estão o Parth e a Sabrina? – pergunta, protegendo os olhos do sol com a mão.

– A Sabrina precisava de mais café – diz Wyn. – E o Parth precisava de mais Sabrina.

– Oooh... – Leva a mão ao coração. – Eles são tão queridos. Aterrorizadores, mas queridos.

Vejo Wyn olhar de novo para dentro do saco com um leve sorriso no rosto.

Dentro do meu peito, uma pedra de tonelada cai.

Oh, meu Deus.

A barba, o corpo ligeiramente menos tonificado, o livro de mesa de sessenta dólares. *Estas mensagens constantes.*

Ele estará a... a *fazer o ninho?*

Estará a *viver* com alguém?

O baloiço dentro de mim pende bruscamente para o outro lado. Uma rajada de ar condicionado e um cheiro a café pairam na nossa direção quando Sabrina e Parth saem do café.

– Não sei o que vocês acham – diz Sabrina depois de sorver ruidosamente o café –, mas eu já comia uns sonhos.

Normalmente, essa perspetiva deixar-me-ia de água na boca.

Neste momento, porém, pensar em pôr qualquer coisa frita no meu estômago sensível é pior do que ouvir falar em «cor de vinho» mil vezes seguidas.

O meu sorriso é tão forçado que me faz doer os maxilares.

– Boa ideia.

– Oh, girassóis! A Sab adora girassóis. – Parth inclina-se para os cheirar.

Kimmy estende-lhe o ramo.

– São para vocês.

– É só uma amostra – explica Cleo. – Encomendámos uns *bouquets* para sábado.

Sabrina, que estava a olhar para as flores como se fossem uma espécie de cavalo de Troia, recheadas à socapa com minúsculas enciclopédias sobre cogumelos, solta uma exclamação deliciada e bate palmas.

– Cleo! Não precisavas de ter feito isso! – Passa o braço à volta do pescoço de Cleo e puxa-a para si. – São maravilhosas.

– *Tu* é que és maravilhosa – diz Cleo, e começa a descer a rua. Seguimo-la todos, como patinhos bebés.

– Não, pessoal – diz Parth. – *Eu* é que sou maravilhoso.

Wyn deixa-se ficar para trás, ao meu lado, e pergunta em tom seco:

– O que é que acabou de acontecer aí?

– Aí onde? – pergunto.

– No teu cérebro – diz ele.

– *Shots* – respondo. – O meu cérebro está cheio de *shots.*

– Uma cirurgiã e ao mesmo tempo uma anomalia médica – diz ele.

– O que queres que te diga? – respondo impassível. – Sou...

– Eu sei. – Descreve um círculo com o braço. – *Vasta.*

Sinto um aperto no estômago ao ouvi-lo mencionar a nossa brincadeira privada com tantos anos.

– Eu ia falar da minha ressaca, mas está bem.

10

LUGAR FELIZ

MATTINGLY, VERMONT

Um novo apartamento, para o nosso último ano de estudantes, no piso térreo de um edifício vitoriano branco com a tinta a descascar, no limiar da cidade. Janelas que abanam sempre que sopra o vento e um alpendre meio abatido onde Sabrina e eu tencionamos passar o outono a beberricar sidra quente com *brandy*, e um quintal ao lado da casa no qual prometo ajudar Cleo a plantar uma horta: brócolos, couve-flor, couve-rábano, coisas capazes de tolerar o frio que chegará dentro de poucos meses.

Wyn devia estar em Nova Iorque neste momento, a partilhar um estúdio com Parth, a instalar-se numa nova cidade enquanto o seu melhor amigo estuda Direito em Fordham. Se não tivesse chumbado pela segunda vez àquela cadeira de Matemática, se não se tivesse esquecido de que precisava de ter uma cadeira de História, tudo poderia ser diferente.

Assim, veio viver connosco. Para poupar dinheiro, Cleo e eu partilhamos o quarto maior. Sabrina fica com o do lado. Wyn ocupa a divisão minúscula que seria originalmente para mim.

Na manhã depois da mudança, Parth manda entregar *donuts* para nós. O bilhete diz: *Se não vierem todos estudar para Nova Iorque no próximo ano, processo-vos.*

Em termos realistas, eu terei de ir para a faculdade de Medicina que me aceitar. Da mesma forma, Sabrina terá de escolher a próxima cidade com base na sua entrada em Direito, e Cleo fará o mesmo com um programa de Belas-Artes. Mas a ideia é sedutora – todos nós, juntos, numa cidade nova –

embora eu não saiba bem como sobreviverei *um* ano sequer a viver sob o mesmo teto que Wyn Connor.

Na primeira semana, conseguimos nunca ficar a sós. Contudo, por fim, certa manhã encontramo-nos bem cedo, na cozinha abafada. O sol está a nascer e ele está a fazer café. Enche uma caneca com a bandeira do Montana estampada de lado, e estende-ma.

– Quero que saibas que compreendi o que me disseste – murmura ele. – No Maine.

A sua voz, ainda rouca do sono, arrepia-me todos os cabelos da nuca. A sua proximidade, aqui no silêncio matinal, é avassaladora.

– Não quero que te preocupes em relação ao próximo ano – diz-me. – Não tornarei as coisas complicadas.

Consigo balbuciar qualquer coisa como «Oh, está bem», na voz de uma pessoa com medo do palco e uma infeção na garganta que resolve experimentar cantar à tirolesa em público.

E depois ele inclina a cabeça num aceno breve e sai pela porta das traseiras para ir cortar a relva, antes que o dia fique demasiado quente, e mais uma vez eu fico ali parada, à espera que o feitiço se quebre.

Ele cumpre a sua palavra, o ano todo. Uma ou duas vezes por semana sai com mulheres que nós nunca chegamos a conhecer. Depois, no inverno, começa a sair várias vezes com a mesma mulher, uma bailarina chamada Alison. É linda. É simpática. Mas nunca se demora mais do que alguns minutos antes de saírem os dois. Tento ficar feliz por ele. É o que uma amiga faria.

Às vezes, oiço a voz dele na minha mente a dizer *Não és minha amiga, Harriet.*

Ele tem dificuldades com a matemática e ofereço-me para o ajudar. Às terças-feiras fazemos serão a estudar na biblioteca dourada e poeirenta de Mattingly. Ele resmunga, queixa-se, diz que o seu cérebro não foi feito para estas coisas.

– Então foi feito para quê? – pergunto, e ele diz:

– Folhas secas. Essas gostam apenas de esvoaçar.

Já reparei que tem o hábito de fazer isso, de se minimizar, de se subestimar a si próprio, e diz essas coisas como se fossem uma piada, mas acho que está a falar a sério e isso incomoda-me.

Enquanto estudamos para os exames finais, ele traz-me coisas da máquina de venda automática, café e miniqueques de chocolate, e *Snickers* e *Skittles*, e mesmo com tanta cafeína e açúcar e a excitação de estar perto dele, um dia adormeço com a cara no manual e acordo com ele a sacudir-me o ombro do outro lado da mesa.

Quando levanto a cabeça, Wyn sorri e limpa-me uma mancha de caneta da cara.

– Obrigada – digo, ensonada.

– Os amigos são para as ocasiões – diz ele.

Não és minha amiga, Harriet.

Nós os quatro cozinhamos jantares elaborados na nossa cozinha apertada, com Sabrina no papel de *sous chef*. Sentamo-nos no alpendre, enquanto Cleo nos desenha em cem poses diferentes, e, quando neva, Wyn e eu fazemos

longas caminhadas pela cidade para ir comprar chocolate quente ou café com leite e xarope de ácer, apesar de ele quase nunca tocar em doces.

Quando um de nós vai a Hannaford às compras, confirmamos sempre se o outro precisa de alguma coisa, e mesmo quando eu digo que não, ao regressar a casa Wyn põe uma caixa de gelado de mirtilo à minha frente em cima da secretária, sem uma palavra.

E quando Sabrina descobre que conseguiu entrar em Direito na Universidade de Columbia, e como que por obra do destino eu entro lá também em Medicina – e, numa das grandes reviravoltas da vida, Cleo anuncia que vai trabalhar numa quinta urbana em vez de fazer o mestrado em Belas-Artes – nem sequer resisto à ideia de encontrarmos um apartamento todos juntos, com Parth, em Nova Iorque, de partilhar mais um teto com Wyn Connor.

Ele tornou-se o meu melhor amigo, tal como acontece sempre, pouco a pouco, como areia a escorrer por uma ampulheta, tão devagar que é impossível identificar o momento exato em que acontece. Em que, de súbito, é maior a parte do meu coração que lhe pertence do que o resto, e sei que nunca mais poderei voltar atrás.

Ele é um menino de ouro. Eu sou uma rapariga cuja vida foi desenhada em tons de cinzento.

Tento não o amar.

Tento mesmo.

11

VIDA REAL

Terça-feira

Geralmente, à terça-feira, vamos passar o dia ao Parque Nacional de Acadia, o lugar mais belo que alguma vez vi e, talvez mais importante ainda, onde fica o restaurante que serve os nossos sonhos preferidos.

Há semanas que ando a sonhar com esses bolinhos fofos, barrados com doce de morango, mas agora tudo o que quero é enfiar-me num buraco escuro e fresco com uma saca de *Tums* para a azia e dois litros de *ginger ale*.

Depois de uma passagem rápida por casa, para mudar de roupa, beber água e ir à casa de banho, enchemos os carros com as coisas para o piquenique. Conseguir despachar tudo e pôr toda a gente fora de casa é como tentar pastorear gatos pedrados. Como se os gatos estivessem pedrados e o pastor de gatos também.

Mal Parth reaparece, depois de ter ido à procura dos óculos de sol, Kimmy lembra-se de que precisa de fazer chichi e volta a entrar.

Sabrina diz:

– Acham que as primeiras duas horas de todos os dias delas na quinta são passadas com a Cleo a mandar a Kimmy a casa buscar todas as peças de roupa que se esqueceu de vestir?

– E mais uma vez quando ela percebe que enfiou as calças na cabeça sem querer – diz Cleo de junto dos carros.

– Não é sem querer, amor – diz Kimmy, saindo de novo a correr. – Só estou à espera do dia em que finalmente te renderás à minha abordagem futurista à moda.

– Podes vestir o que quiseres – diz Cleo. – Estou mais interessada no que está por baixo.

– Oohh... – Kimmy beija o pescoço de Cleo. – Não sei se estás a ser lasciva ou sentimental, mas aceito o que quer que seja.

Sabrina dá uma palmada na testa.

– O vinho. Podes dar um salto lá a baixo?

– Escolho qualquer coisa cor-de-rosa ou branco? – pergunto.

Ela abana a cabeça.

– É o Didier Dagueneau «Silex» de 2018. Importas-te?

– Não é que me importe – digo. – É que reconheci muito poucas dessas palavras.

– «Silex» – repete ela, debatendo-se com os vários sacos que tem aos ombros. – É o que diz no rótulo, e queremos o ano de 2018. É um branco.

Pouso o meu saco à entrada de casa. A porta da adega está entreaberta, as luzes acesas. Ao que parece, há aqui garrafas que valem vinte mil dólares. Espero que nenhuma delas comece também por *Silex* e acabe em *eau.*

Enquanto desço, oiço ruído lá em baixo.

Ao fundo dos degraus viro a esquina e estaco ao ver Wyn, delineado pela luz dourada suave, como um anjo caído torturado representado por James Dean.

– *Silex qualquer coisa-qualquer coisa*? – diz ele.

– A Sabrina deve ter-se esquecido de que te tinha mandado cá abaixo. – Dou meia-volta para subir.

– Estou a olhar para isto há dez minutos. Não está aqui.

Hesito. Quando imaginei refugiar-me numa cave fresca e escura, não era isto que tinha em mente, mas se Sabrina meteu na cabeça que é este vinho que quer, ninguém sairá daqui enquanto não o encontrarmos. Literalmente. Quando mete uma ideia na cabeça, não há margem de manobra. Basta pensar na forma como reagiu quando Cleo cancelou a visita que ela e Parth tencionavam fazer à quinta.

Suspiro e aproximo-me dele, agachando-me em frente da garrafeira e passando os dedos pelos rótulos.

– Já procurei em todo o lado – diz ele, mal-humorado.

– É praticamente uma lei universal que se uma pessoa procura qualquer coisa durante certo período de tempo, a próxima pessoa que se aproximar encontrará de imediato aquilo que é procurado.

– E como é que isso está a correr? – diz Wyn.

Entre as dezenas de *chardonnays, rieslings, sauvignon blancs e gewüztraminers*, não há *Silex* nenhum.

– Satisfeita? – pergunta ele.

Sinto os cabelos da nuca em pé com o tom divertido da voz dele. O meu cérebro vai parar ao sítio pior que podia nesta divisão específica.

A adega, para nós, está cheia de fantasmas. Não dos assustadores. Fantasmas *sexy.*

Endireito-me.

– Traz um branco qualquer que não pareça muito caro.

Os olhos dele cintilam.

– Queres que procure um autocolante a dizer «Saldos», Harriet?

– Escolhe uma de que haja várias – sugiro, e quase corro para as escadas, como se ele fosse uma maré da qual tenho de fugir.

A meio das escadas, vejo que a porta está fechada. Quando chego lá acima, a maçaneta não roda. Nem um bocadinho.

Bato na porta.

– Sab?

Wyn aparece ao fundo das escadas, com uma garrafa de vinho na mão.

– A porta deve ter-se trancado – explico.

– Porque é que a fechaste? – pergunta ele.

– Bom, estava com esperança de que se trancasse automaticamente, *pelo lado de fora*, deixando-me presa aqui em baixo *contigo* – respondo em tom sério.

Ele ignora o sarcasmo e sobe as escadas, afastando-me para tentar rodar a maçaneta.

– Parece estar trancada – diz, provavelmente para me irritar. Dá uns murros na porta. – Cleo? Parth? Alguém?

Sinto o calor que se ergue da pele dele. Desço dois degraus e procuro o telemóvel nos bolsos. Mais uma vez, os meus bolsos são minúsculos e por isso o telemóvel deve estar dentro da minha mala, no vestíbulo.

– Liga para alguém – digo.

Wyn abana a cabeça.

– Deixei o telefone no carro. Não tens o teu?

– Lá em cima – digo. – Temos de esperar que eles se fartem de esperar e mandem alguém para nos apressar.

Wyn geme e senta-se no degrau de cima, pousando a garrafa ao lado dos pés. Baixa a cabeça e cruza os dedos na nuca.

Pelo menos não sou a única que está a entrar em pânico.

Claro que eu estou a entrar em pânico por estar aqui fechada com *ele*, e *ele* está a entrar em pânico porque é claustrofóbico. Tem essa fobia desde que, quando era pequeno, um roupeiro partido lhe caiu em cima, na oficina dos pais, quando não estava mais ninguém em casa. Ficou preso lá debaixo durante horas.

Assim que a porta se abrir, ele fica bem. Mas eu ainda estarei com a cabeça a andar à roda por causa da compra de um estúpido livro de mesa.

De repente, com horror, apercebo-me de algo. A escada parece baloiçar e tenho de me segurar ao corrimão para não cair.

– O que é? O que se passa? – Wyn levanta-se de um salto e segura-me nos cotovelos. Por entre as manchas negras que me obscurecem a visão, vejo vislumbres da sua boca tensa.

– Íamos levar dois carros – digo, num fio de voz. – Íamos levar dois carros, eles podem ter arrancado os quatro no *Rover*.

Os olhos dele escurecem, nuvens de tempestade a encobrir o verde.

– Não fariam uma coisa dessas.

– É muito possível – digo.

– Não precisamos de partir do princípio de que foi isso que aconteceu. Podem vir abrir-nos a porta a qualquer instante. – Olha para o teto, como se estivesse a fazer contas de cabeça.

Desço o resto dos degraus para tentar recuperar o espaço entre nós. Mas ele segue-me.

– Isto não é culpa minha, Harriet.

– E por acaso eu disse que era?

– Viraste-me costas e afastaste-te intempestivamente – diz ele. – Isso implica alguma coisa.

Viro-me para ele.

– Wyn. Estamos num caixote de três metros e meio. Eu não me afastei intempestivamente. Não há espaço para me afastar intempestivamente. Mas se o que queres é lembrar-me que fui *eu* que fechei a porta, já percebi.

– Não estou a pôr as culpas em ti. É só que... quem é que tem uma porta que se tranca *por fora*?

– É uma sala de pânico – recordo-lhe. – É para isso que serve aquele painel na parede. Podíamos destrancá-la se soubéssemos o código.

O olhar dele ilumina-se. Sobe as escadas com três passadas longas e examina o painel.

– Há um botão para chamar os serviços de emergência.

Quanto tempo demorarão os outros a perceber que aconteceu alguma coisa? Seguirão caminho até ao restaurante dos sonhos, antes da caminhada, sem tentarem ligar-nos?

E se ligarem, não partirão do princípio de que não podemos atender por estar a conduzir?

O meu estômago dá novamente uma volta.

– Queres chamar ou esperar? – pergunta Wyn.

Agora estou a fazer contas a quanto custará substituir esta porta se os bombeiros tiverem de a abrir à machadada, ou com explosivos, ou coisa

parecida.

– Acho que... – Respiro fundo para estabilizar os nervos, para tentar encontrar *alguma* versão do meu lugar feliz mental que não tenha nada a ver com esta casa nem com este homem. – Acho que temos de esperar, pelo menos algum tempo.

É evidente que não era a resposta que ele queria.

– A menos que aches que não és capaz de...

– Estou bem – diz ele em tom seco, e senta-se no degrau de baixo. Põe o vinho de lado e descalça a bota de caminhada.

– Oh, por amor de Deus, Wyn – digo. – Passaram cinco minutos. Daqui a nada vais baixar as calças e designar um canto para fazer chichi.

Ele arranca a prata em torno da rolha da garrafa.

– *Eu* não preciso de um canto para fazer chichi. Vou usar esta garrafa quando acabarmos de a beber. Tu, por outro lado... estás com azar, a menos que aprendas a fazer pontaria depressa.

Descruzo os braços, mas volto a cruzá-los quando o olhar dele segue o movimento e se detém no meu peito.

– Tens o hábito de andar com um saca-rolhas no bolso às dez e meia da manhã?

– Não – diz ele. – Estou apenas muito contente por te ver.

– Hilariante.

Os olhos dele não se desviam dos meus enquanto enfia a garrafa de vinho na bota e bate com esta na parede.

Solto um grito.

– O que estás a fazer?

Ele bate com a bota na parede mais três vezes. Na última, a rolha sai um centímetro do gargalo. Com mais duas pancadas secas na parede, salta completamente. Wyn ergue a garrafa aberta na minha direção.

– Preocupa-me que saibas como fazer isso – digo.

– Então não queres? – Bebe um trago. Quando baixa a garrafa, olha por cima do ombro na direção do vão das escadas.

Uma vaga de calor sobe-me das clavículas até ao alto da cabeça.

Não vás por aí. Não penses nisso.

Sei que é má ideia, mas quando pego na garrafa e a levo à boca, parte de mim espera desesperadamente que haja alguma verdade na teoria que diz que se deve beber um bocadinho de álcool para curar uma ressaca.

Não. O meu estômago não quer nada disto. Devolvo-lhe o vinho.

– Foi o Parth que me ensinou este truque – diz ele. – Nunca tinha precisado de o usar.

– Oh, nunca deste por ti aprisionado com outras namoradas abandonadas nos últimos cinco meses?

Ele solta uma fungadela trocista.

– Abandonada? Não é bem assim que eu me lembro das coisas, Harriet.

– Se calhar tens amnésia – sugiro.

– A minha memória está ótima, doutora Kilpatrick, mas obrigado pela preocupação. – Como se quisesse provar o que disse, olha de novo para o vão das escadas.

Ele *não* pode andar com alguém. Nunca estaria a comportar-se desta maneira se assim fosse. Wyn pode ser um sedutor, mas não é desleal.

A menos que seja uma relação muito recente? Ainda sem exclusividade?

Mas se fosse recente, teria já alcançado o *estatuto de relação confortável*?

As pequenas supostas pistas podem igualmente ser meros fragmentos de informação aleatórios que eu estou a colar à força para contar uma história.

Mas isso não significa que ele não *tenha alguém.*

A verdade é que não faço ideia do que se passa na vida dele. Nem é suposto que faça.

Ele bebe mais alguns goles. Suponho que também não o ajuda nada, porque minutos depois está a andar de um lado para o outro como um tigre enjaulado. Passa os dedos pelo cabelo e percorre o espaço em círculos, com a testa molhada de suor.

– Se pelo menos tivesses trazido o teu livro de mesa.

Wyn estaca abruptamente e olha para mim com uma expressão penetrante.

– Assim sempre teríamos alguma coisa para ver – continuo.

Ele arqueia a sobrancelha e puxa o lábio inferior.

– O que é que tens contra o meu livro de mesa, Harriet?

– Nada.

– Sofreste algum trauma relacionado com livros de mesa nos últimos cinco meses?

– Aquela coisa custou sessenta dólares – digo.

Ele abana a cabeça e recomeça a andar.

– É um presente? – pergunto.

– Porque havia de ser um presente? – replica Wyn. O que não é uma resposta.

– Porque nunca gastas tanto dinheiro contigo – aponto.

Um leve rubor invade-lhe as faces, e agora estou mesmo, mesmo arrependida de ter perguntado. Voltamos a sentar-nos, em silêncio. Bom, eu estou sentada. Ele está a caminhar rapidamente em retângulos apertados.

Mesmo depois de tudo, custa-me vê-lo assim.

Quando o charme que usa como defesa cai, Wyn é sempre tão expressivo. Foi, em parte, o que me levou a despejar tantos segredos em cima dele ao longo dos anos, essa sensação de que ele absorvia uma parte daquilo que eu lhe dava, *sentia* o que eu *sentia*. Infelizmente, o contrário também era verdade.

– Já estiveste enfiado em sítios muito mais apertados – recordo-lhe quando ele passa por mim na nonagésima volta (é só um palpite; não tenho estado a contar).

Ele olha de novo para o espaço por baixo das escadas.

Não era a isso que eu me referia. Sinto a cara a arder.

– Como todos os carros onde já entraste – esclareço.

– Os autocarros são maiores do que isto – diz ele.

– É verdade – admito –, mas também cheiram pior. Aqui em baixo pelo menos cheira muito bem.

– Cheira a humidade.

– Estamos no Maine – digo. – É *mesmo* humidade.

Ele inclina a cabeça para trás.

– Estou-me a passar, Harriet.

Levanto-me.

– Tem calma. Eles não devem tardar.

– Não sabes. – Olha rapidamente para mim, e a tensão nos lábios faz surgir as covinhas no seu rosto. – Podem pensar que decidimos ficar em casa...

Engulo em seco.

– A Sabrina não admitiria tal coisa. O plano dela era para estarmos todos juntos.

Ele abana a cabeça. Vê as falhas dessa lógica tão bem como eu.

Sabrina poderia ficar *aborrecida* se achasse que tínhamos decidido ficar em casa para aproveitar algum tempo a sós, mas já alterou a ordem natural das coisas por nós quando nos deu o melhor quarto. Além disso, se tentasse ligar e nós não atendêssemos, não acredito que voltasse para trás a correr e entrasse de rompante no quarto para nos apanhar em flagrante.

Tento uma abordagem distinta.

– Pensa que vens cá abaixo muitas vezes sem problema. E na verdade já estiveste aqui muito mais tempo do que hoje, de certeza.

Tento não voltar lá.

Tento não revisitar essa memória.

O verão depois de ele, Cleo, Sabrina e eu nos termos licenciado. Antes de nos mudarmos para Nova Iorque e nos juntarmos a Parth.

Tínhamos vindo de carro do Vermont, com tudo já embalado e pronto para a grande mudança. Parth viera de avião assim que terminara o seu primeiro ano de especialização em Fordham.

Ele é que tivera a ideia de jogar *Sardinhas*, uma espécie de jogo das escondidas ao contrário.

Apagámos as luzes todas e jogámos os dados para ver quem se esconderia primeiro.

Wyn perdeu. Demos-lhe cinco minutos para se esconder e depois espalhámo-nos para o procurar, às escuras.

De alguma maneira eu soube, tal como parecia saber sempre, exatamente onde ele estava.

Encontrei-o na adega. Por baixo das escadas havia um suporte de garrafas que nos dava mais ou menos pela cintura, mas por trás ficava um vão escuro, onde ele se escondera.

Tínhamos vivido juntos o ano todo mas nunca estávamos mesmo sozinhos, desta maneira. Em caminhadas, sim, ou na biblioteca, onde havia sempre alguém ao virar da esquina ou na receção.

Eu quase me convencera a mim própria de que tínhamos de facto alcançado o nível de *amigos platónicos* até que, segundo ditavam as regras, passei por cima do suporte de garrafas para me esconder ali às escuras com ele. Nessa altura, o meu coração aos saltos e estômago às voltas provaram que nunca deixara de sonhar com este momento, esta proximidade.

Pigarreio, mas a memória fica-me colada à garganta.

– Devemos ter ficado aqui em baixo pelo menos uma hora.

Não faço ideia se é verdade ou não. Sei que cada segundo antes de nos tocarmos pareceu um século. E depois, quando nos tocámos, o tempo perdeu todo o sentido. Penso no documentário sobre buracos negros que vi com o meu pai há uns anos, no qual os astrofísicos especulavam que havia lugares

neste universo em que as regras do tempo e do espaço se invertiam e os momentos se tornavam um lugar onde podíamos ficar, indefinidamente.

– Dessa vez tinha uma boa distração – diz Wyn. Não está a tentar ser sedutor, nem encantador. É o Wyn sério. O Wyn prático.

– Tinhas exatamente a mesma distração que tens hoje. – Ergo os braços ao lado do corpo e agito os dedos.

Ele fita-me com ceticismo.

– Muito bem, então distrai-me, Harriet.

Abano a cabeça.

– Que é feito das famosas boas maneiras do Wyn Connor?

Os olhos dele cintilam e a covinha na face do lado esquerdo aparece.

– Distrai-me, *por favor*, Harriet. – A sua voz baixa um pouco de tom.

Disfarço o arrepio que me percorre a espinha.

Ele bebe mais um gole de vinho e recomeça a andar, enquanto abre e fecha os punhos. Sei que fica com as mãos dormentes quando tem um ataque de claustrofobia.

Tenho de fazer *alguma coisa*. E só me ocorre uma ideia.

Levanto-me, passo por ele e levanto uma perna por cima do suporte de garrafas no vão das escadas.

– O que estás a fazer? – pergunta ele.

– A ajudar. – Com cuidado para não deitar ao chão as cerca de trinta garrafas no suporte, passo a outra perna por cima e baixo-me para não bater com a cabeça na parte de baixo das escadas.

– Sim, o meio metro quadrado de espaço a mais que me proporcionaste aqui fora é um alívio tremendo.

– Se te puseres num espaço mais pequeno, dentro desta divisão – digo –, saberás que podes sair desse espaço quando quiseres.

– Mas continuamos sem poder sair da cave – diz ele.

– Não é uma ciência perfeita – riposto. – Mas já é alguma coisa. E a bem da verdade, aconteça o que acontecer, não estamos presos. Na pior das hipóteses, chamamos os bombeiros. Mas vamos tentar primeiro esta ideia... não tenho dinheiro que chegue para uma nova porta que cumpra os critérios da família Armas e não quero que te vejas obrigado a devolver aquele livro de mesa.

Com uma risada abafada, ele passa por cima do suporte. É bom sinal.

Desvio-me para lhe dar espaço, mas com o ângulo das escadas não basta inclinar-me. Sento-me no chão e chego-me para o canto.

– E agora? – resmunga ele.

– Agora? Agora juntamos o poder dos nossos cérebros e tentamos resolver os crimes do Zodíaco – digo. – Senta-te, Wyn.

Ele obedece sem hesitar. Nesta fase, acho que está de tal maneira aflito que se eu o mandasse fazer o pino e rezar uma Ave Maria, era bem capaz de o fazer.

– Finge que estás a jogar aquele jogo – digo. – Finge que temos de estar o mais silenciosos e imóveis que conseguirmos até eles nos encontrarem.

Com voz rouca, ele diz:

– Isto não vai resultar.

– Wyn.

Ele dobra o pescoço e vejo os seus ombros subirem e descerem com a respiração ofegante.

– *Wyn*.

– Desculpa – diz ele. – Estou a tentar não entrar em pânico.

– Não peças desculpa. – Sem pensar, pego-lhe na mão. Depois da centelha inicial de surpresa, de reconhecimento, apercebo-me de que ele tem os dedos gelados e a tremer.

Encosto a sua palma à minha.

– Olha para mim. Fala comigo.

Ele mantém a cabeça baixa.

– Fala comigo – insisto.

– Sobre o quê? – pergunta ele.

– Qualquer coisa – digo. – O que te vier à cabeça.

– Estar preso debaixo daquele roupeiro – diz ele. – Não consigo pensar noutra coisa. Ter a certeza de que ia morrer antes que alguém me encontrasse. Perder a sensação na perna, e depois a dor ainda pior que senti quando o choque passou.

– Está bem, outra coisa qualquer sem ser isso – corrijo. Penso na minha aplicação de meditação, no exercício de visualização a que tanto tenho recorrido nestes últimos cinco meses. – Fala-me sobre um lugar que adores.

Ele abana a cabeça.

– Desculpa.

– Eh... – Chego-me mais para ele. Os nossos joelhos tocam-se. – Não precisas de pedir desculpa. Por isto, pelo menos.

– Pensei que já tinha ultrapassado esta merda – arqueja ele. – Estou muito melhor. Está tudo muito melhor... pensei que isto também tivesse melhorado.

Magoa, ouvir isso: *Está tudo muito melhor*. Afasto o pensamento, pigarreio de novo.

– Fala-me de quando estávamos a jogar aquele jogo.

Não tinha intenção de dizer isso. Ou talvez tivesse, não sei. Talvez precise de saber que ele se lembra, que não se esqueceu completamente de como era amar-me, enquanto eu estou presa, com ele gravado a ferro e fogo no meu coração, no meu cérebro, nos meus pulmões, na minha pele.

Por fim, Wyn ergue os olhos. Há um compasso de silêncio absoluto.

– Eu estava escondido – diz ele com voz rouca. – E tu foste a primeira a descer. Quase que não me vias.

– E depois?

– E depois eu mexi-me – diz ele.

Pestanejo.

– Mexeste-te?

– Para tu me veres – explica ele. – E viste-me. Preguei-te um grande susto, e senti-me mal.

– Nunca me tinhas contado isso – digo.

– Bom, foi o que aconteceu – diz ele. – Não estávamos sozinhos, realmente sozinhos, há para aí um ano, e tu desceste as escadas, e eu queria tanto tocar-te. Mas não me viste, e estavas a preparar-te para voltar a sair, por isso mexi-me.

O calor invade-me o peito. Espalha-se pelas minhas coxas. Até a parte de trás dos meus joelhos derrete um bocadinho, como cera demasiado perto de uma chama.

– E depois ouvimos passos – continua ele –, e tu estavas totalmente à vista por isso puxei-te para o canto comigo, para te esconderes. – Os dedos dele estremecem entre os meus. Parecem um pouco menos gelados.

– Puxei-te para o meu colo – diz ele, rouco. – E rezei para que o Parth voltasse a subir sem nos ver, e assim foi. Sentia o teu coração a bater muito depressa, por isso sabia que devias sentir também o meu, e depois apercebi-me de que estava duro. Fiquei tão embaraçado. Estava à espera de que saísses do meu colo assim que ficássemos sozinhos.

Fita-me nos olhos, as suas pupilas dilatadas para combater as trevas.

– Mas não saíste.

Tenho o coração descompassado, e aquele calor líquido espalha-se a partir do meu centro enquanto revivo a cena na minha mente.

Como fiquei ali, no colo dele, com os seus braços à minha volta, durante minutos, morta de medo de que o mais pequeno movimento quebrasse o feitiço. Por fim, comecei a ficar com um dos tornozelos dormente e por isso mudei ligeiramente de posição, e quando me mexi ele soltou um arquejo entrecortado que me fez sentir como se tivesse engolido um carvão em brasa.

Esfaimada, e desesperada, e corajosa, tudo ao mesmo tempo.

Como ele sempre me fez sentir.

– Depois tocaste-me no queixo. – Levanta lentamente a minha mão e encosta-a ao queixo áspero.

– Foi sem querer – digo, em tom quase defensivo.

Não sei se quero dizer *dessa vez* ou se estou a falar de agora. A minha pulsação grita através da palma da mão e dos dedos que lhe tocam na pele. A memória daquele primeiro beijo febril nas trevas pressiona-nos por todos os lados.

– Pensei que tinha sido eu que te fizera tocar-me. – Inclina a cabeça e a minha mão desliza em direção à sua orelha. – Por tanto o desejar.

– Desejar as coisas não faz com que elas aconteçam, Wyn – digo.

Ele fecha a mão em torno do meu pulso, e o seu polegar roça ao de leve na pele sensível do interior.

– Não? – diz, em voz suave e provocante. – Então o que é que fez com que finalmente me beijasses, Harriet?

Passaram oito anos e mesmo assim as minhas terminações nervosas iluminam-se com a memória de como sustivemos ambos a respiração, ansiosos, cada um de nós à espera, a debater o que aconteceria a seguir, até eu não conseguir aguentar nem mais um segundo sem saber como seria beijá-lo.

– Não te beijei – digo. – Foste tu que me beijaste.

Ele sorri.

– Quem é que está com amnésia agora?

O resto da memória abate-se sobre mim. Como levantei o queixo até as nossas bocas roçarem, não propriamente num beijo. Como ele entreabriu os lábios e a sua língua entrou na minha boca, e como me escapou um suspiro de corpo inteiro, o som puro e genuíno do alívio. Ao ouvir-me, ele deitou-me no seu colo e toda a hesitação se dissolveu numa febre, numa necessidade.

Sinto a pele toda arrepiada com a memória do sussurro dele no meu ouvido – *és tão macia, Harriet* – enquanto enfiava as mãos por baixo da

minha camisola para encontrar mais de mim. E *os outros não vão gostar nada disto.*

E eu sussurrara em resposta: *Mas eu gosto*. E o riso dele dissolveu-se num gemido e depois numa promessa: *Também eu. Acho que nunca gostei tanto de nada.*

Sabrina quisera trazer o namorado da altura, Demetrios, nesta viagem, mas Parth argumentara que isso transformaria a ocasião numas férias de casais, o que estragaria tudo. Por fim, todos tínhamos concordado que era melhor que estas férias continuassem a ser apenas uma coisa entre amigos.

Duvidava que ficassem contentes por saber que dois desses *amigos* estavam enrolados em segredo na adega. Mas não conseguia ficar preocupada com isso. Só quando ouvimos outra vez passos nas escadas. Isso trouxe-nos de volta à realidade. Afastámo-nos bruscamente e disfarçámos o melhor que conseguimos antes de Cleo encontrar o nosso esconderijo e se juntar a nós, como ditavam as regras do jogo.

Eu passara o resto da noite a preparar-me para a possibilidade de aquilo nunca mais se repetir. Mas nessa noite, assim que nos fechámos no quarto, ainda nem trinta segundos tinham passado quando Wyn pegou em mim e me sentou na cómoda e me beijou.

Isso foi naquela altura. O *mistério* era o que nos excitava.

Agora, sei ao que ele me saberia, como me tocaria, com que rapidez se tornaria a necessidade primária na minha Hierarquia de Necessidades de Maslow pessoal. E é por isso que preciso de voltar a pôr alguma distância entre nós. A gravidade dele é demasiado forte. Provavelmente devia dar graças por esta gravidade não me ter arrancado as roupas todas e não me ter arrastado para cima dele.

– Harriet – murmura ele, como se fosse uma pergunta. A sua mão desliza pela minha face, e os calos nos seus dedos são tão familiares. Dou por mim a inclinar-me para a palma da mão dele, deixando-o suportar parte do meu peso.

– Fala-me sobre São Francisco – diz ele baixinho.

As minhas veias enchem-se de gelo. A lógica recupera algum terreno dentro de mim.

– Sabes como é São Francisco – digo, e endireito-me, afastando-me dele, com o ar frio a precipitar-se para me beijar a pele quando ele baixa a mão. – Há uns armazéns Ghirardelli muito grandes e está sempre um bocadinho de frio e de humidade.

Ele baixa o nariz, a boca tão perto que consigo saborear o vinho no seu hálito.

– Nos Ghirardelli?

– Na cidade toda – digo.

– Fala-me sobre o teu internato – pede.

É como um soco no peito. Campainhas de alarme começam a tocar. Sei onde ele quer chegar com esta conversa – ou melhor, a *quem* quer chegar – e um misto de raiva e náusea contorcem-me as entranhas.

– E o livro de mesa de centro? – digo.

Os lábios dele curvam-se num sorriso divertido e confuso.

– O quê?

Sinto o sangue rugir-me nos ouvidos e um nó aperta-me a garganta.

– Para quem é o livro de mesa?

Ele olha para mim.

Se se recusa a dizer-me, parece que tenho de ser eu a perguntar.

– Andas com alguém? – indago com azedume.

O divertimento desaparece-lhe do rosto.

– Mas que raio, Harriet? Estás a falar a sério?

– Isso não é resposta – digo.

Os olhos dele perscrutam-me o rosto.

– E tu? – pergunta, num sussurro rouco. – Estás com *ele*?

Ali está. O ácido sobe-me do estômago. Um golpe fende-me o peito.

Recuso-me a chorar por algo que aconteceu há cinco meses. Por um homem que já me disse que não quer estar comigo.

– É isso que pensas de mim? – Afasto-me o mais que posso, até tocar com as costas na parede. – Ainda acreditas mesmo que eu te *traí*, e além disso achas que eu voltaria a fazer o mesmo e a trair outra pessoa?

– Não é isso que estou a dizer – diz Wyn, em tom grave. – Não estou a acusar-te de nada! Estou a tentar perguntar...

– A tentar perguntar o *quê*, Wyn? – interrompo.

– Se estás feliz – diz ele. – Quero saber se tu também estás feliz.

Agora é a minha vez de o fitar com incredulidade. Ele ainda anda à procura de absolvição.

E o que posso dizer-lhe? Que não estou feliz? Que tentei sair com outra pessoa e foi o equivalente emocional de comer bolachas de água e sal quando o que eu queria era uma refeição a sério? Ou que há partes da cidade que evito porque me recordam aqueles primeiros meses na Califórnia, quando ele

ainda vivia comigo. Que quando acordo demasiado cedo ao som do despertador, ainda estendo o braço para o outro lado da cama, como se o facto de lhe tocar por um minuto pudesse ajudar-me a sobreviver a mais um dia esgotante no hospital, numa série incessante de dias esgotantes.

Que ainda acordo de sonhos da cabeça dele entre as minhas coxas, e pego no telefone para lhe ligar quando acontece alguma coisa particularmente ridícula no meu livro policial, antes de me lembrar de que não posso dizer-lhe. Que passo mais tempo a tentar *não* pensar nele do que a *pensar* efetivamente noutras coisas. Que toda a nostalgia embriagante e o desejo ardente se tornaram combustíveis e explodem em fúria.

– Sim, Wyn – digo. – Estou feliz.

Ele abre a boca para responder. Lá em cima, ouve-se uma série de *bips*, a porta a abrir-se e a voz de Sabrina:

– HARRIET? WYN? ESTÁ TUDO BEM?

– Estamos bem – respondo.

Se ele pode ser *feliz,* com certeza que eu posso estar *bem*.

12

VIDA REAL

Terça-feira

Antes de jantar, Wyn vai «dar uma corrida». Estou bastante certa de que é uma desculpa para poder usar o chuveiro exterior junto da casa de hóspedes, por isso aproveito a oportunidade para, furiosa, tomar banho no duche do nosso quarto. A seguir, inspeciono o meu sortido de *T-shirts*, camisolas de alças, calças de ganga e vestidos de verão. Basicamente, a minha mala é um monte branco, preto e azul.

E depois vejo uma mancha solitária de vermelho, que trouxe mais para agradar a Sabrina do que com alguma intenção real de o usar. Ela mandara-me o vestido de presente no meu último aniversário, sem sequer saber o meu tamanho – sempre teve olho para essas coisas – e eu começara a pensar nele, a título provisório, como o meu Vestido Para Voltar a Sair, embora nas minhas poucas e deprimentes tentativas de o fazer não tivesse conseguido usá-lo.

Agora, parece-me mais o tipo de vestido demasiado curto, demasiado justo e demasiado encarnado que uma mulher levaria ao casamento do homem que a abandonou, com planos de deitar o bolo de noiva ao chão e pegar fogo à gravata do noivo.

Em suma, é perfeito. Enfio-me nele, prendo o cabelo na nuca, ponho nas orelhas o único par de argolas que trouxe e pego nos sapatos de salto alto a caminho da porta.

Lá em baixo, Sabrina está a seguir pelo telefone o progresso do táxi que chamámos enquanto obriga toda a gente a beber água. Bom, todos exceto Wyn, que não está na cozinha.

– Hidratação, hidratação, hidratação – repete. – Esta noite, vamos portar-nos como miúdos de vinte e um anos em férias.

Kimmy solta uma risada roufenha, com as ondas de cabelo loiro a baloiçar com o movimento.

– Deviam ficar todos muito felizes por não me terem conhecido quando eu tinha vinte e um anos. O *Four Loko* com álcool ainda tinha cafeína, nessa altura.

– Tenho umas fotografias fantásticas dos *shots* na barriga, já agora – diz Parth. – Serão perfeitas para a parede de fotografias.

– Parede de fotografias? – repito.

Sinto um formigueiro na nuca um segundo antes de ouvir a voz dele.

– Para o casamento.

Viro-me para a porta do pátio, por onde ele acaba de entrar, de cabelo húmido e aquela madeixa obstinada caída na testa.

Veste uma *T-shirt* cinzenta, meio entalada nas calças de sarja azul-escuras, e a combinação de cores realça o verde dos seus olhos enquanto percorrem o meu – e sou obrigada agora a alterar-lhe o nome para isso – Vestido de Vingança. Falha-lhe o passo ao fazê-lo, mas recupera depressa e desvia os olhos, dirigindo-se para o frigorífico para encher a garrafa de água.

Pergunto-me se as minhas faces estarão já a aproximar-se do tom do *chiffon* justo do vestido. Demoro um segundo a retomar a conversa onde a deixara.

– Então que história é essa da parede de fotografias para sábado? – consigo dizer. – É algo em que possa ajudar?

– Não, não é para o *nosso* casamento – diz Sabrina. – A parede de fotografias é para o vosso.

– Não te lembras? – diz Parth. – Pedimos os contactos dos vossos pais para nos darem fotografias vossas de bebé? Há anos que estamos a acumular lentamente uma parede de humilhação.

O rubor no meu rosto é agora quase doloroso.

– Não me diz absolutamente nada, essa história.

– Não participaste na conversa. Estavas a dar aulas como assistente nesse semestre – diz Wyn, sem olhar para mim.

Sabrina levanta os olhos do telemóvel e vê o meu vestido pela primeira vez. O seu rosto ilumina-se.

– Harry! Uau! Bem te *disse* que o vermelho era a tua cor.

Forço um sorriso.

– Tinhas razão. Este tornou-se o meu vestido preferido para saídas românticas.

O som da água a salpicar o chão atrai a atenção de todos para o frigorífico.

– Merda! – O olhar de Wyn afasta-se rapidamente de mim, para a água que transborda para o chão da garrafa cheia.

Cleo dá um gritinho e salta do banco junto da ilha de mármore, desviando-se do caminho da água. O seu novo livro sobre cogumelos (ou talvez seja o antigo) voa-lhe das mãos.

– Desculpa – murmura Wyn por entre dentes, e dá a Cleo um pano da loiça com padrão de lagostas para ela limpar a água que lhe atingiu o vestido pelo joelho e as botas. Com esta roupa, parece a vocalista de uma banda de *grunge* famosa dos anos 90.

Depois de Wyn limpar o resto da água do chão, Parth dá-lhe uma palmada no ombro.

– Está tudo bem? Pareces meio aluado.

– Tudo bem – diz Wyn. Atira o pano molhado para cima da bancada. – Tudo bem.

O segundo «tudo bem» parece ainda menos convincente do que o primeiro. Agora sim, estamos a chegar a algum lado. Passo pela ilha de mármore e tiro-lhe a garrafa de água da mão. Sem quebrar o contacto visual, bebo um longo gole.

– Estás com sede? – pergunta ele secamente.

Devolvo-lhe a garrafa.

– Agora já não.

– O táxi chegou! – anuncia Sabrina, saltando do banco. – Larga o livro, Cleo. Acaba essa água, Kimberly. Vamos embora.

*

Ao entrar para o banco de trás da carrinha de passageiros, não faço qualquer esforço para impedir o meu traseiro quase exposto de ficar à vista de Wyn. Sinto-me um *nadinha* menos atrevida depois de estar entalada no banco entre ele e Sabrina, mas pelo menos a *playlist* de música de dança Pump Up dos anos 2000 que Parth pusera a tocar em altos berros no banco da frente salvou-me de ter de fazer conversa fiada. De qualquer modo, Wyn passou a viagem toda agarrado ao telemóvel.

Meia dúzia de minutos depois, estacionamos em frente do nosso poiso habitual, o Lobster Hut. É uma espelunca delapidada, sem qualquer letreiro nem indicação do nome nos guardanapos de papel ou nas ementas

plastificadas e peganhentas, embora, de alguma forma, toda a gente saiba como se chama.

Da primeira vez que aqui vim, tinha dezanove anos e acabara de passar pela minha primeira separação. Sabrina sabia que eles não pediam identificação a menores de vinte e um anos para beber, e isto foi no tempo em que Cleo conseguia virar seis *shots* de tequila e continuar em pé, defendendo-se dos avanços de rapazes universitários com longos discursos sobre os quadros de Modigliani.

Cantámos, dançámos, emborcámos a sucessão de *shots* de Fireball que iam chegando à nossa mesa ao canto, e por fim eu parei de olhar obsessivamente para o telemóvel à espera de alguma notícia de Bryant. Quando chegámos a casa, Sabrina e Cleo foram ambas para o duche, a solidão insinuou-se de novo e o álcool tinha desgastado todas as minhas defesas.

Corri para a casa de banho que ninguém usava, abri a torneira, sentei-me na sanita e chorei.

Não por causa de Bryant. Mas por causa da solidão, do medo de nunca lhe conseguir escapar. Porque os sentimentos mudavam e as pessoas eram imprevisíveis. Era impossível prendê-las só com a nossa força de vontade.

Cleo e Sabrina encontraram-me ali e Sab garantiu-me que arrombaria a porta se eu não as deixasse entrar.

– E depois tenho de ir a um jogo de polo com o meu pai para ele me desculpar, ou coisa do género – disse ela –, e nunca te perdoarei por isso até uma de nós morrer.

Assim que abri a porta, as lágrimas secaram, mas o nó na garganta não me deixava falar. Tentei pedir desculpa, convencê-las de que estava bem, apenas embaraçada, enquanto elas me envolviam nos seus braços.

– Não tens de estar bem – disse Cleo.

– E de certeza absoluta que não tens de estar embaraçada – assegurou Sabrina.

Ali, naquela casa de banho minúscula, deixei que elas me abraçassem até a sensação pesada, o peso insuportável da solidão aliviar.

– Nós estamos aqui – prometeram elas. E a solidão nunca mais me dominou dessa maneira. Acontecesse o que acontecesse, tinha sempre Cleo e Sabrina. Pelo menos, era o que pensava.

Depois desta semana, as coisas mudarão entre todos nós. É inevitável.

Não penses nisso, digo a mim mesma. *Não enveredes ainda por esse caminho. Está presente no momento, aqui, em frente do teu restaurante preferido de sempre.* Sabrina, Parth, Cleo e Kimmy já estavam à porta.

Dou um passo para as seguir, mas o meu salto fica preso numa fenda entre duas pedras da calçada. Wyn aparece ao meu lado e segura-me no cotovelo antes que eu caia e parta o tornozelo.

– Cuidado – diz num murmúrio baixo. – Não estás habituada a usar sapatos desses.

A raiva trespassa-me como um foguete de emergência, a única coisa suficientemente luminosa e quente para ser visível através do nevoeiro da nostalgia.

– Nesta altura, Wyn – digo, puxando o braço –, a verdade é que não fazes ideia daquilo a que eu estou ou não estou habituada.

Deixo-o para trás e entro com passo decidido no bar obscuro, onde sou recebida por uma versão *karaoke* ensurdecedora de «Love is a Battlefield». Paira no ar o aroma intenso a peixe frito e batatas fritas com paprica, a par do

cheiro a cerveja e vinagre. Fiadas de luzinhas coloridas estendem-se ao longo de cada centímetro do teto, montadas durante todo o ano.

Quando apanho Cleo, ela olha para mim e as luzes de Natal realçam-lhe as centelhas de ouro nos olhos e os tons dourados subjacentes na pele castanha. Inclina-se para mim e diz:

– Este sítio nunca muda, pois não?

– Tudo muda, mais cedo ou mais tarde – digo, e depois, ao ver a sua expressão confusa, forço um sorriso e enfio o braço no dela. – Lembras-te quando as sanduíches de lagosta aqui eram uns seis dólares?

Ela não se deixa enganar pela animação falsa. Uma ruga forma-se entre as suas sobrancelhas bem delineadas.

– Está tudo bem?

– É difícil respirar neste vestido sem rebentar as costuras – digo –, mas tirando isso, sim.

Ela ainda não parece totalmente convencida. Cleo sempre conseguiu ver dentro de mim. Quando vivíamos juntas, por vezes eu ficava a vê-la pintar durante horas e pensava: *Como é que ela vê sempre as coisas com tamanha clareza?* Sabia com que cores começar, e onde, e nada fazia sentido para mim até que, de repente, parecia estar tudo exatamente como devia.

Wyn passa por nós e abre caminho entre a multidão até à mesa demasiado pequena que Sabrina já requisitou, ao fundo da sala. Cleo apanha-me a olhar para ele.

– Tivemos uma pequena discussão – admito, surpreendida com o alívio que sinto ao partilhar com ela este pequeno fragmento de verdade.

– Queres falar sobre o assunto? – pergunta ela. – Deixa-me reformular: se calhar devias falar sobre o assunto.

– Está tudo bem – digo. – Já nem sequer conseguiria dizer o motivo, na verdade.

– Oh, sim. – Cleo acena com a cabeça. – A discussão «estarei com fome, cansada, stressada, ou estás mesmo a ser impossível?». Conheço-a bem.

Solto uma risada.

– Tu e a Kimmy não discutem.

Ela encosta a cabeça ao meu ombro.

– Harriet. Eu sou uma introvertida que só gosta de estar em casa e não bebe álcool, e a minha namorada é um autocarro de festas humano, incluindo luzes de discoteca e um varão giratório para danças provocantes. Claro que discutimos.

Do outro lado do bar, Sabrina chama-nos com um aceno.

– Bom, o que quer que se passe entre ti e o Wyn – diz Cleo, enquanto atravessamos o bar apinhado –, hão de resolver as coisas. Como sempre.

Sinto um aperto no estômago, de sentimento de culpa.

– E tu, como estás? Tenho a sensação de que ainda não tivemos um minuto para conversar.

– Estou bem – diz ela. – Cansada. Não estou habituada a estes horários. A Kim e eu normalmente acordamos entre as quatro e meia e as cinco.

– Desculpa – digo. – Isso acabou de reativar a minha ressaca.

Ela ri-se.

– Não é tão mau como parece. Na verdade, adoro, quase sempre. Adoro estar a pé antes de toda a gente, e ver o sol nascer todos os dias, estar ao ar livre, com as hortaliças e o sol.

– Às vezes ainda não acredito que és agricultora – digo. – Quer dizer, acho fantástico, não me interpretes mal. É só porque sempre pensei que um dia farias uma exposição de arte no Met.

Ela encolhe os ombros.

– Ainda pode acontecer. A vida é longa.

Isso faz-me soltar uma das minhas gargalhadas-ronco.

– Acho que ninguém diz isso.

– Talvez não – admite ela –, mas se estivessem mesmo presentes, se calhar diziam.

– Tão sábia – digo. – Que profundo.

– Li isto no interior de um papel do chocolate *Dove* – brinca ela. – E tu, Har? Como está a correr o internato?

– Bem! – Sei que exagerei no entusiasmo quando a vejo erguer as sobrancelhas. Ainda assim, prossigo destemidamente, com a mesma cantiga que dou aos meus pais sempre que falamos. – É muito trabalho. Horários longos e muitas tarefas que não têm nada a ver com cirurgia. Mas os outros internos são simpáticos, e uma das médicas do quinto ano acolheu-me debaixo da sua asa, Podia ser muito pior. Afinal, estou a ajudar pessoas.

Pensar no hospital enche-me sempre o corpo de adrenalina, como se lá estivesse, desinfetada, com o crânio de uma pessoa aberto na mesa de operações à minha frente.

Lugar feliz, recordo a mim própria. *É onde estás agora. O Lobster Hut. Knott's Harbor.*

– Sempre soube que a nossa miúda havia de salvar o mundo – diz Cleo. – Estou tão orgulhosa de ti, Harry. Estamos todos.

Afasto o olhar, com uma pontada no peito.

– E nós de ti – digo. – Uma quinta inteira.

– E atingimos a nossa quota. – Explica: – A parte das colheitas reservada aos habitantes locais? Não conseguimos oficialmente cultivar tanto como as pessoas querem.

– Em três anos! – exclamo. – São incríveis.

– E pensar – diz ela – que há apenas uma década estávamos a dançar em cima das mesas ao som daquela canção dos MGMT que passava de quinze em quinze minutos.

– Tu – digo-lhe – *nunca* dançaste em cima destas mesas. Lembro-me claramente de a Sabrina nos mandar subir para as mesas e tu dizeres com uma grande calma, *não, obrigada.*

Cleo ri-se.

– Uma das coisas mais importantes que os meus pais me incutiram foi uma noção saudável de limites.

– Céus, isso deve ser terrível – digo. – O Miles e a Deandra devem passar noites em branco, nas suas casinhas iguais, a desejarem poder fazer tudo de novo.

– Oh, de certeza – concorda ela. – Devem ter vontade de morrer ao pensar em todos os chás de bebé que eu tive de perder, simplesmente porque não tinha qualquer interesse em ir.

– És corajosa – digo-lhe. – Eu passei a minha última folga no *bat mitzvah* da filha da minha cabeleireira nova, portanto não consigo pôr-me no teu lugar.

– Oh, Harry – diz ela, com uma careta. – Mereces homenagear-te a ti própria.

– Bom, fiz um brinde à minha pessoa no *bat mitzvah* – digo.

Ela sorri mas mantém uma sobrancelha erguida, numa expressão cética. Acho que nunca compreendeu completamente por que razão eu acho mais fácil corresponder às expectativas das outras pessoas do que estabelecer as minhas.

Por trás daquela estatura delicada e narizinho arrebitado, Cleo sempre teve uma espinha de aço. Na universidade, mesmo que tivesse bebido quase uma garrafa de Tanqueray, ninguém conseguia convencê-la a fazer algo mais estúpido do que continuar a ter uma conversa profunda sobre niilismo com um jogador de hóquei perdido de bêbado.

E depois, um dia, decidiu que não gostava de como se sentia quando bebia, e simplesmente parou. Foi a mesma coisa quando mudou de ideias quanto ao curso de Belas-Artes e anunciou ter encontrado trabalho numa quinta urbana.

Quando Cleo sabe o que quer, não há margem para dúvidas.

Quando chegamos à mesa, pergunto a Sabrina:

– Sabias que a Cleo e a Kimmy alcançaram o limite da quota de produção local?

– Sabia – diz ela. – Embora ainda não tenha tido oportunidade de as ver em ação.

Cleo senta-se numa cadeira ao lado de Kimmy.

– Havemos de arranjar uma oportunidade este inverno.

– É só dizeres a data – responde Sabrina, quase em tom de desafio.

– Vivemos demasiado perto uns dos outros para passarmos tanto tempo sem estarmos juntos – acrescenta Parth. Cleo não responde e Kimmy olha para ela de lado com um olhar rápido, aquela verificação de temperatura que passa entre duas pessoas que se conhecem por dentro e por fora. Cleo está a ficar irritada.

– Lembras-te quando trouxemos a Kimmy aqui pela primeira vez? – Tento mudar de assunto.

Cleo pega na mão da namorada e beija-a.

– É verdade – diz Sabrina. – Foi aqui que nos apaixonámos por ti, Kimberly.

– Para que fique claro – diz Cleo a Kimmy –, *eu* já estava apaixonada por ti muito antes disso.

– Ooooh, pessoal! – Kimmy fica *instantaneamente* com lágrimas nos olhos. – Sempre me fizeram sentir como se pertencesse ao grupo.

– *Claro* que pertences – digo.

– Tu foste o nosso elo perdido. – Parth instala-se na cadeira ao lado de Sabrina. – Precisávamos de uma ruiva para completar o grupo.

– Por falar nisso, estejam atentos àquelas senhoras de cabelo azul – diz Sabrina, de olhos postos nas senhoras que bebem gasosas na mesa do lado. – Quando elas se levantarem, precisamos de uma daquelas cadeiras.

– Não me importo de ficar em pé – diz Wyn, puxando a última cadeira para mim. Fita-me nos olhos. – Senta-te querida. Descansa um bocadinho desses saltos altos.

Pergunto-me se o meu sorriso falso estará a ajudar a suavizar o meu olhar fulminante.

– Bom, alguém que se sente! – diz Parth. – Estão a deixar-me nervoso.

– Sabes que mais? – digo, tocando no bíceps de Wyn. – Eu sento-me ao teu colo.

Ele hesita, mas empurro-o para a cadeira. Com o ar de quem se resignou a um destino horrendo, Wyn senta-se e eu instalo-me sobre as coxas dele como se fosse uma toga viva.

Wyn passa-me o braço pelas costas, num toque muito impessoal, mas é tudo o que o meu corpo precisa para recordar, reviver aquele momento na adega.

Quando a empregada se aproxima, Sabrina manda vir um jarro de *margaritas*, uma tonelada de batatas fritas e a habitual gasosa com lima para Cleo.

– Traga uma também para mim – peço, antes de a empregada se afastar. Por mais que queira álcool para entorpecer os impulsos elétricos que disparam nos meus neurónios, preciso de manter a cabeça fria.

A memória do murmúrio aveludado de Wyn: *Mãos para cima.*

O meu requebro embriagado: *Trouxeste-me a* T-shirt *dos* rodeos?

Sinto um arrepio na espinha e um calor na parte de trás das coxas.

A multidão está agora a cantar Shania Twain, num coro liderado por um grupo de raparigas numa despedida de solteira, no palco de *karaoke* encostado à parede do fundo.

Antes de Kimmy, Cleo costumava namorar com pessoas muito sofisticadas que não tinham qualquer interesse em sair connosco. Laura, que andava de

mota e tinha um *piercing* na cana do nariz. Giselle, que usava sempre batom vermelho e nunca se ria. Trace, que entrou para uma banda *punk* que ficou famosa e depois trocou Cleo pela famosa modelo filha de outra modelo famosa.

E depois, quando trabalhava numa quinta de agricultura biológica no Quebec, Cleo conheceu Kimmy, uma miúda deslumbrante, afetuosa e engraçada que estava sempre a rir.

Da primeira vez que ela veio nesta viagem, Kimmy, Sabrina e eu fumámos o melhor charro da nossa vida na casa de banho do Lobster Hut e depois cantámos «Goodbye Earl» juntas.

Desde o princípio, este foi o *lugar* dela. Ao lado de Cleo. Connosco.

Uma pontada de inquietação trespassa-me o peito. Mais uma vez, dou por mim a pensar no que *seremos* exatamente, depois desta semana, quando as férias chegarem ao fim e a casa for vendida. Quando Wyn e eu confessarmos a verdade.

Sabrina começou a encher copos com sal na borda do jarro de *margaritas*, e luto contra a vontade de esvaziar um deles de um só trago. Em vez disso, inclino-me para a mesa para pegar numa das gasosas que a empregada deixou e ao fazê-lo, inadvertidamente, roço com o traseiro na braguilha de Wyn.

Wyn agita-se, pouco confortável. Como é que ele lhe chamou? Esfreganço vingativo?

Bebo a gasosa com sofreguidão, como se fosse o último copo de uísque artesanal antes de um médico do século XIX me arrancar uma bala do braço, e depois inclino-me de novo para a frente com movimentos exagerados para pousar o copo.

Enquanto os outros estão ocupados a servir-se, Wyn encosta os lábios ao meu ouvido.

– Podemos ir lá fora um instante? – diz secamente. – Preciso de falar contigo.

Também eu precisava, penso. *Há cinco meses.*

É tarde de mais para conversas. É tarde de mais para estar a perguntar-me se sou feliz, ou como está a correr o meu internato, ou se estou envolvida com o homem que ele culpou pela nossa separação. Não pedi nada disso. Comprometi-me apenas a levar esta charada até ao fim, e é isso que vou fazer.

Passo-lhe a mão pelo cabelo e enrolo-o aos meus dedos.

– Não *adoram* ver o Wyn com o cabelo assim? – grito para me fazer ouvir por cima da música.

Enquanto leva aos lábios o copo, Parth diz:

– Parece o líder atormentado de um gangue de *motards*.

Ele aperta-me as ancas, um sinal de que estou a brincar com o fogo.

– Ainda não tive tempo de o ir cortar, *querida*.

– Eu acho que te fica mesmo bem, Wynnie – diz Kimmy. – E a barba também.

– Também é para tirar – diz Wyn.

Viro-me para ele com um beicinho exagerado e passo o braço à volta do seu pescoço.

– Mas eu gosto.

Sinto a pele dele por cima da gola arrepiada, e os nossos olhos encontram-se num desafio, enquanto ele passa a mão pela minha barriga, com a palma quase impossivelmente quente.

Com uma gargalhada, Parth diz:

– Eh, lembram-se quando jurámos que isto nunca se tornaria umas férias de casalinhos?

Sabrina bebe um gole.

– Tenho quase a certeza de que tu eras o único que estava preocupado com isso.

– Tenho quase a certeza de que só disseste isso porque não querias que a Sabrina trouxesse o namorado – acrescenta Cleo.

– Isso era só um bónus – diz Parth. – O principal era que eu queria ser jovem para sempre. As férias de casais pareciam-me coisa de velhos. Os meus pais costumavam ir para a Florida com os meus tios e tias, e depois obrigavam-nos a ver cem fotografias diferentes deles dentro de um restaurante Margaritaville.

Desde que o conheço que Parth tem uma oposição moral a cadeias de restaurantes. Talvez porque, tal como eu, cresceu num subúrbio do Midwest e essas eram as únicas ofertas a que tínhamos acesso. Por mim, acho as cadeias de restaurantes reconfortantes. Sabemos exatamente o que esperar, nunca há surpresas. São as reposições de *Crime, Disse Ela* da indústria alimentar.

Wyn inclina-se ao meu lado para pousar a *margarita* meio bebida na mesa.

– Têm de nos dar licença – diz, içando-me em braços do seu colo. – Esta é a nossa canção.

Estou certa de que a minha expressão é confusa. As dos nossos amigos são-no sem qualquer dúvida.

Ele não me dá hipótese de discutir, pega-me na mão e puxa-me para o meio da multidão. Ainda oiço a voz de Sabrina, atrás de nós:

– Mas por que raio é que «Graduation» dos Vitamin C é a canção deles?

13

VIDA REAL

Terça-feira

Paramos na pista de dança, por baixo do palco. Com o corpo rígido, passo os braços à volta do pescoço de Wyn e deixo-o puxar-me para si, em parte porque Cleo está a observar-nos e em parte porque assim, pelo menos, não preciso de olhar para a cara dele.

– Estás a fazer jogo sujo – digo.

– Eu? – responde ele. – Tu praticamente fizeste-me uma *lap dance*.

– Não fiz nada – nego. – E nunca farei.

– *O cabelo do Wyn não fica sexy assim?* – imita ele em voz sedutora.

– Eu não disse *sexy*. Quando é que disse *sexy*?

– Fizeste a voz. Percebi muito bem o que querias dizer.

Revirei os olhos.

– Estou a representar o meu papel.

– E que papel é esse? Marilyn Monroe a cantar os «Parabéns» ao presidente?

– O papel em que estou apaixonada por ti – digo.

Ele fica tenso.

– Pois, bem, talvez já não te lembres muito bem, mas quando *estavas* apaixonada por mim, não tinhas o hábito de me montar em público.

– Bom, tendo em conta que também não te montei hoje – digo –, podemos partir do princípio que estás a recorrer a alguma técnica de psicologia invertida. Lamento, Wyn. Não vai acontecer.

Ele solta uma leve risada trocista, mas não tem resposta.

Furiosos, baloiçamos alguns segundos mais ao som da música.

– Não vamos mesmo falar sobre o que aconteceu na adega? – diz ele.

– Não aconteceu nada na adega – recordo-lhe.

– Então não tens nada a dizer sobre aquilo que *quase* aconteceu.

Algo que ele me dissera há muito tempo vem-me à cabeça.

– Folhas secas – digo. – A esvoaçar pela minha cabeça.

Ele abana a cabeça e o canto da sua boca roça na minha testa.

«Graduation» chegou ao fim. Agora alguém está a cantar «Wicked Game», alguém que sabe de facto cantar. Não tão bem como Chris Isaak, mas o suficiente para que a canção soe adequadamente arrasadora e inadequadamente *sexy*. É o tipo de guinada inesperada que acontece nas noites de *karaoke*, mas *não é o ideal* dadas estas circunstâncias específicas.

Kimmy e Cleo vieram para a pista de dança também e estão a pouca distância de nós. Wyn aproveita a oportunidade para me fazer rodopiar; eu aproveito a oportunidade para inspirar uma profunda golfada de ar que cheira um *bocadinho* menos ao seu perfume embriagante de pinho e cravo-da-índia. Depois puxa-me de novo para si, barriga com barriga, peito com peito, para poder murmurar-me ao ouvido:

– Então... Os saltos altos, o vestido, a cara da Etsy, essa recente preferência por homens de barba... mais alguma grande alteração que eu deva saber?

Os meus dedos prendem-lhe o cabelo e, uma vez mais, sinto-lhe a pele arrepiada na nuca. Regozijo-me com o poder de despertar pelo menos *alguma* reação nele. Pode ter-me afetado na cave – e a sua vida pode estar *muito*

melhor sem mim –, mas isso não significa que seja mais imune do que eu a esta coisa que há entre nós.

– O livro de mesa – digo no mesmo tom. – A barba, o cabelo, as mensagens constantes. Mais alguma coisa que *eu* deva saber?

Assim que o digo, quero voltar atrás. Sei a rapidez com que ele me apagou da sua vida; não quero saber a rapidez com que eliminou os estilhaços de mim do coração.

O seu olhar ensombra-se e trespassa o meu, em busca da resposta a alguma pergunta muda. Alivia a força com que me aperta a cintura e as suas palmas deslizam alguns centímetros, detendo-se nas minhas ancas. Aperta os lábios.

– Acho que não – responde.

Depois de a canção chegar ao fim, ficamos abraçados mais alguns segundos, em silêncio, imóveis. Por fim, afastamo-nos.

*

Quando voltamos para a mesa, Sabrina já arranjou outra cadeira. Antes que eu consiga apanhá-la, Wyn senta-se e puxa-me para o colo sem hesitar.

A mensagem é clara: se eu continuar a subir a parada, ele continuará a responder na mesma moeda.

Não estou com vontade de me render. Encosto-me ao peito dele e volto a enfiar os dedos no seu cabelo sedoso.

Em resposta, ele desliza a mão pelo exterior da minha coxa, o calor da palma a queimar-me através do *chiffon* vermelho. Parece-me que tenho o coração a bater entre as pernas. Wyn roça os lábios no meu pescoço, não propriamente num beijo, mas fazendo-os deslizar pela pele sensível com um suspiro lento.

– Traga-me um copo de vinho branco, por favor – peço em voz aguda quando a empregada aparece com as seis doses de batatas fritas que Sabrina pediu.

– Com certeza – diz ela, evitando tanto quanto possível olhar para o espetáculo ridículo que eu e Wyn estamos a dar antes de se afastar apressadamente.

Quando regressa com o vinho, bebo-o de uma vez, porque neste momento entorpecer o cérebro me parece a melhor de duas opções terríveis.

– Está tudo bem contigo, Harriet? – pergunta Wyn no seu tom rouco, o equivalente à voz de Marilyn a cantar os parabéns ao presidente.

Viro-me para ele, inclino-me até ter o peito encostado ao dele e as nossas bocas estarem próximas. Envolvo-lhe o pescoço com os braços e o seu olhar percorre-me de cima a baixo enquanto os músculos do maxilar se contraem.

Respira fundo, o que nos aproxima ainda mais, e sinto o coração dele bater contra o meu peito. Leva as mãos às minhas ancas e ajeita-me melhor no colo.

Embriagada de poder, mais cinco meses de raiva contida, mais um copo de vinho, encosto-me ainda mais a ele e sinto os meus mamilos esmagados entre nós quando baixo a boca, como ele fez, para aquele ponto sensível abaixo da orelha.

– Nunca estive melhor – digo.

Inconscientemente, os seus dedos apertam-me mais as ancas e deslizam-me pelas coxas até deixarem o tecido para trás e alcançarem a pele nua.

Podemos estar a desempenhar os nossos papéis, mas não é apenas isso. Sinto-o ficar duro por baixo de mim. Isso faz com que cada sítio macio no

meu corpo pareça magma, incendiário, volátil. Mas não serei eu a dar o braço a torcer.

– Os dardos estão disponíveis – diz Sabrina do outro lado da mesa. – Alguém quer jogar?

– Eu jogo – diz Kimmy, e levanta-se de um salto.

Não afasto os olhos de Wyn, à espera que ele quebre. Por fim, ele olha rapidamente para Sabrina.

– Mais daqui a bocado, talvez. – Os seus olhos regressam aos meus, duros como aço. – Para já, estou aqui muito confortável.

*

Sabrina vence quatro habitantes locais, e também Kimmy, numa partida de dardos, e Parth e Cleo lançam-se numa longa conversa com o grupo da despedida de solteira sobre fraude eleitoral, e como a organização de Parth luta para a combater.

As raparigas aceitam com uma boa vontade impressionante a volta que a sua noite de deboche deu. Ninguém sabe dominar um grupo como Parth Nayak. Além disso, Sabrina não parou ainda de lhes mandar entregar *shots* de Fireball.

Ao fim da noite, tanto ela *como* Parth trocam literalmente cartões de visita físicos (quem diria que eles ainda tinham isso? Eu não imaginava) com algumas pessoas da festa, e Cleo, Wyn e eu praticamente temos de os levar em braços, a eles os dois e a Kimmy, para fora do Lobster Hut e até ao táxi.

Mesmo assim, Parth ainda tem presença de espírito para pôr a tocar a sua banda sonora tradicional de final de noite, a fantasmagórica e bela canção de Julee Cruise dos créditos iniciais de *Twin Peaks*.

No banco de trás, Sabrina encosta-se a mim, meio a dormir, dando início a um efeito dominó que me empurra contra o peito de Wyn. Ele pousa a mão no meu joelho e não consigo distinguir se é a pulsação dele ou a minha que ecoa entre nós.

De regresso a casa, aqueles de nós que estão sóbrios conduzem os restantes até à cozinha e obrigam-nos a beber água. Subimos, damos as boas-noites com abraços, e por fim, com o coração a tentar saltar-me pela boca, sigo Wyn até ao quarto e de súbito estou demasiado nervosa por saber que a porta vai fechar-se e ficarei verdadeiramente sozinha com ele.

Wyn levanta a mão por cima do meu ombro e fecha a porta. Deixa ficar a mão ali, à esquerda da minha cabeça.

Há trinta centímetros de espaço entre nós, mas parece fricção. Como estar ao colo dele numa alcova escura num vão de escadas. Como deitar-me ao colo dele num bar apinhado.

Os olhos de Wyn deslizam sobre o meu rosto e passa distraidamente a ponta da língua pelo lábio inferior. Com voz baixa e rouca, pergunta:

– Já acabámos?

Levanto o queixo.

– Não sei do que estás a falar.

Não percebo como, mas estamos agora mais perto. O canto da boca dele estremece, mas os seus olhos continuam sombrios, focados. Sinto o seu hálito na minha boca. Mais uma inalação profunda, da parte dele ou da minha, será suficiente para eliminar o espaço que nos separa.

– Porque é que estás a castigar-me?

Tento soltar uma gargalhada zangada. Sem êxito. Ele parece demasiado sincero, demasiado perdido, como se estivesse desesperado por compreender.

Como se não lhe coubesse na cabeça que todo o meu amor por ele não se esvaiu de um dia para o outro, como o amor dele por mim. Que esse amor teve de ir para *algum lado*, e que canalizá-lo para a raiva foi a única forma que encontrei de sobreviver a estes últimos dois dias.

Isso faz-me sentir sozinha. Derrotada.

Ele engole em seco.

– Não podemos... declarar uma trégua? – pergunta. – Sermos amigos, durante os próximos dias?

Amigos. A ironia, a esterilidade da palavra, magoa-me. É como álcool derramado sobre o meu coração ferido. Mas não consigo encontrar de novo a plenitude da minha raiva.

– Muito bem – digo. – Tréguas.

A mão de Wyn afasta-se da porta. Ele recua e, passado um instante, acena com a cabeça.

– Fica tu com a cama.

Não posso deixar de reparar que ele não parece muito mais contente do que eu me sinto.

14

LUGAR FELIZ

MORNINGSIDE HEIGHTS, NOVA IORQUE

Um apartamento de quatro quartos, que nós os cinco juntos mal conseguimos pagar. Uma casa de banho completa com um rigoroso horário para tomar duche (organizado por Sabrina), e uma casa de banho pequena a que chamamos a «latrina de emergência» porque não tem mais nada senão uma sanita e uma lâmpada que se acende ao puxar uma corrente, e é sinistra como tudo.

Soalhos de madeira originais que fazem concavidade no centro, cansados de sustentar as mobílias em segunda mão de gerações de estudantes. Janelas que emperram dias seguidos e não há nada a fazer senão deixá-las estar e voltar a tentar passado algum tempo. Quando faz calor ou chove, emana das paredes o leve cheiro a cigarros do passado, recordando-nos que estamos de passagem, que este edifício já aqui estava muito antes de nós chegarmos à cidade e aqui ficará muito depois da nossa partida.

Depois de eu e Wyn trocarmos aquele primeiro beijo, na adega, no verão, eu julgara que ficaríamos por aí: a nossa curiosidade satisfeita, a paixoneta saciada. Em vez disso, assim que a porta do nosso quarto partilhado se fechara ele empurrara-me contra ela e beijara-me como se tivessem passado meros segundos, como se estivéssemos mesmo a meio de alguma coisa.

Ainda assim, tivemos calma nessa primeira noite, beijámo-nos durante horas antes de finalmente nos despirmos um ao outro. *Tens a certeza*, murmurara ele, e eu tinha.

Continuaremos a ser amigos depois disto, murmurei, e ele sorriu e disse-me: *Nunca foste apenas uma amiga para mim.*

Depois deitou-me gentilmente na cama dele e, quando o rangido da estrutura de madeira ameaçou denunciar-nos, mudámo-nos para o chão, de mãos entrelaçadas, a murmurar com a boca na boca do outro, e nas mãos do outro, e na garganta do outro, tentando não gritar os nossos nomes na escuridão.

E todas as noites seguintes tinham sido iguais. Éramos como amigos até a porta se fechar, e depois passávamos a ser algo completamente diferente.

Ainda assim, quando nos mudámos para a casa nova com os outros – para eu começar a especialização em Medicina, e Sabrina o curso de Direito na Universidade de Columbia, e Cleo ocupar o seu cargo na quinta urbana em Brooklyn –, eu esperava que esta relação delicada se fosse dissipando.

Em vez disso, intensifica-se. Quando os outros estão por perto, encontramos segundos de privacidade, roubamos toques das mãos e nas ancas e no pescoço, na pele nua por baixo das camisolas. E quando estamos a sós, assim que a porta da rua se fecha, ele puxa-me para o seu quartinho minúsculo – uma vez que eu partilho o meu com Cleo – e durante alguns minutos não temos de não nos preocupar em não fazer barulho. Eu digo-lhe aquilo que quero. Ele diz-me qual é a sensação. E esta coisa entre nós não é um segredo.

Embora talvez seja o facto de ser segredo que o torna empolgante para ele.

Uma noite, quando toda a gente saiu, estamos deitados na cama de solteiro de Wyn, ele a brincar com os caracóis do meu cabelo.

– Se não somos amigos – pergunto –, o que é isto?

Ele estuda-me na escuridão, afasta-me o cabelo da testa com gestos ternos.

– Não sei. Mas sei que preciso de mais.

Beija-me de novo, um beijo lento e lânguido, como se, para variar, tivéssemos todo o tempo do mundo. Puxa-me para cima de si, as mãos suaves na minha cintura, os nossos olhos unidos por entre a penumbra. A nossa respiração sobe e quebra-se junta, temos as mãos entrelaçadas junto da cabeceira da cama e ele murmura na minha boca:

– Harriet, *finalmente.*

Finalmente. A palavra lateja-me nas veias. *Finalmente. Tu. Finalmente.*

Estou à beira das lágrimas e não sei bem porquê, sei apenas que isto é tão intenso. Tão diferente do que sempre foi.

– Mudei de ideias – diz ele. – Acho que és a minha melhor amiga.

Rio-me junto da face dele.

– Melhor do que o Parth?

– Oh, muito melhor – diz ele em tom provocante. – Depois desta noite, ele está fora da competição.

– Acho que tenho de te dizer que a Cleo e a Sabrina são as minhas melhores amigas – digo. – Mas tu és o meu homem preferido de todos os tempos.

Ele sorri e beija-me a parte de dentro do cotovelo.

– Acho que consigo viver com isso.

Não falamos sobre o que significa, nem em como acabará, mas falamos sobre tudo o resto, trocamos mensagens todo o dia, todos os dias, mesmo quando estamos na mesma divisão.

Ele manda-me fotografias dos novos lançamentos de policiais nos seus turnos na livraria Freeman's, para saber se eu os quero. Ou amostras de tecido do trabalho de estofador que tem *depois* do *part-time* na livraria,

especialmente os têxteis mais abstratos cujos padrões parecem inevitavelmente muito e apenas vaginas ou pénis.

Eu respondo com ilustrações dos manuais de medicina que estou a estudar, ou faço diagnósticos informais aos têxteis, ou mando capturas de ecrã de pesquisas de imagens de «*cowboy*» no Google e pergunto-lhe: *Algum destes é da tua família?,* e ele tem sempre resposta, como: *Só o que tem os dentes todos de ouro. Quando ele morrer, por acaso sou eu que os vou herdar.*

Quando ele vai ao Montana visitar a família, volta com uma pilha de livros de bolso usados que me comprou na Goodwill a dez cêntimos cada: *Ela Morrerá na Montanha, Tragédia na Montanha Roxa, Crime no Grande Rochedo,* Cowboy *Quero Morrer Contigo,* o último dos quais na verdade é sobre vampiros e estava mal arrumado.

Quando passa pelo Trader Joe's a caminho de casa, traz-me caixas de gelado de mirtilos do Maine ou de ácer do Vermont.

Grande parte da minha vida é esperar para poder ter mais dele, e até essa tortura é maravilhosa.

Uma noite, após meses desta relação às escondidas, quando estamos todos em casa, ele oferece-me um bilhete que tem a mais para o cinema – um colega de trabalho não pode ir – e saímos juntos do apartamento. Lá fora, pega-me na mão e aperta-a com força, a sua pulsação a datilografar na minha palma: *tu, tu, tu*.

Pergunto que filme é que vamos ver.

– Não há filme nenhum – diz ele. – Só queria levar-te a sair como namorados.

Namorados, penso. *Isto é novidade*. Eu nem sequer me tinha apercebido de que queria sair com Wyn Connor como sua namorada, mas agora que as palavras foram ditas sinto uma espécie de alegria-tristeza, fico quase sem ar. Como se estivesse já com saudades desta noite antes mesmo de ela começar. De cada vez que ele me oferece mais de si, torna-se mais difícil não poder ter tudo.

Passeamos por Little Italy durante horas, empanturrando-nos de *cannoli* e *gelato* e *cappuccinos*. Ou melhor, *eu* empanturro-me enquanto ele vai provando. Não é grande apreciador de doces.

Diz-me que não se habituou a comer doces quando era criança, que os Connor eram «uma família de carne, batatas e maionese», e depois pergunta:

– E tu, sempre gostaste assim tanto de açúcar?

– Sempre – digo. – E acabaste de fazer aquela coisa.

– Qual coisa?

– Aquela coisa em que me dás uma pepita minúscula de Wyn e depois viras de novo a conversa para mim.

Ele esfrega a nuca, de testa franzida.

– Porque não gostas de falar sobre ti? – pergunto.

Ele diz:

– Lembras-te quando me disseste que eras atraente de libertação prolongada?

– Só o mês passado é que deixei finalmente de adormecer todas as noites constrangida com essa memória humilhante – digo –, e agora tenho de voltar ao princípio.

Ele puxa-me para si, com o braço sobre os meus ombros, enquanto caminhamos pelo passeio molhado e iluminado. Passados alguns segundos, diz:

– Acho que eu sou enfadonho de libertação prolongada.

– O que é que estás para aí a dizer?

Wyn encolhe um ombro.

– Não sei.

Enrolo os braços à volta da cintura dele, por dentro do casaco.

– Diz lá – peço. – Por favor.

Ele hesita.

– É só que... Sou o tipo de homem em que as pessoas estão sempre mais interessadas *antes* de me conhecerem.

– *Quem* é que disse isso? – pergunto.

– Muita gente, Harriet.

Franzo a testa. Ele ri-se, mas não é sincero.

– Tive dez anos para aceitar isto – diz. – As pessoas interessam-se à primeira vista, mas nunca dura muito. Já te disse que não namoro com amigas, e é por isso. Porque assim que me envolvo com alguém, que deixo a pessoa realmente entrar na minha vida, a novidade passa depressa. É assim desde o secundário, quando vinham raparigas de fora passar o verão, e ainda é assim. Não sou lá muito interessante.

– Cala-te – digo. – Isso é um disparate, sabes muito bem.

– Não é – afirma ele. – Mesmo com a Alison. Pensei que fosse resultar com ela, pensei mesmo. Achei que estava a envolver-me com o tipo errado de

mulher, e por isso dessa vez procurei alguém mais parecido comigo, uma pessoa sem aspirações grandiosas, para que não se fartasse tão depressa. E depois ela trocou-me pelo instrutor de ioga. Disse que tinha uma ligação mais profunda com ele, a um nível de que eu não era capaz. Eu sou... não sei. Simples?

Ele parece constrangido. Sinto uma dor no peito, como se estivesse a sentir também aquele ponto sensível nele, o espinho cravado através das camadas de músculo. Faria tudo para o arrancar.

Agarro-lhe nas lapelas do casaco e ergo os olhos para o seu rosto.

– Em primeiro lugar – digo –, ser simples não é uma coisa má. Em segundo lugar, ser simples não é ser estúpido, e tu *não* és estúpido, e não sei por que raio estás sempre a tentar convencer-te disso, mas é mesmo um disparate, Wyn. E, por último, és o oposto de enfadonho de libertação prolongada. Eu gosto muito mais de ti agora do que quando nos conhecemos. Em parte porque agora respondes às minhas perguntas, em vez de dares a volta a tudo para te armares em sedutor.

Ele levanta as sobrancelhas.

– Em parte? E qual é a outra parte?

– Tudo – respondo.

Ele ri-se.

– Tudo?

– Sim, Wyn – confirmo. – Gosto do teu corpo e da tua cara e do teu cabelo e da tua pele, e gosto como estás sempre mais quente do que eu, e nunca estás sossegado exceto quando estás mesmo a tentar concentrar-te no que alguém diz, e como estás sempre a arranjar coisas sem ser preciso pedir. És o único

de nós que se dá ao trabalho de ir pôr o lixo antes de o caixote estar a deitar por fora. E sempre que vais fazer *seja o que for*... ir ao supermercado, ou lavar a roupa, ou preparar o pequeno-almoço... perguntas sempre se alguém precisa de alguma coisa, e gosto de saber quando me vais mandar uma mensagem do outro lado da sala porque fazes uma cara específica.

Ele ri-se, com a boca encostada à minha face, e só queria poder engolir aquele som, deixá-lo ganhar raízes no meu estômago e crescer por mim como uma semente.

– É a minha cara de *quero devorar-te toda?*

Aperto-o mais contra mim quando paramos num semáforo vermelho.

– Não lhe tinha dado um nome, até agora.

O semáforo muda mas, em vez de atravessarmos, ele puxa-me para uma esquina que dá para um beco, e beija-me contra uma parede de tijolo até eu perder a noção do tempo, do *espaço*. Tornamo-nos as únicas duas pessoas no mundo.

Até um grupo de universitários bêbados começar a gritar para nós do meio da rua, e mesmo assim não paramos de nos beijar, os nossos sorrisos a colidirem, as mãos enroladas nas roupas um do outro.

Quando nos afastamos, ele encosta a testa à minha, ofegante no frio da noite.

– Acho que te amo, Harriet – diz.

Amor, penso. *Isto é novidade.* E nunca mais poderei ser feliz sem esse amor.

Sem refletir, sem preocupação, digo-lhe a verdade:

– Eu tenho a certeza de que te amo, Wyn.

Ele toca-me no queixo, com a mão a tremer um pouco, e encosta o nariz ao meu.

– Amo-te tanto, Harriet.

Em casa, reunimos os nossos amigos à volta da mesa da sala de jantar que Wyn arranjou, todas as nossas pessoas preferidas, com graus variados de terror estampados no rosto, sem saber o que lhes íamos dizer, e Wyn e eu, cheios de medo de o dizer.

– Estamos juntos – declara Wyn, e perante o silêncio absoluto que recebe a informação, acrescenta: – *Juntos*. A Harriet e eu.

Sabrina corre para o frigorífico como se estivesse a planear vomitar dentro dele, mas quando fecha a porta e se vira tem na mão uma garrafa de *prosecco* e está a tirar copos da prateleira por cima do fogão. E Parth está de pé, e abraça Wyn, e depois a mim, com tanta força que me levanta do chão. Sacode-me de um lado para o outro antes de me voltar a pousar.

– Até que enfim que o nosso rapaz te disse finalmente o que sente.

Sabrina abre a garrafa e começa a encher copos.

– Sabem que agora que estão *finalmente* juntos, não podem separar-se *nunca mais*, certo?

– Não ponhas uma pressão dessas em cima deles – diz Cleo.

– A pressão existe, quer o admitamos ou não – continua Sabrina. – Se eles acabarem, isto... – agita a garrafa entre nós – ... implode.

– Há muitas pessoas que ficam amigas depois de se separarem – diz-me Cleo rapidamente. – Não que isso vá acontecer convosco!

– Desta vez concordo com a Sabrina – diz Parth.

Ela levanta a garrafa e tenta usar a mesma mão para fazer uma concha na orelha.

– Desculpa? É o aquecimento global que estou a sentir, ou o inferno congelou e o Parth está mesmo a *concordar* comigo em alguma coisa?

– Estou a concordar contigo – diz Parth –, porque desta vez tens razão. Acabaria por acontecer, mais cedo ou mais tarde.

Ela revira os olhos e continua a encher copos.

– Harry, estou a falar a sério – diz Parth, apoiando as mãos nos meus ombros. – Não te atrevas a partir o coração do meu anjinho delicado.

Sabrina ri-se.

– Oh, por favor. O *Wyn* é que não pode partir o coração *dela*.

– Não há necessidade desta pressão toda – insiste Cleo.

– Ele nunca a magoaria, nem daqui a um milhão de anos – diz Parth a Sabrina, enquanto passa copos de champanhe a mim e a Wyn. E, sem mais delongas, estão de novo a embirrar um com o outro.

– E ela está obcecada por ele há anos – diz Sabrina.

– Por falar em tensão sexual não reconhecida – resmunga Wyn, agitando o copo na direção deles. – Vocês os dois querem ficar sozinhos para continuar a discussão, ou já chega?

– Que nojo! – exclama Sabrina.

Parth faz uma careta.

– Obrigadinho, Sabrina.

– Não estou a dizer que *tu* és nojento – explica ela. – A ideia de *nós* os dois é que é. Imagina! Além disso, a última coisa de que este grupo de

amigos precisa é de *outro* envolvimento romântico. Já estamos a brincar com o fogo, e eu não posso mesmo, mesmo perder isto. Isto – agita de novo a garrafa entre nós – é a minha família.

É a minha, também, mas não estou preocupada. Já o sei: amarei Wyn Connor até morrer.

Nessa noite, pela primeira vez, durmo no quarto de Wyn. Ficamos acordados até tarde, com os lençóis amachucados aos nossos pés, o suor a secar-nos na pele, e ele brinca com o meu cabelo.

– É sempre um perfeito mistério para mim – murmura –, aquilo em que estás a pensar.

– Eu ajudo – digo. – Oitenta por cento dos meus pensamentos são imaginar-te nu.

Ele beija-me a testa húmida.

– Estou a falar a sério.

– Eu também – respondo.

– És um mistério para mim, Harriet Kilpatrick.

O meu sorriso esvanece-se.

– Também sou um mistério para mim – confesso. – Só depois de conhecer a Cleo e a Sabrina é que percebi como me compreendia mal a mim própria. Elas as duas têm tanta certeza do que pensam sobre tudo.

Ele estica-me outro caracol de cabelo e o leve puxão lança-me um arrepio elétrico por dentro.

– Bom, devíamos tratar de conhecer-te, então – diz.

– Nem sei por onde começar.

– Por uma coisa pequena – diz ele.

– Como por exemplo?

Wyn abre um sorriso de esguelha.

– Por exemplo, porque é que gostas de policiais aconchegantes?

Encolho os ombros.

– Não sei. São tão... leves.

O beijo que está dar-me na cabeça dissolve-se em riso.

– Leves?

– O pior que pode acontecer a uma pessoa acontece logo no princípio da história – explico. – E isso dá-me... uma espécie de segurança. Sabemos exatamente o que vai acontecer no fim. Há tantas coisas imprevisíveis na vida. Gosto de coisas em que podemos confiar.

Ele franze a testa, com o cabelo dourado revolto sobre a testa. De súbito, estou certa de que encontrei a única resposta inaceitável para a pergunta dele, a resposta que o fará perceber que não sou a mulher sofisticada, *sexy* e misteriosa por quem me toma.

Ele passa os dentes pelo lábio inferior.

– Podes confiar em mim, Harriet.

Nesse momento, Wyn infiltra-se um pouco mais fundo no meu coração, abre outra porta, encontra uma divisão totalmente murada que eu nem sabia que ali estava.

Puxa-me para o peito e os nossos corações batem em uníssono. Nunca tive tanta certeza de nada, nunca nada me pareceu tão certo, tão seguro.

15

VIDA REAL

Quarta-feira

Alguém está a trabalhar com um martelo pneumático no interior do meu crânio.

Viro-me e escondo o rosto no colchão macio.

PUM-PUM-PUM.

Uma voz estilhaça as trevas incorpóreas.

– Estão decentes?

Abro os olhos de repente, num quarto banhado pela luz cinzenta da manhã. Pela janela aberta entra o cheiro a pedra molhada e a maresia, e a chuva tamborila no telhado.

– Vou entrar!

Sabrina. Está a chamar-nos do outro lado da porta.

Os meus olhos percorrem rapidamente o quarto, e o meu cérebro atrapalhado tenta montar o *puzzle* daquilo que me rodeia. Estou deitada no meio de uma cama *king size*, com a *T-shirt* que diz *Virgem que sabe conduzir* e cuecas.

– Três... – diz Sabrina.

O meu olhar incide no monte de lençóis extra no chão, na perna bronzeada a espreitar de baixo destes, no braço dobrado debaixo do cabelo loiro revolto.

– Dois...

Atiro uma almofada à cara de Wyn, que se senta, sobressaltado.

– Um! – diz Sabrina. – Pronto. Vou entrar. Tapem as...

Aceno freneticamente a Wyn.

– ...partes boas se não querem que eu as veja.

Os olhos dele focam-se e arregalam-se. Agarra nas cobertas em que está enrolado e atira-se para cima da cama, com um rasto de lençóis atrás de si.

– Bom dia – diz Sabrina, abrindo a porta.

– O que se passa? – pergunto, puxando as cobertas para cima de nós.

Os lábios de Sabrina curvam-se num sorriso quando vê a roupa meio na cama e meio no chão, como se tivesse sido descuidadamente atirada num momento de paixão.

– O pequeno-almoço era há vinte minutos – diz. – Ninguém leu os itinerários?

– Os itinerários que são a *novidade* deste ano? – diz Wyn. – Com o calendário aproximado do que fazemos *sempre*?

Parth enfia a cabeça na porta, com o cabelo ainda húmido do duche.

– Despachem-se. Temos um horário a cumprir.

Wyn afasta o cabelo da testa.

– Mas vocês os dois andam a tomar esteroides?

– Ritalina de contrabando? – arrisco.

– Cocaína – diz Wyn.

– Chupa-chupas e xarope para a tosse.

– Upa, upa, upa. – Sabrina bate palmas ao ritmo das palavras, impaciente, e eu sinto o som a vibrar atrás dos olhos.

– Será possível estar de ressaca só com um copo de vinho? – resmungo.

– Depois dos trinta anos, tudo é possível – diz Parth, e a maré que os trouxe até aqui leva-os de novo consigo.

Wyn solta a respiração e os seus ombros relaxam.

As pregas dos cobertores e da fronha deixaram-lhe pequenas marcas na barriga e no rosto. Quando se levanta para ir à casa de banho, a esfregar as mãos na cara, dou por mim a estudá-lo como se tivesse um exame mais tarde. Ele olha para mim por cima do ombro e diz, em voz rouca:

– Queres tomar banho?

Os restos das brumas de sono esfumam-se com a velocidade de um coiote dos desenhos animados.

– Banho?

Ele parece confuso, possivelmente pela minha palidez súbita.

– Precisas do chuveiro, ou posso usá-lo eu?

Certo. O que ele perguntou foi *Queres tomar banho sozinha?* e não *Queres tomar banho comigo?* Obviamente.

– Não preciso! – exclamo com voz esganiçada. – Dá-me um minuto para pegar nas minhas coisas e sair daqui.

Ele ri-se e abre a torneira do chuveiro.

– Não é nada que nunca tenhas visto, Harriet.

Salto da cama e começo a remexer na mala, à procura de um par de calças de ganga.

– Quer dizer, tirando a nova tatuagem – acrescenta ele.

Viro-me antes de o meu cérebro registar o sarcasmo óbvio na voz dele. Wyn está a baixar os calções e, com um gritinho, viro-me de novo para a

mala.

– Podias esperar trinta segundos antes de começares a despir-te – digo.

Outra risada rouca, de quem acabou de acordar.

– Se te incomoda assim tanto, fecha os olhos.

Enfio as calças e dou um saltinho para as puxar para cima. Ele ainda não ligou a ventoinha e o vapor está a acumular-se atrás de mim. Imagino como faz as pontas do cabelo dele encaracolar.

– E se eu fechar os *meus* olhos? – diz ele.

– Como é que isso me ajudava? – Pego numa *T-shirt* lavada.

– Não sei. Talvez te fizesse...

Deixa a frase a meio enquanto eu dispo a *T-shirt* com que dormi e a atiro para cima da cama. Encosto a *T-shirt* lavada ao peito e olho para ele por cima do ombro.

– Talvez me fizesse o quê?

Wyn pigarreia e vira-se para o duche.

– Sentir como se eu não estivesse aqui.

– Não é necessário. – Visto a *T-shirt*. – Já estou despachada.

Ele não se vira até eu sair do quarto.

No corredor, chega até mim um gemido de «Haaaarrryyy». Recuo alguns passos e enfio a cabeça no quarto dos miúdos.

Cleo e Kimmy estão deitadas nas camas de solteiro encostadas uma à outra, no meio do quarto, tal como Wyn e eu costumávamos fazer. Enquanto Cleo parece bem tratada e repousada, com as tranças enroladas e presas numa touca cor de ferrugem e a pele luminosa, Kimmy está esticada de braços e

pernas abertos ao lado dela, cada membro numa direção, com o *eyeliner* brilhante de ontem à noite todo esborratado e o cabelo como um ninho de ratos no alto da cabeça. Pelo menos lembrou-se de tirar as lentes de contacto, acho eu, porque tem os óculos de armações escuras no rosto.

– Salva-nooooos – geme Kimmy.

– A *ti* – corrige Cleo. – Eu sinto-me ótima.

– Salva-meeee – emenda Kimmy.

Cleo dá uma palmadinha no espaço aberto entre uma e outra e eu atiro-me para a cama como se elas fossem os meus pais e isto fosse a manhã de Natal.

Quer dizer, não *propriamente* os meus pais. Eu tive uma daquelas educações em que o quarto dos meus pais era tratado como uma casa segura do FBI: não entrar, não olhar, nem sequer falar de tal coisa. Provavelmente por ser a única divisão da casa onde podia haver algum caos (se é que roupa lavada à espera de ser dobrada se podia considerar caos) e tenho quase a certeza de que, se tivesse apenas essas duas opções, a minha mãe preferia entrar para o programa de proteção de testemunhas a permitir que alguém visse a nossa roupa desarrumada.

A família de Wyn era diferente. Quando ele e Lou e Michael eram pequenos, os Connor tinham uma regra: a manhã de Natal só podia começar depois de o sol nascer. Assim, Wyn e as irmãs sentavam-se em frente da árvore enfeitada à espera do *minuto* em que o sol nascia, e depois corriam para o quarto de Gloria e Hank e saltavam para cima da cama deles, aos gritos, até os pais se levantarem.

Pensar em Gloria e Hank dava-me sempre uma pontada de *saudades de casa*, ou algo parecido. Era uma sensação que tinha muitas vezes em criança,

o que nunca fez sentido porque era quase sempre quando estava em casa que a sentia.

– Vou contratar um assassino para eliminar a Sabrina por ter mandado vir aquela rodada de Fireball ontem à noite – diz Kimmy, tapando o rosto com o antebraço. – Se quiserem podem mandar-me as vossas contribuições financeiras.

– Começava a achar que tu nunca ficavas de ressaca – digo.

– O problema são as meias bebidas – diz Cleo. – Ela acha que assim bebe menos, e depois perde-lhes a conta.

– Não perdi a conta. Borrei tudo. – Estica o braço e mostra uma fila de riscos de batom todos esborratados e colados uns aos outros.

– Ah – diz Cleo, disfarçando um sorriso. – Peço desculpa.

– Preciso de mais nove horas de sono – queixa-se Kimmy.

– Mas vocês, suas agricultoras *hippies*, não estão habituadas a acordar muito mais cedo do que as... – inclino-me por cima de Cleo para ver o relógio digital na mesa de cabeceira. Mas está desligado e no chão, como se alguém o tivesse arrancado da ficha e arremessado. – Sejam lá que horas forem.

– E sabes a que horas vamos dormir nessas noites, antes de acordar tão cedo? – diz Cleo. – Às nove. E não estou a dizer que nos deitamos às nove. Estou a dizer que a essa hora já estamos completamente inconscientes, na fase de sono REM.

– Acho que não vi sono REM mencionado em lado nenhum do nosso itinerário semanal – digo.

– Oh, meu Deus. – Kimmy senta-se bruscamente, tão depressa que temo que vá vomitar para o chão ao lado da cama. Mas, em vez disso, fita-nos com

expressão horrorizada. – Eu... eu ontem à noite fiz a minhoca em cima de uma mesa?

Cleo e eu desatamos a rir.

– Não – digo. – Não fizeste.

– Mas acredito que tenhas *pensado* que fizeste – acrescenta Cleo.

Kimmy solta uma exclamação ofendida. Cleo senta-se e debruça-se por cima de mim para a beijar.

– Amor, amo-te demasiado para te mentir – diz. – Não conseguirias fazer a minhoca nem que a *minha* vida dependesse disso. Mas alguns dos teus outros passos de dança não estavam mal de todo.

– EH! – grita Sabrina lá de baixo. – MEXAM... ESSES... RABOS... PARA... BAIXO... ANTES... QUE...

– Assassino contratado – resmunga Kimmy.

Cleo salta da cama e abre as pernas ao lado da cama.

– Amor, adivinha quem é que eu sou. – Põe as mãos nos joelhos e começa a contorcer-se de forma caótica.

– Está bem, se dancei assim tão bem já me sinto muito melhor – diz Kimmy.

Algures lá em baixo – talvez nas entranhas da Terra – soa uma buzina.

*

Normalmente, quando comemos no Bernadette's, aproveitamos a esplanada maravilhosa, com a vista deslumbrante do porto e a vasta variedade de aves marinhas indelicadas que gostam de roubar comida, mesmo que a temperatura nos force a estar enrolados em casacos polares.

Mas hoje, quando chegamos ao restaurante de telhas vermelhas, a tempestade sopra de novo com força. Só no bocadinho de correr do carro à porta, ficamos encharcados. Conseguimos uma mesa ao fundo, onde a montra dá para o pátio cinzento, com os chapéus de sol às riscas bem fechados e a oscilar sob o vento, os relâmpagos a tocarem nas ondas à distância.

O Bernie's está cheio de veraneantes como nós, vindos para a grande abertura do Festival da Lagosta, esta noite, e de locais a beberem os seus cafés matinais e a lerem o *Knott's Harbor Register* enquanto toleram as pessoas «De Fora», como nos chamam.

Ao balcão, vejo o meu companheiro de voo e aceno-lhe. Ele resmunga por entre dentes e continua a ler o jornal.

– É teu amigo? – murmura-me Wyn ao ouvido enquanto todos despimos as camadas exteriores de roupa, encharcadas. O seu hálito fresco contra a minha pele húmida faz-me estremecer.

Sento-me na cadeira.

– Depende se lhe perguntares a ele ou a mim – digo.

– Não me digas que ele tem andado a aborrecer-te para definirem a relação – provoca-me Wyn.

– Pelo contrário – digo. – Eu estou perdida de amores, mas ele é casado com o mar.

– Ah, coisas que acontecem – diz Wyn.

O contacto visual prolonga-se um segundo mais do que devia, e depois o telemóvel de Wyn vibra e ele franze a testa quando olha para o ecrã.

– Volto já – anuncia, e afasta-se. Observo-o de pé à entrada, com o telefone encostado ao ouvido, o riso a iluminar-lhe o rosto.

A expressão faz com que o meu coração pareça desabrochar e murchar com igual rapidez. Sempre me surpreendeu, a facilidade com que ele consegue mudar de expressão. Num segundo é capaz de ir de um ar terno e melancólico a uma expressão de assombro quase juvenil. De cada vez que ele mudava de expressão, eu pensava que esta é que era a minha preferida. Até ele voltar a mudar, e eu ter de aceitar que, fosse qual fosse o Wyn que tinha à minha frente, era sempre esse que eu amava mais.

A empregada vem recolher o nosso pedido, trazendo consigo uma vaga de aroma a xarope de ácer, café e pinho – o cheiro típico do Bernie's. Se eu pudesse andar pela vida fora sempre com o cheiro deste restaurante em vez de perfume, fá-lo-ia.

No entanto teria de começar a usar também uma bolsa à cintura cheia de panquecas de mirtilo, o que talvez tornasse as coisas confrangedoras no hospital. As pessoas eram capazes de se insurgir se a cirurgiã que as ia operar tivesse à cintura uma bolsa meio aberta de comida.

Sabrina pede as bebidas do costume. Café para todos exceto para Cleo, que bebe descafeinado, e um copo com gelo para arrefecer a famosa (e perigosa) bebida quente e forte do restaurante.

– Devíamos pedir também alguma comida – sugere Parth, e quando a chega à minha vez, peço as panquecas e o pedido habitual de Wyn, omeleta de claras com molho *sriracha* picante.

– A Gloria? – pergunto, quando ele volta para a mesa e despe o casaco.

Wyn parece meio surpreendido, como se se tivesse esquecido sequer de que eu aqui estava.

– Ah, não – recompõe-se, evitando o meu olhar. – Trabalho.

Wyn não é mentiroso, mas pela maneira como responde parece claramente que está a fugir à verdade.

Cleo afasta o prato de picadinho de batatas vegano, esfrega a barriga e geme.

– Estou a ter uma reação pavloviana qualquer a este sítio. Três garfadas, e parece que sinto os fantasmas de todas as minhas ressacas passadas.

Parth diz:

– Eu também.

– Sim, mas tu, a Kimmy e eu *também* bebemos *shots* de uma bebida em chamas a noite passada – recorda-lhe Sabrina. – Acho que não é justo estarmos a pôr as culpas no Bernie's.

Tento engolir o riso, o que só o faz parecer mais alto, e Parth vira-se para mim e dá-me uma palmada com força entre as omoplatas.

– Que raio foi isso, Parth! – grito.

– Estavas engasgada! – diz ele.

– Não estava nada – nego.

– Bom, eu não sou o médico do grupo.

– E a Internet diz que se alguém estiver engasgado, a melhor coisa a fazer é dar-lhe uma palmada na nuca? – pergunta Wyn.

– Não foi na nuca – protesta Parth. – Foi mais, tipo... a meio da coluna.

– Ah, sim a prima menos conhecida da manobra de Heimlich – digo. – O Gancho de Direita.

– Desculpa, Harry! – exclama Parth. – O instinto levou a melhor!

– Tens os instintos de um auxiliar de um hospital para mulheres na época vitoriana – diz Cleo.

– Para a próxima, fica-te pelas sanguessugas – digo.

Parth franze a testa.

– Deixei-as em casa. Estás bem?

– Estou – respondo.

– Acredita em mim – diz Wyn. – Ela está silenciosamente a planear a vingança.

– A nossa Harry? – troça Parth. – Nunca.

– Poder-se-ia pensar que não... – Wyn bebe um gole da chávena fumegante. – Mas olha que ela sabe pôr uma pessoa de joelhos quando quer.

Viro-me abruptamente para Sabrina.

– Então o que é que ainda falta fazer para o casamento?

Sabrina agita a mão.

– Nada. Tal como já disse, somos só nós os seis e um sacerdote universalista que encontrei *online*. Nem sequer estava a planear ter flores, se a Cleo e a Kimmy não tivessem tratado disso.

– Não nos importamos de ajudar – diz Cleo.

– E poderão ajudar, quando fizermos o grande casamento para a família no ano que vem – diz Sabrina, espremendo xarope de ácer para a caneca. – Esta semana, tudo o que quero é estar no meu sítio preferido, com as minhas pessoas preferidas. Quero que cada segundo conte, não quero perder mais nada.

Quando um trovão ribomba por cima de nós e um relâmpago se ilumina lá fora, Sabrina gesticula na direção da janela.

– Quer dizer, o que é *isto*? Hoje devíamos ir velejar.

Consulto a aplicação de meteorologia no meu telefone.

– Amanhã vai estar sol e calor. Podemos ir amanhã?

– E lá porque a casa vai ser vendida, isso não significa que tem de ser a última vez que nós os seis aqui estamos – diz Cleo.

Tento sorrir a Sabrina de forma encorajadora, mas uma espiral de sentimento de culpa apodera-se de mim. Quero tanto que esta semana seja perfeita, que seja boa o suficiente para compensar o facto de que será também a última. Não só nesta casa, mas como um grupo de seis. Tréguas ou não, não sou capaz de ser amiga de Wyn Connor.

Sabrina está calada e macambúzia e sei que ela está também a pensar na próxima semana.

Pigarreio.

– Tenho uma ideia.

– Tatuagens iguais – diz Parth.

– Quase – respondo. – É uma coisa que eu costumava fazer quando era pequena, porque detestava o meu dia de aniversário.

Sabrina, uma mulher profundamente devotada ao conceito de um *mês de aniversário*, sustém a respiração, chocada.

– Era difícil gerir as expectativas – digo. – E parecia que corria sempre alguma coisa mal.

Rebentava um cano e os meus pais tinham de usar o cartão de crédito para pagar as reparações.

Ou Eloise estava a ter dificuldades numa disciplina e precisava de explicações. Ou o segundo emprego do meu pai chamava-o para fazer horas extra na noite em que estávamos a planear sair. Por mais que eu dissesse a mim mesma que não precisava de nenhuma celebração especial, ficava sempre desiludida quando as coisas corriam mal, e depois sentia-me culpada porque sabia o esforço que os meus pais faziam para aguentar o barco.

– Uns dias antes de fazer dez anos, tive uma ideia – digo. – Se eu escolhesse uma coisa que queria mesmo, e que sabia que podia realmente *ter* no meu dia de anos, então acontecesse o que acontecesse, seria sempre um dia bom. Assim, disse aos meus pais que queria um *cheesecake* de Oreos, e eles compraram-no, e o meu aniversário foi ótimo.

Silêncio absoluto dos meus ouvintes.

– Isso – diz Sabrina por fim –, é mesmo, mesmo triste.

– Não, é bom! – digo. – É prático. Tive um aniversário fantástico.

– Querida, isso é trágico – diz Sabrina, e Parth concorda:

– Estou emocionalmente traumatizado.

– Parece-me que não estão a perceber onde quero chegar – digo.

Sabrina pousa a caneca.

– Se o objetivo dessa história era confirmar que todos os pais traumatizam inevitavelmente os filhos para a vida toda, e não há como o evitar, por isso devíamos parar de procriar em vez de continuar a espalhar a infelicidade, percebi perfeitamente.

Cleo revira os olhos.

– Nem era esse o objetivo *nem* o que estás a dizer é verdade.

– Não podemos controlar como correm todas as pequenas coisas esta semana – explico. – Mas até agora está a ser fantástica, e continuará a ser fantástica. Assim, cada um de nós podia escolher uma coisa... uma coisa que *temos* de fazer, ou ter, ou ver, ou comer esta semana... e assim, aconteça o que acontecer, teremos sempre isso. Aquela coisa que realmente queríamos esta semana. E a semana será um sucesso.

Um compasso de espera enquanto todos pensam no assunto.

– É boa ideia – diz Wyn. Do outro lado da mesa, os seus olhos encontram os meus. Tem o cabelo húmido da chuva, preso atrás das orelhas. Há tantos pormenores nele que estão ligeiramente diferentes, mas o meu coração ainda o vê e sussurra-me nas veias: *tu*.

Os corações conseguem ser tão estúpidos.

– Também gosto – concorda Cleo.

Parth encolhe os ombros.

– Eu alinho.

– Dizemos os nossos objetivos ou temos de os guardar em segredo? – pergunta Kimmy.

– Porque haviam de ser segredo? – pergunto.

– Para se realizarem – diz ela.

– Não é um desejo de aniversário – responde Sabrina.

– Não, eu prefiro assim. – Wyn olha para Kimmy. – Há menos pressão se não dissermos a ninguém.

Parth acena afirmativamente.

– Então não dizemos a ninguém qual é o nosso objetivo até *depois* de estar realizado.

– Vocês gostam todos demasiado de regras – comenta Kimmy.

– Tu é que começaste isto, Kimberly Carmichael – recorda-lhe Sabrina.

– Eu começo muitas coisas. Não quer dizer que sejam boas ideias.

Cleo apoia as mãos na mesa e abana o rabo, noutra imitação muito próxima dos movimentos de dança de Kimmy.

Sabrina semicerra os olhos.

– O que é que estou a ver, e porque é que me faz lembrar um pesadelo que tive ontem à noite?

16

VIDA REAL

Quarta-feira

Enquanto toda a gente na cidade está enfiada em cafés e restaurantes, a beberricar chá ou a comer estufado de amêijoas, nós os seis enfrentamos a chuva para deambular entre lojas de doces e *boutiques* de decoração repletas de panos da loiça divertidos com frases sobre adorar vinho, com os braços por cima das cabeças, como chapéus de chuva inúteis.

– Se calhar devíamos voltar para casa e relaxar – sugere Cleo depois de um trovão particularmente estrondoso e respetivo relâmpago, tão próximo que nos sobressaltou.

– O quê? Não! – protesta Sabrina.

Kimmy olha para o céu tempestuoso.

– Não me parece que a chuva vá parar tão depressa.

– Então vamos ver uma sessão dupla no Roxy – diz Sabrina.

– Sabes sequer o que está em exibição?

O Roxy só tem duas salas. À noite, ambas estão ocupadas com os novos lançamentos, mas no verão as matinés são reservadas para sessões duplas de filmes passados no Maine. Noventa por cento destes são adaptações de livros de Stephen King, o que resulta bem para Sabrina mas *não é ideal* para Cleo.

– Que interessa o que lá está? – diz Sabrina. – Era o que costumávamos fazer sempre que chovia. É tradição.

Seguimo-la pela rua abaixo até à bilheteira, na qual se encontra um adolescente de ar enfadado.

Cleo olha para os cartazes com ceticismo.

– *Salem's Lot* e *Regresso a Salem's Lot*. Isto não era uma minissérie?

– Oh, não – responde Sabrina. – *Salem's Lot* era uma minissérie com duas partes e *Regresso* é um filme, e combinados são fabulosos. Vais adorar.

– Não sei se estou com disposição para quatro horas de vampiros – diz Cleo.

Kimmy dá-lhe uma cotovelada brincalhona.

– E se eles *brilharem*?

– Oh, vá lá, Cleo – diz Sabrina. – Não sejas desmancha-prazeres.

– Por favor, não me chames isso – pede Cleo.

Sabrina une as mãos numa súplica.

– Estou só a dizer que é a última vez que podemos fazer uma coisa destas.

Olho de uma para a outra. Estamos num impasse.

– E se vieres ver apenas o primeiro filme? – sugiro.

– Minissérie – corrige Cleo.

– E depois podes ir para o The Warm Cup e nós vamos ter contigo a seguir.

Kimmy toca no cotovelo de Cleo.

– Eu volto para casa contigo se quiseres, amor.

Cleo levanta o queixo delicado e fino.

– Não, deixa lá. Não quero perder a companhia. Fico para ver o primeiro filme.

Sabrina solta um gritinho deliciado e vira-se para a bilheteira.

– Os bilhetes são por minha conta!

A dada altura, nos últimos trinta segundos, o funcionário colocou uma cartola na cabeça e Sabrina demora um segundo a lembrar-se do que ia fazer, quando se depara com este adolescente macambúzio e sardento, com um chapéu vitoriano.

– Seis bilhetes para a sessão dupla? – pede, por fim.

– Com certeza, *milady* – diz o adolescente.

Quando entramos, Wyn deixa-se ficar para trás, ao meu lado.

– Não tens de fazer isso, sabes?

– O quê? – pergunto.

– Estar sempre a encontrar soluções ardilosas para os desacordos entre elas. Se as deixares, conseguem resolver o assunto por si próprias.

– Não faço ideia do que estás para aí a dizer.

Ele ergue as sobrancelhas, divertido.

– Nenhuma ideia?

– Zero – respondo.

– Elas estão a ter umas férias maravilhosas – diz ele. – Tenta não te preocupares.

Sinto o estômago dar uma volta. Por mais que as coisas tenham mudado entre nós, Wyn ainda me conhece demasiado bem.

– Eu estou bem.

Ocupamos toda a primeira fila da pequena sala de cinema e, como somos os únicos espetadores, espalhamos as camadas exteriores de roupa nos bancos de trás, para secar. Tento arranjar maneira de me sentar entre Sabrina e Cleo,

mas acabo por ficar na cadeira da ponta, sem ninguém com quem falar a não ser Wyn, que se concentra no telemóvel – inclinado para eu não ver o ecrã – até as luzes se apagarem.

Ao primeiro pequeno susto, luto contra o impulso de me encostar a ele. Não ajuda nada o facto de estar um gelo aqui dentro, e de cada vez que, distraída, me apoio no braço da cadeira, roço no braço dele, que está a escaldar em comparação com a temperatura frígida do resto da sala.

Sabrina inclina-se para a frente, na outra ponta da fila, e levanta o polegar na nossa direção. Como que por instinto, Wyn pega-me na mão e pousa-a sobre a coxa, e o meu coração salta-me para a garganta.

A pulsação de ambos palpita alternadamente entre as nossas palmas, como um Pêndulo de Newton humano. Não consigo concentrar-me em mais nada senão neste único ponto de contacto entre nós. Reparo em cada ínfimo estremecimento dos dedos de Wyn.

Pergunto-me se *ele* também estará a pensar na noite passada, em mim sentada ao colo dele, com os braços à volta do seu pescoço, a esfregar-me nele como uma gata no cio, com a tensão a crescer entre nós.

Porque, de súbito, é *tudo* em que consigo pensar. A escuridão do cinema proporciona demasiada privacidade para que isto pareça uma representação, mas ao mesmo tempo não nos dá privacidade suficiente para que nos possamos evitar completamente.

Estou tão distraída do filme que, quando uma personagem no ecrã é empalada numa parede de chifres de animal, isso me assusta genuinamente.

– Oh, então, Harriet – murmura Wyn quando solto uma exclamação abafada e escondo a cara no peito dele. – Com certeza não é a tua primeira empalação em chifres. Eu já vi os livros que tens na tua biblioteca.

– É diferente – sussurro. Endireito-me e fito-o através da escuridão. – Esses livros são *aconchegantes.*

– Isso significa apenas que a pessoa que encontra o corpo tem um emprego enfadonho e usa coletes de malha.

– Sabes – digo –, certas pessoas poderiam pensar que esta tua insistência em pegar na minha mão significa que *também* estás um bocadinho enervado.

– E estou enervado – diz ele. – Mas não por causa do filme.

O seu tom não é de *flirt*, mas sim resignado. Como se esta coisa entre nós, esta última brasa incandescente de *desejo*, fosse uma verdade indesejável que se viu forçado a aceitar. Olhamos um para o outro e a pressão cresce entre nós, embriagante, potente.

Penso na conversa de quatro minutos que pôs fim à nossa relação. Breve, estéril, quase *cirúrgica*. Penso em como limpei o apartamento de cima a baixo a seguir, esfregando as juntas dos azulejos com uma escova de dentes até o suor me escorrer para os olhos, sem me sentir melhor, sem nunca conseguir erguer a cabeça acima das vagas de choque e desgosto.

Penso em todas as formas como ele me desiludiu e nos seus hábitos mais irritantes. (Nunca vi ninguém pôr a loiça na máquina de forma menos eficaz.) Mas não é para aí que a minha mente quer ir.

Preciso de espaço. Preciso de ar. Preciso de horas de hipnoterapia para o eliminar de vez das minhas terminações nervosas.

– Preciso de ir à casa de banho – digo abruptamente, e levanto-me da cadeira.

17

LUGAR FELIZ

A UMA HORA DE BOZEMAN, MONTANA

Um caminho meio coberto de neve e um carro alugado gélido, a tentar manter tração no asfalto escorregadio.

A mão quente de Wyn a apertar a minha. Leva os meus dedos aos lábios e aquece-os com o hálito quente.

– Eles vão adorar-te.

Nem sequer antes do exame de admissão a Medicina me senti tão nervosa. Nenhum momento nestes dois primeiros anos de estudo de Medicina me enervou desta maneira. Na escola, sei o que é preciso para ter sucesso, para conquistar aprovação. É algo que se consegue com trabalho, mas isto é diferente.

Eles podem não gostar de mim. Eu posso não gostar deles.

Posso falar de mais ou de menos. Posso não os deixar dormir com as idas à casa de banho durante a noite, ou arrumar os pratos no sítio errado, ou atrapalhá-los de qualquer um dos milhões de maneiras diferentes e muito específicas que só se *aprendem* a evitar com o tempo.

As janelas estão iluminadas com uma luz dourada, e a neve na escuridão parece roxa. É tão bonito que me faz pensar que gostava de ser pintora ou fotógrafa, alguém cujo trabalho na vida fosse captar o que não se consegue segurar. Cleo, se aqui estivesse, conseguiria preservar este momento.

Antes que Wyn consiga sequer travar o carro, a porta da frente abre-se de rompante. Os pais aparecem, a correr, de pijamas de flanela e roupões a

esvoaçar, com as bainhas das calças enfiadas em botas de neve. Gloria solta gritos de entusiasmo. Hank abraça-me antes de sermos apresentados.

A mãe de Wyn é mais alta do que eu pensava, quase tão alta como Hank, com cabelo loiro-claro e faces permanentemente rosadas. Hank tem cabelo castanho-claro ondulado, com madeixas cinzentas, e uma versão mais enrugada do rosto de Wyn, por trás de um par de óculos de armações metálicas.

As irmãs, a minúscula Lou de cabelo platinado, e a morena Michael, ainda mais pequena, estão dentro de casa, a beber *brandy* em frente da lareira, e depois de insistir em trazer ele as nossas malas, Hank manda-nos entrar, e somos recebidos por uma parede de ruído.

Mesmo à frente da família, Wyn não tira as mãos de cima de mim – ou na minha cintura, ou na curva das costas, ou na nuca, com o polegar a mover-se incessantemente enquanto responde às dezenas de perguntas com que somos metralhados.

A viagem correu bem.

Os voos de Nova Iorque foram longos e vinham cheios.

Não temos fome. (Enquanto faz esta pergunta, Gloria empurra pratos de tarte de abóbora na nossa direção.)

Estamos juntos (oficialmente) há já dez meses.

– Mas estou apaixonado por ela desde que nos conhecemos – diz Wyn.

– Claro que sim – diz Gloria, e aperta-me o joelho. – Ela é uma querida!

– Dá essa ideia por causa do cabelo encaracolado – diz Wyn. – Mas na verdade é uma atrevida.

Fico vermelha como um tomate, mas toda a gente está a rir, a falar uns por cima dos outros, e Wyn beija-me de novo no cabelo, e aperta-me contra si no sofá, e eu sinto-me como se tivesse finalmente *chegado* ao sítio onde sempre quis estar, do outro lado das janelas iluminadas da cozinha, onde as salas estão cheias de amor e barulho e altercações amistosas.

– Ele precisa de rédea firme – diz Michael.

– O Wyn não é um cavalo de tiro – diz Lou com um revirar de olhos.

– Não, claro que não – concorda Michael. – É muito mais parecido com uma mula.

Wyn puxa-me para o seu colo e enrola os braços à minha cintura.

– Não sabem se a Harriet não é ainda mais teimosa do que eu.

– Ele tem razão – digo. – Entre nós os dois, a mula sou eu.

– Bom, se tu és a mula – diz Michael –, o Wyn é o burro.

– Posso ser burro – diz ele –, mas estou contente por ser o teu burro.

Quando Hank volta para a salinha apinhada com a lareira acesa, diz:

– Pus-te no quarto do Wyn, Har.

E eu penso: *Har. Estou aqui há dez minutos e já sou «Har»*. E sinto como que um balão a encher-se dentro do meu peito, uma dor boa, como quando esticamos um músculo preso.

Wyn prevenira-me de que os pais não nos deixariam dormir no mesmo quarto, apesar de vivermos juntos na cidade. Em certos aspetos, são excêntricos e liberais, mas noutros são surpreendentemente tradicionais.

Mais tarde, enquanto os pais acabam de lavar a loiça, Wyn acompanha-me ao quarto para eu me instalar. Deixa-me remexer nas coisas dele durante

horas, pegando em objetos e cobrindo-o de perguntas, e age como se fosse o curador deste museu dedicado apenas ao meu tema preferido.

Eu mostro-lhe coisas; ele fala-me sobre elas. Estou ávida de todos estes pedacinhos dele.

Troféus de plástico de Melhor Jogador dos seus tempos de futebol, fotografias descoradas de câmaras descartáveis de um Wyn adolescente, rodeado de raparigas com as sobrancelhas em forma de espermatozoide e o cabelo oxigenado até à morte da nossa juventude. Fotografias com amigos em bancadas, de caras pintadas, a participar em desfiles de verão, e até, num ou dois casos, num *rodeo*.

De cada vez que aponto para alguém, ele diz-me o seu nome (ao que parece, a maioria dos seus amigos eram raparigas), como se conheceram, onde ela está agora.

– Manténs o contacto com estas pessoas todas?

– É uma cidadezinha pequena – diz ele. – Éramos todos amigos, e os nossos pais também. Vou tendo notícias através deste e daquele. De vez em quando, aparece alguém a tentar convencer-me a entrar num esquema de vendas de batidos.

A meu pedido, mostra-me todas as raparigas que beijou, e as que vinham passar o verão e o deixavam de coração partido ao regressar a casa.

Detenho-me numa fotografia mais profissional em cima da cómoda e solto uma gargalhada deliciada.

– Foste *rei* do baile de finalistas? E nunca me tinhas dito?

Wyn espreita por cima do meu ombro. Na fotografia, veste um fato preto e tem na cabeça uma coroa de plástico torta. Tem os braços à volta da cintura

de uma morena bonita, com um vestido curto prateado e tiara a condizer. O pano de fundo por trás deles diz *LUZES DA CIDADE* por cima de uma paisagem noturna de uma cidade, que de alguma forma inclui o Empire State Building de Nova Iorque *e* a Space Needle de Seattle.

Wyn geme.

– Juro-te que essa fotografia nem costuma estar aqui. Tenho quase a certeza de que a minha mãe a foi buscar de propósito.

– Sim? Para me fazer ciúmes da tua namoradinha da escola? – brinco.

Ele esfrega a testa. Um rubor adorável espalha-se-lhe nas faces.

– Ela acha que está a exibir-me.

– Não acredito que te conheço há três anos e meio e nunca mencionaste que foste rei do baile de finalistas.

– Sim, a minha maior proeza. – Ele abana a cabeça. – Que embaraçoso.

– Que conversa é essa? – Olho para ele. – Como é que *isto* é embaraçoso? Quando eu era desta idade, ainda tinha aparelho nos dentes e um corte de cabelo que mais parecia que tinha sido eletrocutada. Enquanto isso, tu eras coroado rei do baile e namoravas com uma modelo adolescente.

Pego na fotografia para lhe mostrar as provas concretas.

Ele pousa de novo a moldura na cómoda.

– Não espero que saibas disto, uma vez que eras um génio adolescente e és atualmente uma estudante de medicina brilhante, mas ser rei do baile de finalistas é o prémio de consolação que dão aos tipos que eles acham que já viveram os seus melhores dias e que provavelmente ficarão na mesma terra a trabalhar como representante do *stand* de carros usados local.

– Espera, deixa-me apontar isso. – Finjo que me vou virar e ele puxa-me e passa os braços à volta do meu tronco.

– Estás a ver, não sabias, porque toda a gente na tua terra esperava grandes coisas de ti – diz, com um sorriso.

– Não sabia – respondo – porque andei numa escola com quatro mil alunos, onde ninguém sabia o meu nome, e porque nunca segui muito de perto a cultura do comércio automóvel.

– Ah – diz ele. – Foi esse o teu primeiro erro.

– Wyndham Connor – digo. – Não achas que esta tua teoria é um bocadinho... narcisista?

O sorriso dele abre-se mais e o meu coração também.

– Por achar que os *stands* haviam de me dar trabalho como representante? Fizeram-no com para aí oitenta por cento dos reis dos bailes de finalistas da cidade.

– Não é por isso – digo. – A ideia de que todos os teus colegas votaram em ti para rei do baile... porque tinham pena de ti.

Ele encolhe os ombros.

Fecho os braços em torno do pescoço dele.

– Sim, deve ter sido mesmo isso. – Beijo-o e ele puxa-me para mais perto e levanta-me contra si, como se quisesse absorver-me. – Com certeza não teve nada a ver com o facto de seres giro e simpático e engraçado. Foi só por pena. – Beijo-o de novo, mais profundamente.

– E isso? – pergunta-me.

– *Muita* pena. – Aperto-lhe o traseiro. – E isto também.

– Uau. Parece que ser um ex-menino de ouro que já viu melhores dias afinal não é mau de todo.

Alguém bate na ombreira da porta. Recuo, mas os braços de Wyn não me deixam afastar quando olha para o corredor.

Os pais dele estão à porta, sorridentes, Gloria com a cabeça pousada no ombro de Hank.

– Nós vamos deitar-nos, meninos – diz Hank.

– Precisam de alguma coisa? – pergunta Gloria.

Wyn abana a cabeça.

– Estou só a dar-lhe as boas-noites.

Os olhos de Gloria semicerram-se quando sorri, como os de Wyn.

– Durmam bem.

Depois de eles saírem, Wyn encosta-me à cómoda e beijamo-nos durante alguns minutos antes de ele se despedir de mim com um beijo no alto da cabeça e sair do quarto.

Nos quatro dias seguintes, no Montana, não fazemos praticamente nada. Vamos esquiar uma vez, comemos duas vezes numa casa de panquecas aberta o dia todo que os pais de Wyn descrevem como «um poiso de velhas raposas como nós», e fazemos caminhadas noturnas com a família toda, por entre a neve. Vestimo-nos como astronautas e Hank insiste para que usemos fitas com lanternas na testa para «não sermos atropelados nem atacados por animais selvagens» na escuridão de breu das noites do Montana.

Contudo, passamos a maior parte do tempo de roda da lareira, com um abastecimento incessante de comida e bebida a circular pela sala. De manhã, Hank faz cafés individuais para cada um de nós, um processo tão demorado

que quando termina o último os primeiros estão prontos para a segunda dose, e ele levanta-se sem que ninguém lho peça e recomeça tudo de novo.

– Pai, o café da *Keurig* é mais do que bom – tenta persuadi-lo Wyn.

O pai torce o nariz e dirige-se para a cozinha com os seus chinelos de flanela.

– Isso é para emergências, *não* para as visitas.

A maior parte das refeições são guisados. Hank não tem a mesma afinidade por comida que tem pelas bebidas, e os cozinhados de Gloria fazem-me sentir como um balão com pernas depois de cada refeição.

Depois de jantar, na nossa segunda noite, Lou e Michael deitam-se de costas no tapete da sala, a gemer e a massajar a barriga.

– Mãe, tu e o pai têm de começar a pensar em comer nem que seja um legume por semana – diz Lou.

Ao que Gloria responde:

– As batatas são legumes.

– Não – respondem Michael, Lou e Wyn em uníssono.

Legumes ou não, as batatas *são* pelo menos úteis para absorver os *bourbons* e uísques escoceses que todas as noites Hank alinha em cima da antiga mesa de madeira na sala de jantar para nós provarmos.

– O meu pai é o Rei das Bebidas – diz Michael.

– Já percebi porque é que te sentiste atraído para a órbita do Parth quando chegaste a Mattingly – digo a Wyn.

– Não foi por isso que fui atraído para a órbita do Parth. – Wyn puxa-me para si enquanto se volta a recostar no sofá. – Foi porque ele tinhas as amigas

mais bonitas.

Lou, deitada no tapete em frente da lareira, solta uma risada trocista.

– Obrigada, Harriet, por o teres salvado de si próprio.

– Acho que me tens em demasiada consideração – digo-lhe. – Na verdade, também me aproximei do Parth porque ele tinha amigos giros.

Wyn beija-me no alto da cabeça. Michael e Lou trocam um olhar que não consigo decifrar.

Talvez já tenham visto isto antes, penso. *Talvez ele seja sempre assim com as namoradas.*

Mas não acredito nisso. Estou naquela fase do amor em que temos a certeza de que nunca ninguém se sentiu assim antes.

Ao longo desses quatro dias, apaixono-me de novo. Pela família de Wyn, por todas as novas partes dele.

Quero ficar acordada até tarde, a explorar o velho roupeiro de Wyn, onde a mãe guardou o seu fato de *stormtrooper* feito em casa. Quero ficar sentada cinco horas na oficina de carpintaria, com a serradura a pairar no ar, enquanto ele me conta as lutas em que se envolveu com os miúdos que atormentavam Lou na escola preparatória. Quero saber de onde veio cada minúscula cicatriz e marca gravadas na sua pele permanentemente bronzeada.

A que fez quando travou demasiado bruscamente na bicicleta e raspou na estrada. Os pontinhos brancos no cotovelo, de quando um cavalo nervoso o projetou no rancho do avô, entretanto falecido. A linha fina onde abriu o lábio na esquina da lareira, quando aprendeu a andar.

Quero armazenar estes pedaços dele: a colcha de retalhos que a avó lhe fez antes de ele nascer, os diários embaraçosos da pré-adolescência, os horríveis

desenhos de criança, a mossa na carrinha da mãe que ele fez quando derrapou numa poça gelada e bateu contra uma cerca de madeira aos dezasseis anos.

Wyn leva-me a vê-la, a parte onde as tábuas parecem mais novas, substituídas depois do acidente. Ele e Hank tinham tratado disso pessoalmente, sem que ninguém lhes pedisse.

Wyn vivera aqui a sua juventude em liberdade, e este lugar moldara-o no homem que eu amava.

Com a mão no poste de madeira que ele cravara no solo tantos anos antes, pergunto:

– Porque é que saíste daqui?

– É difícil explicar – responde Wyn, com uma careta.

– Podes tentar? – peço. – Pareces tão feliz aqui.

Ele suspira e perscruta o horizonte, como se procurasse a resposta.

– Eles tinham dinheiro, depois de venderem as terras da família do meu pai. E sempre quiseram que as minhas irmãs fossem para a universidade, porque os meus pais não puderam ir.

– As tuas irmãs? – pergunto. – E tu não?

Os seus lábios curvam-se num meio sorriso.

– Já te disse que elas são as duas pequenos geniozinhos, como tu. Sempre tiveram grandes sonhos. Suponho que os meus pais presumiram que eu queria ficar, continuar a trabalhar com o meu pai.

– Porque adoras este lugar – digo.

Ele passa a mão pelo maxilar.

– Sim. Mas não sei. Comecei a ver todas estas pessoas com sonhos e objetivos, a partirem, a irem para outros lugares. E não sabia o que queria. O treinador de futebol de Mattingly ofereceu-me uma bolsa e pareceu-me um sinal, acho eu.

– Mas não ficaste na equipa de futebol.

– Nunca gostei muito – diz. – E não conseguia treinar *e* estudar. Era tudo muito mais difícil do que eu esperava. Os estudos, a parte social.

– Toda a gente te adorava, Wyn – digo.

Ele olha para mim através das pestanas, com um sorriso.

– Não, Harriet. Queriam enrolar-se comigo. Não é a mesma coisa. Nunca encaixei naquele ambiente.

Retiro os dedos da cerca gelada e toco no sítio onde costuma aparecer a covinha na face dele. Os cantos da sua boca elevam-se e a covinha forma-se debaixo do meu dedo.

– Encaixas em mim, e eu estava lá.

– Eu sei – diz ele. – Acho que na verdade foi por isso que fui. Para te encontrar.

– Saiu-te cara a namorada – digo.

– Mas se queremos qualidade, temos de pagar – responde-me.

As minhas mãos deslizam para a gola do casaco dele, e as pontas dos dedos tocam-lhe na pele quente.

– E pelo menos descobriste o que queres?

Na luz moribunda do dia, os picos verdes nos olhos de Wyn cintilam como mica debaixo de água. As suas mãos calejadas fecham-se sobre os meus

pulsos, os polegares roçam gentilmente na pele delicada.

– Isto – diz. – Apenas isto.

Eu também, penso. Não consigo dizê-lo, admitir que o resto da minha vida, tudo aquilo por que trabalhei, começa a parecer-me apenas adereços. Como se amá-lo fosse a única coisa essencial e tudo o resto fossem enfeites.

Ele mostra-me também a oficina, o lugar exato onde o pesado roupeiro caiu em cima dele numa véspera de Ano Novo, quando os pais não estavam, onde ficara quatro horas e meio ao frio, à espera de ser encontrado.

Faz-me doer o coração. Não só a memória, mas o cheiro a cedro e serradura, aquele toque de algo que, para mim, é Wyn.

– Não te importas de estar aqui? – pergunto, caminhando ao longo da mesa em curso, o tampo à espera de ser restaurado.

– Sempre adorei aqui estar – diz ele. – Por isso, depois do acidente, os meus pais fizeram questão de que eu voltasse à oficina antes de ter tempo de solidificar o trauma. E resultou, na verdade.

Faço uma pausa, com os dedos ainda na mesa, e olho para ele.

– Gosto de te ver aqui.

Ele aproxima-se e segura-me gentilmente pelas ancas.

– E eu gosto de *te* ver aqui – diz, em voz baixa, um pouco rouca. – Faz-me sentir que isto é real.

– *Wyn*. – Ergo os olhos para o seu rosto, perscruto aqueles olhos tempestuosos, as linhas rígidas entre as sobrancelhas e nos contornos do maxilar. – Claro que é real.

Ele entrelaça os dedos nos meus e põe as minhas mãos na sua nuca. Ficamos de testas encostadas, os corações a vibrar.

– Quero dizer – explica ele – como se conseguisse fazer-te feliz.

– Aqui estou eu, feliz – garanto-lhe.

Na nossa última noite, provamos mais umas doses dos uísques escoceses de Hank e jogamos uma partida altamente competitiva de dominó, e depois sentamo-nos em frente da lareira a ouvir os estalidos da madeira.

Com um suspiro, Hank diz:

– Vamos ter saudades vossas, meninos.

– Voltaremos a casa em breve – promete Wyn. Levanta a minha mão e beija-a distraidamente, ao de leve.

A casa, penso. *Isto é novidade.*

Mas não é. Já tem estado a crescer há algum tempo, esta nova divisão no meu coração, este espaço só para Wyn que levo comigo onde quer que vá.

18

VIDA REAL

Quarta-feira

Demoro-me na casa de banho.

Lavo as mãos, depois limpo o lavatório e lavo de novo as mãos.

No regresso, no corredor com carpete cor de vinho onde ficam as máquinas de jogos e as casas de banho, quase colido com Wyn.

– Desculpa – murmuramos ambos, estacando.

Os meus olhos baixam para o sortido de pacotes que ele traz nas mãos: Twizzlers, Nerds, Red Hots, Whoopers e Milk Duds.

– Vais a alguma festa de pijama? – pergunto.

– Estava com sede – diz ele.

– O que explica o copo de água e mais nada – digo. – Tu achas as bolachas de manteiga demasiado doces.

– Pensei que quisesses alguma coisa – diz ele.

Os seus olhos parecem neste momento mais verdes do que cinzentos. Estou com dificuldades em fitá-los, por isso fixo os meus nos doces.

– Parece que pensaste que eu podia querer *tudo*.

Os olhos dele faíscam.

– Enganei-me?

– Não – admito –, mas não precisavas de fazer isso.

– Acredita, não foi intencional – diz ele. – Fui comprar água e quando dei por mim tinha um carrinho cheio de açúcar.

– Bom, isso é o sentido de poupança da família Connor. Se comprares por atacado sai mais barato.

O riso dele transforma-se num gemido. Leva a mão à testa.

– Estou tão ressacado.

– Não bebeste só *um* copo ontem à noite?

– Se ignorarmos a meia garrafa que bebi na adega – recorda-me.

– O melhor seria ignorarmos tudo o que aconteceu na adega – sugiro.

Ele estuda-me por um segundo.

– De qualquer maneira, já não tenho tolerância nenhuma. Cada vez bebo menos.

– Uau, uma *gabarolice humilde*.

Ele ri-se.

– Na verdade, é porque tenho estado a consumir marijuana em formato comestível. – Perante a minha surpresa, explica: – Ajuda bastante a minha mãe, mas ela fica constrangida. De usar sozinha. Assim, duas vezes por semana, dividimos um *brownie* de erva. Ela é engraçada. Nunca tinha sequer experimentado erva antes, e dá-lhe para rir. Na verdade acho que funciona apenas como placebo, mas não importa.

Contenho um sorriso.

– Voltaste para casa da tua mãe e apanhas uma moca com ela duas vezes por semana.

– Uma vida de sonho – diz ele.

– Por acaso até é – digo. – Para dizer a verdade, estou com inveja.

– É engraçado – admite Wyn. – Mas depois ela fica cheia de fome e só lhe apetece comer porcarias. Acho que já ganhei mais de cinco quilos.

– Fica-te bem. – Para disfarçar, pergunto rapidamente: – Como é que ela está, agora a sério?

Ele fita-me de lado.

– Não tens falado com ela?

Tenho a certeza de que ele sabe que eu e Gloria ainda trocamos mensagens de forma regular. Até recebo de vez em quando mensagens das irmãs dele. Principalmente quando a mais nova, Lou, me quer pedir opinião em relação a algum presente para Wyn, quase sempre uma prenda parva que não requer conhecimento nenhum especial sobre ele, ou quando a mais velha, Michael, quer opinião sobre algum problema médico que, quase sempre, não tem nada a ver com neurocirurgia. Tanto quanto a família dele sabe, nós continuamos juntos.

– Falo com ela – respondo. – Mas calculo que ela não me diga a verdade.

Wyn ri-se baixinho.

– Pois, acredito.

Baixa os olhos. Deixo os meus demorarem-se nas suas pestanas escuras, na curva do lábio superior, até ele voltar a levantar a cabeça.

– Ajuda mesmo. A erva. Mas não... não o suficiente.

As emoções misturam-se no meu esófago. *Globus faríngeo*, diz o meu cérebro, como se dar-lhe um nome pudesse afastar a dor. Não pode.

– Ainda bem que estás lá com ela – digo.

Ele entreabre os lábios, fecha-os, volta a abri-los.

– Eu... ah... – Pousa os pacotes de doces e a água em cima da mesa de *air hockey* ao nosso lado e transfere o peso de um pé para o outro. – Sei que não queres falar sobre o assunto – diz, em voz baixa e rouca –, e respeito isso. Mas ontem disseste uma coisa e...

O calor sobe-me pelo pescoço, até às orelhas.

– Estava a ter um dia mau, Wyn.

– Não, não... Não foi... – Abana a cabeça e tenta de novo. – Foi uma coisa que disseste quando estávamos na adega e que me fez perceber que tu achas que foi por causa dele que pus fim à nossa relação.

Dele. A palavra atinge-me com um impacto violento.

Wyn engole em seco.

– Que achas que eu te culpei a *ti* pelo que aconteceu com ele.

– Claro que me culpaste. – As minhas costas ficam rígidas e faço um esforço por não dar parte de fraca. Ou melhor, para não deixar ver a minha fraqueza. A verdade é que ela está lá.

– Não te culpei – diz ele em tom áspero –, nem culpo. Juro. Está bem?

Sinto um aperto no peito.

– Então foi por mera coincidência que eu te contei e tu me despachaste imediatamente?

Não faço ideia do que pensar da expressão de surpresa e mágoa no rosto dele. Não faço ideia do que pensar de nada disto. Entrei na casa de banho num universo, e saí noutro.

– Harriet – diz ele, e abana a cabeça. – Foi mais complicado do que isso.

Mais complicado do que pensar que eu o traíra. Não fora por estar zangado. Não fora por não confiar em mim.

Ele simplesmente já não me queria. Sinto-me como se o meu corpo estivesse a transformar-se em areia, como se dentro de um minuto não fosse mais do que um monte informe no meio do chão.

– Eu estava numa fase negra – diz ele.

Viro-lhe costas porque sinto a minha fraqueza a vir ao de cima, os olhos a arder.

– Eu sei.

E *sabia*. Cada segundo de todos os dias.

– Só não sabia como havia de resolver as coisas – digo com voz embargada.

– Não tinhas como fazê-lo – diz ele.

Fecho os olhos enquanto tento recompor-me, dominar essa confusão de sentimentos.

A verdade é que eu sabia que ele detestava São Francisco. Sentia-me culpada por ele se ter mudado para lá por minha causa. Culpada por estar a prendê-lo ali, e ao mesmo tempo matava-me pensar que não o conseguia fazer feliz.

Ele enfia a mão na minha, entrelaça os dedos nos meus e, com hesitação, vira-me de novo para si.

– Não foi só isso – diz. – O meu pai...

Aceno, com um nó na garganta que me impede de falar.

A morte de Hank fora tão repentina. Não sei se isso tornou as coisas piores ou não. Nunca haveria uma altura boa para o perder, nem para Wyn, nem para qualquer pessoa que conhecesse Hank.

Tudo se desmoronou de uma vez, e mesmo assim eu ainda pensei que conseguiríamos sobreviver, juntos. Quando ele me prometera amar-me para sempre, eu acreditara. Era isso que me deixava mais zangada, tanto com ele como comigo.

– Não pensei que... – Os olhos dele prendem os meus, e vejo-o contrair o maxilar. – Nunca te quis magoar.

– Eu sei. – Mas isso não muda nada.

– Tudo o que quero – diz ele –, é que sejas feliz.

Ali está de novo, aquela palavra.

– Era isso que estava a tentar dizer, na adega – continua ele. – Que não quero fazer nada esta semana que estrague seja o que for para ti. E desculpa se quase o fiz.

As peças encaixam então.

– Não tenho nada com ele – digo. – Não há nada para estragar.

Ele entreabre os lábios.

Desejo poder sugar de novo as palavras para dentro da boca e pela garganta abaixo.

– Se é disso que estás a falar.

– Está bem – diz ele.

Está bem? Que raio de resposta é essa?

Depois de um breve silêncio, Wyn diz:

– Eu também não.

Disfarço um sorriso.

– Não tens uma relação de longa distância com o meu colega de trabalho que só viste uma vez?

Um rubor irresistível espalha-se pelas faces dele. Bate com o pé de lado na perna da mesa de *air hockey*.

– Também me custa a crer. A química era inegável, mas não foi suficiente.

Engulo o resto do riso e ele olha para mim, por baixo daquela madeixa de cabelo caótica.

– Não estou com ninguém – diz.

Não interessa, digo a mim própria.

Não pode fazer diferença.

Ele não era feliz contigo.

Partiu-te o coração.

Nunca te pertenceu, e no fundo sabes disso.

Eu *vi-o* afastar-se de mim, pouco a pouco, dia após dia, como uma miragem a desaparecer à distância.

Mas a maneira como ele olha para mim agora ameaça obliterar toda a lógica, apagar a história. Se ele fosse um buraco negro, eu tinha chegado ao horizonte de acontecimentos.

Dói-me o peito, mas não quero que pare de doer. Quero acolher o sentimento, esta plenitude. O meu coração, a minha mente e o meu corpo estão finalmente todos no mesmo lugar e no mesmo tempo. Aqui, com ele.

Não quero voltar a entrar na sala de cinema, mas temos de fazer alguma coisa. Não podemos continuar a caminhar nesta corda bamba, ou alguém vai magoar-se. *Eu* vou magoar-me.

Pigarreio.

– Como vai o negócio de reparação de mobílias?

O lábio superior dele estremece.

– Continua a ser um negócio de reparação de mobílias.

– Sim? – digo. – Ainda não o estás a usar para traficar drogas e organizar noites de jogo ilegal?

Os lábios dele curvam-se num sorriso.

– E tu, ainda no mesmo apartamento?

O nosso apartamento. Ainda consegue conservar vestígios dele. Ou talvez seja eu que levo o fantasma dele para onde quer que vá.

– Hã-hã.

– Como está a tua irmã? – pergunta ele.

– Bem, acho eu – digo. – Ela e a amiga que é cabeleireira estão a trabalhar juntas. Essencialmente, casamentos e bailes. Ainda faz uma videochamada comigo duas vezes por mês, cinco minutos de conversa fiada e adeus.

Ele roça os dentes no lábio inferior.

– Lamento muito.

É a única pessoa que sabe como me afeta o facto de mal conhecer Eloise, de ter tido uma irmã e ainda assim sentir-me sempre tão sozinha enquanto crescia. Com os seis anos de diferença entre nós e as discussões constantes

entre ela e os nossos pais, não tivemos muitas oportunidades de formar uma ligação mais forte.

Encolho os ombros.

– Há coisas que nunca mudam, e o melhor é deixar de desejar que mudem.

– Mas outras coisas mudam – diz ele.

Afasto os olhos.

– E as tuas irmãs? Como estão?

– Bem – responde ele com um meio sorriso. – A Lou ficou com a minha mãe esta semana. Mandou dizer «olá».

Sorrio, apesar de uma pontada no peito.

– E a Michael? Ainda no Colorado?

Ele faz que sim com a cabeça.

– Anda com outro engenheiro aeroespacial, que trabalha para uma empresa concorrente. Estão a viver juntos, mas ambos têm acordos de confidencialidade, e por isso nenhum deixa o outro aproximar-se do seu escritório em casa.

Rio-me.

– Isso – digo – é mesmo coisa dela, inacreditável.

– Eu sei – concorda Wyn. – E a Lou terminou a Oficina de Escritores do Iowa em maio.

– Fantástico – digo.

Juntos, eles os três conseguiam ser barulhentos e rudes e competitivos. Discutiam por tudo e por nada – o que comer ao jantar, quem tomava banho primeiro, quem é que sabia mesmo as regras do dominó e quem estava a

inventar – como se mal um pensamento ou sentimento se materializava, tivessem de o deitar cá para fora.

Mas as coisas nunca explodiam. As pequenas discussões inflamavam-se e extinguiam-se, os pequenos insultos dissipavam-se sem deixar marca. E depressa estavam outra vez a brincar, aos abraços, à bulha, como os irmãos nos filmes.

Pergunto-me, mas não em voz alta, se a irmã mais nova de Wyn, Lou, estará apenas de visita à mãe ou se terá acabado por voltar para casa depois da licenciatura, como planeara quando a estada de Wyn era para ser apenas temporária. A ideia era que ficasse Lou a cuidar de Gloria.

– Tenho saudades delas – admito.

– E elas de ti – diz ele.

– Não estranham que eu nunca apareça?

– Eu às vezes viajo – diz ele. – Em trabalho.

– Em trabalho? – pergunto.

Ele assente com um aceno, mas não desenvolve.

– Acham que é nessas alturas que nos encontramos.

Aceno em silêncio. Não tenho nada a dizer a isso.

Ele pigarreia.

– A minha mãe disse-me que estás a ter aulas de olaria.

– Oh, sim – respondo.

– Eu fingi que já sabia.

– Pois. Fizeste bem.

– Mas ela mencionou que acha que estás a apanhar o jeito. E que a tua última tigela parecia muito menos um traseiro.

O riso escapa-se de mim como que disparado por um canhão.

– Tem graça, porque havias de ter *visto* os elogios que ela me mandou a essa tigela-traseiro. Fingiu que era *muito* boa.

– Não... – Wyn sorri. – Não estava a fingir. Ela também me disse que era *mesmo* boa. Mas também que parecia um traseiro. Sabes como ela é.

– Lembras-te como ela foi simpática em relação àquele quadro que lhe oferecemos como piada? – pergunto. – Aquele Elvis de Veludo horroroso, que mais parecia o Biff de *Regresso ao Futuro*?

O sorriso dele abre-se mais.

– Fartou-se de dizer que era muito original.

– Mas sempre como se *original* fosse uma coisa boa. As opiniões da Gloria têm sempre muitas *nuances*.

– A questão é que ela consegue ver que algo é objetivamente terrível – diz ele –, mas se estiver ainda que vagamente relacionada com alguém da família, então tem de ser também extraordinariamente especial.

A ideia de pertencer à família de Gloria, de ser *extraordinariamente* especial, dá-me uma picada no coração.

– Tem sido estranhamente divertido, viver com ela – diz Wyn.

– Não tem nada de estranho – digo. – A Gloria é divertida.

Ele sorri.

– Mas é engraçado. Passei tantos anos a convencer-me a mim próprio de que precisava de me afastar. Vi as minhas irmãs encontrarem o seu trajeto, e

falarem em partir, e os meus pais tão orgulhosos por elas irem ser alguém, por desbravarem o seu caminho, seja lá o que for. E achei que eu também tinha de fazer o mesmo.

Recordo o dia, tantos anos antes, em que nós os cinco – ainda pré-Kimmy – deitados na doca da casa dos Armas, delineámos os nossos caminhos alternativos, e como mesmo então Wyn usou esta *outra vida* hipotética para regressar à vida que deixara para trás. Parte dele sabia que era aí o seu lugar.

Lembrei-me de como, depois de ter ido com ele a casa pela primeira vez, de ter conhecido Hank e Gloria e Lou e Michael, de ter visto a carpintaria e o quarto repleto de provas de uma infância cheia de amor, parte de *mim* soube também que era ali o lugar dele.

Mesmo assim, tentei prendê-lo. Vi, durante aqueles meses em São Francisco, as paredes a fecharem-se sobre ele – e matava-me vê-lo tão desanimado, tão atormentado, mas não fui corajosa o suficiente para o libertar. Talvez isto fosse parte da raiva que ardia também dentro de mim: desapontamento por não o ter amado o bastante para o fazer feliz, o bastante para o soltar.

– De qualquer maneira – diz ele –, se alguém me tivesse dito, aos vinte e dois anos, que acabaria a viver outra vez no quarto em que cresci e a fazer palavras cruzadas com a minha mãe todas as manhãs ao pequeno-almoço, *teria* acreditado, mas ficaria chocado se me dissessem que eu era realmente feliz neste cenário.

– Palavras cruzadas? – digo. – *Nunca* querias fazer palavras cruzadas quando vivíamos juntos. Eu tentava convencer-te sempre que chovia.

– E eu dizia sempre que sim.

– E *nunca* as acabávamos – recordo-lhe.

– Harriet. – Os olhos dele pousam nos meus, com um brilho malicioso. – Isso é porque eu nunca consegui estar tanto tempo sentado contigo sem te tocar.

O sangue sobe-me às faces e ao peito, lateja-me nas coxas.

Sem que eu me apercebesse, aproximámo-nos. Talvez seja como a ressaca de Cleo no Bernie's: uma reação pavloviana que nos puxará sempre um para o outro.

– E eu que pensava – digo –, que eram as palavras cruzadas que te punham todo excitado.

– Afinal – responde ele –, não é escrever letras em quadradinhos que me excita.

– Ainda bem – consigo dizer. – Isso tornaria os pequenos-almoços com a Gloria muito constrangedores.

A ventoinha sopra-me uma madeixa de cabelo para o rosto e ele afasta-a, enrolando-a nos dedos calejados. Tenho o coração aos saltos, e cada uma das minhas células me atrai para ele.

Atrás de nós, a porta das salas de cinema abre-se. Os nossos amigos saem numa torrente de risos e conversas. O intervalo acabou.

Viro-me para ir ter com eles, mas Wyn pega-me no pulso.

– Eu gosto da tigela – diz. – Ela mostrou-me a fotografia da tigela. Achei que era muito bonita.

19

VIDA REAL

Quarta-feira

– Pensei que não ias ficar para o segundo filme – murmuro a Cleo quando nos voltamos a instalar nas cadeiras. Desta vez, Wyn e eu ficámos no meio, e passa-me pela cabeça que Sabrina nos colocou nesta posição para não conseguirmos fugir outra vez.

Cleo encolhe os ombros.

– É evidente que isto é importante para a Sab. E não quero que tenha mais uma coisa para me chatear.

– *Pssst*. – Kimmy inclina-se para a frente ao lado de Cleo. Estende-me um saco de plástico pequeno.

Inspeciono o conteúdo de olhos semicerrados.

– Estás a tentar vender-me droga?

– Claro que não – diz ela. – Estou a tentar *dar-te* droga. – Agita o saquinho de gomas vermelhas em frente da cara de Cleo e atira-o para o meu colo.

– És tão discreta – digo.

– Não preciso de ser discreta – responde ela. – É legal aqui.

Wyn inclina-se para nós.

– A Kimmy está a vender droga?

– Queres? – oferece ela.

Sabrina manda-nos calar, de olhos colados ao ecrã, enquanto enfia pipocas na boca.

Wyn olha para mim e depois para Kimmy.

– Se a Harriet alinhar, eu também alinho.

– São muito fortes? – pergunto em voz baixa.

Kimmy encolhe os ombros.

– Nada de especial.

– Nada de especial para *ti*, ou nada de especial para *mim*? – pergunto.

– Digamos que vais passar um bom bocado, mas não me vais obrigar a ligar para o hospital e perguntar se estás a morrer. Outra vez.

Oh, que se lixe. Em Roma, sê romano.

Cada um de nós come uma goma. Tocamos com elas umas nas outras numa espécie de brinde antes de as engolir.

– Eh – diz Sabrina em voz alta –, estão a drogar-se aí à frente?

– Estamos a comer umas gomas de erva pequeninas – digo.

– Tens mais? – pergunta Sabrina. – Há que séculos que não apanho uma moca.

Kimmy passa o saco ao longo da fila. Parth e Sabrina tiram uma cada. Cleo recusa a oferta com um aceno.

– Já não fumo, na verdade.

– E eu também estou a cortar – diz Kimmy. – Portanto o que não acabarmos esta semana, fica para vocês discutirem quem leva.

– Será possível que isto esteja já a dar-me fome? – diz Sabrina.

– Não – respondemos Cleo, Wyn e eu em uníssono.

Ao fundo da sala, alguém nos manda calar. Todos nos afundamos mais nas cadeiras.

– *Merda* – sussurra Kimmy. – Tinham-se apercebido de que estava alguém lá atrás?

Parth olha por cima do ombro.

– Acho que é um fantasma.

– Não é um fantasma – murmuro.

– Como é que podes ter a certeza? – diz Parth.

– Porque – respondo –, tem os óculos de sol atrás da cabeça. É o Ray. É piloto de avião.

– Lá por ser piloto, não significa que *não* seja um fantasma – diz Kimmy sabiamente.

*

A chuva ainda pinga dos beirais dos edifícios de telhas cinzentas na Commercial Street, mas o dilúvio já passou e toda a gente está na rua, para a primeira noite do Festival da Lagosta. Os concertos, concursos e desfiles das antigas Damas da Lagosta com os seus vestidos encarnados só começam na sexta-feira, mas as carrinhas de comida e os jogos e diversões de feira já estão abertos, com as luzes a piscar desencontradas da cadência da música de Billy Joel que brota dos altifalantes. Crianças com as caras pintadas de lagosta e sereia correm entre a multidão, casais com impermeáveis iguais dançam em frente da banca de granizados de vinho, e adolescentes de olhos vidrados passam entre si garrafas de água com ar suspeito.

– Sentem este cheiro? – Sabrina vai à nossa frente, literalmente a saltitar. – Se o paraíso existe, é a isto que cheira.

Água salgada e açúcar caramelizado, alho a refogar em manteiga e amêijoas a fritar em azeite.

– Quero um copo de cerveja com muita espuma – diz ela de ar sonhador.

– Eu quero batatas fritas cobertas de tempero Old Bay – diz Kimmy.

Cleo franze o nariz e ri-se.

– Eu quero uma câmara de vídeo para que amanhã vocês possam ver a moca com que estão neste momento.

– Eu quero jogar Caça à Lagosta – diz Parth, e avança para as luzes do jogo como o voluntário hipnotizado num espetáculo de magia. Wyn segue-o, desorientado.

Passo o braço pelos ombros de Cleo.

– Não estás contente por teres ficado? Estarias a perder tudo *isto*.

– Não era *isto* que eu queria perder – diz Cleo. Os outros estão numa banca de derrubar as garrafas. Ela inclina a cabeça para os sacos a imitar lagostas e as garrafas pintadas para parecerem pescadores de lagostas nervosos. – Qual achas que será a narrativa aqui? As lagostas estão a contra-atacar?

– Esperemos que não seja profético, ou esta cidade seria a primeira a desaparecer – digo.

Ela olha para mim.

– Acho que me sinto como se... esta semana já vai a meio e mal tivemos oportunidade de conversar. E sei como isto é importante para ela... para todos. Fazer estas coisas uma última vez, e compreendo. Mas também é verdade que já não estávamos todos juntos há muito tempo, e hoje achei que foi uma seca. Estar a ver horas de filmes quando podíamos estar a conversar.

Pego-lhe na mão.

– Desculpa. O que estás a dizer faz todo o sentido.

Ela olha para Sabrina e Parth, que estão a espicaçar-se um ao outro em frente do jogo, e sorri.

– Só quero que esta semana seja perfeita para eles.

– Também eu. – Aperto-lhe a mão. – Mas a noite ainda é uma criança, e nós também. O que é que *tu* queres fazer? Eu estou disposta a entrar em qualquer diversão, a jogar qualquer jogo. Até te deixo fazeres um monólogo sobre cogumelos.

Ela ri-se e encosta a cabeça ao meu ombro.

– Só quero estar aqui contigo, Har.

A erva deve estar a bater, porque fico instantaneamente um bocadinho emocionada.

É aquela sensação agridoce, aquela dor intensa de saudades de casa. Faz-me pensar no semestre que passei no estrangeiro. Não nas antigas ruas empedradas, ou nos *pubs* minúsculos apinhados de universitários bêbados, mas na videochamada de Sabrina e Cleo à meia-noite para me cantarem os parabéns. Na sensação de estar tão grata por ter algo merecedor de saudades.

Caminhamos e falamos, suamos e comemos, com o cabelo eriçado pela humidade. Farturas e sanduíches de lagosta, tartes de chocolate recheadas de *chantilly* até rebentarem e rebentos de samambaia fritos em polme, milho caramelizado e pipocas salgadas.

– Mais alguém tem a sensação de que o tempo está a passar muito depressa? – pergunto, quando me apercebo de que já é noite.

Cleo e Sabrina olham uma para a outra e desatam a rir.

– Estás tão pedrada – diz Sabrina.

– Diz a mulher que nos obrigou a ficar nove minutos parados no mesmo sítio enquanto procurava no Google se o milho é um fruto ou um legume – respondo.

– Queria saber! – grita Sabrina, com os olhos meio fechados.

– Um *fruto*, miúda – diz Cleo. – Achavas que o milho era um *fruto*.

– Bom, parecem amendoins antes de explodirem – diz Parth, vindo em defesa de Sabrina. Cleo ri tanto que está dobrada ao meio.

Wyn deambula na direção da roda gigante, de olhos muito abertos.

– Meu, acho que o Wyn está prestes a ser puxado para a nave-mãe – diz Kimmy, e eu não percebo o que ela está a dizer, mas faz-me rir na mesma.

Wyn olha para trás por cima do ombro e diz:

– Vejam. É maravilhoso.

Sabrina fita-o por um segundo e depois atira a cabeça para trás e solta a sua gargalhada maquiavélica.

Mas ele – e a sua goma que não era tão pequena como isso – tem razão.

Tudo parece menos vincado nos contornos, como num sonho.

Parth conduz-nos até à fila da roda gigante. Tento fazer par com Sabrina, mas ela troca de lugar de modo a ficar com Parth e eu com Wyn.

– Oiçam, oiçam – diz Parth. – Quem estiver com a moca, levante a mão.

– E se fecharmos todos os olhos primeiro? – sugere Kimmy. – Para ninguém ficar envergonhado.

Wyn encosta a cabeça ao meu ombro e o seu riso derrama-se sobre a minha pele, escorrendo-me pela espinha e incendiando todas as terminações nervosas pelo caminho. Uma metáfora confusa, sim, mas haverá melhor

altura para misturar metáforas do que quando temos trinta anos e estamos com uma pedrada descomunal?

– Sinto-me jovem! – grito, o que faz Sabrina rir de novo, abrir os braços ao lado do corpo e rodopiar sobre si mesma duas vezes.

Parth agarra-me nos ombros e diz, em tom urgente:

– Nós *somos* jovens, Harry. Seremos sempre jovens. É um estado de espírito.

– Esta parece uma boa altura para vos dizer – começa Cleo. – A Kim compra esta merda a um vizinho que as fabrica em casa. Não são gomas reguladas. Espero que estejam todos preparados para voar até à Lua.

Nesta altura, os olhos de Kimmy estão tão fechados que quase desapareceram.

– Oiçam – diz ela. – Vão gostar muito. A Lua é maravilhosa nesta altura do ano.

Normalmente, a ideia de gomas de erva não reguladas podia deixar-me um pouco ansiosa. Ou mesmo com um ataque de pânico, mas a maneira como Kimmy o diz e a expressão engraçada na cara dela fazem-me soltar mais uma das minhas risadas-ronco.

– Esperem – diz Wyn, com rosto sério e severo –, como é que se faz gomas em casa?

– Ouve – diz Kimmy –, é um mistério.

– Ouve – diz Sabrina –, adoro.

O funcionário da roda gigante, um rapaz de vinte e poucos anos de ar impassível, faz-nos sinal para subirmos os degraus de metal até à plataforma.

Sabrina e Parth ocupam o primeiro banco vago, e Wyn apoia-me enquanto entramos, eu ainda a rir baixinho.

– Estas – diz ele –, não são as gomas de erva da minha mãe.

Desmancho-me a rir contra o ombro dele, mas afasto-me rapidamente. Bom, com toda a franqueza, duvido que esteja a fazer *seja o que for* rapidamente, mas lembro-me de afastar a cara do pescoço dele, o que não é de desprezar, nesta altura do campeonato.

Levantamos os braços para o funcionário verificar a segurança da barra no nosso colo, e depois baixamo-los quando ele avança para o banco atrás de nós para prender Kimmy e Cleo.

– Lembras-te do Museu Marítimo? – diz ele.

Limpo as lágrimas de riso com as costas da mão.

– «Lembrar» talvez não seja a palavra certa. Tenho fragmentos desconexos a flutuar-me no hipocampo como bolhas de sabão.

– Foi nas férias mesmo antes do teu último ano do curso de Medicina – diz ele.

– A sério? – A minha mão pousa na dele em cima da barra de ferro. Afasto-a. – Há tanto tempo?

Ele assente com um aceno.

– Foi no mesmo ano em que a Sabrina e o Parth se envolveram pela primeira vez.

A memória parece chegar até mim de uma outra vida. Sabrina e Parth tinham ficado acordados até mais tarde do que todos nós, imersos numa competição feroz de *gin rummy*, na qual estavam a ganhar à vez. Na manhã

seguinte, já tarde, desceram para a cozinha juntos, rabugentos mas sorridentes.

– Não digam uma única palavra – avisou Sabrina. – Não vamos falar sobre o assunto.

E todos dissemos que sim e disfarçámos o sorriso, mas nessa noite eles ficaram outra vez no mesmo quarto.

– Nesse dia, mais tarde, fumámos todos *um* charro – continua Wyn –, e fomos ao museu, e tu assististe à apresentação sobre construção de barcos sem pestanejar uma única vez durante uns trinta e cinco minutos.

– Ele era um artista! – exclamo.

– Pois era – concorda Wyn. – E durante umas duas horas, estiveste convencida de que ias desistir da Medicina para construir barcos.

– Nessa altura, eu nunca tinha sequer estado dentro de um barco – digo.

– Não me parece que seja uma exigência rigorosa – comenta ele.

– O mais certo era que estivesse cheia de medo de não conseguir entrar para nenhum internato – digo.

– Disseste-me que não te importavas se isso acontecesse – recorda ele. – Disseste que seria um sinal do universo.

Sinto um aperto de culpa no peito. Como se tivesse *traído* o meu futuro, como se tivesse tido uma aventura emocional com a *construção naval*. Dedicara toda a minha vida adulta a uma única coisa, e bastou uma passa de um charro para contemplar a ideia de deitar tudo isso para trás das costas.

– Foi adorável – diz ele. – Eu estava tão pedrado que mandei uma mensagem ao meu pai a perguntar o que seria preciso para tu construíres um barco na nossa oficina.

– A sério?

– Ele ficou muito empolgado – diz Wyn. – Disse que ia indagar para ver se alguém podia vir mostrar-te como começar.

– Nunca me contaste isso – digo.

– Bom – diz ele –, nunca mais falaste em construir barcos, por isso achei que tinha sido a erva a falar.

– Era uma erva excecionalmente faladora – concordo em tom pensativo.

– E a goma? – pergunta ele. – Está a dizer-te para comprarmos alguma maquinaria pesada?

Comprarmos. Ouvi-lo falar no plural é como trincar um mirtilo do Maine, sentir o sabor a água salgada e céu frio e terra molhada e sol, tudo ao mesmo tempo. Quando aquele *nós* me toca na língua, vejo tudo:

Os ombros dele, iluminados pelo luar, encostado ao *Jaguar*.

O momento em que me enfiou a sua camisola pela cabeça, o meu cabelo levantado pela eletricidade em volta do rosto.

Um beijo na adega.

Adormecermos apertados um contra o outro numa cama de solteiro, com o suor dele ainda na minha pele.

A noite em que me pediu em casamento.

– Harriet? – diz ele. – O que achas? Investimos no teu sonho de construção naval, ou não?

A manhã em que soubemos que Hank morrera.

O silêncio profundo e penoso no nosso apartamento de São Francisco.

A noite em que ele me partiu o coração.

Abano a cabeça.

– O que temos a perder, exceto milhares de dólares que não temos e membros aos quais estamos bastante acostumados e... – Agarro-me ao braço dele quando a roda gigante começa a andar com um solavanco, primeiro ao longo da plataforma de embarque, antes de nos elevar em direção ao céu.

À medida que o chão fica para trás, o rosto de Wyn ilumina-se em tons alternados de néon, as luzes da roda a pulsarem num ritmo aleatório.

Durante alguns segundos, fico hipnotizada.

Bom, em termos realistas, não tenho a noção de quanto tempo estou hipnotizada. A erva ainda está a tornar o tempo elástico, como caramelo. Algumas cores pintam-lhe o rosto durante eras, e outras piscam tão depressa que mal tenho tempo de as registar.

A brisa salgada e amarga passa-lhe pelo cabelo à medida que subimos mais alto na noite, com o cheiro a açúcar caramelizado ainda colado às nossas roupas.

– Estás a olhar fixamente para mim, Harriet – diz Wyn, com o canto da boca a tremer de riso contido.

– Estou? – digo. – Ou és tu que estás pedrado?

Quando ele se ri, fico intensamente consciente dos meus dedos, ainda fechados sobre o braço dele, e da textura suave da sua pele. Ao perto, sempre que ele esteve ao sol, tem milhões de sardas escuras minúsculas, tão pequenas como grãos de areia, espalhadas pela pele. Quero tocar em todas. No meu estado atual, isso podia demorar dias.

Assim apertados lado a lado, sinto o ar entrar-lhe e sair-lhe dos pulmões, o bater do seu coração a enviar mensagens em código Morse.

– Porque é que estás a olhar para mim assim? – pergunta ele.

– Assim como? – pergunto, com voz um pouco rouca.

Ele baixa o queixo.

– Como se quisesses comer-me.

– Porque – respondo –, quero mesmo comer-te.

Ele toca com o polegar no centro do meu queixo e o ar adquire uma carga elétrica.

– Isso é a erva a falar – provoca-me ele, divertido –, ou ainda tenho açúcar em pó na boca?

Para alguém que passou uma vida inteira a viver dentro da sua própria mente, é com uma velocidade alarmante que me torno apenas um corpo; toda eu sou terminações nervosas a crepitar e pele arrepiada.

– Isto é confuso – murmuro.

– Não me sinto confuso – diz ele.

– Não deves estar tão pedrado como eu.

O sorriso dele desenrola-se a partir de um dos cantos da boca, sem nunca chegar até ao outro.

– Tenho a *certeza* de que não estou tão pedrado como tu. Parece que comeste uma saca de erva-gateira.

– Consigo *sentir* o meu sangue – digo. – E estas cores têm *sabores*.

– Não estás enganada – diz ele.

– A que é que te sabem? – pergunto.

Ele fecha os olhos, levanta o nariz, e a brisa faz-lhe ondular a *T-shirt*. Quando abre os olhos, tem as pupilas muito dilatadas.

– Sabem a goma vermelha.

Solto uma risada.

– Que astuto.

Os olhos dele brilham, como se relâmpagos crepitassem naquele verde pré-tornado.

– Está bem – diz, por fim. – Queres a verdade?

– Em relação ao sabor das luzes? – digo. – Estou morta por saber.

A mão dele deixa a barra de segurança e, com as pontas dos dedos, sobe desde o exterior da minha coxa até à anca, de olhos postos no seu progresso.

– Sabem a este tecido.

Estou a esforçar-me ao máximo por não tremer, por não me aninhar contra ele, porque a leve pressão dos seus dedos contra o cetim do meu vestido de verão *tem* de facto um sabor neste momento, e é delicioso.

– Um sabor suave – diz ele. As suas unhas descem de novo pela minha coxa, para além da bainha do vestido, até à pele exposta acima do joelho. A minha cabeça tomba para trás por vontade própria. – Delicado. Tão leve, que derrete na língua.

Os olhos dele encontram os meus. As suas unhas sobem de novo, agora com um pouco mais de força. Durante alguns segundos, ou minutos, ou horas, ficamos presos no olhar um do outro enquanto a mão dele me acaricia lentamente, para cima, para baixo, um pouco mais para cima.

– Posso ver mais fotografias? – diz ele.

Desperto da minha neblina de luxúria com um sobressalto.

– O quê?

– Das tuas cerâmicas – diz ele.

– Não prestam para nada – digo.

– Não me importo. Posso ver?

Os nossos olhos encontram-se de novo. Estou com grandes dificuldades em me mover a uma velocidade normal. De cada vez que olho para ele, tudo o resto para, como se estivéssemos a flutuar fora do espaço e do tempo.

Atrapalhada, tiro o telefone e abro as fotografias.

Além de meia dúzia de imagens de publicidade de séries policiais que me quero lembrar de ver, não tenho muito mais para passar antes de chegar às fotografias dos meus últimos projetos. Uma caneca, duas jarras diferentes, outra tigela que na verdade não parece nada um traseiro. Ou quase nada.

Passo-lhe o telefone. Ele estuda-o, com a língua a roçar lentamente pelo lábio de baixo enquanto passa as fotografias. A roda gigante já descreveu pelo menos uma rotação completa quando ele chega à última e começa a voltar para trás, revendo as mesmas, ampliadas para ver os pormenores do vidrado.

– Esta. – É a mais pequena das jarras, em tons de verde, azul, roxo, castanho, um horizonte de tons de terra.

Sinto um aperto no peito.

– Essa chama-se Hank.

Ele ergue a cabeça, com expressão aberta, aquela que me fazia lembrar areias movediças, capaz de sugar uma pessoa e nunca mais a libertar.

– Deste-lhe nome? – diz ele. – O nome do meu pai?

– Não é humilhante? – Tento tirar-lhe o telemóvel.

Ele não o larga.

– Porque havia de ser humilhante?

– Porque eu não sou o Miguel Ângelo – digo. – As minhas jarras não precisam de nomes.

Ele levanta o telefone.

– Esta precisa de um raio de um nome, e esse nome é Hank. – Tento apanhá-lo de novo, mas ele afasta-o do meu alcance e depois continua a olhar para o ecrã, com uma ruga entre as sobrancelhas. – Parece-se com ele.

– Não tens de dizer isso, Wyn – respondo. – É uma jarra feita por uma amadora.

– Parece o Montana – diz ele. – As cores são precisamente estas.

– Ou se calhar estás com uma grande moca.

– Estou decididamente com uma grande moca – responde ele. – Mas também estou certo.

Os nossos olhos encontram-se, e sinto uma flor quente abrir-se dentro de mim. Estendo a mão. Ele devolve-me o telefone.

– Mostraste isto à minha mãe? – pergunta.

Abano a cabeça.

– Estava a pensar oferecer-lha.

– Deixa-me comprá-la – diz ele.

Rio-me.

– O quê? Nem pensar nisso.

– Porque não?

– Porque não vale nada – protesto.

– Para mim, vale.

– Podes pagar os portes de envio, então – digo. – Será um presente de nós os dois.

– Está bem. Eu pago os portes. – Após uma pausa, diz: – Como é que te meteste nisto?

– Na olaria?

Ele faz que sim com a cabeça.

Respiro fundo.

– Foi mais ou menos uma semana depois de nos separarmos. Eu estava a voltar para casa depois de um turno no hospital, a uns dois quarteirões do nosso... do meu apartamento – corrijo, no último instante, mas o rubor invade-me o rosto, ainda assim.

Eu não queria ir para casa, nesse dia. Tinha participado noutra cirurgia complicada. O doente sobrevivera, mas eu estava agoniada desde então.

Tudo o que queria era estar aconchegada nos braços de Wyn, e sabia que se entrasse no nosso apartamento haveria sombras dele em todo o lado, mas nenhum sinal real dele.

Engulo o nó que se forma na minha garganta.

– E vi uma loja. E fez-me lembrar de estar aqui, porque...

– Não se consegue dar dois passos sem bater contra uma jarra em forma de búzio? – diz ele.

– Exato – digo. – E nunca me interessei muito por essas lojas de cerâmica quando estamos *aqui*, sabes? Mas quando vi esta, senti-me como... como se fosse um pedacinho de casa. Ou o que quer que esta casa de férias é para nós.

– Então entraste? – pergunta ele.

– Entrei.

Um sorriso ergue-lhe os cantos da boca.

– Nem parece coisa tua.

– Eu sei – reconheço. – Mas estava a ter um dia mau, e há uma gelataria ao lado, por isso fui comprar um gelado e quando saí vi que estavam a chegar pessoas ao estúdio para uma aula de principiantes, e a alternativa era ir para casa ver mais episódios de *Crime, Disse Ela*, portanto entrei.

Em voz suave, Wyn diz:

– E gostaste.

– Gostei muito – admito.

– E tens jeito – diz ele.

– Nem por isso – digo. – Mas é precisamente essa a questão. Nada depende do meu talento para a olaria. Se correr mal, não há problema. Posso começar de novo, e francamente, nem me importo. Porque enquanto estou a trabalhar numa peça, sinto-me bem. Não estou a trabalhar para ver como fica. Gosto é de *fazer*. Não preciso de estar hiperconcentrada. Não preciso de fazer *nada* a não ser enfiar as mãos num monte de lama e estar ali. Desligo o cérebro e deixo a mente vaguear.

Ele deve ter visto algo na minha expressão, porque diz:

– Em que é que pensas?

Sinto um ardor nas faces.

– Não sei. Em lugares, quase sempre.

– Que lugares?

Olho para baixo, para o festival que se estende sob nós, e vejo um menino e uma menina a correrem em ziguezague entre a multidão, com *bouquets* de algodão doce maiores do que as suas cabeças.

– Qualquer lugar onde fui feliz – digo.

Segue-se uma longa pausa.

– O Montana?

Tenho a garganta apertada. Aceno afirmativamente.

– Aquela tigela que parecia um traseiro... estava a pensar na água, aqui em Knott's Harbor – digo. – Nas ondas, e como é estranho que as ondas na realidade não existem. A água é só água, mas a maré move-se, e o vento sopra e as vagas mudam de forma, mas são sempre apenas água.

– Então parece que algumas coisas mudam *e* ficam na mesma – diz ele.

Sei que estamos pedrados. *Sei* que ele não disse realmente nada de extraordinário, mas quando os seus olhos claros de coiote se erguem para os meus, parece que o meu coração dá uma cambalhota e tudo dentro de mim gira cento e oitenta graus. É como se eu tivesse estado de pernas para o ar este tempo todo, e o movimento finalmente me pusesse direita.

– Há alguma que se pareça connosco? – pergunta ele.

Todas, penso. *Tu estás em todos os meus lugares mais felizes.*

Tu és para onde vai a minha mente quando precisa de conforto.

Agito-me no banco. As pontas dos dedos dele roçam-me na coxa. Ele concentra-se nesse contacto.

Wyn aperta os lábios enquanto delineia as pregas do tecido e, embora não esteja exatamente a tocar-me, os nervos na minha anca ganham vida, aquecem, crepitam.

– Tens de sentir isto, Harriet – diz ele, em tom sonhador.

Desato a rir.

– Aquela goma não era nada pequenina.

– Pelo lado positivo – continua ele –, está a fazer com que a sensação deste tecido seja fabulosa.

– O *sabor*, queres tu dizer.

– Sim, sabe a goma vermelha – concorda ele, e baixa a boca para o meu ombro, roçando com os lábios sobre a alça do vestido. Sustenho a respiração. Apoio as mãos na barra de ferro, onde tenho alguma certeza de que não se enfiarão espontaneamente dentro da camisola de Wyn.

– Isto é que é seda? – pergunta, erguendo o rosto, com os olhos a brilhar sob as luzes roxas.

– Cetim – digo. – A seda dos pobres.

– A seda de um pobre cheio de sorte – diz Wyn. – É como... pele húmida. Olha. – Tira a minha mão do ferro e leva-a à minha própria coxa, atento à minha reação quando deixa as nossas mãos deslizarem sobre a bainha do vestido, até termos as pontas dos dedos na pele nua. – Estás a ver?

Aceno com a cabeça, sem fôlego.

Os olhos dele escurecem, agora quase negros, exceto aquele anel exterior de verde tremeluzente.

– Lembras-te do que me disseste – pergunto – sobre o teu cérebro?

A mão dele detém-se.

– Disseste que parecia uma roda gigante – continuo. – Como se os pensamentos estivessem constantemente a andar em círculos e tu tentavas

concentrar-te num mas era difícil agarrá-lo durante muito tempo porque eles continuavam a girar.

As linhas do rosto dele suavizam-se. Os seus dedos dobram-se, as unhas contra a minha pele.

– Exceto contigo. Tu és como gravidade.

Naquele momento, nada me teria conseguido afastar de Wyn, nem que ele irrompesse em chamas.

– Está sempre tudo a girar – diz ele em voz baixa e rouca –, mas a minha mente tem sempre uma mão em ti.

O ar quente da noite aquece entre nós até parecer elétrico. Estamos prestes a quebrar a regra, outra vez. Estamos prestes a beijar-nos sem ninguém estar a ver, e eu não quero saber. Ou melhor, quero, porque preciso. Preciso da gravidade *dele*. Preciso que a sua boca e as suas ancas me prendam ao sítio, me ancorem neste momento, abrandem ainda mais o tempo, como ele sempre fez, até *isto* se tornar a minha vida real e tudo o resto – o apartamento acanhado, as dores nas costas e nos joelhos, o suor que se acumula debaixo da minha bata e máscara cirúrgica, as noites a olhar para um teto que não tem nada para me dizer – ser recordações.

– HAR! – grita alguém acima de nós. O momento estilhaça-se.

Ambos olhamos para cima.

– APANHA!

Não vejo qual das duas o grita. Tudo o que vejo é Cleo e Kimmy – agora acima de nós enquanto a roda desce – debruçadas sobre a sua barra de segurança, a rir histericamente, e depois algo rosa-flamingo a esvoaçar, a girar e a rodopiar pelo ar em direção a nós.

Cai-me em cheio no colo.

– Guarda aí isso, está bem? – grita Kimmy. Cleo está dobrada pela cintura, os ombros sacudidos pelo riso.

Wyn pega na coisa cor-de-rosa e levanta-a, posicionando o *soutien* à frente do próprio peito.

Por cima de nós, Cleo e Kimmy estão histéricas.

– É precisamente por isto – diz Wyn – que detesto receber roupas como presente. Nunca me assentam bem.

– Pelo menos é a tua cor – digo.

Ele abana a cabeça, a rir.

– Obrigado, Kim.

Kimmy atira-se para a frente e grita algo por entre as gargalhadas, mas Cleo puxa-a de novo para trás.

– Desculpa, Wyn. – Tiro-lhe o pequeno *soutien* das mãos e ergo-o à minha frente. – Em que universo é que *isto* serve nas mamas da Kimmy?

Ele abre a boca, olha para Cleo e Kimmy, que ainda estão agarradas uma à outra com ataques de riso incontroláveis, e depois de novo para mim.

– Olha, não estava à espera dessa.

– Nem eu – admito. – Sempre supus que a Cleo fosse uma defensora ardente dos mamilos livres.

– O que é que se passa aí em cima? – grita Parth por baixo de nós.

Estão a entrar na plataforma de embarque.

– Temos de ser rápidos – diz Wyn, confiante de que eu lhe consigo ler os pensamentos.

E consigo.

– A tua pontaria é melhor do que a minha.

– Nem sequer vou fingir que protesto – diz ele, e pega no *soutien*.

Inclinamo-nos para a frente e quando Sabrina e Parth estão prestes a chegar ao fim da volta, Wyn atira o *soutien* e acerta em cheio na cabeça de Sabrina.

– MAS QUE... – grita ela, mas Parth tira-lhe o *soutien* da cabeça e levanta-o à luz néon para o examinar, precisamente quando estão a parar junto do paciente e resignado funcionário da roda gigante.

Mesmo daqui, parece-me que ele resmunga por entre dentes «*millennials*», o que faz com que Wyn e eu tenhamos um ataque de riso tal que eu tenho literalmente lágrimas a pingarem-me do queixo.

– Aconteceu! – guincho. – Substituímos os nossos pais, somos nós a geração «mãe bêbada nas férias».

– Peço desculpa – diz ele. – Acho que queres dizer a geração «pai pedrado nas férias».

Por baixo de nós, Sabrina ergue-se do banco, de cabeça bem levantada, com ar muito digno. Entrega o *soutien* ao funcionário e, em voz suficientemente alta para nós e todas as pessoas que estão na fila a ouvirem, diz:

– Tem algum sítio para Perdidos e Achados? Parece que alguém deixou cair isto na roda gigante.

– Achas que estamos prestes a ser expulsos do Festival da Lagosta? – pergunto a Wyn.

Ele atira a cabeça para trás, com um novo acesso de riso.

– Era inevitável, mais cedo ou mais tarde.

– É o fim de uma era – digo.

– Não... – Olha para mim de lado. – Apenas outro princípio.

*

Ainda estamos muito divertidos quando saímos do *Rover* em frente de casa, Sabrina pesadamente apoiada em mim, Kimmy apoiada ainda mais pesadamente em Wyn, atrás de nós. Estamos quase nos degraus da entrada quando a nossa condutora de serviço, sem medos (e sem *soutien*) corre em direção à lateral da casa.

– Onde é que vais? – Parth levanta os braços. – Tu é que tens a chave!

Sabrina e eu trocamos um olhar e corremos atrás dela, contornando a esquina para o lado escuro da casa. Cleo abre o portão do pátio, descalça os sapatos e começa a desabotoar as calças sem parar de correr.

Sabrina bate-me no braço para me fazer correr mais depressa, e fazemos a curva mesmo a tempo de ver Cleo, agora sem calças, saltar para dentro da piscina. Os outros aparecem atrás de nós e Sabrina vira-se para Parth e, com todo o seu peso, empurra-o para a água.

Sem hesitar, Kimmy faz uma bomba atrás dele, ainda com um sapato calçado. Sabrina vira-se para mim. Eu grito e tento afastar-lhe as mãos.

– Somos demasiado velhos! – grito. – Não me obrigues a fazer isto!

Agarro-lhe nos pulsos. O grito dela transforma-se em riso e debatemo-nos à beira da piscina.

Depois, alguém vem por trás e levanta-me do chão. Um braço à volta do meu tronco, um aroma a cravo-da-índia, e perco o equilíbrio.

Caímos, juntos, enrolados um no outro, sem fôlego. A água fecha-se sobre nós e abro os olhos debaixo da superfície, virando-me nos braços dele. Primeiro vejo apenas tudo a brilhar, centelhas tremeluzentes azul-prateadas, e depois ali está ele, empalidecido pela estranha luz da piscina. O seu cabelo flutua em ondas e dança-lhe à volta do rosto, e erguem-se pequenas bolhas do nariz e dos cantos da boca dele.

Pega-me nas mãos e puxa-me para si. Nem sequer penso em resistir. Gostava de poder pôr as culpas na erva, mas não posso. É ele, sou eu.

As minhas coxas deslizam sobre as dele e encaixam-se levemente nas suas ancas. Ele leva as minhas mãos até à sua nuca e afundamo-nos assim, afastando-nos das pernas dos outros. Wyn encosta-me a si e sinto o seu coração a bater contra a minha clavícula.

E depois tocamos no fundo da piscina. Não podemos descer mais. Ele empurra o chão de azulejos, projetando-nos de novo para a superfície.

Ar frio, risos e gritos à beira da piscina, onde Kimmy e Cleo se juntaram agora para atirar Sabrina à água.

E eu não me sinto jovem. Sinto-me viva. Como se tivesse acordado de repente. A minha pele, músculos, órgãos, ossos, parece estar tudo mais concreto. O rosto de Wyn e as suas pestanas brilham, tem a camisola colada ao corpo. Os seus dedos tocam-me carinhosamente no queixo, o polegar roça-me no lábio inferior e os seus olhos veem-no entreabrir-se, como se quisesse inspirá-lo para dentro de mim. Os nossos pulmões expandem-se, empurrando-nos um contra o outro, e o olhar dele levanta-se para o meu e aqui, com toda a gente a ver, onde a regra que eu estabeleci não será quebrada – onde posso *fingir* que estou a *fingir* – encosto a boca à dele.

20

MAIS OU MENOS VIDA REAL

Mas ainda quarta-feira

A língua de Wyn roça primeiro no meu lábio inferior, como se estivesse apenas a provar. Como se não planeasse sequer beijar-me. Mas os meus lábios entreabrem-se para ele, ainda assim, e com um suspiro a sua boca sobe e apanha toda a minha.

Segura-me o rosto entre as mãos e inclina-me para aprofundar o beijo, com o calor da sua boca a abrasar-me, apesar da água fria.

Não há qualquer pensamento, qualquer lógica, qualquer sentimento além de *ele*. As minhas mãos sobem-lhe pelas costas, até as unhas se cravarem nas omoplatas, e as dele descem pelas minhas, tão ao de leve que mal me tocam, deixando um rasto de pele arrepiada. Sustenho a respiração, inclinando-me para ele, e as suas mãos apertam-me mais, nas coxas, por baixo da bainha do vestido, colando o meu corpo ao seu. Sinto a sua ereção contra mim, lançando uma chuva de centelhas por trás das minhas pálpebras fechadas, e com os mamilos intumescidos pressiono-me contra ele.

As minhas costas tocam no canto da piscina. As nossas ancas encaixam enquanto a boca dele desliza pelo meu pescoço, a beijar-me, a morder sempre que um arrepio me faz estremecer.

Toda a minha pele arde por tanto o desejar.

O que salva a situação é o facto de não estarmos sós. De eu não poder levar isto tão longe como gostaria.

Atrás de nós, Cleo e Kimmy conseguem finalmente empurrar Sabrina para a piscina. Com o som da queda na água, uma torrente de imprecações ergue-

se para o céu da noite. Wyn afasta-se um pouco e encosta a testa à minha, com o coração aos saltos contra o meu peito.

Tudo o que quero agora é ir para a cama. Estou vagamente ciente de que existem razões que tornam isto uma péssima ideia, mas não estou a conseguir lembrar-me claramente de nenhuma delas.

– Estás cheia de surpresas esta noite, Clee – grita Parth.

Cleo passa por nós a nadar de costas, com um sorriso virado para o gomo de lua visível no céu.

– Sendo assim, acho que cumpri o meu objetivo para esta semana.

Ainda a cuspir água e a afastar o cabelo molhado da cara, Sabrina diz:

– O teu objetivo para esta semana era atirar o *soutien* de uma roda gigante e empurrar-me para a piscina?

Cleo endireita-se, a agitar as pernas e os braços.

– Mais ou menos.

Kimmy atira uma bola de piscina contra nós e eu mergulho para longe de Wyn, com o rosto a arder, um sorriso doloroso, o corpo inteiro a vibrar.

Por mais que tente regressar à realidade, ao mundo fora desta bolha de Knott's Harbor, estou plenamente, aterrorizadoramente *aqui*, onde mais nada parece ter importância alguma.

*

Depois de nos secarmos, e de subirmos as escadas, e de darmos as boas-noites, a minha coragem vacila um pouco. Wyn aperta-me a mão enquanto percorremos o corredor e entramos no nosso quarto escuro.

Assim que a porta se fecha, empurra-me contra ela. Mal tirámos as mãos de cima um do outro desde aquele primeiro beijo na piscina, mas agora que estamos sozinhos, ambos nos sentimos muito menos seguros. Ele está a tremer, ou então sou eu – sempre foi difícil perceber onde acaba um e começa o outro – e as nossas mãos entrelaçam-se, respiramos como se nos faltasse o ar.

Não que eu ache que o que se passou lá em baixo foi uma representação. Mas faz parte de um acordo.

E isto não. E nenhum de nós parece ter decidido o que vai acontecer agora.

O meu corpo tem uma ideia. O meu cérebro não é fã desse plano.

Passaste meses a tentar esquecer aquilo que estás a perder, digo a mim própria, *como poderás sobreviver depois de o recordares? Como sobreviverás a uma nova perda?*

Sinto o coração dele a martelar-lhe no peito. O meu peso apoia-se nele, os meus seios a roçarem na *T-shirt* molhada, e ele solta uma respiração entrecortada.

Estou ávida dele. Tenho andado num deserto sem Wyn, com a garganta seca como pó, e aquele primeiro gole lá em baixo só intensificou a minha sede. O meu sistema nervoso não quer saber se isto é uma miragem. O violento latejar cinético recomeçou, as partículas de ar entre nós são elétricas.

– Podemos fazer isto? – pergunta ele em voz rouca.

Ergo-me para ele como uma cobra enfeitiçada, com os joelhos a cederem um pouco quando as palmas das suas mãos tocam na minha barriga através do cetim molhado, começam a subir-me pelo corpo. Os lábios dele deslizam pela minha clavícula, o seu hálito a dispersar-se na minha pele.

Wyn levanta os olhos escuros quando as palmas das suas mãos param no meu peito. Encosto-me contra o toque. Ele move-as para me sentir mais plenamente. Quando os seus polegares roçam nos meus mamilos, geme, segura-os entre os dedos e vê a forma como a minha respiração falha e o meu corpo se curva.

Baixa uma das alças do vestido sobre o meu ombro, beija a pele nua onde ela estava. Os seus dedos encontram a outra alça e afastam-na também. Inclino a cabeça para trás para tentar respirar, e ele enfia a mão por dentro do decote do meu vestido, agora solto, e os seus dedos curvam-se sobre mim.

Aproxima-se mais e, com o joelho, afasta-me as pernas. Fecho a mão na nuca dele para não cair quando a sua boca desce para o meu peito e os lábios se fecham sobre mim. A minha existência reduz-se àquele ponto, à pressão gentil e ao calor feroz dos seus lábios. Puxa-me o vestido para baixo; fico nua até à cintura e ele beija-me toda, a palma da mão movendo-se pesadamente contra mim.

– Pede-me que te beije, Harriet – sussurra.

Não sei se é por orgulho ferido, ou por medo deste desejo avassalador ou por qualquer outro motivo, mas não consigo pedir-lhe mais nada.

– Pede-me que te beije – repete ele, afastando-me mais as coxas para se encaixar entre elas.

Desço as mãos pelas costas dele, até à cintura, impedindo-o de se afastar. Sinto o pulsar nas virilhas dele, ou talvez seja nas minhas. As fronteiras entre nós tornaram-se indistintas, insubstanciais.

– O que estamos a fazer? – pergunta ele.

– Pensei que era óbvio – digo.

Ele empurra as ancas contra mim e, Deus me ajude, as minhas mãos descem imediatamente para o traseiro dele. Levanta-me contra a porta, as minhas coxas à volta das ancas dele, os braços entrelaçados na sua nuca, a ereção dele, dura, contra mim.

Quero-o em cima de mim, por baixo de mim, por trás de mim. Quero-o na minha boca, as roupas dele num monte no meio do chão, o seu suor no meu ventre, a sua voz rouca no meu ouvido. Quero tudo menos parar.

– O que significa isto? – pergunta ele, ofegante, sem parar de me tocar, de me beijar.

– Não sei – respondo.

Com um gemido baixo e frustrado ele imobiliza-se, segurando-me contra a porta.

– Isto é má ideia, Harriet – diz com voz rouca, passados alguns segundos, e pousa-me no chão, sem se afastar. – Não podemos estar juntos.

As palavras tiram-me o ar.

– Eu sei – digo.

E sei. Ele partiu-me o coração, destruiu-o. E mesmo que eu *pudesse* perdoá-lo, ele é *feliz* na sua vida nova. Sei que não podemos voltar atrás.

Então porque é que ouvi-lo dizer essas palavras me fende o peito como lenha rachada?

Empurro-lhe os ombros.

Ele recua e murmura.

– Desculpa. Não pensei.

– Não sei se foste tu quem começou – admito, ofegante.

Ele passa a mão pelo cabelo, com rugas profundas na testa.

– Não sei se *não* fui – diz.

– Seja como for, acho que também devia pedir desculpa – digo.

A boca dele estremece, um sorriso que não é propriamente feliz. Suspira.

– Este lugar.

Este lugar, é verdade. Aqui, é demasiado fácil esquecer o mundo real, as nossas circunstâncias, as coisas que nos separaram da primeira vez.

Todas as razões para não podermos voltar atrás.

Encosto as mãos abertas à madeira lisa da porta.

– Deixámo-nos ir, só isso.

Após um instante, ele diz:

– Não quero fazer mais nada que te magoe.

– Não fizeste – asseguro-lhe.

Eu magoei-me a mim própria, penso.

Ele olha para a porta por cima do meu ombro, com ar quase culpado.

– Se calhar é melhor ir dar uma volta. Para acalmar.

A ideia de estar mais longe dele do que isto é um tormento. Concordo com um aceno.

Os seus olhos percorrem-me de cima a baixo uma vez mais, e o calor espalha-se por mim da cabeça aos pés, deixando um latejar pesado de desejo entre as coxas.

– A cama é toda tua – diz Wyn, e passa por mim. Afasto-me para ele conseguir abrir a porta. – Não precisas de esperar por mim acordada.

Não é que tencione ficar à espera dele. Mas assim que me enfio dentro dos lençóis é como se ele não tivesse saído, se tivesse na realidade multiplicado. Cada brisa da janela entreaberta é a boca dele. Cada toque dos lençóis é a sua mão, a deslizar pela minha coxa, pela curva do meu ventre. Cada rangido da casa antiga é a sua voz: *Pede-me que te beije.*

Tento pensar noutra coisa qualquer. A minha mente está presa nele.

Há pouco, quando Cleo e eu estávamos à beira da piscina, com o queixo apoiado nos braços cruzados, as pernas a agitarem-se lentamente dentro de água, ela perguntara: *Estás a fazer progressos no teu objetivo para esta semana?*

E os meus olhos viraram-se de imediato para Wyn.

Ainda não, respondi-lhe.

Nem sequer sei o que preciso desta semana. Chegar ao fim sem me desfazer? Ou sem arruinar o casamento de Sabrina e Parth?

A minha vida tem avançado apenas numa direção desde que decidi ir para Medicina. Tem sido fácil tomar decisões, com essa força motivadora por trás. E, fora disso, raramente tive de o fazer.

Mas não quero arrepender-me de nada no fim desta semana. Quero sentir que usei este tempo, de alguma maneira que seja, como queria.

E é nisso que estou a pensar enquanto adormeço: *O que é que queres afinal, Harriet?*

Sonho que ele se enfia na cama comigo. *Mãos para cima*, pede, e despe-me a *T-shirt* que diz *Virgem que sabe conduzir.*

Não estou com ninguém, murmura, com a boca na curva do meu estômago, na parte inferior do meu braço. *Perfeita*, diz.

Quando acordo, antes do nascer do sol, ainda estou sozinha.

21

LUGAR FELIZ

WEST VILLAGE, NOVA IORQUE

A nossa primeira casa, minha e de Wyn, só dos dois. Um radiador que assobia quando ligado. Um fantasma que nunca faz muito mais além de abrir a janela quando está bom tempo, ou derrubar um livro da prateleira. Nunca nada de sinistro, sempre coisas giras. Sentados no chão, a comer *noodles* diretamente da embalagem, porque ainda não temos sofá.

Mesas de cabeceira encontradas nos passeios, que Wyn restaurou na perfeição. Uma prateleira montada por cima da cama, com os livros de bolso de James Herriot que Hank costumava ler a Wyn e às irmãs quando eram pequenos. E ainda um romance, cujas origens nenhum de nós recorda. (Wyn diz que provavelmente pertence ao fantasma.) A nossa primeira casa juntos, só os dois, e é agridoce.

Semanas antes, à medida que se aproximava o final do contrato de arrendamento do apartamento de Morningside Heights, Cleo sentou-nos a todos em fila no sofá mole de Parth para anunciar que se ia mudar.

Não apenas para outra casa, mas que ia deixar Nova Iorque.

Ia para o Belize, trabalhar numa quinta de agricultura biológica.

– Chama-se WWOOF – disse. – Vivemos lá de graça em troca do nosso trabalho.

Ao princípio, ninguém disse nada. Até esse momento, vivêramos numa realidade suspensa. Parecia-nos que podíamos ficar assim, juntos, para sempre, sem que nada mudasse.

– É só temporário – disse Cleo. – Um contrato de seis meses. – Mas estava a chorar.

Todos o sabíamos: era o fim de uma era.

Assim, sentámo-nos no tapete, com os braços à volta dela como se fôssemos uma alcachofra gigante e Cleo o nosso coração.

Na noite antes de ela partir, Parth organizou uma sessão de *slides* para a despedida, exibindo na parede as nossas memórias preferidas dos últimos três anos, e chorámos mais um pouco, mas de manhã enchemo-nos de coragem e despedimo-nos em frente do aeroporto JFK.

– Até breve – prometemos.

Tentámos encontrar uma casa que servisse para nós os quatro.

Não conseguimos.

Assim, Parth foi viver com um amigo de Fordham, Sabrina ocupou o estúdio vago de uma prima Armas em Chelsea, e Wyn e eu conseguimos juntar o suficiente para arrendar o apartamento minúsculo por cima da livraria onde ele trabalhava.

Na primeira noite que lá passámos, de vez em quando eu tinha de me fechar na casa de banho com um ataque de choro. Sentia tanta falta de Cleo que me doía fisicamente. Temia que isto fosse o fim. Que os meus amigos se revelariam apenas figuras passageiras na minha vida, familiares que se tornariam estranhos.

Depois do meu último ataque de choro, quando saí da casa de banho fui recebida por um grito de «SURPRESA!».

Wyn ligara a Parth e Sabrina. E eles vieram, com *pizza* e champanhe.

– Tínhamos de vir batizar a casa – disse Parth.

– E além disso eu queria ver se é tão assombrada como parece – acrescentou Sabrina.

A partir dessa noite, o apartamento torna-se uma casa.

E somos felizes, lá.

Parth e Sabrina vêm jantar connosco uma vez por semana e embora sejamos, alegadamente, Adultos a Sério, às vezes eles ficam lá a dormir no sofá e num colchão insuflável, e de manhã tomamos o pequeno-almoço num café antes de seguirmos para os nossos programas diferentes, e no caso de Wyn, de regresso à livraria.

E não se torna enfadonho, vivermos só os dois. Cada pedacinho de Wyn que ele me dá é algo inestimável, que guardo como um tesouro e examino de todos os ângulos.

As últimas palavras que oiço todas as noites são *Amo-te tanto*. Por vezes é ele o último a dizê-las, outras vezes sou eu. Às vezes competimos, repetindo-o à vez como se tivéssemos catorze anos: *Não, desliga tu primeiro.*

Os estudos ocupam-me muito tempo. Começo a dar aulas como assistente do meu professor preferido. O sexo diminui um pouco, mas não os toques, não o afeto. O amor dele é seguro, constante. Mais fácil do que respirar, porque é possível *pensar* demasiado em respirar, ao ponto de nos esquecermos como funcionam os pulmões e entrarmos em pânico.

Eu nunca me conseguiria esquecer de como amar Wyn.

Às vezes, deitada ao lado dele na nossa cama, com os meus pés gelados enfiados entre as suas pernas quentes, as palavras passam-me pela cabeça, como se vindas de outro lado qualquer, como se a minha alma ouvisse a dele a sussurrar enquanto dorme: *Este é o teu lugar*.

Aos sábados de manhã, bebemos café no sofá ao lado da janela e fazemos palavras cruzadas. Ou melhor, começamos a fazer palavras cruzadas. Torna-se quase uma tradição, começá-las e abandoná-las.

Todas as semanas eu tento preencher pelo menos mais uma palavra do que na semana anterior, enquanto Wyn tenta distrair-nos cada vez mais cedo.

– Oito horizontal – digo eu, enquanto ele me beija o pescoço. – *O Elo Mais Fraco.*

– Isso não é aquele concurso em que as pessoas caem por um alçapão quando são eliminadas? – murmura ele com a boca na minha clavícula.

– Nunca vi isso – digo –, mas juro que assim que o disse, foi o que imaginei. Mas parece impossível, não parece? É demasiado ridículo.

Ele encolhe os ombros, puxa-me para o colo, mas eu não largo o computador portátil e escrevo *elo mais fraco alçapão* numa pesquisa no Google.

Os primeiros resultados são de fóruns *online*. Pessoas que se lembram do programa exatamente como nós, embora todas as pesquisas *online* confirmem que nunca houve um alçapão.

– Como é possível que *todos* nos lembremos de uma coisa errada? – pergunta Wyn.

Falo-lhe sobre o *Efeito Mandela*, a ideia de que, por vezes, grandes secções da população se lembram de uma coisa errada precisamente da mesma maneira. Os cientistas explicam estas falsas memórias partilhadas como confabulações, ou exemplos da teoria do traço difuso, que diz que as memórias são maleáveis e incertas, enquanto outros questionam se o Efeito Mandela provará que vivemos num multiverso.

Com um sorriso, Wyn enrola um dos meus caracóis na mão.

– Gosto de como tu falas comigo como se esperasses que eu compreenda o que estás a dizer.

Franzo a testa.

– E eu *não* gosto de como estás sempre a minimizar a tua inteligência.

– Não faço isso – nega ele.

– Fazes, sim – afirmo. – E não saber uma coisa não faz de ninguém estúpido, Wyn.

– Não? – diz ele, divertido. – Então o que é que faz?

Após refletir um momento, respondo:

– A falta de vontade de aprender.

– Eu tenho vontade. – Afasta o computador e puxa-me mais para si, as mãos nas minhas coxas. – Fala-me mais sobre esse multiverso, e o que é que tem a ver com *O Elo Mais Fraco*.

– Bom, se houver múltiplos universos, talvez a nossa consciência se movimente através deles, às vezes. Talvez passemos anos numa realidade, e depois saltemos para outra onde há uma coisinha minúscula que é diferente. Por exemplo, determinado concurso usava um alçapão para eliminar os concorrentes. E há universos infinitos, onde tudo o que pode acontecer já aconteceu e acontecerá.

Wyn leva uma das minhas mãos à boca, com ar sério.

– Em quantos universos achas que nós estamos juntos?

– Em mais do que algum de nós conseguiria contar.

Ele sorri.

– E tu consegues contar até *muito* alto.

– É verdade – digo. – É assim que decidem quem entra na escola de Medicina. Põem-nos em frente de um comité de médicos e temos de contar até ao número mais alto que conseguirmos.

Os lábios dele estremecem.

– E deixam-vos contar pelos dedos?

– As escolas *boas*, não.

Ele estica os meus dedos entre os dele.

– Ainda bem que eu estava numa delas – diz. – Tenho pena de todos os Wyns nos universos em que tu namoras com tipos como o Harvard Hudson. Esses Wyns são tão infelizes neste momento, Harriet.

– E as Harriets nos universos em que tu namoras com as Bailarinas Chamadas Alison – digo.

– Não – responde ele baixinho. – Em todos os universos, para mim és tu. Mesmo que não seja eu para ti.

Não é assim que funciona.

Não me interessa.

Wyn – o *meu* Wyn – está a ser sincero.

Nunca fui tão feliz na vida. Ainda não sei que há um nível de felicidade ainda mais profundo, tão intenso que dói, quase como perda ou sofrimento. Uma felicidade tão luminosa e quente que parece capaz de nos incinerar. Isso será mais tarde, nessa noite, quando Wyn sai para ir buscar comida chinesa e regressa encharcado da chuva.

Ao ouvir o som da porta a fechar-se, levanto os olhos das palavras cruzadas a que regressei, salto do sofá e dirijo-me a ele para o ajudar com os sacos de papel salpicados de chuva. Acendo o lume para fazer chá, tiro-lhe os sacos dos braços e pouso-os na bancada, e ele pega-me no pulso, olha para mim com tanta suavidade e vulnerabilidade que eu tenho medo, certa de que aconteceu alguma coisa terrível. Baixinho, num murmúrio, ele diz então:

– Casa comigo, Harriet.

– Sim – respondo.

Ele fica imóvel, com a respiração trémula. Pestaneja, como se não tivesse ouvido. A chaleira começa a apitar. Seguro-lhe no queixo.

– Wyn, *sim*.

A testa dele franze-se.

– Espera.

– Não quero esperar – digo.

Ele remexe nos bolsos do casaco.

– Merda. Dá-me um segundo. Não te mexas.

Vira-se e corre para o quarto, e eu fico ali parada, a tremer, a ouvi-lo abrir as gavetas da cómoda. Quando volta, traz na mão trémula uma caixa azul.

É um anel de prata antigo, com uma safira quadrada.

– Achei que era a tua cara – diz ele com hesitação –, mas não foi caro. Se quiseres, podemos substituí-lo por outro melhor, quando eu tiver mais...

Vejo-o desfocado, através de um véu de lágrimas.

– Tinhas isto já preparado?

– Estava à espera do momento perfeito – diz ele em tom apologético.

– Agora – digo-lhe. – Este é o momento perfeito.

– Não conseguia esperar mais – acrescenta, ainda um pouco pesaroso.

Uma ínfima dúvida insinua-se dentro de mim, e murmuro:

– E se te fartares de mim?

– Harriet – diz ele, em tom ao mesmo tempo terno e repreensivo. – E se tu te fartares de mim?

O meu riso é tão emocionado que parece um soluço.

– Nunca.

Ele segura-me o rosto nas mãos e fita-me, com a boca suave e expressão séria.

– Então casa comigo.

– Feito – digo.

Ele beija-me, um beijo de dentes e língua e emoção pura, as nossas mãos a percorrerem o outro com avidez, os corpos colados, como que determinados a tornarem-se uma coisa só.

Eu nunca tinha imaginado como seria pedida em casamento, mas se tivesse, não seria nada assim.

Não terminaria com nós os dois a comer a mesma comida chinesa que íamos buscar uma vez por semana, e a fazer amor no frágil sofá do Ikea, a rir sempre que a cabeça dele batia na parede, mas sem nos mudarmos para a cama.

Isto é melhor. Tudo é melhor, com ele.

Quando regressamos ao Maine nesse verão, Sabrina, Parth e Cleo – que conseguiu voltar do Belize – organizam-nos uma festa de noivado, incluindo

uma sessão de *slides* da nossa relação (em grande medida ilustrada por bonecos rudimentares que Parth desenhou no MS Paint).

Não importa quão ocupada é a nossa vida, quanto tempo nós os cinco estivemos sem nos ver: o reencontro na casa de férias é como vestir a nossa camisola preferida, aquela que nos assenta na perfeição.

O tempo não se move da mesma maneira quando lá estamos.

As coisas mudam, mas nós esticamo-nos e crescemos e arranjamos espaço uns para os outros.

O nosso amor é um lugar ao qual podemos sempre voltar e que estará à espera, como sempre esteve.

Este é o teu lugar.

22

VIDA REAL

Quinta-feira

Sabrina praticamente saltita ao longo da doca até ao barco alugado, branco e elegante.

Wyn roça em mim ao passar para seguir Parth pelo pontão, e as minhas pernas esquecem-se por completo do que estavam a fazer, com a proximidade súbita, e param abruptamente.

Quando desci do quarto, esta manhã, ele já estava a comer fruta e torradas no pátio das traseiras, de cabelo húmido e roupa lavada. Devia ter entrado no quarto silenciosamente durante a noite e depois voltara a sair antes de eu acordar. Desde então que estávamos a evitar-nos um ao outro, tentando não dar nas vistas.

Cleo para e tira um frasco de comprimidos para os enjoos da mochila.

– Queres um?

– Trazias isso contigo? – pergunto. – E eu toda orgulhosa porque me lembrei de trazer *fio dental*.

Cleo encolhe os ombros.

– Para a viagem. Não consigo ler no carro sem ficar agoniada.

Wyn entra no barco e vira-se para estender a mão a Cleo. Depois vira-se para me ajudar, mas eu finjo não reparar e salto.

Nesse preciso momento, algum tráfego no porto levanta uma onda debaixo do barco e os meus joelhos cedem. Wyn tem de me apanhar pelas ancas, e a pressão do corpo dele contra o meu, do peito às ancas, é... oh, um trilião de vezes pior do que se tivesse aceitado a mão que ele me oferecera.

– Estás bem? – pergunta ele.

Ao que eu respondo:

– Mmm!

Cleo instala-se num dos bancos almofadados.

– Aonde é que vamos, afinal?

Sabrina já ocupou o seu lugar junto do volante cromado, e Parth está a percorrer o barco e a soltar cabos. Pelo menos, presumo que é isso que está a fazer. Tudo o que sei sobre barcos, aprendi quando estava muito pedrada, portanto nunca se sabe.

– Aonde o vento nos levar – grita Parth por cima do ombro.

– Então vamos morrer – diz Cleo.

– É possível – admite Sabrina. – Mas primeiro vamos ver papagaios-do-mar e focas.

Parth desfaz o último nó e a brisa afasta-nos da doca enquanto Sabrina roda o volante para nos virar na direção do mar alto, com o cheiro a maresia a intensificar-se quando o vento salpica sal contra a nossa pele.

Ao fundo do barco, Wyn vê o porto diminuir, com a camisa a ondular sob o vento, revelando e voltando a esconder partes das suas costas e braços.

Por cima de nós, as nuvens abrem-se, e o cabelo dourado de Sabrina, bem como a malha branca da camisola e calções que veste, brilham sob o sol contra a sua pele morena. Parth junta-se a ela ao leme, também ele vestido de linho branco, o primeiro e o último botão da camisa abertos de forma casual, fazendo com que pareça mesmo que está a filmar um anúncio para a Tom Ford, ou que os dois são celebridades de Hollywood de férias em Ibiza.

Eu, entretanto, pareço uma monitora de campo de férias desgrenhada, a tentar sobreviver aos últimos dias de verão. E não é muito diferente de como me sinto.

– Acho que as instruções do itinerário, de *vestir roupas confortáveis*, podiam ter sido um pouco mais específicas – digo a Cleo.

Sabrina olha por cima do ombro com um sorriso radiante.

– Leste mesmo o itinerário!

Cleo encosta-se a mim, com a luz a incidir no *piercing* do nariz, e diz:

– Oh, Harriet. A Sabrina não tem culpa de se sentir confortável toda em *Gucci*.

Sabrina solta uma risada desdenhosa.

– Não sejas ridícula. Isto é *Chanel*.

– Oh, meu Deus, estás a brincar? – Kimmy atira-se para o banco em frente de nós. – Estás vestida de *Chanel*? Num barco?

Wyn senta-se ao lado dela e inclino a cabeça na direção dele.

– O Wyn também.

É o primeiro momento de contacto visual direto entre nós hoje. Faz-me sentir como se o meu fato de banho estivesse a desintegrar-se por baixo da roupa.

– A sério, Wyn? *Chanel*? – diz Kimmy. – Não te sabia tão sofisticado.

O olhar dele demora-se um instante mais no meu antes de se virar para ela.

– Só as cuecas.

– Pois bem, eu acho que estão *todos* demasiado bem vestidos – diz Kimmy. – O itinerário dizia *confortável*, e se quisesses mesmo estar

confortável, então, tal como eu, não terias vestido roupa interior.

– Concordo plenamente – diz Parth.

Sabrina parece estupefacta.

– A sério que não vestiste roupa interior?

Parth deixa-se cair no banco ao lado de Wyn.

– Porquê? A Kimmy pode mas eu não?

– A Kimmy não traz vestidas umas calças brancas feitas de papel de seda – observa Wyn.

Parth leva as mãos às virilhas num gesto protetor, depois suspira, resignado.

– Que importa. Toda a gente que está neste barco já me viu nu uma vez ou outra.

– Eu nunca te vi nu, por acaso – diz Kimmy, pensativa.

– Bem, Kimberly – responde Parth –, este pode ser o teu dia de sorte.

Os olhos de Wyn prendem-se de novo nos meus por um segundo. No meu peito, um motor liga-se.

*

Navegamos entre as ilhotas dispersas ao largo da costa, passamos por dois faróis diferentes e paramos para tirar fotografias, esfuziantes, quando avistamos as primeiras focas gordas a apanhar banhos de sol nas rochas. Rapidamente nos apercebemos de que a água está cheia delas. Uma horda, um bando, um exagero de focas.

– Depressa – diz Kimmy a Cleo –, ajuda-me a apanhar uma para levar para casa.

– Esta não é propriamente a minha área de especialidade – diz Parth –, mas *presumo* que existem leis contra isso.

– Sim, e há leis divinas superiores sobre focinhos bigodudos fofos que precisam de beijocas – diz Kimmy, debruçando-se sobre a amurada do barco para uma foca que está a coçar as costas na rocha, ou talvez a tentar virar-se ao contrário. – Além disso, o meu objetivo secreto desta semana era levar uma foca para casa.

– Às vezes, quando amamos uma coisa – diz Cleo, e aperta o ombro de Kimmy –, temos de a deixar partir.

É com esforço que não olho para Wyn.

– És uma linda menina! – grita Kimmy à foca enquanto nos afastamos. – Ou menino! Ou seja lá o que for!

Por volta da hora de almoço, atracamos numa das ilhas da comunidade de verão e percorremos a costa acidentada, a ver os caranguejos-ferradura fugir e esconder-se nos baixios turvos.

– Estes animais fazem-me impressão – diz Parth.

– Parecem saídos do *Parque Jurássico* – concorda Wyn, tocando-me ao de leve nos cotovelos quando se debruça sobre mim para ver. A brisa faz rodopiar o seu cheiro à minha volta, como um lenço de seda.

– Eu adoro-os – diz Cleo.

– Deixo-te levar um para casa – responde Kimmy –, *se* pudermos voltar para ir buscar a minha foca.

– Lamento, amor, mas acho que não temos espaço na nossa vida para uma responsabilidade destas.

– Se a tua vida é tão ocupada que não tens tempo para uma visita dos teus melhores amigos – diz Sabrina –, também não tens tempo para montar uma reserva de caranguejos-ferradura.

– Queres parar com as alfinetadas? – diz Cleo.

Sabrina arregala os olhos.

– Estava a brincar.

– Bom, já não tem graça – diz ela.

– Está bem, está bem – responde Sabrina. – *Desculpa!*

Cleo vira-lhe costas e sobe a praia em direção ao bosque de árvores retorcidas. Sabrina olha para Kimmy.

Ela abana a cabeça.

– Tem uma grande pressão em cima dela, neste momento. Deixa-a em paz.

É a coisa mais parecida com uma repreensão que já ouvi da boca de Kimmy, que não espera pela resposta de Sabrina antes de acelerar atrás de Cleo.

Sabrina vira-se para a água, de ombros tensos e braços cruzados. Por fim, sacode a cabeça com uma risada que está na fronteira entre exausta e magoada.

– Se calhar podíamos comer – sugiro.

– Grande ideia – intervém Parth, tão ansioso como eu por apaziguar as tensões.

– Vou buscar o cesto de piquenique – digo, já a dirigir-me para a doca por cima das rochas cobertas de algas. Descalço as sandálias e salto para o barco.

– O que é que foi aquilo? – oiço. É a voz de Wyn.

Viro-me e vejo-o a aproximar-se pela doca. Olho na direção dos outros. Sabrina e Parth estão a ter uma conversa animada na praia e Cleo e Kimmy caminham pelo bosque, parcialmente ocultas por ramos retorcidos, agulhas de pinheiro e folhas verde-amareladas.

– Por aquilo que percebi – explico, afastando os olhos antes que a proximidade dele me atinja a corrente sanguínea –, a Sabrina anda à procura de um convite para ir à quinta e a Cleo está aborrecida com a insistência.

– E a Kimmy? – pergunta Wyn.

– Está aborrecida com a Sabrina por estar aborrecida com a Cleo.

O barco baloiça sob os meus pés quando ele desce.

– E onde é que nós encaixamos?

– Não sei, acho que posso ficar aborrecida com a Kimmy por estar aborrecida, e talvez isso te aborreça?

– Tu nunca me aborreces – diz ele.

Ergo os olhos e apanho-o a observar-me.

O meu riso é inebriado, ofegante.

– Ambos sabemos que isso não é verdade.

Ele estuda-me por um segundo, de testa franzida.

– Podes frustrar-me, às vezes. Mas nunca aborrecer-me.

– Qual é a diferença? – pergunto.

Ele baixa os olhos para as minhas pernas e sobe-os de novo.

– Quando estamos aborrecidos, não queremos estar ao pé da outra pessoa. – Inclina o queixo para a esquerda, sem abanar propriamente a cabeça. – E eu quero sempre estar ao pé de ti.

Quero contradizê-lo, despejar aqueles momentos chave da nossa história que provam precisamente o contrário. Mas não consigo. Lembro-me do que o fascículo arqueado faz no cérebro humano, mas não como o usar para formar palavras.

– Dá cá – diz ele, esticando a mão para a geleira. – Eu posso levar isso.

– Também eu – digo, levantando-a junto às pernas.

– Harriet...

Dou alguns passos de lado.

Ele ri-se.

– Então voltámos a isto?

– Ao quê? – pergunto.

Ele franze os olhos por causa do sol e o lábio superior eleva-se um bocadinho, como se tivesse um fio a ligá-los.

– A discutir por tudo e por nada.

– Estamos a discutir? – pergunto.

– Harriet – diz ele. – Em comparação com o resto da nossa relação, isto é uma zaragata à séria.

Olho para a praia. Parth tem o braço em torno de Sabrina e estão a subir os degraus de madeira apodrecidos que levam da areia ao bosque, aproximando-se de Kimmy e Cleo, e sinto um impulso de correr atrás, para servir de almofada ou de árbitro entre eles.

– Não faças isso – diz Wyn gentilmente.

Olho para ele, aflita das costas com o peso da geleira.

– O quê?

– Não vás atrás deles – diz ele, aproximando-se mais.

Engulo em seco.

– Porque não?

Ele tira-me a geleira das mãos e pousa-a no banco.

– Porque estamos a conversar.

– A *zaragatear*, queres tu dizer.

Ele disfarça um sorriso.

– Não deviam já ter-se acabado as discussões – pergunto –, agora que não estamos juntos?

Agora, os cantos da boca dele viram-se para baixo.

– Harriet, nós nunca discutíamos quando estávamos juntos. Se tivéssemos discutido...

Não termina a frase, não desfere esse golpe derradeiro. Eu sinto-o ainda assim, uma faca no coração.

Da praia, uma buzina apita, três vezes em rápida sucessão.

Nenhum de nós se mexe, nem sequer desvia o olhar. O desejo é palpável.

– Merda – diz Wyn, e abana a cabeça. – Não gosto de não te tocar.

Viro a cara. Agora o meu coração é como uma bolha gigante, demasiado sensível, demasiado delicado. Se ao menos ele se tivesse sentido assim mais cedo. Se ao menos eu tivesse alguma ideia do que tinha corrido mal, de como o perdera. Se ao menos conseguisse acreditar que há alguma maneira de remediar as coisas entre nós. Mas ele não é o único que fez coisas que não pode apagar. E revisitar o que aconteceu só tornará a dor ainda mais cortante.

A buzina apita de novo. Pigarreio.

– Leva a geleira, eu vou buscar o cesto de piquenique.

Ele assente com um aceno silencioso e depois pega na geleira e vira costas.

23

LUGAR INFELIZ

A UMA HORA DE INDIANÁPOLIS, INDIANA

Uma casinha sossegada de dois pisos, ao fundo de uma rua tranquila, sem saída. Um lugar onde tudo é familiar mas nada me pertence. Árvores demasiado paradas na humidade sufocante. Mosquitos a zumbir, traças a esvoaçar em torno dos candeeiros de rua, os gritos das cigarras vindos dos bosques.

Consegui adiar isto durante muito tempo, mas não posso adiar mais. É demasiado importante para ele.

À porta, pergunto:

– E se voltarmos para trás? Podemos fingir que o avião se atrasou.

– Se atrasou porquê? – diz Wyn. – Estamos em junho.

– Demasiado sol – digo. – Os pilotos não conseguiam ver, com tanta luz.

Ele segura o meu rosto entre as mãos e franze o sobrolho.

– Eu sou fantástico com pais, Harriet. Falar com pessoas mais velhas é um dos meus poucos talentos naturais.

Estou demasiado ansiosa para o repreender por se estar outra vez a inferiorizar.

– Não é contigo que estou preocupada.

Ele enfia os dedos no meu cabelo.

– Se quiseres fugir, podemos fugir. Mas eu não estou assustado.

– Estou a fazer com que eles pareçam terríveis – murmuro – e não são. Não sei porque fico tão ansiosa só por estar aqui.

Ele encosta os lábios à minha testa.

– Eu também estou aqui. Sempre ao teu lado.

As palavras dissolvem-se sobre a minha pele e o alívio é imediato.

– Só te peço que... que continues a gostar de mim depois disto.

Ele recua e baixa o rosto para o meu.

– Estás a planear apunhalar-me ou coisa parecida?

– Só se não houver maneira melhor de pôr fim ao teu sofrimento.

– Harriet. – Beija-me numa das sobrancelhas, depois na outra. – Se fosse possível deixar de te amar, não achas que teria acontecido naquele primeiro ano em que tentei desesperadamente? Estou aqui. Para sempre.

– Bom, se soubesse que precisavas de ajuda para deixar de gostar de mim, ter-te-ia trazido ao Indiana muito mais cedo.

Sem tirar os olhos dos meus, ele estica o braço por cima do meu ombro e toca à campainha.

Os meus pais aparecem à porta como um quadro estafado de Norman Rockwell. A minha mãe tem um avental e o meu pai um livro de David Baldacci na mão, confirmação imediata de que estavam em diferentes divisões da casa até há três segundos.

À vez, apertam a mão a Wyn, e apesar de eu me ter preparado para uma receção constrangedora, fico embaraçada com o forte contraste entre um fim de semana com os Connor e uma receção da família Kilpatrick.

Depois de vários segundos confrangedores à porta, pergunto:

– A Eloise conseguiu vir?

– Está na cozinha – diz a minha mãe, e é a nossa deixa para entrarmos.

Na sala de jantar, Eloise aperta a mão a Wyn, de tão longe que ambos têm de se inclinar para a frente para conseguirem, e depois sentamo-nos à mesa para comer. Há muitos movimentos de faca e garfo, sons desagradáveis dos talheres a raspar nos pratos. Imagino que Wyn deve estar a pensar que isto é na realidade um grupo de estranhos que eu contratei pela Internet para representarem uma família.

No entanto, ele consegue ser entusiástico, de forma convincente, em relação a tudo: o vinho *riesling* do Ohio, o *stroganoff* desenxabido e até a conversa.

Conta à minha família como nos conhecemos, mesmo sem ninguém perguntar, e fala-lhes sobre o nosso parque preferido na cidade. Diz que temos sentido muito a falta de Cleo desde que a fomos visitar, no seu novo trabalho numa quinta a norte de Montreal.

É provável que eu lhes tenha falado da aventura agrícola internacional de Cleo, a dada altura, mas eles nunca conheceram os meus amigos, por isso duvido que saibam quem é Cleo. Ainda assim, vão fazendo que sim com a cabeça.

– E tu és esteticista, não é? – pergunta Wyn a Eloise, que o fita durante um segundo como se estivesse a tentar lembrar-se quem ele é e como é que qualquer um dos dois veio aqui parar.

– Sim.

– Bom, está a tirar o *curso* de esteticista – diz a minha mãe.

Eloise pega de novo no garfo e continua a comer.

– E é mesmo boa – digo. – Quando eu estava na escola secundária, era sempre ela que me maquilhava para os bailes. – Eram os poucos momentos

entre irmãs que tínhamos. Mal falávamos, mas mesmo assim eram boas memórias, ela a inclinar-me o rosto de um lado para o outro enquanto me punha pó nas faces e me ensinava a usar a sombra para realçar os meus olhos pequenos e amendoados.

As únicas ocasiões em que sentia que tinha realmente uma irmã.

– Esta rapariga era esperta como tudo – diz o meu pai, apontando com o garfo na direção de Eloise. – Até saltou o terceiro ano. Queria ser astronauta, como eu quando tinha a idade dela. Mas depois, no secundário, envolveu-se com as pessoas erradas.

Eloise nem sequer revira os olhos. É perfeitamente implacável enquanto parte a carne e coloca mais uma garfada na boca. Sinto o suor a brotar rente à linha do cabelo.

– Eu nunca fui muito bom na escola – diz Wyn. – E não posso pôr as culpas em ninguém, porque éramos para aí quarenta no meu ano.

– Mas entrou em Mattingly – diz a minha mãe. – É claro que é muito inteligente.

– E é mesmo – afirmo, mas ao mesmo tempo ele diz:

– Tinha uma bolsa de desporto.

– Bom, mas para entrar em Medicina... – diz o meu pai.

Encolho-me da cabeça aos pés, mas Wyn aperta-me o joelho de forma tranquilizadora.

– Na verdade, não estou em Medicina – diz.

– Ele está a estudar *Direito*, Phil – diz a minha mãe, irritada.

– Isso é a Sabrina, e o Parth – digo. – O Wyn trabalha na livraria e faz restauro de mobílias.

Lembram-se?, penso. *Aquele com que vou* casar*?* Mas penso-o com um sorriso que, espero, diz: *Não faz mal nenhum que não se lembrem de absolutamente nada sobre o amor da minha vida.*

– Oh... – A minha mãe tenta sorrir amavelmente. Ela e o meu pai entreolham-se, aliados por um segundo.

– Já pensaram no casamento? – pergunta Eloise.

– Oh, decerto é ainda muito cedo para isso – diz a minha mãe. – A Harriet ainda tem uns anos de estudo pela frente. E depois o internato, que também é bastante tempo.

A ansiedade borbulha-me nas entranhas.

– Estamos a pensar no que havemos de fazer.

Por baixo da mesa, a mão de Wyn encontra a minha, os nossos dedos entrelaçam-se e o dele acaricia o calo onde queimei o meu, com Sabrina e Cleo, na primeira viagem de férias juntas. *Estou aqui.*

– Não temos pressa – diz Wyn. – Não quero fazer nada que prejudique a carreira da Harriet.

É a resposta perfeita para os meus pais. O meu peito relaxa perante o sorriso satisfeito da minha mãe. Eloise esvazia o copo de vinho e põe o guardanapo na mesa.

– Tenho de ir andando – diz. – Trabalho cedo.

– Quem é que precisa de ser maquilhada logo de manhã cedo? – pergunta a minha mãe, como se fosse uma pergunta totalmente inocente e não uma manifestação mal disfarçada de duas décadas de desapontamento.

– As noivas. – Eloise tira o blusão de ganga das costas da cadeira. – Como a Harriet.

A minha mãe faz menção de se levantar.

– Ao menos deixa-me arranjar-te uma caixa com os restos para levares.

Eloise impede-a, insiste que estará demasiado ocupada nos próximos dias para comer, e a minha mãe volta a sentar-se, algo desanimada. Depois de um aceno breve e um «muito gosto em conhecer-te», Eloise sai.

– Mais vinho? – oferece a minha mãe.

Bebemos mais um copo, sentados à mesa agora vazia. Parte do embaraço e da tensão dissipa-se enquanto bebemos, em grande medida porque Wyn menciona o trabalho de investigação que consegui para o verão, e diz como está orgulhoso de mim.

– Sabe – diz o meu pai –, nunca tivemos de nos preocupar com a Harriet. Nunca teve sequer uma fase de rebeldia.

– Não teve uma única suspensão na escola – diz a minha mãe –, sempre notas perfeitas, bolsas para tudo. Por mais *stress* que houvesse noutras áreas da vida, sabíamos sempre que com a Harriet não havia problema.

Wyn lança-me um olhar que não consigo decifrar, com ternura no trejeito da boca mas preocupação na testa franzida.

Também tem jeito para os fazer falar sobre si mesmos: a minha mãe fala sobre o trabalho de rececionista na clínica dentária.

– Claro que não é neurocirurgia – diz, em tom animado –, mas é um trabalho acelerado e mantém-me ocupada; não me dou bem com o tédio.

O meu pai diz a Wyn como é dar aulas de Ciência ao oitavo ano:

– Não era o meu plano inicial – diz –, mas valeu a pena. A nossa Harriet vai mudar o mundo.

Faz-me sorrir. Faz-me sentir uma pontada de tristeza.

É a sensação de que o mundo está a encolher à minha volta, enquanto algo dentro do meu peito se expande. Eu sou o culminar dos seus sonhos perdidos, das outras vidas que eles perderam, e ao mesmo tempo estão orgulhosos de mim.

Antes de eles se irem deitar, às nove e quarenta e cinco – a mesma hora a que se deitam desde que me lembro –, vou com a minha mãe para a cozinha acabar de arrumar a loiça.

– Então – digo –, o que achas?

– De quê? – pergunta ela.

– Do Wyn – respondo.

– É um rapaz muito simpático.

Espero que ela continue. Durante um minuto, continuamos a limpar e a arrumar pratos. Por fim, ela vira-se para mim com um sorriso triste.

– Mas não te precipites. Tens a vida inteira pela frente, a tua carreira. E, sabes, os *sentimentos* vêm e vão. A carreira não. Isso é algo com que podes contar.

Forço um sorriso.

– Mas gostas dele?

Ela suspira e pousa o pano da loiça, encarando-me de sobrolho franzido.

– Ele é um querido, filha – diz em voz baixa, e olha rapidamente na direção da porta –, mas para ser franca, não sei.

O meu coração dá um salto.

– Não sabes o quê?

– Se te fará feliz – diz ela. – Se tu *o* farás feliz.

– *Estou* feliz – digo.

– Agora. – Ela acena com a cabeça e olha de novo na direção da sala de jantar. – Mas ele é o tipo de rapaz que vai querer voltar para a sua terra e começar a ter filhos. Vai querer alguém que esteja em casa, com uma vida equiparável à dele. Imaginava-te com alguém com outros interesses na vida, que não esperasse de ti mais do que lhe podes dar.

Pestanejo para afastar o ardor nos olhos, em todo o rosto.

A expressão dela suaviza-se um pouco.

– Talvez esteja enganada. – Pega no pano e continua a limpar pratos. – É a primeira vez que o vemos. Mas tem cuidado, Harriet. – Passa-me outro prato e eu limpo-o automaticamente.

Por dentro, sinto-me como um tronco que ela fendeu com um golpe de machado.

Sinto falta de Wyn da divisão contígua. Sinto falta do nosso apartamento com o radiador barulhento e o fantasma amistoso que gosta de livros. Sinto falta de me sentar nas rochas no Maine, a tremer de frio, com os braços de Cleo enrolados à minha volta, ambas encolhidas dentro de velhas camisolas de Mattingly, enquanto Parth e Sabrina discutem a melhor maneira de tostar *marshmallows*.

Até estarem dourados na perfeição, segundo Parth. *Totalmente carbonizados*, se perguntarmos a Sabrina.

Despedimo-nos os quatro na sala e depois, quando eles fecham a porta do quarto e fico sozinha com Wyn, deixo-me cair contra o seu peito e ele abraça-me durante muito, muito tempo, beija-me a cabeça, embala-me de um lado para o outro.

– Tive saudades tuas – digo.

Ele segura-me no rosto.

– Da cozinha?

Aceno entre as mãos dele.

– Eu também.

– Quero ir para casa – digo.

Ele aperta-me mais.

– E havemos de ir – diz. – Tu e eu. Daqui a dois dias. Mas primeiro quero ver tudo.

– As minhas mamas? – brinco.

– Também – responde ele. – Mas estava mais a pensar nos teus *posters* de *boybands* e diários embaraçosos.

– Estás com azar – digo. – O meu *poster* era a tabela periódica.

Ele geme.

– Meu Deus, és tão *nerd*.

Entrelaço os dedos das duas mãos na sua nuca sempre tão quente.

– Mas ainda gostas de mim?

– Tu – diz ele –, és a minha tabela periódica.

Rio-me com o rosto no peito dele.

– Não sei o que isso quer dizer.

– Quer dizer que quando chegarmos a casa – diz ele –, vou cobrir as paredes de *posters* lascivos de ti.

– É sempre divertido ter um projeto de remodelação doméstica.

Damos a volta ao piso térreo e examinamos juntos as minúcias da minha casa. É uma espécie de versão distorcida da nossa visita ao Montana. Em vez de um frigorífico coberto de postais desatualizados e desenhos infantis amarelecidos, há uma superfície perfeitamente imaculada de aço inoxidável com um quadro branco no qual a minha mãe escreveu uma lista de compras em letra muito direita.

– Iogurte – lê Wyn, apontando para a lista. – Fascinante.

– Bom, com certeza não pensaste que isto *tudo* – digo, apontando para mim própria –, podia vir de uma casa sem iogurte.

Ele beija-me a mão.

– Continuo sem saber de onde veio isto tudo.

Puxa-me de novo para a sala. Em vez de fotografias desbotadas, em molduras de macarrão, de mim e Eloise em fatos de Halloween feitos em casa, como eu vira de Wyn, Michael e Lou, os meus pais têm o meu diploma emoldurado, mas de lado, não centrado. Já há outra moldura vazia do lado oposto, à espera do meu diploma médico. Compraram-na assim que eu liguei e lhes disse que tinha entrado em Columbia.

– Onde estão as fotografias de bebé? – pergunta Wyn.

– Há uma caixa com álbuns na cave – digo-lhe.

– Podemos ir buscá-los? – pede. Assim, descemos e acendemos a luz e procuramos até encontrarmos a caixa certa e levamos alguns álbuns connosco para o meu quarto.

A história dos meus pais nunca foi muito mais do que uma colagem de instantâneos mentais aleatórios, e os álbuns não ajudam a preencher as lacunas. Há algumas fotografias que captam o seu namoro relâmpago na

universidade, e depois mais umas poucas ao longo da gravidez surpresa da minha mãe. Cinco páginas de fotografias imortalizam o casamento à pressa, com o ventre da minha mãe a esticar as costuras do vestido, e mais algumas páginas com fotos de Eloise em bebé. Os meus pais parecem cansados, mas felizes. Apaixonados. Se não um pelo outro, pelo menos por Eloise.

Mas depois as fotografias tornam-se mais esporádicas – alguns aniversários e Natais, uma viagem com a minha tia e o primeiro marido dela – e ambos parecem agora cansados.

Não cansados por terem estado a noite toda a pé com um bebé a chorar, mas cansados por estarem inacreditavelmente enfadados e insatisfeitos com os seus novos papéis. Quase se conseguem ver os sonhos adiados refletidos nos seus olhos.

A seguir há um período bastante alargado do qual não temos fotografias, e depois nasci eu. E eles parecem de novo felizes, de novo apaixonados, com o meu corpinho enrugado de bebé no *babygrow* cor-de-rosa demasiado grande. Talvez não *tão* enlevados como da primeira vez. Nesses seis anos, a minha mãe transformara-se, de uma quase-ainda-adolescente com faces rosadas de querubim, numa verdadeira adulta, e muito cansada. O meu pai adquirira algum peso e uma vaga tensão nos cantos da boca. Mesmo quando me tem ao colo, no zoológico, com Eloise na outra mão, a sorrir em frente das girafas, parece distraído.

Não infeliz. Só como se não fosse suficiente. Como se tanto ele como a minha mãe soubessem que há outros universos onde eles são *mais*, mais felizes, *maiores*.

À medida que folheamos os álbuns e as épocas, Eloise vai ficando cada vez mais macambúzia, sempre um bocadinho afastada, enquanto eu começo a

sorrir como se a minha vida dependesse da quantidade de dentes que consigo mostrar.

Wyn detém-se numa fotografia de mim com o meu troféu de primeiro lugar na feira de ciência, sorridente apesar de me faltar um dente à frente.

– Meu pequeno génio. – Toca na orla da fotografia. – Espero que os nossos filhos tenham o teu cabelo.

Filhos, penso. A palavra tira-me o ar. A maneira como a diz – com tanta naturalidade, tanta ternura. Essas saudades de casa tão familiares, esse anseio, desperta num rompante. Mas o que a minha mãe disse também não desapareceu, um sussurro discreto nas orlas da minha mente.

– E se eu não for boa? – pergunto. – Boa mãe?

Ele afasta-me o cabelo do pescoço.

– Vais ser.

– Não sabes – digo.

– Claro que sei – garante ele.

– Como?

– Porque és boa a amar – diz ele. – E é a única coisa que tens de fazer.

Sinto um nó na garganta, um ardor nos olhos.

– Quando era pequena – digo –, sempre senti que estava equilibrada à beira de qualquer coisa. Como se tudo fosse tão... ténue, e pudesse desmoronar-se a qualquer instante.

– Tudo o quê? – pergunta ele suavemente.

– Tudo – digo. – A minha família.

Ele passa a mão pelas minhas costas e acaricia-me em círculos reconfortantes na curva ao fundo.

– Nunca havia dinheiro suficiente – digo. – E os meus pais estavam sempre extremamente cansados do trabalho. Quer dizer, *nunca* os tinha ouvido falar de forma tão positiva sobre os seus empregos como hoje. E depois, quando a Eloise cresceu, tinham grandes discussões com ela, e diziam-lhe que ela nem imaginava os sacrifícios que tinham feito por ela, para ela agora estar a desperdiçar tudo isso. Ela saía de casa, batia com a porta, eles iam para divisões separadas e eu tinha a *certeza* de que era o fim. De que a Eloise não voltaria. Ou os meus pais iam separar-se. Estava sempre à espera que acontecesse alguma coisa terrível.

Os dedos de Wyn sobem-me pelas costas e detêm-se na base do meu pescoço. Ele ouve, espera, e como sempre aconteceu a sua presença arranca a verdade de dentro de mim. *É como murmurar segredos para dentro de uma caixa e trancá-la*, costumava pensar eu.

– Eu fazia uma espécie de acordos com o universo – conto-lhe, com um sorriso pelo ridículo da ideia. – Se eu tivesse sempre notas máximas, então tudo correria bem. Ou se voltasse a vencer a feira de ciência. Ou se nunca chegasse atrasada à escola, ou se lavasse sempre a loiça antes de a minha mãe chegar do trabalho, ou se lhe arranjasse o presente de aniversário perfeito, ou fosse o que fosse. E eu sei que os meus pais me amam. *Sempre* soube disso – digo, em voz estrangulada. – Mas a verdade é que...

Wyn aperta-me a nuca. *Estou aqui*.

– Passei a vida inteira a tentar compensá-los.

Wyn prende-me um caracol atrás da orelha, sempre paciente e calmo, quente e seguro.

– Por lhes termos custado tanto – continuo. – Por não terem podido viver as vidas que queriam, por nossa causa. Mas se eu conseguisse ser suficientemente boa...

– Harriet – diz ele, apertando-me contra o peito, fechando-me nos seus braços, como uma barricada humana. – *Não*.

A voz dele é rouca.

– Às vezes, quando as coisas correm mal, é fácil pôr as culpas nos outros. Porque torna tudo mais simples. Tira a responsabilidade de cima de nós. E não sei se os teus pais fizeram isso a ti e à tua irmã, ou se a dada altura tu própria assumiste essa culpa, mas ela *não* te pertence. Não tiveste culpa de nada. Os teus pais tomaram as suas próprias decisões, e não digo que tenha sido fácil para eles, ou que não fizeram o melhor que podiam. Mas não foi suficiente, Harriet. Se alguma vez tal coisa te passou pela cabeça, se pudeste alguma vez questionar se eles se arrependiam de te ter tido, então não fizeram o suficiente.

Mas ele não compreende. Eles fizeram *tudo*. Pagaram explicadores, as inscrições e mensalidades de todos os clubes em que eu quis participar, levavam-me e traziam-me, ajudavam-me a estudar quando estavam mortos de cansaço do trabalho, foram fiadores dos meus empréstimos de estudante.

Os meus pais não são pessoas de palavras, mas sacrificaram tanto. E *isso* é amor, e *odeio* esta sensação de querer ainda mais deles. De não poder sentir-me grata por tudo o que me deram, porque estou sempre, sempre estive, consciente do que isso lhes custou.

– Tu – diz Wyn em voz áspera – és a melhor coisa que alguma vez me aconteceu. E eles tiveram sorte por te ter como filha. Mesmo que não tivesses feito os possíveis e os impossíveis por os deixar orgulhosos, seriam ainda

assim uns pais de sorte, porque és engraçada e inteligente e preocupas-te com as pessoas que te rodeiam e tornas *tudo* melhor, está bem?

Quando eu não respondo, ele repete:

– *Está bem?*

– Como pode o amor acabar assim? – pergunto, com voz embargada. – Como é possível amar tanto uma pessoa e desaparecer tudo?

A perspetiva de sentir este ressentimento por Wyn é uma tortura. Pensar que ele pode ressentir-se de mim é ainda pior. A possibilidade de o travar, de o afastar daquilo que ele quer.

– Talvez nunca desapareça por completo – diz ele. – Talvez pareça mais fácil ignorá-lo, ou transformá-lo noutro sentimento, mas ainda lá está. Bem no fundo.

Segura-me no rosto e beija-me as lágrimas quando se derramam.

– Queres que prometa que te amarei para sempre, Harriet? – murmura. – Porque é verdade.

Uma vaga gelada de adrenalina, uma pontada de terror, uma tensão em todo o corpo, cada músculo a contrair-se para impedir que essas palavras se entranhem no meu coração.

Porque não fará diferença.

Porque ele pode prometer o que quiser, mas no fim, os sentimentos vêm e vão, e somos impotentes para travar a mudança.

– Promete-me apenas que acabaremos tudo antes de deixar que as coisas cheguem àquele ponto – peço-lhe.

A mágoa invade-lhe o rosto, e tenho de recorrer a toda a minha força de vontade para não voltar atrás naquilo que disse.

Isto é tudo o que lhe posso dar, tudo o que posso dar a mim mesma, uma pequena dose de proteção.

A única maneira que tenho de suportar amar alguém assim tanto, é saber que esse amor nunca se transformará em veneno. Saber que prescindiremos um do outro antes de nos podermos destruir mutuamente.

– Se estivermos a fazer-nos infelizes um ao outro – digo, tão calmamente quanto consigo –, não podemos continuar. Não suportaria viver todos os dias sabendo que estavas ressentido comigo.

– Não acontecerá – diz ele baixinho. – Seria incapaz.

– Por favor, Wyn. – Toco-lhe nos músculos do maxilar. – Preciso de saber que nunca nos magoaremos um ao outro desta maneira.

Os olhos dele perscrutam-me o rosto.

– Nunca deixarei de lutar por ti, Harriet.

A minha visão desfoca-se por trás das lágrimas. Ele puxa-me para si, aperta-me.

– Nunca deixarei de te amar.

Não é a resposta que pedi. É aquela que quero desesperadamente.

Anos mais tarde, quando é tarde, e a dor fantasma no meu peito não me deixa dormir, desenterro esta memória e inspeciono-a. *Fizemos a coisa certa*, penso. *Libertámo-nos um ao outro.* Isso é também um certo conforto.

24

VIDA REAL

Quinta-feira

Sentamo-nos com os dedos dos pés na água gelada e comemos o queijo, a fruta e o pão que trouxemos de casa. Dormitamos ao sol e vemos as nuvens deslizar. A seguir, percorremos o trilho coberto de agulhas de pinheiro no bosque, o musgo e os fetos a cintilarem com orvalho, o chão macio a abafar-nos os passos.

Cleo parece ter esquecido por completo o momento de tensão, mas Sabrina está invulgarmente silenciosa e vai ficando sempre para o fim do grupo enquanto caminhamos. No entanto, quando atraso o passo para me juntar a ela, acelera e junta-se às conversas dos outros.

Quando voltamos à praia ainda não estamos com vontade de ir embora, por isso esticamo-nos nas rochas castanho-avermelhadas e vemos as aves mergulharem sobre a espuma branca das ondas à distância.

– Digam uma das pequenas coisas que mais vão sentir falta destas viagens – pede Cleo.

– O Warm Cup – responde Parth. – Adoro ir lá buscar café quando ainda está frio lá fora, a amanhecer, as ruas desertas. E a Sab e eu vamos completamente mudos porque ainda não ingerimos a nossa cafeína, mas é agradável. Em casa, as manhãs são sempre uma correria.

– Também vou sentir falta disso – diz Kimmy. – E de me sentar no banco cá fora, a fazer festinhas aos cães todos que passam. E as lojas de velharias, e as vendas de garagem. Cada vez que cá venho tento convencer a Cleo a alugarmos uma carrinha para regressarmos carregadas de coisas.

– Um jardim cheio de armadilhas para lagostas tem uma estética diferente por estes lados – diz Cleo.

– Sim, mas podíamos *pelo menos* cobrir as paredes com sinais em madeira chamuscada a dizer *Wicked Pissah*.[1]

– Bom, agora já sabemos o que te oferecer quando fizeres anos – digo.

– E se fizéssemos todos tatuagens a dizer *wicked pissah*? – brinca Parth.

– Conseguimos ter uma ideia melhor – diz Sabrina.

– Lagostas gigantes – sugere Wyn.

– Sereias ao estilo das bonecas Bratz – digo eu.

– Hei de pensar em alguma coisa. – Sabrina apoia o queixo na mão e estica a outra para a água rasa.

– E tu, Harry, do que sentirás falta? – pergunta Cleo. – Uma coisa pequena.

– Ver-nos a todos tão felizes, todos juntos – digo.

Cleo dá-me uma palmadinha na perna.

– Uma coisa só tua.

Penso um pouco mais.

– Talvez... adormecer.

Parth desata a rir.

– Estou a falar a sério! – exclamo.

– A tua parte preferida – diz Sabrina – desta viagem espantosa que eu planeei para nós... é adormecer?

– Não. – Atiro uma concha partida para a bainha cintilante da maré. – É adormecer tão cansada, um cansaço bom. Sentir-me satisfeita, exausta e relaxada, mas também entusiasmada por acordar no outro dia e ainda cá estar.

Os meus olhos encontram os de Wyn, e baixo-os.

– Parece que, aqui, nada pode correr mal. Pelo menos depois de sairmos do avião do Ray.

Sabrina aperta-me a mão com um pouco de força a mais e suspira.

– Também vou sentir falta disso. Raios, até vou ter saudades do Ray.

– Eu vou sentir falta do Bernie's – diz Cleo.

– Apesar de te ter causado uma ressaca fantasma? – pergunta Wyn.

– Tanto quanto sei – responde Cleo –, pode muito bem ter sido a última ressaca da minha vida. O mínimo que posso fazer é dar-lhe o devido valor.

Voltamos para o barco quando o sol começa a sua descida. A água faz lembrar diamantes facetados, o ar está a arrefecer e os borrifos que se levantam ao lado do barco são positivamente gelados, apesar do sol que ainda nos aquece a cabeça.

Ao leme, Sabrina parece brilhar. Está no seu lugar, a fazer aquilo que nasceu para fazer, e por mais complicada que tenha sido esta semana, apercebo-me agora de como valeu a pena.

Parth distribui uma rodada de *Coronas* com rodelas de lima – gasosa para Cleo – e Sabrina levanta o volume do rádio, «Dancing in the Dark» de Bruce Springsteen a crepitar no ar. Parece que o tempo foi cancelado, eliminado, suspenso indefinidamente.

Desde que aqui fiquemos, na água, com os borrifos salgados a salpicar-nos a pele, não existe mais nada.

Kimmy puxa Cleo para uma dança lenta e Parth e eu troçamos delas dos nossos lugares até que a combinação do sol poente e da cerveja me deixa de olhos pesados e a bocejar.

Ao meu lado, Wyn levanta o braço num convite e, quer seja porque estão todos a ver-nos, ou simplesmente porque me apetece, aninho-me contra ele e o seu braço envolve-me, os cheiros a suor, detergente, desodorizante e pasta de dentes unindo-se para me cobrir no manto do meu perfume preferido.

Mesmo agora, se pudesse, compraria velas com cheio a Wyn por atacado, que guardaria muito depois de os pavios terem ardido todos, até aos últimos vapores se dissiparem do vidro.

Sob uma rajada de vento particularmente fria, viro o rosto para o peito dele para me proteger, inspiro-o profundamente e sinto a vaga de dopamina que o cheiro dele liberta em mim.

Só bebi meia cerveja mas sinto-me quase embriagada. A mão dele desliza da minha barriga para a minha anca e aperta levemente. Solto a respiração contra o pescoço dele quando uma espiral de calor me desce do ventre para um ponto entre as coxas.

– Esta seria a canção da nossa primeira dança – diz Kimmy a Cleo com ar sonhador –, se um dia nos casássemos.

Se um dia nos casássemos.

Os meus músculos ficam tensos. *Sinto* o coração de Wyn bater mais depressa, a sua mão a aliviar a força com que me segura. À nossa frente, o porto aproxima-se e, com ele, a realidade.

Por entre risos, Cleo diz:

– Baseado em quê, Kimmy?

– Neste momento mágico que estamos a viver! – responde Kimmy. – Achas que é preciso uma razão melhor?

– Não – admite Cleo. – Uma vez que este casamento é totalmente hipotético, porque é que não contratamos o Bruce Springsteen para *tocar* no copo d'água?

– Não querem mesmo casar? – pergunta Parth, claramente pouco convencido.

– A Cleo tem sentimentos contraditórios quanto à instituição do matrimónio – diz Kimmy –, e para mim tanto faz, desde que estejamos juntas para sempre. Mas acho que um casamento podia ser divertido. É só uma festa especial e cara. Sem ofensa.

Endireito-me no banco, afastando-me de Wyn, e fixo o olhar num bando de gaivotas que esvoaçam em círculos.

– Não, tens razão – concorda Parth. – É uma desculpa para dar a melhor festa de sempre, com todas as pessoas que amamos juntas no mesmo sítio.

– Nós os seis – diz Wyn.

Sabrina encolhe os ombros e manobra o barco na direção do porto.

– Com os meus pais também foi assim, e foi perfeito.

– Não sabia que tinhas estado lá – digo. Sei bastante sobre a relação dos pais dela, mas quase tudo da parte final. Tal como os meus próprios pais, os dela mal tinham acabado de se juntar quando a mãe de Sabrina engravidou. Contudo, ao contrário dos meus pais, assim que a felicidade inicial se desvaneceu, foram rápidos a divorciar-se.

Depois disso, a mãe de Sabrina ficara de rastos, em grande medida porque Mr. Armas não perdeu tempo para casar com uma modelo norueguesa.

Sabrina depressa se tornou a confidente da mãe, o seu sistema de apoio e terapeuta, até a ex-Mrs. Armas começar também a sair com outros homens.

Por aquilo que eu sabia, os verãos de Sabrina em Knott's Harbor eram os únicos momentos luminosos numa infância solitária, e o único sítio onde os pais tinham realmente tempo para ela.

– Eu tinha quatro anos quando eles se casaram – diz. – Estávamos aqui a passar o verão, metemo-nos no carro e descemos um pouco a costa.

Vemos o seu sorriso perfeito aparecer, como se mesmo depois de tudo o resto esta memória lhe tivesse ficado guardada no coração, onde nada a podia estragar.

– Há uma grande quinta – diz ela. – E tem uma capela, ao fundo de um caminho pelo bosque. Quer dizer, se calhar capela nem é a palavra certa. É ao ar livre, virada para a costa. Vê-se a água por entre as árvores. De qualquer maneira, era uma terça-feira qualquer e os meus pais decidiram que iam casar. Assim, encontraram um padre, e era ele, eu e os meus pais, no meio do bosque. Tanto quanto sei, o tipo nem sequer era mesmo padre. Podia bem ser um *stripper* de ar sério que o meu pai encontrou nas Páginas Amarelas. Enfim. Mas fomos felizes. Pelo menos durante três anos.

Solta uma das suas gargalhadas maquiavélicas, mas pouco convicta, e Parth junta-se a ela no leme e passa o braço em volta da sua cintura.

– E vocês os dois, já decidiram como vai ser o vosso casamento perfeito? – pergunta Cleo.

Sinto o pulso disparar com o sentimento de culpa.

Mas Wyn, sem se atrapalhar, responde:

– No registo civil.

– Nem pensar. – Kimmy abana a cabeça. – Tu és perdidamente romântico. De certeza que já escolheste o sítio e a altura ideais. Provavelmente o minuto exato em que disseste pela primeira vez à Harry que a amavas, num campo repleto das suas flores preferidas.

– Ná – diz Wyn. – Talvez em tempos achasse que havia um sítio ou um momento perfeito. Mas agora acho que se queremos mesmo estar com alguém, não podemos esperar que as coisas sejam perfeitas. – Os seus olhos procuram os meus. – Teria casado com a Harriet numa capela em Las Vegas no dia depois de a ter pedido em casamento, se ela quisesse.

Os olhos dele parecem escuros na luz do final da tarde, o tipo de olhar que cai como uma cortina pesada, deixando tudo o resto de fora.

Teria casado. O tempo verbal corta-me como uma faca.

– Ora – diz Parth –, então estão à espera do quê? Podem encontrar um Elvis *online hoje* mesmo. Podíamos despachar isto em três quartos de hora. Dois casamentos seguidos.

Wyn olha para a doca.

– Porque... não é isso que ela quer.

Tu, tu, tu, grita o meu coração.

O barco atraca no cais.

---

1 Expressão em calão daquela região, a Nova Inglaterra, sem tradução, que significa algo como «Fantástico!», «Demais!», «Fabuloso!». *(N. da T.)*

25

VIDA REAL

Quinta-feira

Quando chegamos a casa, dispersamos todos para lavar a poeira e o sal da pele antes de jantar. É quinta-feira de *tacos*, uma tradição na qual Sabrina prepara uma refeição demasiado grande enquanto nós atrapalhamos, como *sous chefs* ineficientes.

– Esta noite – diz Sabrina, debitando os artigos da ementa enquanto nos dirigimos para a porta –, teremos salada de toranja e abacate, com molho de citrinos e funcho. Curgete frita e milho grelhado. E depois *tacos* de peixe frito para os carnívoros e de jaca para Kimmy e Cleo.

Os acompanhamentos mudam e o recheio dos *tacos* também, mas Sabrina sempre achou com toda a sua alma que a parte pior das férias em Knott's Harbor era não haver sítio para comer *tacos* bons, e para ela isso é intolerável.

Deixo-me ficar cá em baixo enquanto os outros sobem, à espera que Wyn reapareça com uma muda de roupa na mão para ir tomar banho no chuveiro no exterior, como sabia que ele faria.

– É toda tua – diz ele, inclinando a cabeça para as escadas.

– Obrigada. – Ficamos ambos pregados ao chão durante alguns segundos.

Ele cede primeiro e dirige-se para a porta das traseiras.

Lá em cima, remexo nas malas à procura de qualquer coisa quente e confortável o suficiente para me sentar a comer lá fora numa noite fresca como esta, e depois dirijo-me à casa de banho aberta da suíte. O meu telemóvel ilumina-se na mesa de cabeceira e paro para lhe pegar.

A minha mãe mandou-me uma mensagem, mas não faço ideia do que ela está a dizer.

Sei que é assustador, mas não podes continuar a adiar. Quanto mais tempo esperares, pior será. Tens de lhe dizer, Wynnie...

Largo o telemóvel como se fosse uma cobra viva.

É o telefone *dele*, não o meu. O meu está do outro lado da cama.

Recuo, com o coração a bater furiosamente. Não sei se tenho mais medo de ser apanhada com o telefone de Wyn, ou do que poderei lá encontrar. Ou melhor, sei muito bem: é a segunda.

Durante um minuto, fico sem saber o que fazer. A minha mente é um turbilhão a pensar em todas as possibilidades, as coisas que Gloria poderia querer que Wyn me dissesse.

Qualquer coisa sobre a saúde dela. Sobre a dele.

Ou talvez Wyn tenha começado a introduzir a ideia da separação em conversas com a mãe, a conduzi-la lentamente na direção de não sermos certos um para o outro, para a fazer ver que não tem nada a ver com a distância física que os cuidados dela exigem.

E não tem. Pelo menos agora. O pensamento faz ricochete dentro de mim, como uma bola de *flippers* zangada a ressaltar entre as minhas costelas. Ele é feliz. Talvez tenha ido para o Montana por causa da mãe, mas agora está lá porque quer.

E ela deve ver como ele é feliz. Deve perceber que ele está preparado para me deixar.

Deixo-me cair na beira da cama e as lágrimas deslizam-me pelas faces, do nada. Não sei porquê, mas parece-me uma nova separação. Aceitar agora a verdade, que ele seguiu em frente. Que todos esses momentos a que me agarro, como salva-vidas mentais, são meras memórias para ele.

A verdade é que não sei o que significa esta mensagem.

Posso passar o resto do dia a moer o juízo com isso, mas a verdade é que não é da minha conta. Tal como lhe disse que a minha vida não era da conta *dele*.

Não vou perguntar. Não posso. Se ele quiser dizer-me, dirá, mas há muito tempo que Wyn deixou de me dar respostas. Há muito mais do que cinco meses.

Com um suspiro trémulo, endireito os ombros e entro no duche.

Onde choro mais um pouco.

Estúpido, estúpido, estúpido coração. Não sabes que há já muito tempo que ele não é teu para chorares por ele?

26

LUGAR INFELIZ

SÃO FRANCISCO, CALIFÓRNIA

Um apartamento acinzentado, com um quarto que falámos em pintar de azul. Aquele que encontrámos *online* e dissemos, apesar da cozinha apertada e das janelas pequenas, *conseguimos fazer dele um lar*. Aquele onde finalmente planearemos o casamento, depois de anos a adiar.

Ele praticamente nem pestanejara quando, depois da primeira visita a casa dos meus pais, eu abordara a possibilidade de esperarmos que eu terminasse os estudos antes de casar. Não tinha nada a ver com o que a minha mãe dissera na cozinha na noite em que o conhecera, exceto na medida em que queria que ela visse que estava enganada.

Queria que ela visse como Wyn me amava, como ele era paciente e bom.

– Podemos fazer as coisas com calma – prometeu ele, e quando não se proporcionou avançar com o casamento no meu último ano em Columbia, tornou-se evidente que teríamos de o planear *depois* da mudança para o meu internato.

Demoro alguns meses a encontrar estabilidade no hospital. *Hospitais*, melhor dizendo. Fazem-nos andar de um lado para o outro, para adquirir experiência em muitos ambientes diferentes. Eu fora bem-sucedida nos estudos de Medicina, como em todos os estudos antes disso, mas isto era diferente. As coisas movem-se demasiado depressa e estou sempre a tentar acompanhá-las. Doem-me os pés e os joelhos de passar o dia em pé, e parece que o meu cérebro é incapaz de guardar a planta de qualquer piso de hospital sem o confundir com outro, por isso chego sempre ligeiramente atrasada. Ao fim de quatro semanas, uma médica do quarto ano de internato chamada

Taye, com grandes caracóis escuros e estatura de modelo, agarra-me pelos ombros quando eu passo, a correr.

– Respira um segundo – diz. – A pressa torna-te desastrada, e não podemos dar-nos ao luxo de ser desastradas.

Aceno em sinal de entendimento mas essa convicção vacila imediatamente quando derrubo um frasco de canetas em cima do balcão ao virar costas.

É Wyn que encontra o local para o casamento: um armazém remodelado, com vista para a baía, que tem uma vaga no próximo inverno.

– Se tu gostas – digo –, eu também gosto.

Pagamos a caução. Mas no mês seguinte não adiantamos mais nada. Há demasiadas decisões a tomar e é tudo demasiado caro e, apesar de ter um curso de Gestão, Wyn está a ter dificuldades em encontrar um emprego que pague mais do que o salário mínimo.

– Sou péssimo nas entrevistas – diz uma noite, enquanto esfrega o rosto, stressado depois de mais um *e-mail* a informar que *decidimos optar por outra pessoa.*

– Isso é só porque te subestimas a ti próprio – garanto-lhe, subindo para o colo dele e cruzando as mãos na sua nuca. – Para a próxima vez que tiveres uma entrevista, responde às perguntas todas como se estivesses a falar de mim.

Ele acena com ar sério.

– Então quando me perguntarem as minhas melhores qualidades, digo-lhes que sou muito bom na cama.

Rio-me com a cara no pescoço dele e inalo o seu cheiro.

– Bom, resultou comigo para arranjar o internato.

Ele acaricia-me o cabelo e beija-me o canto da boca.

– Responde como as pessoas que te amam responderiam por ti, Wyn – digo-lhe.

Ele continua a tentar. Nós continuamos a tentar.

Ele encontra outro emprego numa livraria, mas paga pouco mais do que o salário mínimo, o que não chega para cobrir o resto da renda, e passadas algumas semanas tem de arranjar outro trabalho em *part-time*, a reparar estofos.

Então, uma manhã, chego a casa depois do turno da noite e encontro-o sentado à mesa, ainda com as roupas que vestia na véspera, o telemóvel caído no chão, com o ecrã rachado.

– Wyn? – digo, com o coração na boca.

Ele olha para mim e desaba, desfaz-se em lágrimas. Corro para ele, ajoelho-me no chão e suporto o seu peso quando se deixa cair contra mim, a testa no meu ombro, as mãos a agarrarem a minha bata do hospital com tanta força que temo que a rasgue.

Demora muito tempo a conseguir dizer as palavras.

A dizer-me que Hank morreu.

27

VIDA REAL

Sexta-feira

– Acho que devíamos preparar um casamento como deve ser para vocês os dois, amanhã – anuncio ao pequeno-almoço.

– Oh, graças a Deus alguém o disse – suspira Kimmy, deixando cair a colher na tigela de açaí.

Parth olha rapidamente para Sabrina, que limpa as mãos com o guardanapo de pano.

Estamos sentados a uma mesa de ferro forjado branca, no jardim da Estalagem Bluebell, numa das encostas viradas para o porto. O empregado serve-nos mais *cappuccinos* e vira-se para outra das mesas.

– Não precisamos de nada luxuoso – diz Sabrina. – *Isto*, nós os seis, é tudo o que interessa.

– Não estou a dizer *luxuoso* – respondo. Ontem à noite, sem conseguir dormir, percebi que a única maneira de conseguir sobreviver a estes dois últimos dias sem me ir abaixo seria dar ao meu cérebro algo com que se ocupar. – Estou a falar apenas, sei lá... um bolo. Um fotógrafo. Talvez uma coisa velha, uma coisa nova e uma coisa azul, ou lá como é a tradição?

Wyn ri baixinho ao meu lado.

– Talvez fosse giro – diz Parth, com mais um olhar para Sabrina.

– É amanhã – recorda-me ela.

– Não seria preciso mais do que duas ou três horas – diz Cleo.

– Podemos dividir tarefas e despachar tudo num instante – acrescento. Uma tarefa concreta *e* tempo só para mim: a combinação perfeita.

Sabrina inclina a cabeça e bebe um gole do seu *cappuccino*.

– Está bem. – Acena, pensativa. – Está bem, pode ser. Tu e o Wyn tratam do bolo.

Hesito.

– Não seria melhor se dividíssemos tudo entre todos? Podíamos fazer o dobro.

– Não, seria caótico. Acabaríamos com seis bolos.

– Se calhar foi por isso que a Harriet fez tal sugestão – diz Wyn.

Ignoro-o, recomponho-me e olho para Sabrina.

– Se vamos formar equipas, então devíamos ser nós as duas a tratar do bolo. Quero ter a certeza de que vou comprar alguma coisa de que tu gostes.

Ela inclina ligeiramente a cabeça e passa-lhe algo fugaz pelos olhos.

Eu e Sabrina praticamente não passámos um minuto juntas, sozinhas, desde a viagem do aeroporto, e pela primeira vez pergunto-me se será porque *eu* tenho estado com medo que ela descubra o que se passa entre mim e Wyn, ou se é *ela* que tem estado a evitar-me.

Sabrina abana a cabeça.

– Não quero saber do bolo. Se há alguma coisa que me interessa minimamente, além da cerimónia, é a despedida de solteira-solteiro, portanto eu trato dessa parte.

– Mas *eu* quero planear essa festa – protesta Parth.

– *Dah* – diz ela. – Planearemos os dois, e a Cleo e a Kim podem tentar arranjar um fotógrafo, se quiserem.

– Gostaríamos muito – diz Cleo.

– Mas o limite máximo são duas horas, entendido? – propõe Sabrina. – Façam ou não façam progressos, daqui a duas horas encontramo-nos todos em casa.

O olhar de Wyn procura de novo o meu, e baixo a cabeça.

São só duas horas, penso.

O que é que eu fui fazer, penso.

*

Não sei se ele está a captar o meu desconforto e a ficar contagiado, ou se está mesmo distraído com os seus pensamentos. Talvez por causa da mensagem de Gloria, ou talvez alguma coisa completamente diferente. A verdade é que enquanto conduzimos de pastelaria em pastelaria, praticamente não trocamos senão meia dúzia de palavras de circunstância.

A tarde passa a correr. Já chegámos aos noventa minutos das nossas duas horas e a quinta pastelaria local informa-nos de que não fazem nada para casamentos.

– Ninguém consegue ser mais litigioso do que os pais de noivos – diz-nos a pasteleira, de rosto vermelho.

– Nós dissemos casamento? – Wyn ri-se, olha para mim e dá uma palmada na testa, abanando a cabeça. Vira-se de novo para a dona da loja e debruça-se sobre o balcão com um sorriso fulminante, aquele que parece que tem um gancho a puxar-lhe o lábio para cima de um dos lados. – Queria dizer

aniversário. Andamos a planear o nosso casamento há para aí quatro anos, por isso é que me enganei. Este bolo é para um aniversário.

A pasteleira semicerra os olhos.

– Todos os nossos bolos de aniversário dizem *Feliz Aniversário*.

– Está bem, então queremos só um bolo normal – digo.

– Esses também dizem *Feliz Aniversário* – diz ela, determinada, ao que parece, a não nos vender um bolo de casamento do mercado negro.

– Ótimo – diz Wyn. – Levamos um desses, *red velvet*.

A pasteleira franze os lábios.

– E que nome devo colocar?

Não basta que nos esteja a obrigar a comprar um bolo que diz *Feliz Aniversário* quando *sabe* que é para um casamento.

– Feliz aniversário *wicked pissah* – sugere Wyn.

– Não é assim que se usa *wicked pissah* numa frase – diz a mulher.

As regras deste bolo estão a tornar-se mais específicas a cada segundo.

Um sorriso ergue um dos lados da boca de Wyn.

– É uma piada privada.

Ela não sorri, mas vira-se para escrever a dedicatória do nosso bolo de não casamento.

No *Rover*, mergulhamos de novo no silêncio. A meio da subida pela colina coberta de flores silvestres, a caminho de casa, Wyn encosta subitamente na berma de cascalho virada para o oceano.

– Muito bem – diz, e olha para mim.

– Muito bem o quê? – digo.

– O que se passa? – pergunta ele.

– Nada – minto.

Ele inclina a cabeça para trás com uma risada frustrada.

– Por favor, não faças isto.

– O *quê*? – pergunto.

– Fingir que está tudo bem – diz ele. – Agir como se eu estivesse a imaginar que estás a afastar-te cada vez mais de mim.

– A *afastar-me* de ti? – As palavras saem-me estranguladas através da garganta apertada. De repente, sinto-me tão frustrada que é uma espécie de claustrofobia. Tiro o cinto, abro a porta e saio para o sol inclemente do meio-dia.

Ele sai também e contorna o capô do carro até estar junto de mim.

– Não é justo.

Abro os braços ao lado do corpo.

– O que é que não é *justo*?

– Estávamos a dar-nos bem – diz ele. – Estávamos a agir como amigos e agora...

– *Amigos*? – A palavra brota de mim com uma risada. – Não quero ser tua amiga, Wyn!

– Eu também não quero ser teu amigo! – grita ele.

Viro-me para começar a subir a colina mas ele pega-me na mão e puxa-me, virando-me para si. Não sei como acontece: tenho a certeza de que não *tropecei* contra a boca dele, mas é o que parece, porque tenho a *certeza* de

que não foi ele que deu o primeiro passo – Wyn *nunca* o faria, logicamente – e também não faz sentido que *eu* o fizesse, mas fiz.

Estou a fazer.

Tenho as mãos apertadas sobre a camisa dele, e as dele estão apoiadas nas minhas costas, e beijamo-nos, um beijo intenso, apressado, como se fosse uma atividade cronometrada e estivéssemos nos últimos segundos.

– O que era aquela mensagem? – sussurro, nos segundos em que os nossos lábios se separam.

– Qual mensagem? – pergunta ele, e encosta-me ao carro, o metal quente do capô contra as minhas costas.

– Da tua mãe – digo. – Vi uma mensagem da tua mãe.

– Nada – diz ele, e pega-me ao colo, sentando-me no capô.

– *Wyn*.

– São coisas de trabalho, Harriet – diz ele, apertando-me as coxas e afastando-as com as suas ancas.

– Isso não faz sentido – digo, enquanto ele me beija o pescoço.

– Posso explicar-te tudo agora – diz ele. – Ou podemos fazer sexo no carro.

Uma prumada escaldante desce pelo centro do meu corpo e as minhas coxas apertam-no, enquanto ele me beija mais profundamente.

– No *carro*? Estamos para aí a um quilómetro de casa.

– Neste momento não aguento um quilómetro, Harriet.

Oh, *céus*. Empurro-lhe os ombros, embora todo o resto do meu corpo queira puxá-lo.

– Diz-me – peço.

Ele recua. Um carro passa por nós na estrada e ele pestaneja como se estivesse a sair de um transe. Depois uma expressão óbvia de ansiedade prende-lhe as linhas da testa e da boca e tenho a certeza de que tomei a decisão certa, de que há alguma coisa que eu preciso de saber.

Com um suspiro resignado, tira o telemóvel do bolso de trás e toca no ecrã várias vezes durante alguns segundos, os dentes a morder o lábio inferior, enquanto o *suspense* me deixa os nervos em franja.

Por fim, estende-me o telefone.

É a página de uma loja, moderna, minimalista. Fundo branco. Títulos numa fonte suave: *galeria, contactos, redes sociais*. Por baixo, uma fotografia de uma mesa de carvalho de pedestal maciça, num prado verde e dourado. À volta, cadeiras de madeira desirmanadas, com flores silvestres a crescer em volta das pernas. Para além do prado, erguem-se montanhas lilases contra o céu azul.

É tão bonito que dói, causando em mim o mesmo tipo de sentimento que costumava sentir quando vinha de bicicleta para casa, ao crepúsculo, passava por janelas iluminadas e via as pessoas a rirem lá dentro enquanto punham a mesa ou lavavam a loiça.

Toco na imagem. Surge uma opção de comprar a mesa.

– Quinze *mil* dólares? Dólares americanos?

– É a mais barata – diz Wyn.

Levanto os olhos, estupefacta.

– Wyn. Vais comprar uma mesa de *quinze mil dólares*? Eu aqui toda preocupada com um livro de mesa, e vais comprar uma mesa de milionário?

– O quê? – Ele solta uma risada atrapalhada. – Não, Harriet. Não é... Não vou comprá-la... fui eu que a fiz.

Olho para ele.

– Tu... – Baixo os olhos para a mesa, e ergo-os novamente para ele. – Tu *fizeste* isto? Ou arranjaste-a?

Um rubor sobe-lhe pelas faces.

– Fui eu que a fiz, sim. Para aquela loja de artigos para a casa em Bozeman. A Juniper & Sage?

Juniper & Sage. Eu fora lá uma vez, com os pais de Wyn, e Hank dissera, a brincar, para eu não tocar em nada, porque se partisse uma jarra que fosse teríamos de hipotecar a casa para a pagar.

– Estão a vendê-las à consignação – diz Wyn. – As primeiras duas que compraram já foram vendidas. Eu não gosto muito dessa, e pelos vistos os milionários de Bozeman concordam porque já lá está há semanas. Mas comecei também a aceitar encomendas. Na maioria, para casas de verão, mas também tive uma encomenda de sessenta mil dólares para uma estância de férias. E tenho mais pedidos todas as semanas. Os turistas querem coisas feitas localmente... se isto continuar assim, daqui a pouco tenho de contratar alguém para me ajudar, e... o que foi?

– Nada. – Olho para a água e pestanejo para tentar disfarçar a emoção.

– Harriet?

– Tu... – Abano a cabeça. – És fantástico, Wyn. Isto é fantástico.

O canto da boca dele estremece e baixa os olhos para a água.

– Sim, bom, parece que aquele curso de Gestão não foi um desperdício total.

Passo as outras fotografias na página e ele observa-me pelo canto do olho, como se não conseguisse olhar-me de frente.

Uma mesa de nogueira escura num riacho cintilante, jarras cheias de equináceas da pradaria, cerejas-da-virgínia e outras flores arroxeadas típicas das Montanhas Rochosas. E depois uma mesa de carvalho claro, com aresta em bruto, no meio de um pinhal, como um altar numa catedral feita de árvores.

A fotografia lança-me um anseio impreciso pelos membros. Talvez o desejo de *estar* ali, ou de estar atrás da câmara com o homem que construiu aquela mesa.

– Estão no seu *habitat* natural – digo.

O que penso é *Estás no* teu *habitat natural.*

Recordo aqueles telefonemas depois de ele voltar para o Montana, e como mesmo por videochamada eu conseguia ver as cores de Wyn a regressarem, depois de meses a desvanecer sob o nevoeiro e a chuva miudinha de São Francisco.

– Quer dizer, é uma mesa. – Estende a mão para o telefone. – Nenhuma mesa vale assim tanto.

– Esta vale – murmuro.

Levanto o rosto e apanho-o a olhar para mim, com uma expressão de vulnerabilidade e esperança.

– É fantástico – digo com esforço. – Não sabia que estavas a construir coisas. Quando é que começaste?

Ele coça a nuca.

– Comecei a construir em São Francisco.

– O *quê*? – pergunto.

– Aquele segundo emprego que arranjei – diz Wyn. – Não era como estofador. Estive a estagiar com um *designer*.

No grande esquema das coisas, não é propriamente uma revelação má, mas é desorientadora. Perceber que o abismo entre nós começara a abrir-se muito antes do que eu pensava.

– Porque não me contaste?

– Não sei. Tive vergonha.

– Vergonha – repito, como se fosse a primeira vez que oiço a palavra. Bem podia ser. – Como é que podes ter tido vergonha de uma coisa destas?

– Nunca fui como tu – diz ele. – Não era um tipo brilhante. Não era uma pessoa com um monte de objetivos. Passei os meus primeiros trinta anos aos tropeções pela vida.

– Isso *não* é verdade – digo.

– Harriet. – Fita-me através das pestanas, com todas as variantes de verde e cinzento dos seus olhos a brilhar sob o sol refletido na água lá em baixo. – Mal consegui entrar na faculdade e por pouco não acabava o curso. E depois fui atrás de ti para São Francisco e mesmo *com* um curso, dei cabo de todas as entrevistas que fiz, para empregos com um salário *decente*. Se o estágio corresse mal, não queria que assistisses a isso. Dizer que era um trabalho de estofador tirou-me essa pressão de cima, porque mesmo que o perdesse, podia arranjar outro.

Sinto o nariz a arder. Baixo de novo os olhos para o telefone, com o ecrã desfocado pelas lágrimas que me marejam os olhos.

– Na verdade, ele não achou que eu prestasse – diz.

Levanto a cabeça.

– O *designer* para quem estive a estagiar – explica Wyn. – Disse que eu não tinha instintos.

Solto uma fungadela desdenhosa.

– Como se fosses um cão de caça, ou coisa parecida? Que imbecil.

Wyn sorri debilmente.

– Quando deixei esse trabalho e voltei para o Montana, estava convencido de que nem sequer ia tentar mais. Achei que era melhor ficar pelas reparações.

– O que te fez mudar de ideias?

Ele apoia uma mão no metal quente do capô ao meu lado.

– É difícil explicar.

Voltámos ao jogo do puxa-empurra, pequenas gotinhas dele seguidas de períodos de seca. Nunca consegui habituar-me a pequenas doses de Wyn. Um pedacinho só torna a fome ainda pior.

– Bom, estou orgulhosa de ti – digo com voz embargada, e cruzo os braços formando uma barricada para o deixar de fora, tal como ele fez comigo.

Os seus olhos procuram de novo os meus.

– Posso fazer uma para ti, se quiseres.

– Uma mesa? – pergunto. Ele acena afirmativamente. – Não tenho dinheiro para isso, Wyn.

– Eu sei – diz ele. – Não era isso que queria dizer.

– Não posso aceitar uma peça dessas de graça.

– Está a correr mesmo bem, Harriet – diz ele. – E praticamente não tenho despesas, agora... não sei se ouviste dizer, mas estou a viver com a minha mãe.

Solto uma gargalhada.

– Acho que li qualquer coisa a esse respeito no TMZ.

A sua mão toca na minha em cima do capô e, Deus me valha, viro a palma para a dele. Preciso de o agarrar neste momento, de sentir os calos que sei de cor.

– Adorava fazer uma para ti – murmura ele. – Tenho tempo, e não preciso do dinheiro.

Wyn perscruta o meu rosto e acrescenta:

– Mas se não queres...

– Não é isso. – Abano a cabeça. – É espantoso. Ver-te assim. Tão feliz.

Ele estuda-me por um instante e depois acena e baixa a cabeça.

– E estou. Estou mesmo feliz.

Agora é como se o meu peito estivesse a implodir.

– Fico muito contente.

– Tu também, certo? – Fita-me uma vez mais.

Aquela sensação de desequilíbrio dentro de mim.

– Sim – respondo. – Eu também.

– Ótimo – diz ele baixinho.

– Porque é que a Gloria estava tão preocupada por eu saber disto? – pergunto.

– Porque ela acha que ainda estamos juntos – explica ele, com olhar grave. – Pensa que tu ainda estás à espera de que eu volte.

Para São Francisco.

Para mim.

Não estou à espera. Há meses que sei que ele não vai voltar.

Então porque é que me magoa tanto ouvi-lo?

O meu telefone apita e quebro o contacto visual. Pestanejo rapidamente e leio a mensagem.

– Sabrina – digo com voz rouca, e desço do capô.

Os lábios de Wyn tremem, num meio sorriso pouco convincente.

–Parece que o nosso tempo acabou.

Já tinha acabado, penso. Mas a dor ainda parece recente.

28

LUGAR INFELIZ

SÃO FRANCISCO, CALIFÓRNIA

Depois da morte de Hank, Wyn insiste que não temos de adiar. Diz que não devíamos perder o espaço ou o dinheiro da caução. Mas anda a comer mal, quase não dorme.

– Será mais fácil assim – digo-lhe. – Terei mais tempo para me adaptar ao internato, e depois logo veremos.

Passam-se meses e o desgosto dele não se atenua. O meu também paira sempre por perto, à espera para me passar uma rasteira. Tudo ainda me faz lembrar de Hank, de como Gloria deve estar a sentir-se, do que Wyn deve ter guardado dentro de si.

Coisas tão inocentes como um anúncio de um automóvel deitam-me abaixo. Começo a tomar duches demorados para poder chorar à vontade sem estar a sobrecarregá-lo com a minha dor. Wyn começa a fazer corridas mais longas para queimar essas energias negativas.

Não pintamos o apartamento. Um fim de semana ele oferece-se para o fazer, mas com os dois empregos só tem um dia de folga, e parece tão cansado.

– Logo tratamos disso noutra altura – digo.

– Desculpa – diz ele com voz rouca, e agarra-me nas ancas e puxa-me para junto dele no sofá, escondendo o rosto na minha barriga.

– Não tens nada por que pedir desculpa – asseguro-lhe.

– Quero ser melhor, para ti.

– Para com isso – murmuro. – Não preciso disso. Não preciso de nada. Estou bem.

Não estou. Vivo num estado de terror, em pânico de que ele nunca mais volte a ser como era. De o ter afastado dos amigos, do emprego de que gostava, da família, e agora nem sequer posso dar-lhe o tempo de que ele precisa.

E depois a perda de Hank, o pai dos meus sonhos, e o sentimento de culpa por me sentir assim, depois de tudo o que o meu pai fez para me dar esta vida.

Os sacrifícios, os empregos que detestava mas que aceitou, todas as provas do seu amor. Mas nunca foi um homem doce. Só é acessível até certo ponto.

Da última vez que visitámos os Connor, antes da morte de Hank, o pai de Wyn chorou de felicidade quando nós chegámos. Nessa noite, enquanto nos preparávamos para ir dormir, abraçou-me com força e disse *dorme bem, gosto muito de ti, miúda*, e a seguir fechei-me na casa de banho com a água a correr e chorei, por motivos que nem eu própria compreendia completamente.

Mais saudades de casa, suponho. Aquela pontada de dor de ver as luzes acesas numa cozinha sem ser a minha.

Gosto muito de ti, miúdo, fora o refrão constante da infância de Wyn, de tal forma que ele e as irmãs fizeram uma tatuagem da frase, na caligrafia de Hank, quando nos encontrámos todos no Montana para o funeral. Disseram-me que eu podia fazer também uma, mas não me pareceu justo. Hank não me pertencia. E agora nunca pertenceria.

Os carris das nossas vidas estavam a afastar-se pouco a pouco, mas nos momentos em que estamos juntos o meu amor por ele ainda é tão forte e violento que parece capaz de me consumir.

De vez em quando, Wyn pergunta se eu quero ir à procura de espaço para o casamento, ou provar bolos. Tenta ser feliz. E eu tento ser suficiente, nesta vida tão, tão pequena para onde o arrastei.

– Não há pressa – digo-lhe. – Também ando tão ocupada no hospital.

Não quero obrigá-lo a celebrar. Não quero que ele sinta que tem de ser feliz, quando ainda está a habituar-se a um mundo sem Hank Connor.

Não devia ter acontecido assim. Hank era onze anos mais velho do que Gloria, sim, mas tinha só setenta e poucos. E os setenta não deviam ser os novos cinquenta?

Às vezes jantamos juntos, entre os turnos de Wyn. Mas na maior parte das noites só nos vemos quando ele me vem dar um beijo na cabeça enquanto eu leio na cama, antes de ir para o duche.

Às vezes, quando sai da casa de banho e pensa que eu estou a dormir, finalmente cede às lágrimas, e eu penso *por favor,* embora não saiba o que estou a implorar, ou a quem, *por favor. Ajuda-o a não sofrer tanto.*

Faço acordos com o universo: *Se eu tornar o apartamento mais aconchegante. Se eu não me queixar tanto do trabalho. Se eu me habituar à chuva constante. Se eu não precisar de nada, ele ficará bem.*

Havemos de ultrapassar isto.

Uma noite, alguns dos outros internos convidam-me para sair com eles. Como fazem sempre. Eu nunca vou. Mas ultimamente, Wyn tem-me pressionado para aceitar.

– Eu não vou estar em casa, de qualquer maneira – diz. – Precisas de ter amigos.

– E tenho amigos – respondo.

– Mas aqui não – diz ele. – E isso também faz falta.

Assim, saio com eles, e é agradável, divertido, mas perco a noção das horas e quando chego a casa Wyn está a dormir na nossa cama e parte-me o coração ter perdido nem que fosse cinco minutos com ele.

Sinto-me culpada. Sinto-me perdida. Não sei como resolver nada disto.

Na manhã seguinte, quando lhe digo que senti falta de estar com ele, Wyn diz:

– Se queres que seja franco, caí para o lado assim que cheguei a casa. Não te terias divertido nada comigo.

Depois disso começo a sair uma ou duas vezes por semana com Taye, a interna do quarto ano que me adotou como se eu fosse o gato vadio do hospital, e mais alguns internos do primeiro ano de quem ela é uma espécie de mentora não oficial, Grace e Martin. E é bom voltar a ter amigos, não me sentir tão sozinha.

Por fim, quando Wyn consegue uma noite de folga, vem ter connosco ao bar perto do hospital, e estou entusiasmada e nervosa e com alguns remorsos de não estarmos a passar a nossa noite em casa, só os dois, mas ele insiste que isto é importante.

Martin, Grace e Taye passam a noite toda a falar sobre o hospital, ou sobre os piores professores que tiveram na faculdade de Medicina. É a primeira vez que me apercebo de que nunca falamos de mais nada, e apenas porque estou a ver Wyn desligar-se, afastar-se, e não sei como hei de prendê-lo, mantê-lo aqui comigo.

Por fim, Martin pergunta a Wyn o que faz, e Wyn fala-lhe sobre os estofos.

– Qual é o curso necessário para fazer esse trabalho? – pergunta Martin. Acho que ele não tem *intenção* de ser snobe, mas é o que parece, e Wyn reage exatamente como reage sempre à mínima sugestão de inferioridade.

Aceita-a e desenvolve-a. Diz, a brincar, que tem um curso em cadeiras, mas precisou de mais um ano para conseguir tirá-lo, e toda a gente se ri, mas durante dias, depois disso, ele parece-me ainda mais distante.

O meu coração grita: *tu, tu, tu,* enquanto o vejo cair por um poço, e no entanto dou por mim imobilizada, incapaz de chegar até ele.

Sempre que lhe pergunto o que se passa, ele segura o meu rosto entre as mãos, beija-me na testa e diz em tom sério:

– És perfeita – e esquecemo-nos, durante algum tempo, de tudo exceto das nossas bocas, da nossa pele, e só mais tarde, quando ele está deitado ao meu lado, enrolado na cama como um ponto de interrogação, é que me ocorre que não chegou a responder-me.

Depois a queda de Gloria. O diagnóstico de Parkinson. Ou melhor, ela admite que já sofre do problema há anos. Mas as coisas progrediram mais rapidamente desde a morte de Hank.

– Sou velha! – diz, com um aceno de mão indiferente, quando falamos com ela por videochamada. – Se o Hank e eu tivéssemos começado a ter filhos mais cedo, ainda andaria a correr de um lado para o outro, mas não começámos, e mais cedo ou mais tarde as coisas começam a funcionar mal.

Ela não é velha. É mais velha do que os meus pais, sim, mas não o suficiente para que Wyn, Michael e Lou tenham de pensar em perder a mãe, quando ainda agora se despediram do pai.

Martin ajuda-me a tirar alguns dias do hospital e Wyn e eu vamos ao Montana, os três filhos de Gloria e a futura nora apertados na sua casinha quadrada ao fundo do longo caminho. Wyn parece ganhar vida. Ilumina-se, *relaxa*.

E, pela segunda vez, enfio-me na minúscula casa de banho no piso de cima, com a água a correr, e soluço com as mãos sobre a boca, porque sei que não o posso levar de novo para São Francisco.

Sei que não suporto ser a pessoa que o arranca ao lugar onde pertence.

Quando lhe digo que acho que ele devia ficar, enquanto a mãe recupera da queda, Wyn estuda-me o rosto durante muito tempo.

– Tens a certeza?

– Absoluta – digo.

Concordamos que ficará um mês enquanto ele, Michael e Lou formulam um plano a longo prazo.

Apanho o avião de regresso a casa, sozinha. Assim que entro no apartamento sinto a mudança.

Sei, de alguma forma, que ele nunca mais viverá ali.

Ao princípio, falamos muitas vezes. Depois começamos a estar ocupados. Ele está a pôr em dia os trabalhos de reparação que o pai não conseguiu terminar. Eu estou exausta de dias esgotantes a desinfetar-me constantemente para cirurgias, onde fico depois atrás de um círculo tão denso de cirurgiões e internos que é uma sorte se conseguir vislumbrar o bisturi. E quando os meus amigos se queixam da mesma experiência, no bar, finjo concordar, quando a verdade é que até ser responsável por uma sutura me parece demasiado, neste momento.

Lou está a um ano de concluir o seu mestrado em Belas-Artes no Iowa. Depois regressará ao Montana. Wyn diz-me isto como se fosse uma excelente notícia:

– Em breve estarei em casa.

Já estás em casa, penso. E eu, alguma vez estarei?

Cleo manda uma mensagem a perguntar como vão as coisas, com Wyn longe. Sinto-me demasiado culpada para dizer mais do que *Por aqui tudo bem. E contigo?*

Sigo Taye para *happy hours* e concursos de cultura geral em bares. Junto-me também ao grupinho que assiste ao programa *Bachelor*. Mas, na maior parte dos dias, passo o tempo livre enroscada na cama com um chá, vestida na velha camisola de Mattingly de Wyn, a ver com um olho aberto e outro fechado episódios de *Crime, Disse Ela.*

Na noite antes de Wyn vir passar uns dias comigo, Gloria cai e parte o pulso, e ele tem de cancelar a visita.

– Não faz mal – digo-lhe. – Para dizer a verdade, estou tão cansada que também não conseguiria fazer grande coisa este fim de semana.

Começamos a perder chamadas um do outro. Às vezes, estou tão cansada que adormeço no sofá enquanto espero que o telefone toque. Outras vezes ele perde-se no trabalho e deixa passar as horas. Pede sempre muita desculpa, recrimina-se por isso, promete ser melhor.

– Wyn – digo-lhe. – Não faz mal, a sério. Estamos os dois ocupados.

Eu trabalho no Natal, por isso ele faz planos para vir na semana seguinte. O carro derrapa e despista-se na estrada, a caminho do aeroporto. Ele não fica ferido, mas perde o voo.

– Vou amanhã – diz.

O dia seguinte é o único dia de folga completo que terei enquanto ele cá estiver, e agora ele só chegará à hora de jantar.

– Está bem – digo. – Mal posso esperar.

Wyn passa trinta e seis horas na cidade e depois volta a partir.

Parte de mim ainda tem esperança de que, se lhe der espaço, tempo, as coisas acabarão por ficar bem.

Uma noite, depois de uma videochamada cancelada à última hora, decido aparecer no bar habitual dos internos, mas Taye e Grace não estão lá.

– A Grace tinha um casamento de família em Monterrey, e acho que levou a Taye – diz Martin.

Taye está no seu melhor em grandes eventos sociais. Nesse aspeto, é como Parth – fantástica a identificar a pessoa mais tímida ou mais calada ou mais desastrada da sala e a trazê-la para o centro de tudo. Deve ter sido por isso que me acolheu debaixo da sua asa.

Não me incomoda nada estar sozinha com Martin, nessa noite. Bebemos apenas um copo – eu estou exausta – e depois ele oferece-se para me dar boleia até casa.

Quando lá chegamos, insiste em acompanhar-me à porta. Também não acho estranho. Por causa de Wyn. Quantas vezes ele sugeriu que fôssemos ter com Sabrina ao escritório onde estava a estagiar no verão, para ela não ter de ir a pé para casa sozinha? Quantas vezes deu ele boleia a Cleo até ao outro lado dos terrenos na universidade em Mattingly?

No degrau, Martin dá-me um abraço de boas-noites. Ou pelo menos é o que eu penso que ele está a fazer, ao princípio, e quando percebo que não é,

fico paralisada com o choque.

Deixo que o beijo aconteça. Quando me ocorre que tenho de o afastar, ele já percebeu que cometeu um erro, que eu não estou a retribuir o beijo. Parece embaraçado.

O que só intensifica o meu sentimento de culpa. Ter-lhe-ei dado algum sinal? Estaria a namoriscar com ele sem me aperceber? Não sei. Sinto uma pontada de dor por trás do olho direito. Parece-me que tenho o cérebro a boiar dentro do crânio.

– Não estou... disponível – gaguejo. – Sabes muito bem.

Martin ri-se.

– O tipo das mobílias?

Estou prestes a vomitar.

– O Wyn – digo.

– Ele não está aqui, Harry – diz Martin. – Nunca mais esteve aqui. Eu estou.

Viro-me e corro para dentro do prédio. Ligo imediatamente a Wyn, apesar de ser tarde aqui, o que significa que é ainda mais tarde no Montana. A chamada vai para o gravador de mensagens. Ligo de novo e ele atende ao terceiro toque, com voz ensonada.

Conto-lhe tudo, o mais depressa que consigo, como se estivesse a sangrar veneno das veias.

A seguir, tenho de lhe suplicar que diga alguma coisa. Quando ele fala, é em tom inexpressivo.

– Isto já não está a resultar.

Quero voltar atrás com a minha súplica. Quero implorar-lhe que não diga mais nada.

Mal oiço o resto das palavras. Apenas fragmentos por entre a tempestade no meu coração.

...miúdos quando nos juntámos... as coisas agora são diferentes... é o melhor...

Não choro. Não é real. Ele prometeu que sempre me amaria. Não pode ser real.

Mas uma parte mais profunda de mim, uma voz que sempre lá esteve, diz-me que era inevitável que acabasse assim. Diz-me que eu sabia, desde aquela primeira viagem ao Indiana, que nunca seria suficiente para o fazer feliz, que não podia dar-lhe o tipo de amor que os pais *dele* tinham, quando a minha educação nessa área era a relação dos *meus* pais.

Três dias depois do telefonema, as minhas coisas chegam. Sem qualquer bilhete. Não digo a ninguém. Não suporto ter de o dizer.

29

VIDA REAL

Sexta-feira

Estamos todos nos nossos respetivos cantos da casa, a preparar-nos para a festa de despedida de solteira-solteiro que Parth e Sabrina planearam.

Eu devia estar também a preparar-me. Em vez disso, a minha mente insiste em regressar àquele precipício sombrio do qual passei meses a tentar afastar-me. *Não olhes, não olhes, não olhes*. A dor é demasiado intensa. Vai sugar-me e nunca mais conseguirei vir ao de cima.

Esquece, digo a mim própria.

Não importa nunca ter conseguido respostas concretas sobre a causa da nossa separação. O que importa é que nos separámos. O que importa é que Wyn está feliz na sua nova vida.

Só temos de aguentar mais o dia de amanhã e depois cada um pode voltar à sua vida. Quando dissermos a toda a gente que nos separámos, poderemos dizer que foi amigável, que não terá qualquer custo para eles.

Mas não *consigo* esquecer.

Há meses que tento, e não estou mais perto de encontrar a paz. Esta é a minha oportunidade – a minha *última* oportunidade. Pode ser um erro, querer as respostas, mas se não o fizer passarei o resto da vida a desejar tê-lo feito.

É *isto* que preciso desta semana, a única coisa que justificará todo o tormento.

Saio da casa de banho e marcho pelo corredor fora, passando pelos sussurros de água a correr e os sons de canos antigos a gemerem nas paredes.

Parece-me tudo estranho, como um sonho: os degraus de madeira gastos sob as minhas solas, o sopro de ar frio quando saio pela porta das traseiras, o sussurro da maré a deslizar sobre as rochas, por baixo da falésia. Atravesso o pátio até ao portão lateral, ainda aberto depois da correria espontânea de Cleo a noite passada, e sigo o caminho do outro lado, até ao arvoredo denso.

O sol ainda não se pôs completamente, mas a folhagem sobre a minha cabeça mergulha em sombras a ponte pedonal, com os pontinhos das luzes a energia solar a iluminarem o caminho até à casa de hóspedes.

É como se estivesse a andar através de gelatina, cada passo lento e pesado. Depois vejo o telhado de madeira da casa de hóspedes e contorno a esquina em direção ao chuveiro de cedro.

Quando o vejo, surpreende-me. Como se não fosse ele o único motivo para aqui estar.

Só a parte de trás da cabeça, o pescoço e os ombros espreitam por cima das paredes de madeira de cedro, com a brisa a puxar o vapor da água quente em fios prateados e ténues. Uma sensação de perda, pesada como um saco de areia, atinge-me no estômago.

Não consigo, penso. *Não quero saber. Não quero piorar ainda mais as coisas.*

Viro-me. A minha manga fica presa num ramo baixo e toda a humidade aí acumulada salpica o chão da floresta.

Wyn vira-se, e ergue as sobrancelhas com ar divertido.

– Posso ajudar? – Parece e soa contente por me ver. Por alguma razão, isso é outro golpe.

Hesito.

– Duvido.

– Posso *tentar* ajudar? – corrige ele.

– Só queria falar! – recuo. – Mas pode esperar. Que estejas menos...

– Ocupado?

– Nu – digo.

– É a mesma coisa – diz ele.

– Para ti, talvez – respondo.

Ele franze a testa.

– O que é que isso quer dizer?

– Francamente, não sei – confesso.

Ele apoia os braços no cimo da parede, à espera. Que eu me aproxime, ou que fuja.

Agora que a oportunidade está à minha frente, ter uma resposta que não me agrade parece muito pior do que nunca ter resposta alguma.

– Não é nada – digo. – Esquece.

– Não me vou esquecer. – Limpa a água dos olhos. – Mas se queres que finja, posso tentar.

Recuo mais meio passo. Os olhos dele não saem de cima de mim.

Como sempre, algo na expressão dele arranca-me as palavras antes que o meu cérebro tenha decidido pronunciá-las.

– Não saber... está a matar-me.

A sua expressão suaviza-se e os seus lábios entreabrem-se na luz do crepúsculo.

– Embora já tenham passado meses – continuo. – Está a matar-me, estar aqui, fingir que continua tudo na mesma entre nós, e o que é pior é que às vezes não estou a fingir. Porque... – A voz falha-me, mas estou *demasiado* lançada. Não *consigo* parar de falar.

Por mais frágil, carente e arrasada que possa parecer. É a verdade, e tenho de a dizer.

– Porque simplesmente *deixaste-me*, Wyn – digo. – Nunca me deste uma explicação. Tive um telefonema de quatro minutos e uma caixa com as minhas coisas entregue à porta, e nem sequer sei o que fiz. E disse a mim própria que era por causa do que aconteceu com o Martin. Que tu já não confiavas em mim.

Ele faz uma careta ao ouvir o nome, mas eu não me detenho.

– Passei meses a tentar forçar-me a ficar zangada contigo – digo, rouca –, por me culpares e me julgares, por algo que nem sequer fiz. E depois chego aqui e tu ages como se me culpasses *mesmo*. Como se me odiasses, ou pior, como se não sentisses nada por mim. E depois, de repente, ages como se nada tivesse mudado. E dizes-me que *nunca* achaste que eu te tivesse traído. e beijas-me como se me *amasses*.

– Tu também me beijaste, Harriet – diz ele em voz tensa.

– Eu sei – digo. – Sei que sim, e nem sequer compreendo como é que, depois de tudo, ainda consegui fazer isso. Mas consegui, e está a matar-me. Isto tudo está a dar cabo de mim. Em cada segundo, todos os dias, sinto-me como se estivesse a viver com um pedaço de mim arrancado e nem sequer vi o que aconteceu.

»Tenho uma grande ferida aberta e não faço ideia de como foi lá parar. Mata-me ouvir-te dizer como és feliz, sem sequer compreender como eu...

como eu... – A minha voz vacila, e tenho a respiração entrecortada. – Não sei o que fiz para te tornar tão infeliz.

Ele abre a boca.

– Harriet.

Baixo o rosto para as mãos enquanto as lágrimas me enchem os olhos, e sinto uma dor nas costas com a força que faço para as conter.

A porta do chuveiro abre-se com um rangido. Oiço o som de uma toalha a ser retirada do gancho e enrolada à volta do corpo dele. O calor atinge-me como uma parede húmida e encolho-me ao sentir as mãos quentes de Wyn apertarem-me a parte superior dos braços. Não consigo forçar-me a olhar para ele, agora que estou desfeita em lágrimas. Agora que lhe mostrei as partes mais em carne viva de mim própria.

– Então – diz ele em voz baixa, e esfrega-me os braços. – Anda cá.

Puxa-me contra o peito, a água da sua pele a escorrer-me pelos braços e costas. Encosta a boca ao meu cabelo.

– Não foste tu – diz. – Juro-te, nunca foste tu. Eu estava muito em baixo, Harriet. Depois de perder o meu pai. Estava a afogar-me.

Aperta-me mais.

– Desculpa – digo, com a voz a tremer. – Queria ajudar-te. Mas não sabia como. Nunca soube como lidar com o sofrimento, Wyn. Tudo o que sempre fiz foi esconder-me dele.

Ele acaricia-me a orelha.

– Não podias ter feito mais nada, Harriet. Nunca foste tu. Mas... perdi o melhor homem que conhecia e foi como se me tivesse esquecido de como continuar a existir. Como se o mundo já não fizesse qualquer sentido. E tu

tinhas uma vida nova... algo com que sonhavas há tanto tempo, e amigos novos e... e eu ressentia-me do tempo que não tinhas e odiava-me a mim próprio por não estar feliz por ti. Odiava-me a mim próprio por não ser bom o suficiente, ou inteligente o suficiente, ou motivado o suficiente para ti.

– *Merda* para isso. – Tento afastar-me para o fitar.

Ele aperta-me e não me deixa, e fico tão furiosa por me estar a segurar desta maneira, agora que é tarde de mais.

– Ouve – murmura ele. – Por favor, deixa-me dizer isto.

Ergo os olhos para os dele. Penso na primeira vez que vi o rosto dele tão de perto, como as suas feições me tinham parecido contraditórias, uma mistura rara de magnetismo e reserva: *Quero-te perto, mas não olhes para mim.* Agora ele é areia movediça *pura*. Nem sinais de pedra. Totalmente aberto.

– Estava perdido – diz. – Por mais que eu amasse os meus pais... e por mais que sempre tenha sabido como eles me amavam... cresci a pensar que era uma desilusão. Tinha duas irmãs brilhantes, totalmente diferentes dos nossos pais, de qualquer outra pessoa na cidade, e desde que me lembro que toda a gente sempre soube que elas fariam coisas fantásticas. Quer dizer, quando eu tinha doze anos e a Lou tinha nove, já se dizia que um dia ela ganharia um Prémio Pulitzer. E ninguém estava a dar-me galardões imaginários.

– *Wyn*. – Já tivemos esta conversa demasiadas vezes.

– Não estou a dizer que alguém pensasse que eu era estúpido – diz ele. – Mas era como eu me sentia. Como se fosse aquele que não tinha nada a seu favor, exceto o facto de ser simpático.

– Simpático? – Não consigo disfarçar o tom trocista.

Generoso, atencioso, com uma curiosidade infindável, uma empatia excessiva, engraçado, *vasto*. Não *simpático. Simpático* era a máscara que Wyn Connor apresentava ao mundo.

– Eu queria ser especial, Harriet – diz ele. – E como não era, contentei-me em tentar fazer com que toda a gente gostasse de mim. Sei que pode parecer ridículo, mas é verdade. Passei a vida toda a correr atrás de coisas e pessoas que pudessem fazer com que eu sentisse que tinha importância.

Isso magoa-me, no fundo do peito. Tento mais uma vez, debilmente, libertar-me. A mão de Wyn sobe para a minha nuca levemente, com cuidado.

– E depois conheci-te, e já não me sentia tão perdido ou sem rumo. Porque mesmo que não houvesse mais nada para mim, sentia que tinha sido criado para te amar. E não importava o que qualquer pessoa pensava de mim. Não fazia mal não ter grandes planos para mim, desde que pudesse amar-te.

– Então foi isso? – pergunto, em voz rouca. – Eu consumi todo o oxigénio e não disseste nada até sufocares. Até já não me amares e eu não poder fazer mais nada.

– Vou amar-te *sempre* – diz Wyn com veemência. – A questão é essa, Harriet. É a única coisa que alguma vez foi natural para mim. Aquilo em que não preciso de me esforçar. Amei-te do outro lado do país, e mesmo quando estou de rastos, nos meus piores dias, ainda te amo mais do que alguma vez amei fosse o que fosse.

»Mas não era feliz, depois de o meu pai morrer, e estava sempre à espera que as coisas começassem a parecer um bocadinho melhores, por pouco que fosse, mas não. Não conseguia ser feliz. E também estava a fazer-te infeliz.

Abro a boca mas ele corta-me a palavra gentilmente, com as mãos no meu cabelo.

– Por favor, não mintas, Harriet. Eu estava a afogar-me, e a arrastar-te comigo para o fundo.

Tento engolir. A emoção aperta-me a garganta.

Wyn baixa os olhos e diz, com a voz a falhar:

– Quando voltei para o Montana, conseguia senti-lo.

– Wyn. – Levo as mãos às suas faces e ele encosta a testa à minha.

Fecha os olhos e respira fundo, aproximando-nos ainda mais.

– E senti-me tão estúpido por estar a fugir de tudo isso. Por me estar a esforçar tanto para ser diferente dele, quando era o melhor homem que alguma vez conheci.

– Sempre foste como ele – digo –, em todos os aspetos que interessam.

O canto da sua boca eleva-se num meio sorriso, mas é uma expressão tensa, rígida. Está a tremer, agora, do frio ou da adrenalina, ou então sou eu que tremo.

– Eu... – Respira fundo. – Sentia que estava a deixá-lo ficar mal, a desiludi-lo, e à minha mãe, e a ti. Queria que fosses feliz, Harriet, e esta coisa com o Martin... talvez tenha sido uma desculpa, mas eu estava tão em baixo na altura que me convenci genuinamente que era o tipo de pessoa com quem tu querias estar. E estavas sempre a adiar o casamento. Nunca querias falar sobre isso. Nunca querias falar sobre nada, e quando te vi com os teus amigos novos, pensei... pensei que *devias* estar com alguém tão brilhante como tu, capaz de encaixar neste mundo pelo qual passaste a *vida* inteira a lutar.

– Isso não é *justo*, Wyn – grito.

– O que querias que pensasse, Harriet? – pergunta ele, com a voz a fraquejar. – Sempre que eu tinha de cancelar uma visita, tu não te importavas. Quando eu não ligava, não te importavas. Nunca te zangavas. Nunca discutias comigo. Eu sentia que nem sequer davas pela minha falta.

Desato a chorar de novo, quando a realidade me atinge. Que todo o tempo e energia que eu gastara a tentar estar bem, por ele, a não ceder à pressão do trabalho, a não precisar de nada que ele não pudesse dar-me – tudo o que fizera fora afastá-lo ainda mais depressa.

– Eu sabia que nunca me deixarias – continua, com voz áspera. – Porque eu estava uma desgraça. Mas não queria prender-te. Não queria que acordasses um dia e percebesses que estavas a viver a vida errada e que eu permitira que assim fosse.

»Foi por isso que o telefonema foi tão curto. Para eu não ter tempo de mudar de ideias. Foi por *isso* que devolvi tão depressa as tuas coisas. Porque não suportava ter nada teu onde o pudesse ver.

»Porque vou amar-te sempre. Porque, mais do que tudo, quero que sejas feliz. E agora és – diz ele. – E eu também sou. Não sempre, mas estou muito melhor do que antes, e quando a Sabrina me telefonou e me pediu para vir, achei que conseguiria lidar com a situação.

»Acreditei realmente que ia chegar, ver-te, e perceberia que estavas mais feliz. E assim teria a certeza de ter feito bem ao libertar-te.

»Trabalhei tanto em mim próprio ao longo destes últimos cinco meses, Harriet, e estou *bem*. Estou com a família, a fazer um trabalho de que me orgulho, e estou a tomar medicação.

– Medicação?

– Perguntaste o que me tinha feito mudar de ideias em relação ao trabalho – diz ele. – Foi isso. Medicação. Para a depressão.

Sinto um nó na garganta. Mais uma coisa gigante que eu não sabia sobre ele.

– Por teres perdido o teu pai?

Ele abana a cabeça.

– Pensei que fosse apenas isso. Mas depois de começar a tomar a medicação, apercebi-me de que a morte dele só tinha agravado a situação. Mas é algo que sempre fez parte de mim. Que sempre tornou tudo muito mais difícil do que devia ser. É como se... – Coça a testa. – Na escola secundária, tinha um amigo na equipa de futebol. E um dia, depois de um jogo, ele caiu por terra. Doía-lhe o peito e não conseguia despir a camisola, mas queria despi-la porque não conseguia respirar, e todos pensámos que ele estava a ter um ataque cardíaco. Afinal, sofria de asma.

»Tinha passado dezassete anos a viver com uma capacidade pulmonar de cinquenta e cinco por cento, sem ter a noção de que respirar não devia ser assim tão difícil. Começar a tomar antidepressivos foi como isso, para mim. Sentia-me sempre na merda, e de repente deixei de me sentir. E, pela primeira vez, tudo parecia possível. A minha mente estava... mais calma, talvez. Mais leve.

Limpo as lágrimas que me saltam dos olhos.

– Não fazia ideia – digo.

– Nem eu – diz ele. – Gastei tanta energia a tentar estar bem e... a questão é que as coisas estão finalmente boas, para mim. E pensei que se viesse aqui e

te visse isso provaria que estamos ambos exatamente onde devíamos estar. Em vez disso, encontrei-te furiosa comigo. E sabes o que senti?

– Sei que também estás zangado comigo, Wyn – balbucio, com esforço.

Ele abana a cabeça com veemência.

– Alívio. Senti *alívio.* Porque finalmente tive a sensação de que tu querias saber de mim. Se estavas zangada comigo, isso significava que tinhas o coração partido, como eu. Pensei que quando encontrasse maneira de ser feliz, pensaria menos em ti. Mas em vez disso é como se... como se, agora que a angústia não está a estrangular-me, tenha uma data de espaço extra para te amar.

»Mas não podemos voltar atrás, por isso não sei o que fazer com estes sentimentos. Nem sequer sei se tu sentes o mesmo, e também está a dar cabo de mim. De trinta em trinta segundos penso uma coisa diferente, primeiro acho que estou a magoar-te com a minha presença, depois que é impossível que ainda me ames depois deste tempo todo, e mesmo que não seja real, parte de mim quer fingir que ainda te tenho, mas outra parte acha que morrerei se não me disseres que me amas, mesmo que isso não mude nada. Nem que seja só para o ouvir uma vez mais.

»Está tudo diferente, e nada mudou, Harriet – diz ele. – Esforcei-me tanto por te esquecer, por te deixar ser feliz, e quando te vejo ainda me sinto... ainda sinto que és *minha*. Que sou *teu*. Livrei-me de todos os pedacinhos de ti que pude, como se houvesse maneira de te extirpar de mim, e afinal estou sempre a ver os sítios onde devias estar.

Olho para ele, com o coração a rebentar sob o peso daquilo que sinto.

– Por favor, diz alguma coisa – murmura ele.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas. A minha garganta aperta-se. Escondo de novo o rosto nas mãos.

– Pensei que não me querias – digo, com voz embargada –, por isso tentei. Tentei amar outra pessoa. Tentei pelo menos *gostar* de outra pessoa. Beijei outro homem. Dormi com outro, mas nunca consegui deixar de sentir que era tua. – Fecho os olhos com força para contar outra vaga de lágrimas. – Como tu és meu.

– Harriet. – Inclina o meu rosto para o dele. – Olha para mim. – Espera. – Por favor, Harriet.

Demoro alguns segundos a conseguir abrir os olhos. Ele ainda tem gotículas de água nas sobrancelhas. Gotas escorrem-lhe pelo maxilar e pela garganta. Com o polegar, acaricia-me a face.

– E sou – diz. – Ainda sou teu.

O prego que passara a semana toda a aproximar-se mais e mais do meu coração finalmente trespassa-o.

Ele acaricia-me o lábio inferior com os dedos. O seu olhar é terno, e cada toque delicado arranca mais uma camada de proteção do meu coração.

Mas que importa que pertençamos um ao outro, se não podemos estar um *com* o outro? As nossas vidas estão imutavelmente separadas. As coisas podem parecer diferentes do que eram há dez minutos, mas na verdade nada mudou. Ele é meu; mas não o posso ter.

Enfio os dedos nos seus cabelos molhados, como se assim pudesse prendê-lo aqui, comigo. Ele faz o mesmo.

– O que é isto? – murmura.

Eu quero que seja um *Desculpa* e um *Perdoo-te*, e um *Promete que nunca mais me deixarás* e um milhão de outras palavras que não consigo dizer.

Wyn é finalmente feliz. Tem a vida a que estava destinado. Tem uma carreira de que se orgulha, que o obriga a ficar no Montana, e mesmo que assim não fosse há Gloria, que precisa dele. E o tempo com ela de que *Wyn* precisa, o tempo que não teve com Hank. E eu estarei na Califórnia pelo menos alguns anos mais, demasiado embrenhada no curso para poder voltar atrás, mas não tanto que consiga já ver a luz ao fundo do túnel.

Talvez, noutra vida, as coisas pudessem ser diferentes. Nesta, isto só pode ser uma coisa.

– Acho – digo – que é um último *amo-te*.

Os dedos dele apertam-me e a sua respiração aquieta-se. E depois, como se estivesse a responder a uma pergunta, os seus pulmões expandem-se numa inalação e os seus lábios encontram os meus.

Quando os entreabro num suspiro trémulo, sinto a língua dele na minha boca. O gosto dele toca-me bem fundo e liberta algo que passei meses a tentar amarrar. O desejo estende-se em todas as direções, despertando a minha pele, nervos, sangue. Wyn levanta mais a minha cabeça, aprofundando o beijo, e a sua língua enrola-se na minha, ávida, terna. Um gemido brota-me da garganta.

Ele desliza a mão sobre o meu estômago e enfia os dedos alguns centímetros por baixo da minha camisola. Arqueio as costas contra ele, com todos os músculos do meu tronco a tentarem colar-se mais aos dele.

Wyn envolve-me com um braço e faz-nos recuar. O seu ombro colide com a porta do chuveiro quando me puxa para o interior e a fecha.

As minhas roupas já estão molhadas por estar encostada a ele, coladas à pele em alguns sítios, mas ele protege-me da água, apesar disso, enquanto me despe a camisola por cima dos ombros e a põe em cima da parede, ao lado da toalha. Encosto-me à parede, ofegante, e ele desabotoa metodicamente os botões dos meus calções. Fá-los deslizar lentamente sobre as minhas pernas, e fico ali parada, com um formigueiro na pele, a respiração entrecortada e a mente em chamas. Ele pendura-os também, sem tirar os olhos de mim.

– Isto é real? – pergunto.

As suas mãos procuram a minha cintura.

– O que havia de ser?

– Um sonho – digo.

Ele puxa-me contra si, a barriga quente e húmida a roçar na minha.

– Não pode ser – diz ele. – Nos meus sonhos estás sempre por cima.

O meu riso interrompe-se quando o polegar dele contorna a curva do meu seio.

Prendo os braços à volta do seu pescoço e Wyn levanta-me contra a parede num movimento fluido, enquanto aperto as coxas à cintura dele.

Gemo com a boca na sua, abalada pela súbita sensação de tanto dele, em tanto de mim. Os músculos no seu abdómen contraem-se. Os meus lábios entreabrem-se avidamente sob os dele. Desata os cordões do meu *top* de atar ao pescoço e despe-mo, e o meu coração palpita sob o toque urgente.

Murmura o meu nome com a boca na minha garganta, a água a cair-lhe sobre os ombros, envolvendo-nos no seu calor enquanto me ergo para ele.

Wyn geme e acaricia-me os seios em círculos lentos e intensos. A minha respiração acelera. A boca dele desliza-me pela garganta.

– Tens a certeza? – murmura.

Aperto-o mais. Ele tenta levantar a cabeça para perguntar de novo, mas puxo-o para mim, enfio a língua na boca dele e sinto o gosto amargo e fermentado da *Corona* e a acidez da lima.

Baixo a mão entre os nossos corpos, deliciada ao senti-lo entre os dedos. Ele baixa a cabeça para o meu ombro com um gemido, e uma das suas mãos aperta a parte de cima da parede atrás de mim.

– Não trouxe preservativos – diz por entre dentes cerrados, mas nenhum de nós para de se mover, à procura de mais fricção, de libertação, e os músculos das costas, barriga e braços e traseiro dele estão rígidos de tensão, enquanto as nossas ancas se movimentam juntas.

Segura-me bruscamente nas ancas e ergue-as para si.

– Não devíamos fazer isto enquanto estás aborrecida, de qualquer maneira – diz.

Movo a mão ao longo dele.

– Ficarei menos aborrecida quando estiveres dentro de mim.

Ele aperta a mão sobre a minha, imobilizando-me por um segundo, os nossos corações aos saltos em uníssono, a água quente a escorrer-nos pelo corpo.

– Não temos preservativo – repete.

Solto um patético som de desespero e ele parece esquecer o que estava a dizer, empurra-me de novo contra a parede, as nossas ancas apertadas, unhas a deslizar sobre pele molhada. Levanta-me um centímetro e agora está mesmo encostado a mim. Não é suficiente. Movimento as ancas contra as dele. Wyn agarra-se de novo ao cimo da parede e movemo-nos juntos.

– Harriet – diz-me ao ouvido com voz rouca –, és tão macia.

– Obrigada – respondo, sem fôlego. – Não faço exercício.

– Não brinques neste momento – diz ele. – Podemos fazer piadas mais tarde. Agora diz-me o que queres.

– Já te disse – respondo.

– Não podemos – diz ele. – Eu arranjo maneira de comprar alguns quando sairmos para jantar.

Rio-me com a boca na garganta dele, apanho uma gota com a língua.

– Vais meter-te em becos escusos e acenar com notas de vinte a desconhecidos que pareçam estar a traficar preservativos?

– Estava a pensar ir a uma farmácia – diz ele –, mas gosto mais da tua ideia.

Recua um pouco e baixa-me lentamente, até os meus pés tocarem nas tábuas molhadas. Tudo em mim se ergue em protesto, mas depois ele vira-me, levanta-me as mãos para a parede e faz deslizar as suas pelos meus braços, pelos lados do meu corpo. Uma delas passa à volta da minha anca e enfia-se entre as minhas coxas, e Wyn encosta-se a mim por trás.

Por um segundo, não consigo respirar. Até os meus órgãos estão demasiado perdidos no desejo para conseguirem fazer outra coisa, todas as ondas do meu cérebro estão ocupadas com a sensação da mão dele. Com o outro braço, puxa-me contra si e encosta a boca àquele ponto sensível entre o meu pescoço e o ombro.

– Era este o teu objetivo para esta semana? – pergunto.

Ele morde-me o pescoço.

– Na verdade, era conseguir ser um perfeito cavalheiro o resto da semana.

– Um fracasso de vez em quando faz bem a uma pessoa – digo.

– Faz? – provoca ele. – E essa pessoa és tu?

Encosto-me a ele e imploro.

– *Por favor.*

Wyn solta uma imprecação, agarra-me nas ancas e vira-me de novo, prendendo-me contra a parede, antes de se ajoelhar à minha frente.

As minhas articulações liquefazem-se quando ele me beija o interior da coxa e depois sobe para o meu centro. Ergo as ancas contra a pressão da boca dele. Com a mão esquerda acaricia-me o estômago, a direita contorna-me e agarra-me numa nádega, levantando-me contra si.

Tento puxá-lo para cima mas ele fica onde está, e o calor insistente da sua boca deixa-me cada vez mais perto do descontrolo.

– Wyn – suplico.

Sinto a pele dele arrepiada sob os meus dedos. Ele murmura:

– Vem-te para mim, Harriet.

Tento resistir, pedir mais dele, mas o meu corpo cede. O seu nome brota-me dos lábios numa súplica arquejante. Ele lança-me num clímax tão intenso e pesado que, durante vários segundos, não há mais nada a não ser sensação. Nem bosque, nem duche de cedro, nada a não ser a boca dele.

Quando a sensação se dissipa, encosto-me à parede, de pernas bambas. Wyn levanta-se e puxa-me contra si, e apoio o queixo no ombro dele. A água quente escorre pelos nossos corpos enquanto ele me deixa uma corrente de beijos no pescoço.

– Obrigada – murmuro através da neblina no meu cérebro.

Sinto-o sorrir contra o meu pescoço.

– Que bem educada. – Baloiça-me gentilmente debaixo da água. – Os outros estão à nossa espera.

– Já não estou a sentir-me bem educada. – Ergo o queixo e os meus olhos procuram os dele. – Os outros podem esperar.

– A buzina vai começar a tocar a qualquer minuto – diz ele.

– Nunca ninguém morreu por ter de esperar um bocadinho.

– Não sei – diz Wyn. – Senti-me bem perto da morte esta semana.

– Bem visto – digo. – A espera pode ser perigosa. Se calhar não devíamos.

O riso dele transforma-se noutro gemido.

– Mais logo. Deixa-me pagar-te o jantar primeiro.

– Sou uma mulher moderna, Wyn – digo. – *Eu* é que te vou pagar o jantar. Quer dizer, se tiver possibilidades para isso, agora que és rico e de gostos sofisticados.

– Compra-me um cachorro-quente na estação de serviço, Harriet Kilpatrick – diz ele, e beija-me o canto da boca –, e eu dou-te a melhor noite da tua vida.

Fecho os olhos e tento agarrar o momento. Mas já está a escapar-me. *Só mais um dia.*

30

VIDA REAL

Sexta-feira

Embora a maior parte das festividades do Festival da Lagosta sejam do outro lado da cidade, o excesso de pessoas transbordou para aqui, para as mesas de piquenique esbranquiçadas pelo sal no velho Molhe das Lagostas, onde pescadores de fatos-macaco deambulam entre os barcos atracados, o armazém e as bancas de venda.

Mesmo depois de fazermos o pedido, temos de esperar algum tempo até vagar uma mesa perto da banda, ao fundo da doca. Instalamo-nos nos bancos corridos e Wyn aperta-me a coxa por baixo da mesa. Pouso a mão na dele e tento memorizar esta sensação.

Cestos de batatas fritas e sanduíches de lagosta, o recheio cremoso a transbordar do pão torrado, argolas de cebola bem temperadas e peixe frito, tão macio que os garfos de plástico o cortam como se fosse manteiga derretida. Maçarocas de milho, e trágicas saladas carregadas de cebola roxa e rabanetes às rodelas, e limonada de mirtilo em copos de plástico vermelhos.

– Vou ver quanto é que o bar me cobra para adicionar vodca a isto – diz Kimmy, e faz menção de se levantar.

– Se calhar é melhor esperares – diz Sabrina, com um sorriso enigmático. Olho para Parth, que encolhe os ombros como quem diz: *Eu cá não sei de nada.*

Com um brilho divertido mas ao mesmo tempo desconfiado nos olhos, Kimmy volta a sentar-se.

A boca de Wyn roça-me no lóbulo da orelha. Demoro um segundo a interpretar o que ele está a dizer por entre o dilúvio de memórias fragmentadas dessa tarde.

– Achas que ela mandou vir cogumelos mágicos para a mesa?

Viro-me para ele e as pontas dos nossos narizes quase se tocam. As fiadas de luzes esticadas sobre nós em ziguezagues fazem-lhe brilhar os olhos.

– Ou isso, ou vai levar-nos daqui para uma câmara de gravidade zero num campo espacial – digo.

A mão dele sobe mais e inclina o rosto para mim. Viro-me para ouvir a sua resposta sussurrada, mas os lábios dele tocam-me na pele por baixo da orelha, num beijo leve que me faz aninhar nele com um estremecimento.

Sabrina amachuca o guardanapo e levanta-se.

– Quem está preparado para a próxima fase da noite?

– Campo espacial, aqui vamos nós – digo.

*

Seguimos a rua residencial ao longo da água. Mesmo daqui conseguimos ouvir a música do festival, no lado oposto do porto, em simultâneo com a banda no molhe deste lado, como se as duas margens estivessem em lados opostos de um duelo musical.

Sabrina conduz-nos pela ponte pedonal estreita sobre a água, e o som de «Long Ride Home» de Patty Griffin transforma-se em «It's Still Rock and Roll to Me».

– Onde vamos? – pergunta Cleo.

– Realizar um objetivo de longa data – responde Sabrina por cima do ombro, acelerando o passo. Há no ar uma eletricidade, uma sensação de

possibilidade.

Talvez venha de Wyn e de mim. Talvez, sempre que as nossas mãos se entrelaçam, ou ele me puxa para si, ou me faz parar e me encosta ao corrimão da ponte para um beijo, enquanto os outros continuam a andar, libertemos um pouco mais de energia no ar.

– Mexam-se – chama-nos Parth.

Wyn roça com os lábios nos meus uma vez mais.

– Teremos tempo mais tarde – diz.

Mas não o suficiente, penso com uma pontada. Como posso exorcizar todo este amor acumulado e inflamável num só dia? Como posso acumular pedaços dele nas próximas vinte e quatro horas e depois deixá-lo ir, como ele precisa? Como ele *merece*?

Com esforço, aceno afirmativamente e aceleramos para apanhar os outros.

O porto fica numa baía, a face costeira ocupada por restaurantes e docas, enquanto o resto da cidade se ergue em ruas curvas e cruzadas, com jardins verdejantes a derramarem-se para os passeios, pequenos fetos a enfeitarem os relvados das estalagens de tábuas desbotadas pela maresia.

Subimos por uma dessas ruas e passamos pelas montras escuras do Fudge & Taffy Factory, e da Skippy's Popcorn com os cem sabores diferentes de pipocas expostos atrás da montra. Abrirão mais tarde, no fim de semana, mas por hoje já está tudo fechado.

Depois do Warm Cup, viramos para uma rua lateral sossegada. *Easy Lane*. Demoro um instante a perceber por que razão me parece familiar: vi o nome da rua mencionado no nosso itinerário. Amanhã de manhã, pré-casamento, Sabrina organizou surpresas personalizadas para cada um de nós, e a morada

da minha é *Easy Lane*, *123*. E ficou-me na memória especificamente porque chamar a uma rua *Easy Lane* em vez de *Easy Street* me pareceu uma oportunidade desperdiçada[2].

Ao fundo do primeiro quarteirão de *Easy Lane*, Sabrina vira para outra rua. Aqui, há dois edifícios iluminados entre fachadas às escuras e fechadas: um hotel e *pub* chamado Hound & Thistle, e uma montra debruada a negro, com letras brancas no vidro que dizem: *TATUAGENS TEMPEST*.

Sabrina para e vira-se para nós, com os braços abertos ao lado do corpo.

– Então – diz –, o que acham?

– Sab! – exclama Kimmy, agarrando-se a ela. – Vais fazer uma tatuagem?

– Quase – diz ela. – *Vamos* fazer uma tatuagem.

Ninguém reage, exceção feita ao sorriso tenso de Parth e o tremor dos dedos de Wyn nos meus. Kimmy olha para Cleo, e sorri ao ver a expressão aturdida de Cleo.

– Andamos a falar nisto há séculos – continua Sabrina –, e é a ocasião perfeita. Para comemorar a nossa última visita à casa de férias e estes últimos dez anos de amizade. Algo que nos unirá para sempre.

Sinto o estômago às voltas e o coração como um pássaro enlouquecido a querer sair-me pela boca.

Uma coisa é aceitar que posso ficar para sempre um bocadinho apaixonada por Wyn Connor.

Outra, é colocar um lembrete permanente disso mesmo no meu corpo. Antes de eu conseguir sequer começar à procura de uma saída, Cleo fala.

– Não me parece, Sab.

Seria de pensar que o nosso silêncio chocado a teria preparado para isto, mas Sabrina parece genuinamente estupefacta.

– Como assim, *não te parece*?

Cleo encolhe os ombros.

– Acho que não devíamos fazer tatuagens iguais esta noite. – Kimmy toca-lhe no braço e passa entre elas algum sentimento mudo.

Sabrina ri-se.

– Porque não?

– Porque não quero – diz Cleo. – E, olhando em volta, não sei se há alguém que queira.

Sabrina pestaneja e olha para nós.

– Não é isso – digo. – É só que... é muito repentino.

– Andamos a falar nisto há uma década – repete ela.

– E nem sequer conseguimos decidir o que seria – diz Wyn.

– Que interessa o que é? – diz Sabrina. – O que importa é o elo de ligação.

– Talvez para a próxima – sugiro. – Podemos escolher o desenho hoje, e depois de todos termos algum tempo para nos habituarmos à ideia...

– Já paguei um adiantamento – diz ela. – Pedi-lhes que tivessem a loja aberta a estas horas para nós.

Cleo esfrega a testa, entre as sobrancelhas.

– Sab... Devias ter falado connosco antes de fazeres isso. Não podes partir do princípio de que vamos alinhar em tudo o que tu queres.

– O que raio quer *isso* dizer, Cleo? – pergunta Sabrina, com ar magoado.

– Ela só quer dizer que esta é uma grande decisão, uma coisa permanente – intervenho. – Todos precisamos de algum tempo antes de nos comprometermos com algo assim.

– Não é isso que eu quero dizer – responde Cleo calmamente. – O que quero dizer, é aquilo que disse. Que ela não pode simplesmente decidir como as coisas deviam ser entre todos nós e depois obrigar-nos a fazer tudo à maneira dela.

– Ela não está a obrigar ninguém – diz Parth, aproximando-se de Sabrina. – Está a fazer isto tudo *por* vocês. Toda a viagem é por vocês. Tudo.

– Se é por nós – diz Cleo –, então tens de respeitar a minha decisão de *não* fazer algo com que não me sinto confortável.

– Tens dezanove tatuagens – diz Sabrina. – Porque é que esta é tão desconfortável?

– Podemos esquecer o assunto? – pede Cleo, desviando os olhos.

– Claro – diz Sabrina. – Vamos esquecer o assunto. Vamos esquecer o facto de uma das minhas melhores amigas estar sempre a cancelar planos, e a outra mal responder às minhas mensagens, e o meu pai ir vender o único sítio onde alguma vez me senti em casa, e toda a gente a não ser eu parece estar-se a borrifar para o facto de nos estarmos a afastar cada vez mais.

Vira-se e começa a andar na direção do carro.

– Eu falo com ela – digo-lhes, e corro atrás de Sabrina pelo passeio. Quando a apanho, seguro-lhe no pulso. – Sabrina, espera.

Ela tenta continuar a andar, e obriga-me a correr para não a soltar.

– *Todos* damos valor a esta amizade – digo. – É só porque isto é...

Ela gira sobre si própria, de olhos húmidos.

– Repentino?

Sinto o coração apertado. Não compreendo por que razão ela está tão magoada, mas é evidente que está. Sabrina nunca chora.

E está a chorar agora. Lágrimas grossas deslizam-lhe pelas faces e eu tenho de remediar isto, de a fazer compreender que não tem nada a ver com ela.

E neste momento, no último momento que tenho para tomar uma decisão, não vejo outra maneira.

– Não tem nada a ver com a nossa amizade – digo.

– Claro que tem – diz Sabrina. – Tu desapareceste e a Cleo não quer passar tempo nenhum a sério com...

– É por causa do *Wyn* – interrompo, antes que a conversa possa desviar-se mais.

Ela olha para mim, com os olhos escuros a brilhar, o cabelo frisado por causa da humidade.

– Não posso fazer uma tatuagem igual à dele, Sabrina. Nós já nem sequer estamos juntos.

A voz dela é frágil, delicada.

– Mas parecia que estavam a resolver as coisas.

Abano a cabeça para tentar desenredar o que ela disse.

– O quê?

– Esta semana – continua ela. – Parecia que tinham voltado um para o outro.

Voltado um para o outro?

Como é que podia parecer que tínhamos *voltado um para o outro*... a alguém que nem sabia que nos tínhamos separado?

A menos, claro, que soubesse.

---

2 Em inglês, *easy street* (que pode ser traduzido como caminho fácil) é uma expressão com o significado de boa situação financeira, riqueza. *(N. da T.)*

31

VIDA REAL

Sexta-feira

– *Sabias*? – digo.

Ela não responde.

– *Sabrina*! – exclamo.

Sabrina levanta os braços ao lado do corpo.

– Claro que sabia! Não que tu me tenhas contado alguma coisa. Claro que as minhas melhores amigas não me dizem absolutamente nada sobre as suas vidas, ultimamente.

É como falhar o degrau de cima e perceber que as escadas terminam diretamente num precipício.

– *Como?* – consigo dizer.

– O Parth foi visitar o Wyn há algumas semanas.

O porto começa a girar à minha volta.

– Ele... ele contou-te?

– Não. – Cruza os braços. – O Wyn foi à casa de banho e o Parth ia mandar-te uma *selfie,* ou lá o que era, do telemóvel do Wyn. Mas quando abriu as vossas mensagens, não havia nada novo há *meses*. E parece que o Wyn tinha guardado o rascunho de uma longa mensagem a pedir desculpa pela forma como as coisas tinham acabado.

– E ele leu-a – digo, com as palavras a amargar ao fundo da língua.

– Não foi com intenção – assegura-me Sabrina. – E não leu tudo. Mas leu o suficiente para perceber o que tinha acontecido.

– Porque não disseste nada? – pergunto.

– Eu? Tu é que escondeste isto, Harry. Durante meses, não me contaste praticamente nada da tua vida, e entretanto a Cleo cancelou todos os planos que tinha feito e o Wyn nem sequer era para *vir* esta semana até eu lhe implorar que viesse e...

– Espera. – Fecho os olhos e abano a cabeça.

Não pode ser.

Mas tem de ser.

– Então foi por causa disso? – Abro os olhos, sem conseguir respirar. – Esta viagem toda?

Sabrina endireita os ombros e levanta o queixo.

Penso em todos os momentos em que Sabrina me empurrou para cima de Wyn. Em todas as ocasiões em que se escapuliu de passar alguns minutos a sós comigo. Mesmo na viagem do aeroporto, pusera a música em altos berros e abrira a janela para que mesmo que *eu* quisesse contar-lhe que já não estava com Wyn, *ela* poder negar ter ouvido.

A fúria invade-me. Uma fúria como nunca senti.

– Esta viagenzinha pelas memórias do passado? A merda da casa de banho sem porta? Isto foi tudo... foi tudo um jogo, para ti?

– Um *jogo*? – diz ela. – Harriet, estamos a tentar *ajudar-te*. Tu e o Wyn têm de estar juntos.

– Como foste capaz de nos fazer passar por tudo isto? – Tenho as cordas vocais a vibrar com a raiva.

Os olhos de Sabrina faíscam, mas cerra os dentes com ar determinado.

– Fizeste-nos passar a semana toda num tormento. *Torturaste-nos* – digo. – Como foste capaz?

– Nós não sabíamos – diz uma voz frágil.

Cleo seguiu-nos, e a luz do Hound & Thistle banha-a numa aura dourada.

– Não sabíamos que tu e o Wyn se tinham separado – diz ela. – Não sabíamos que esta semana toda era uma farsa.

– Não é uma *farsa* – diz Sabrina. – Estávamos a *ajudá-los*.

– A ajudar-nos a fazer o *quê*? – pergunto, cansada.

– A voltar um para o outro! – responde ela.

– Se quiséssemos estar juntos – digo –, estaríamos juntos!

– Oh, por favor – diz ela. – Não sabes o *que* queres, Harriet! Estás a *perder* o amor da tua vida porque és demasiado indecisa para escolher uma data e um restaurante para o copo d'água.

Uma mágoa ardente queima-me o peito.

– Não estamos juntos porque não queremos estar, Sabrina! Porque não conseguimos fazer-nos felizes um ao outro, por mais que o desejemos.

– A sério? – diz Sabrina. – Porque o Parth *viu* o que o Wyn escreveu, e olha que parece mesmo que, mais uma vez, ficaste à espera que a vida acontecesse em vez de lutares por aquilo que queres.

– Não tens o direito de decidir o que é melhor para toda a gente – diz Cleo. – Por melhores que aches que são as tuas intenções. Manipulaste-nos. *Sabias* como eu estava preocupada esta semana e *sabias* por que razão o Wyn não vinha, e obrigaste-nos a todos a vir, mesmo assim.

– Fiz o que tinha de fazer – diz. – Como sempre, porque já ninguém faz o mais pequeno esforço que seja. Se estivesse à vossa espera, esta amizade já teria terminado e sabem-no muito bem. Eu é que mando sempre a primeira mensagem. Eu é que telefono. Eu é que deixo recados. Eu é que organizo as viagens, e quando vocês cancelam, sugiro outras datas, e quando não conseguem dizer-me logo que sim nem que não, adivinham? *Eu* é que volto a contactar passados alguns dias.

– Temos outras coisas na vida – diz Cleo. – Nem sempre podemos largar tudo de um minuto para o outro para reviver os dias de glória do passado.

Percebo instantaneamente, pela expressão de Sabrina, que Cleo tocou na ferida, e que essa ferida é profunda.

A minha fúria ardente abranda, por um segundo, como um nevoeiro que se dissipa para revelar uma falésia íngreme logo à frente. A fúria ainda ali está, mas agora o medo é mais pesado, a correr-me nas veias, aos gritos de *faz qualquer coisa, para com isto antes que seja pior. Põe fim a isto antes que alguém se vá embora. Antes que as percas.*

– Vamos lá esfriar a cabeça – digo, com voz estrangulada.

Os olhos de Cleo fitam os meus.

– Eu não estou zangada – diz, calmamente.

E é verdade. Não vejo fogo no seu olhar, apenas exaustão, desapontamento.

– Só não vou é continuar a fingir.

O passeio parece abrir-se sob os meus pés, o mundo dividir-se ao meio. Se eu não fizer alguma coisa, o abismo abrir-se-á mais e mais até eu já não conseguir alcançá-las. Até ficar sozinha.

– A fingir o *quê*? – pergunta Sabrina.

– Que estes *ainda* são os dias de glória – diz Cleo. – Que somos tão próximas como éramos, quando a verdade é que as coisas são diferentes. *Nós* somos diferentes.

– *Cleo* – digo, baixinho, em tom suplicante.

– As nossas vidas são totalmente opostas – continua ela –, e os nossos calendários são totalmente diferentes, e já não gostamos de passar os tempos livres da mesma maneira, e o Wyn está no Montana, e a Harriet praticamente cortou-nos da sua vida, e tu e o Parth ainda querem que seja tudo apenas uma grande festa, mas não é! Temos merdas sérias a acontecer na nossa vida e nunca falamos delas.

– Eu não as cortei da minha vida – digo. – Só escondemos uma coisa que era tão triste que eu não consegui contar a *ninguém*. Ainda mal consigo pensar nisso... *nele*... sem sentir que... que o mundo está a desfazer-se pelas costuras.

Os olhos de Cleo são escuros e reluzentes.

– Mas nós somos precisamente as pessoas que devias procurar quando te sentes assim, e em vez disso deixaste de falar connosco. E depois quando as coisas forem... forem difíceis para nós, o que esperas que façamos?

– Oh, vá lá, Cleo – diz Sabrina. – Não finjas que és melhor. Há *meses* que andas a fugir de fazer planos comigo. Tanto quanto eu consigo ver, sou a única que está a tentar aguentar isto, e vocês parecem não se importar se nunca mais nos virmos.

– Estivemos juntas a *semana* toda – diz Cleo – e só agora é que nos estás a dizer que isto era um esquema maquiavélico qualquer, e a Harriet só agora é

que está a confessar que ela e o Wyn já nem sequer estão juntos, e tivemos *dias* para isso, mas não interessa. Porque tu preferes passar cinco horas sentada num cinema, só porque era o que *costumávamos* fazer, a aceitar que se calhar todos preferíamos estar a fazer outra coisa qualquer! Já não estamos no mesmo lugar de antes. Estamos a crescer.

A sua voz vacila.

– E em direções diferentes. E há coisas de que já não conseguimos falar umas com as outras, e talvez tenhamos estado a lutar contra isso, ou a fingir que não o víamos, quando na verdade devíamos aceitar a realidade. Já não somos aquilo que éramos umas para as outras. E não faz mal.

– Não faz mal? – repete Sabrina em tom inexpressivo.

– As nossas vidas estão a mudar. Já mudaram. E eu nunca fui uma pessoa que alinha em coisas que não quer fazer, mas tu obrigaste-me a isso. Tem de ser tudo como tu queres.

– Ninguém te está a obrigar a ficar! – explode Sabrina. – Se queres ir, vai!

Cleo olha para o chão, para um pequeno feto a nascer de uma racha do passeio, mesmo entre as suas sandálias.

– Está bem – diz. – A Kimmy e eu ficaremos num hotel esta noite.

Outra risada fria de Sabrina.

– Não me digas, vais *desligar-te conscientemente* da nossa amizade?

– Vou procurar um pouco de *espaço* – diz Cleo.

– Isto é ridículo – responde Sabrina. – Não encontrarás sítio nenhum que tenha vagas nesta altura.

Cleo aperta os lábios.

– Então dormimos na casa de hóspedes esta noite.

– E depois? – quer saber Sabrina.

– Ainda não sei – responde Cleo. – Talvez partamos.

Não faço ideia de como argumentar com ela, nem sequer sei se quero. Sinto a cabeça a latejar. Está tudo a correr mal.

Por fim, Sabrina diz:

– Vou buscar o carro. – Vira-se e afasta-se pela rua fora. Olho para trás e, mesmo em silhueta, Kimmy, Wyn e Parth parecem tensos. Ouviram tudo.

De certa forma, digo a mim própria, é um alívio, ter tudo em cima da mesa, às claras.

Mas a verdade é que, se pudesse voltar atrás, voltaria. Faria tudo para poder regressar àquele lugar feliz, fora do tempo, onde nada da vida real consegue tocar-nos.

32

VIDA REAL

Sexta-feira

Na viagem de regresso vamos todos calados. Agora que a verdade veio ao de cima, Wyn e eu nem sequer conseguimos olhar um para o outro. E ele também não olha para Parth, mantém os olhos fixos na janela do carro.

Assim que entramos em casa, todos se dispersam e, para não ter de suportar mais encontros constrangedores ou dolorosos, enfio-me na casa de banho.

Mas depois, ao subir as escadas, cruzo-me com Kimmy e Cleo que descem, de malas na mão, a caminho da casa de hóspedes.

Cleo não olha para mim.

Nenhuma delas diz nada, mas Kimmy oferece-me um sorriso tenso e aperta-me a mão ao passar. Com um nó na garganta, ouço-as abrir a porta e sair atrás de mim.

Não vou para o nosso quarto. A bolha rebentou, este universo isolado ruiu. Dirijo-me antes ao quarto dos miúdos. Está arrumado, as camas de solteiro novamente encostadas a paredes opostas e feitas. Cleo e Kimmy não deixaram qualquer vestígio delas aqui, além do aroma ao óleo de menta de Kimmy.

Sento-me na beira da cama e sinto a solidão crescer, mas não sei se está a esmagar-me pelo lado de fora ou a expandir-se dentro de mim.

De uma maneira ou de outra, não tenho como escapar a esta minha companheira de sempre.

Dispo-me e enfio-me na cama. Não choro, mas também não adormeço.

A discussão passa-me pela mente numa repetição febril, até parecer que as palavras se confundem umas com as outras numa algaraviada sem sentido.

Pergunto a mim própria, uma e outra vez, porque é que não lhes contei. E passam-me pela cabeça todas as mesmas respostas estafadas, até estar tão revoltada comigo própria como elas.

Viro-me de costas e olho para um raio de luar no teto.

Eu não estava com medo que elas ficassem zangadas comigo, propriamente, pela forma como as coisas tinham terminado com Wyn. Tinha medo, sim, da tristeza delas. Tinha medo de estragar esta semana que é tão importante para elas. Tinha medo de estragar as memórias deste lugar onde sempre foram tão felizes. Tinha medo que ficassem ressentidas comigo e nunca o admitissem, medo que não gostassem tanto de mim sem Wyn, porque *eu* não gostava tanto de mim sem ele.

Tinha medo que me perguntassem o que tinha corrido mal e que percebessem imediatamente que qualquer resposta que eu conseguisse salvar dos escombros não passaria de uma desculpa.

Que percebessem que eu não era suficiente.

Não sou a médica brilhante que os meus pais queriam que eu fosse, e não sou a pessoa que poderia dar a Wyn a felicidade que ele merece, e não sou a amiga de que Sabrina e Cleo precisavam.

Esforcei-me tanto por ser *boa*, por ser merecedora das pessoas que me rodeiam, e mesmo assim consegui magoá-las a todas.

As cobertas parecem demasiado quentes, o colchão demasiado mole. Sempre que me viro, bato na parede.

Se tivesse aqui uma televisão, podia ver *Crime, Disse Ela*, adormecer banhada pelo brilho azulado do ecrã, ao som da banda sonora animada.

O silêncio deixa demasiado espaço para perguntas, para as memórias se enrolarem em mim, me prenderem.

Não só as memórias da discussão, mas do *lugar infeliz*, daquelas semanas antes e depois de ter perdido Wyn. Memórias de chorar com o rosto numa almofada que cheirava a ele e de acordar de sonhos com ele, o peito repleto de nós. De tentar eliminá-lo do meu sistema num encontro a pares, com Taye, o namorado dela e um amigo.

De voltar para casa, agoniada, e limpar o apartamento. Como se esfregar os azulejos e os salpicos dos armários da cozinha pudesse tornar diferente toda a minha vida. Tornar-me diferente a *mim*.

Lembro-me de estar de pé no meio da cozinha, com o telefone na mão, e desejar ter alguém a quem ligar.

Desejar que, se ligasse para a minha mãe, ela me dissesse: *Vem para casa, eu cuido de ti.*

Que se ligasse a Wyn, a sua voz suave me dissesse que tinha sido apenas um erro, um mal-entendido, que me amaria para sempre, como prometera.

Mesmo que me sentisse capaz de lhes contar a verdade, Sabrina e Parth deviam ter acabado de adormecer, Cleo e Kimmy teriam de acordar daí a poucas horas, e se ligasse a Eloise ela pensaria que tinha morrido alguém, porque *nunca* falávamos ao telefone.

Nessa noite, estive tão perto de ligar a Wyn que bloqueei o número dele.

E quanto mais tempo passava sem lhe ligar, mais impossível me parecia fazê-lo, mais embaraçada me sentia com a verdade.

Passara a vida toda a tentar chegar aqui, e *porquê*? Não era o que eu imaginara.

Não, é pior do que isso. Porque, para ser franca, acho que nunca me dei sequer ao trabalho de imaginar.

Imaginei-me a dar boas notícias a familiares aliviados na sala de espera do hospital, e imaginei a felicidade e orgulho dos meus pais, os seus rostos entre a multidão na cerimónia de formatura, as suas palavras devotadas no postal de Natal. Imaginei uma casa com ar condicionado que funcionava sempre e portas que estavam sempre abertas, e longos jantares em bons restaurantes, e toda a gente a rir, de faces coradas. Imaginei tempo de descanso, presentes atenciosos para os meus pais, as férias de família que nunca tínhamos tirado, pagar a hipoteca da casa deles. Imaginei todo o seu trabalho árduo finalmente recompensado, e todos os seus sacrifícios não só recompensados, mas premiados.

Imaginei-os a pensar que valera a pena. A dizerem-me como me amavam.

Toda a minha vida, sempre que olhara para o futuro, era isso que imaginava. Não uma carreira, mas sim as coisas que essa carreira me daria.

Felicidade, amor, segurança.

E esse sonho fora suficiente durante muito tempo. O que era a escola, senão uma oportunidade de mostrar o nosso valor? De provar, uma e outra vez, que somos bons, de uma forma *mensurável*?

Mais um acordo que fiz com um universo desinteressado: *Se eu for suficientemente boa, serei feliz.*

Serei amada.

Estarei em segurança.

Em vez disso, afastei todos aqueles que amo.

O meu coração tange-me no peito. Tenho de afastar estes sentimentos.

Levanto-me e tiro o lençol da cama, enrolando-o aos ombros. A temperatura cai quando saio para o corredor, e mais ainda à medida que desço as escadas, mas mesmo assim ainda me sinto quente e abafada.

A cozinha está um caos. Largo o lençol e, em roupa interior, arrumo a loiça, ponho os pratos sujos na máquina vazia. Limpo as bancadas. Varro. Digo a mim própria que fará alguma diferença. Que assim amanhã, quando toda a gente descer, os destroços desta noite não parecerão tão maus.

A ansiedade não diminui. Sinto a pele demasiado esticada, quente, com comichão. Enrolo-me de novo no lençol e saio pela porta das traseiras.

O vento não ajuda a aliviar esta sensação febril. Desço até à falésia e, na escuridão, a água parece mais ruidosa, poderosa mas ambivalente. Imagino qual seria a sensação de ser apanhada por ela, de deslizar nas ondas. Imagino ser levada desta vida e abrir os olhos num sítio diferente.

Algo que Sabrina disse intromete-se na fantasia: *Estás a perder o amor da tua vida porque és demasiado indecisa para escolher uma data e um restaurante para o copo d'água.*

Sei que as coisas são mais complicadas do que isso, mas estas palavras insistem em repetir-se, intercaladas com aquilo que Wyn me disse antes.

Convenci-me genuinamente que ele era o tipo de pessoa com quem tu querias estar. E estavas sempre a adiar o casamento. Nunca querias falar sobre isso. Nunca querias falar sobre nada.

Nunca te zangavas. Nunca discutias comigo. Eu sentia que nem sequer davas pela minha falta.

Escondi dele tanto do que estava a sentir, convencida de que o peso das minhas emoções só o afastaria mais, empurrando-o para o outro lado de uma porta que eu não conseguiria abrir.

E mesmo depois de ele me ter dito aquilo, senti-me presa dentro de mim mesma, incapaz de pôr as palavras para fora.

Agora agitam-se nas minhas entranhas, enterrando-se mais e mais fundo, ganhando terreno.

Assim que tomo a decisão, o tempo comprime-se. A subida pela falésia íngreme, atravessar o pátio, subir as escadas, o corredor – tudo isso passa numa neblina, e dou por mim à porta dele.

Bato baixinho. Se calhar já estou a bater há algum tempo, porque a porta abre-se de imediato, como se ele estivesse à espera.

Isso explicaria por que razão está vestido, mas não porque parece tão surpreendido.

Nem a forma como os seus lábios se entreabrem e a testa se franze quando eu deslizo para dentro do quarto, impulsionada pela minha determinação como se fosse um balão de hélio.

E com certeza não explica as malas feitas ao pé da porta.

Ao ver isto, um carvão em brasa escorrega-me pela garganta, atinge as profundezas das minhas entranhas e crepita.

– Vais-te embora?

Os seus olhos cor de aço viram-se por um instante para as malas.

– Achei que seria o mais fácil.

– O mais fácil – murmuro. – Como? Só há três voos a partir deste aeroporto, e nenhum deles a meio da noite.

Ele empurra a porta e fecha-a.

– Não sei – admite.

Por fim, consigo reagir.

– Não.

Ele ergue a sobrancelha.

– Não o quê?

– Ainda não acabámos de discutir – digo.

– Pensei que não *estávamos* a discutir.

Aproximo-me o suficiente para sentir o calor que irradia dele.

– Estamos a meio de uma discussão brutal.

Ele desvia o olhar, e os cantos da sua boca viram-se para baixo.

– Sobre o quê?

– Para começar, sobre o facto de tu teres feito as malas a meio da noite – digo, e chego-me mais a ele. Wyn recua meio passo. A minha voz treme. – E eu não quero que vás.

Ele pousa as mãos nas minhas ancas, segurando-me a alguma distância.

– Nem sequer devia ter vindo – diz. – A culpa disto é toda minha.

– Não é nada – digo.

– É, sim – insiste ele.

Aproximo-me mais. Os nossos peitos tocam-se.

– Pronto – digo.

– *Pronto* o quê?

– Mais uma razão para discutirmos – digo.

De má vontade, ele abre um leve sorriso. Mas não dura muito. Vira o rosto, de sobrolho carregado.

– Lamento muito, Harriet, a sério – diz. – Se eu tivesse ficado longe daqui esta semana, como disse que ficaria...

Pouso as mãos nos ombros dele e os seus olhos procuram os meus, com uma luz fugaz. Empurro-o gentilmente para baixo e ele senta-se na beira da cama, com a cabeça erguida para me estudar à luz do candeeiro da mesa de cabeceira. Abre as pernas quando eu me encosto mais a ele, e as minhas mãos sobem dos seus ombros para o rosto. Fecha os olhos e vira o rosto para a minha mão, beijando-me a palma.

Sobe as mãos para a minha cintura e eu levanto uma perna por cima da dele. Ele abre os olhos escuros e segura-me enquanto levanto a outra perna e me sento ao seu colo.

– Isto é discutir?

Faço que sim com a cabeça e deixo-me cair contra ele. Vejo-o engolir em seco. As suas mãos descem para as minhas coxas, por baixo do lençol que ainda tenho em volta dos ombros, como uma capa.

– Achas que isto é indumentária para uma discussão? – diz.

– Não tenho muita experiência – respondo. – Não sabia que havia um uniforme próprio. Queres que vá mudar de roupa?

O seu olhar percorre-me de cima a baixo, pensativo.

– Trouxeste alguma coisa mais reduzida?

Abano a cabeça.

– A menos que tenhas alguma ideia de como vestir uma escova de dentes.

– Isto serve, então – diz. – E porque é que estamos a discutir?

– Por tudo – respondo.

Ele segura-me na nuca e, com a outra mão, puxa-me mais para cima no colo, até estarmos encaixados um no outro.

– Geralmente é mais fácil começar por uma coisa pequena e deixar que a discussão cresça aos poucos até ser sobre tudo. Pelo menos era assim que os meus pais costumavam fazer.

– Os teus pais não discutiam – digo.

– Toda a gente discute com aqueles que ama, Harriet – diz ele. – O que interessa é como o fazem.

– Há regras? – pergunto.

– Sim.

– Como o uniforme próprio – digo.

– Como não chamar nomes – responde ele.

– E se for «querido»? – pergunto.

As mãos dele sobem e descem pelas minhas coxas, e a textura áspera da sua pele arrepia-me.

– Tenho de confirmar com os senhores advogados Parth e Sabrina, mas acho que «querido» é admissível. Nenhum júri te condenaria. Mas nada mais cruel do que isso.

– Que mais preciso de saber?

– Podemos virar costas – diz ele. – Toda a gente diz que um casal não deve ir para a cama zangado, mas às vezes uma pessoa precisa de tempo para pensar. E se precisares, não há problema, mas tens de me dizer, porque

senão... – Engole em seco. – Porque senão, a outra pessoa pode supor que estás a partir para sempre.

Engulo também, com um nó na garganta, e encosto mais o peito ao dele.

– Que mais?

– Não tem de haver um vencedor e um derrotado. Temos só de dar importância ao que a outra pessoa sente. A outra pessoa tem de ser mais importante do que acharmos que temos razão.

– Isso não parece uma discussão – digo.

– Esta informação veio diretamente da boca do Hank – diz ele.

Não consigo conter um sorriso.

– Nesse caso, é melhor acreditarmos.

– Queres experimentar? – diz ele.

– Começar por uma coisa pequena? – pergunto.

Ele assente com um aceno.

– Pões a loiça na máquina da maneira errada – digo.

Ele sorri.

– Errada?

– Está bem, não é errada – admito. – Mas é uma maneira que eu detesto.

O sorriso dele transforma-se numa risada suave.

– Continua. Não me escondas nada.

– Pões demasiadas coisas no tabuleiro de baixo – digo –, e assim a água não consegue chegar ao de cima. E não passas bem a loiça por água primeiro, e mesmo que o detergente chegue a todo o lado, ficam sempre pedaços de cereais colados nas tigelas.

Ele esforça-se por fazer uma expressão séria.

– Desculpa – diz. – Tens razão. Faço as coisas à pressa e acaba por dar ainda mais trabalho. Que mais?

– Não gosto quando minimizas a tua inteligência.

– Estou a trabalhar nisso – diz ele. – E, na verdade, a medicação ajuda. E o facto de me sentir bem com aquilo que faço também está a ajudar.

O meu tórax encolhe, ou então é o coração que se expande.

– Ótimo. Devias estar orgulhoso de ti próprio, nem que seja apenas metade do que eu estou.

– Essas – diz ele baixinho, com um sorriso –, não são palavras de quem quer discutir.

– Porque agora é a tua vez – digo. – Tu também estás zangado comigo.

– Estou?

– Furioso – confirmo.

Wyn aperta-me contra si.

– Furioso – murmura. – Porquê, mesmo?

As palavras de Sabrina repetem-se na minha mente.

Estás a perder o amor da tua vida porque és demasiado indecisa para escolher uma data.... o Parth viu o que o Wyn escreveu... ficaste à espera que a vida acontecesse em vez de lutares por aquilo que queres.

O meu estômago dá uma volta.

– Talvez por causa do casamento.

– Que casamento? – pergunta ele.

– O nosso.

– Não tivemos nenhum casamento – diz ele.

– E talvez aches que eu não quis saber. Ou que tinha medo de me comprometer contigo, e que era por isso que não conseguia tomar decisões. Talvez aches que eu o estava a adiar intencionalmente.

Com voz embargada, ele murmura:

– E não estavas?

Sinto a cabeça andar à roda agora que tenho a confirmação, que a última peça do *puzzle* encaixa no seu lugar, cinco meses tarde de mais. As lágrimas turvam-me os olhos.

Não houve um só momento em que tudo correu mal, em que eu o desiludi, em que nos perdemos um ao outro. Foram dezenas de momentos, de ambos os lados. Sinais perdidos. Pistas que passaram despercebidas.

E magoa muito, aperceber-me disso. Compreender que fiz com que ele pensasse que eu não o queria.

– Estava a tentar *facilitar* a nossa vida, Wyn – digo, desolada. – Tu estavas tão infeliz. Não queria apressar-te, quando estavas de luto. Não queria *precisar* de ti quando estavas a sofrer tanto, e por isso fingi que estava bem. Tinha medo que, se percebesses que eu também estava de rastos, não me quisesses, por isso afastei-te...

As linhas da sua boca suavizam-se mas os seus dedos apertam mais.

– Harriet – diz, em voz áspera e terna, precisamente a contradição que é Wyn Connor, condensada numa só palavra. – Eu hei de querer-te sempre.

Demoro um segundo a conseguir falar.

– Outra coisa que me deixa zangada... detesto quando firo os teus sentimentos e não me dizes, e sou forçada a tentar adivinhar o que fiz, e como

hei de resolver o assunto. Como hoje.

– Hoje? – pergunta ele.

– Quando voltámos para o carro. Nem sequer olhavas para mim.

– Merda, Harriet – diz ele. – Estava constrangido, só isso. Com tudo o que aconteceu esta semana. Por te ter arrastado para esta situação e afinal não havia uma boa razão para isso.

– Mas quando não me dizes o que se passa, eu faço suposições, Wyn – digo. – E não consigo pensar em mais nada. Convenço-me de que estraguei tudo.

– Isso não é saudável – diz ele.

– Eu sei, mas é verdade – digo.

– Bom, não gosto *nada*. Devias saber que está segura comigo. Não devias passar cada momento a duvidar dos meus sentimentos depois de eu ter passado oito anos a declará-los sem rodeios.

– E *tu* devias ter percebido que eu não queria mais ninguém. – A voz falha-me, dilacerada como o meu coração. – Devias saber que és o único para mim, desde a noite em que nos conhecemos. Eu teria feito tudo para resolver os nossos problemas, mas tu não lutaste por mim. Disseste que lutarias, e eu acreditei em ti, Wyn. E compreendo porque não foste capaz. Mas não te perdoei por me teres partido o coração.

Ele passa os dedos pelo meu cabelo e encosta a boca ao meu pescoço.

– Ainda bem – diz. – Não me perdoes. Fica zangada comigo. Não me sejas indiferente.

– E estou zangada por não teres vindo ter comigo esta noite – digo.

Ele levanta-me o queixo, beija-me do outro lado do pescoço e murmura baixinho:

– Teria acabado por ir ter contigo, mais cedo ou mais tarde.

– Fizeste as malas – recordo-lhe.

Ele ri-se com o rosto no meu pescoço, e as suas mãos voltam para as minhas coxas e chegam-me mais para si.

– Um disparate – diz. – Estava a tentar convencer-me a mim próprio de que seria melhor deixar-te em paz. E o mais triste é que acredito mesmo nisso, Harriet. Mas não ia partir. Preparava-me para ir à tua procura quando tu apareceste. Como é que achas que abri a porta tão depressa? Porque é que achas que já estava duro antes de tu chegares, Harriet?

Um arrepio de prazer sobe-me pelas coxas.

– Podias ter estado a fazer palavras cruzadas – digo.

Ele beija-me a pele macia por baixo da orelha.

– Não consigo deixar-te em paz. Nunca consegui.

– Deixaste-me durante cinco meses – recordo.

– Bloqueaste o meu número – diz ele, com os dedos a apertarem-me por cima do lençol fino. – Caso contrário saberias que não é verdade. Não foi só uma mensagem que não foi enviada, Harriet.

O coração esvoaça-me no peito, como um canário esfuziante ao sentir uma brisa de ar fresco. As mãos calejadas de Wyn viram-me o rosto para o seu e ele beija-me com avidez, profundamente.

As minhas terminações nervosas iluminam-se em círculos concêntricos de dentro para fora. Fogo de artifício celular. Uma roda gigante neurológica. Enfio as mãos no seu cabelo enquanto ele me levanta e nos vira para cima da

cama, com o lençol a cair suavemente sobre nós como neve. Soergue-se apenas o suficiente para eu conseguir despir-lhe a camisola, e depois estende-se de novo sobre mim, as nossas bocas a colidirem, abrindo-me as coxas com o joelho. As suas mãos percorrem-me o corpo. Cravo as unhas nas suas costas quentes.

Wyn beija-me pelo peito, enfia a língua debaixo do tecido, depois os dentes. Solto uma exclamação de alívio e desejo simultâneo. Os nossos corpos arqueiam-se um contra o outro. A mão dele procura o fecho do *soutien* nas minhas costas e, depois de uma breve luta, despe-mo, atirando-o para longe, e finalmente os nossos peitos estão unidos. Ele geme. As palmas das suas mãos acariciam-me os seios com fervor, segurando-os, erguendo-os para a sua boca.

A cama geme quando nos movemos juntos.

Ele apoia o peso num dos cotovelos e a outra mão desliza pelo meu corpo até chegar à roupa interior. Puxa as cuecas para baixo e a sua mão roça-me na anca.

– Tenho tantas saudades de te ouvir – murmura-me ao ouvido. – Todos os barulhinhos que fazes.

Basta dizê-lo para eu emitir mais alguns.

– Devíamos discutir mais vezes – digo.

– Concordo. – Puxa a minha roupa interior para baixo do outro lado. Estico a mão para os botões das calças dele e Wyn baixa a cabeça para a minha com um gemido quando enfio a mão por dentro do cós.

– Encontraste preservativos? – murmuro.

– Antes de jantar. – Tira do bolso uma embalagem de três e atira-os para cima da cama ao nosso lado. – Tenho andado a noite toda com eles no bolso, como um adolescente com esperança de ter sorte no baile de finalistas.

– Se eu soubesse – digo –, podíamos ter saltado a parte da discussão.

Ele agarra na minha coxa e levanta-a contra a parte de fora da sua anca.

– Por favor não te vás embora – diz em voz rouca. – Quando acabarmos, não vás dormir noutro quarto. Fica comigo a noite toda.

– Não me vou embora – prometo, enquanto lhe baixo as calças e lhe beijo a anca.

Ele passa o braço pelas minhas costas e vira-nos de novo até eu estar por cima dele. Levanta as ancas para baixar os *boxers* e depois eu dobro-me sobre ele, agora sem nada a separar-nos. Nada me soube alguma vez tão bem como este simples contacto. Wyn agarra-me nas ancas e puxa-me sobre ele, agora os dois com a respiração arquejante. Puxa os meus pulsos para cima da sua cabeça, esticando-me em cima dele, e desliza os lábios entreabertos e a língua pelo meu peito.

Procuro os preservativos no meio da roupa de cama amarrotada, abro o pacote do primeiro e coloco-o nele. Depois Wyn segura-me nas ancas, com os olhos escuros e intensos, e guia-me de novo para cima dele. Inclina a cabeça para trás com um gemido rouco quando eu me ergo e volto a afundar nele. É tudo tão familiar, tão certo, mas ao fim deste tempo todo é também estranhamente novo. Ele morde o lábio, crava os dedos nas minhas ancas.

Os nossos movimentos são lentos mas urgentes, tão intensos que às vezes me esqueço de respirar, como se não precisasse de mais nada senão isto para a minha sobrevivência. As mãos dele são gentis no meu rosto, os seus lábios macios nos meus, a sua língua a roçar a minha boca de forma quase hesitante,

até eu não aguentar mais tanta gentileza, tanta contenção. Estou farta de ele não me dar tudo, absolutamente tudo de si.

Quando lho digo, ele vira-nos uma vez mais e prende-me os braços acima da cabeça. O suor molha-nos a pele, enquanto nos tornamos loucos, selvagens. Dobro-me debaixo dele, ao encontro do seu ritmo, e tento não perder o controlo, ainda não. Digo o seu nome como se fosse um feitiço.

Ou um *adeus*, um *amo-te*, uma promessa.

Só sei que o meu coração concorda: *tu, tu, tu*.

*

Ficamos deitados, transpirados, Wyn a brincar com um dos meus caracóis, os seus pulmões a erguerem-me e a baixarem-me como um barco na maré.

– Consegues perdoar-lhes? – murmuro.

– Francamente – diz ele –, não consegui ficar muito zangado. Sei que não deviam ter mentido, mas... não sei. Tem valido a pena. Estar aqui. Ver-te.

– Para mim também – murmuro, e aperto-o um pouco mais. Depois, após outro minuto: – E achas que nos perdoarão a *nós*?

– Sim – diz ele.

– Nem sequer pensaste nisso – ralho.

– Não é preciso.

Levanto a cabeça para o fitar nos olhos.

– Como é que tens tanta certeza?

– Mais sabedoria do Hank – diz ele. – Amar é estar constantemente a pedir desculpa e depois fazer melhor.

Sorrio e os meus dedos deslizam sobre o peito dele.

– O teu pai saiu-se bem contigo, Wyn Connor. Estaria muito orgulhoso.

Ele abraça-me.

– Ainda bem que pensas assim.

Minutos depois, estou a dormir, a sonhar com um pinhal iluminado pelo sol, com a madeira quente de uma mesa por baixo de mim, o cheiro a cravo-da-índia por todo o lado. E conheço este lugar, mesmo que não consiga dar-lhe um nome. Sei que é seguro, que é onde devo estar.

33

VIDA REAL

Sábado

Wyn deixou as janelas e as cortinas abertas a noite passada e agora o quarto está frio e luminoso, o sal a entrar com a brisa, que traz consigo o grasnar distante das gaivotas. O meu corpo parece gelado derretido, no melhor sentido possível. Fragmentos da noite passada passam-me pela mente: mãos fechadas sobre lençóis e cabelos e pele, sussurros e súplicas roucos.

E depois tudo o que veio antes.

A discussão. O resto da semana. Tudo com Wyn.

E lembro-me de que hoje é o último dia da nossa viagem.

A lassidão agradável dissipa-se. Agora sinto-me como se tivesse sido atropelada por um autocarro, que depois fez marcha-atrás e me atropelou de novo de outro ângulo. Wyn dorme profundamente, com um braço ainda sobre as minhas costelas e um dos cantos da boca levantados. A imagem causa-me uma pontada no peito.

Normalmente, ele dorme de barriga para cima. Costumávamos adormecer abraçados, de lado, mas não conseguíamos descansar enquanto ele não se virasse de costas. Se estivéssemos encaixados como colheres, ele começava a mexer-se durante o sono e acabávamos por nos perder um no outro, num torvelinho embriagado de luxúria. O que era ótimo, até ser de manhã e termos de nos levantar para ir trabalhar.

Hoje ele conseguiu ficar a noite toda agarrado a mim, mas a noite toda, para nós, não foi mais do que umas duas horas.

Quando deslizo de baixo do seu braço, Wyn nem estremece. Sempre pareceu mais jovem quando dorme. Será alguma característica evolucionária? Que animal seria capaz de atacar alguém que parece tão inocente e tranquilo?

Bom, *eu* seria capaz, mas a atitude mais *simpática* é deixá-lo dormir.

Enfio um par de calças de ganga e uma camisola e saio do quarto pé ante pé, atravessando depois a casa silenciosa. Estou ansiosa por resolver o que aconteceu ontem, mas os outros ainda estão todos a dormir ou escondidos.

Depois de andar de um lado para o outro na cozinha alguns minutos, decido ir à cidade e trazer bebidas do The Warm Cup para todos, uma espécie de oferenda de paz.

Pensei muitas vezes que o mundo guarda os seus dias de tempo melhor para quando achamos que está tudo a correr mal, e o dia de hoje só vem dar-me razão. Está um sol glorioso, com uma brisa refrescante. Quando o sol atingir o zénite, teremos sem dúvida um dia quente em Knott's Harbor. Pelo menos, tanto quanto uma cidade costeira nesta região pode ser, o que é extremamente confortável em comparação com os verãos sufocantes do sul do Indiana ou o calor escaldante de julho em Nova Iorque.

Um dia de verão aqui é precisamente aqueles dias com que sonhamos no pino do inverno.

Ainda assim, depois de dez minutos de caminhada pela estrada sinuosa, passando por arbustos de rododendros e por antigas estalagens com telhados cinzentos a serem repintadas pela centésima vez, arrependo-me de não ter vestido uma camisola de alças por baixo.

À vinda terei de apanhar um táxi, o que é mais fácil de dizer do que de fazer numa localidade tão pequena. Geralmente é Sabrina que trata dos transportes, e não sei com que antecedência o faz.

Se estivesse à vossa espera, esta amizade já teria terminado, dissera ela. Não está completamente errada. A amizade com Sabrina, com todo este grupo, sempre pareceu uma corrente para a qual eu podia lançar-me fisicamente. E é a isso que estou habituada: a deixar-me levar pelos sentimentos e caprichos dos outros.

Nunca me ocorrera que isso podia ser visto como apatia. Que os outros podiam pensar que eu não queria saber. O sentimento de culpa trespassa-me.

O passeio com ervas a crescerem das rachas descreve uma curva e deixa-me em frente do café. Por baixo do toldo desbotado sobre o balcão que dá para a rua, a receber um tabuleiro de bebidas em cartão reciclado, está Cleo.

Ela fica tensa ao ver-me e depois, muito lentamente, levanta a mão.

Faço o mesmo.

Por um momento, nenhuma de nós se mexe. Depois o empregado do bar chama «Doug!» e o único outro cliente que está à espera passa por Cleo para ir recolher o seu pedido.

Ela dirige-se a mim com o tabuleiro, eu avanço também e encontramo-nos junto ao banco pintado de cores alegres em frente do restaurante italiano. Por entre filas de lagostas cómicas, numa letra engraçada, diz: *SÓ PARA CLIENTES!!!*

– Olá – diz ela.

– Olá – respondo.

Ela levanta o tabuleiro.

– Café?

– Mas depois ficas só com três – digo.

Ela sorri, embora sem grande convicção.

– O café com leite e caramelo salgado é para ti.

Olho para o tabuleiro. Três bebidas de tamanho normal e uma gigante.

– Vejo que já não tinham Energia para *Redbull* e *speeds*.

O sorriso dela abre-se mais.

– Não conseguia levar cinco copos. Portanto pedi um café americano gigante para a Sabrina e o Parth dividirem, um café simples para o Wyn e um chá para a Kim.

Sinto um ardor no peito.

– Sabes as nossas bebidas de cor.

Ela ergue um ombro.

– Conheço-vos.

Mais um compasso de silêncio.

– Queres ir dar uma caminhadazinha? – pergunta.

Assinto em silêncio.

– Toma. – Pousa o tabuleiro no banco e tira o meu copo.

– Eu mando-te o dinheiro – digo.

Ela faz uma careta.

– Por favor, não.

Deambulamos em direção à água, a maresia a tornar-se mais intensa com a proximidade.

Passado um instante, digo:

– Nunca aprendi a discutir.

Ela olha para mim de lado.

– Especialmente com as pessoas de quem gosto – digo. – Quer dizer, com ninguém. Mas muito menos com as pessoas que amo. Na verdade, o que sei fazer mesmo bem, é evitar brigas e discussões. Normalmente.

Ela observa-me com uma ruga entre as sobrancelhas.

– Não sei como é que as discussões devem acabar, quando gostamos da pessoa com quem estamos a discutir – continuo. – Na minha família, toda a gente se afastava quando as coisas se complicavam. A Eloise saía intempestivamente, ou os meus pais mandavam-na para o quarto e depois fechavam-se em lados opostos da casa e as coisas nunca ficavam melhores. Pareciam sempre um bocadinho piores de cada vez.

»E acho que pensei... se conseguisse que nunca discutíssemos, toda a gente ficaria. Nunca quis afastar ninguém. Pelo contrário. Há muito tempo que não sou uma companhia divertida, Cleo.

Ela franze mais a testa, com um ar de total estupefação. Pergunto-me se, sem querer, terei dito a frase de trás para a frente.

– O que quero dizer – concluo –, é desculpa. Devia ter-te contado o que se estava a passar entre mim e o Wyn. Devia ter ligado mais vezes.

Passado um instante, ela olha para trás, sobre a água.

– Não fui completamente justa, ontem à noite – diz. – Compreendo porque não nos disseste.

– Compreendes?

Ela olha para mim e confirma com um aceno.

– Sortuda – digo. – Podes explicar-me como se eu tivesse cinco anos?

Desta vez, não a faço sorrir.

– Estavas em negação – diz ela. – E contar-nos faria com que parecesse real. E mesmo que seja real, mesmo que tenha sido essa a tua escolha, sabes que tudo vai mudar, o que é assustador. Porque precisas de nós. Somos a tua família.

Olho para ela.

– Raios.

– Acertei? – pergunta.

Pouso o copo num dos postes à beira de água, unidos por cordas grossas.

– És *vidente*?

Ela solta uma leve risada e olha de novo para a água que embate na margem. As lágrimas cintilam aos cantos dos seus olhos.

– Estou grávida – diz.

Sei que deve haver sons à minha volta – a água, o buzinar grave dos barcos que deixam o porto, os pescadores aos gritos uns com os outros na água, a trocar provocações amistosas enquanto baixam e puxam as armadilhas de lagostas.

Mas é como se alguém tivesse cortado os fios que levam às minhas orelhas.

Quando os sons voltam, oiço-me a soluçar, o que faz com que Cleo desate também a chorar.

Tiro-lhe o tabuleiro das bebidas da mão e pouso-o noutro dos postes. Depois puxo-a para mim num abraço apertado.

– Porque é que *tu* estás a chorar? – pergunta ela, entre fungadelas, com os braços à minha volta – Não és tu que tens de espremer uma abóbora para fora do corpo.

– Eu sei! – exclamo. – Mas estou tão contente.

Cleo ri-se.

– Também eu. E aterrorizada. Quer dizer, foi uma escolha minha. Sabia o que significava... não posso dizer que tropecei e caí dentro de um banco de esperma. Passámos *meses* a escolher o dador certo. Mas... acho que esperava que demorasse mais tempo. Que teria mais tempo para me habituar à ideia de que vou ser mãe.

»Mas não foi o que aconteceu. E... tenho tanto medo de ser uma má mãe.

Afasto-me para a fitar nos olhos, enquanto ela limpa as lágrimas.

– Estás a brincar? – digo. – Vais ser uma mãe perfeita. Vais ser *a tua mãe versão 2.0* e... espera aí! De quanto tempo estás? Há quanto tempo é que sabias que ias fazer isto?

Ela baixa a cabeça.

– Tal como eu disse – murmura –, não foi muito justo da minha parte ficar tão ofendida com o teu segredo.

– Estou a ver.

– E é por isso que tenho andado a fugir à visita da Sabrina e do Parth – continua. – Já temos uma data de merdas de bebé. O pai da Kimmy manda-nos uma coisa nova todos os dias, e não me sentia preparada para explicar por que raio temos quatro alcofinhas diferentes.

– Porque o pai da Kimmy é um acumulador obcecado com bebés? – digo.

– Vai ser um avô fantástico – diz ela em tom melancólico. – Eu ainda nem sequer queria contar-lhe, mas a Kimmy descaiu-se sem querer. Estou só de dois meses. Ainda há tanta coisa que pode correr mal.

Sacudo-a pelos cotovelos.

– E tantas coisas que podem correr bem!

Ela sorri.

– Não sei o que isto significa para nós.

– Significa que vão ser mamãs – digo.

Ela abana a cabeça.

– O que significa para *todos* nós, Harry. A julgar pelas minhas pesquisas no Google, parece que vou estar sempre cansada e dilacerada pela preocupação nos momentos de consciência. Se já agora não sou a «divertida» do grupo...

Pego-lhe nas mãos.

– Cleo! Isso é completamente ridículo. És *tão* divertida.

– A *Kimmy* é divertida – diz ela, cética. – Quer dizer, foi por isso que me apaixonei por ela. Mas às vezes é difícil não sentir que... que toda a gente gosta mais da minha namorada do que de mim. Até as minhas melhores amigas. E que quanto mais eu me virar para dentro, menos espaço haverá para mim.

– Há quanto tempo te sentes assim?

– Não sei – diz ela. – Se calhar desde que deixei de beber.

– Devias ter dito alguma coisa.

– É embaraçoso! – diz ela. – Ter ciúmes da minha própria companheira? Só me confessei à Kimmy há alguns meses.

– Eu *adoro* a Kimmy, e tu sabes disso. Ela tem uma data de qualidades fantásticas e tornou-se uma das minhas melhores amigas. Mas sabes qual é a

minha coisa preferida em relação a ela?

Os cantos da boca de Cleo elevam-se.

– Aquele corpo fabuloso?

– Essa é a segunda. A primeira é como ela te faz feliz. Quando vocês começaram a namorar, pareceu-me que era a última peça que faltava... nisto. Na nossa família. Mas isso não te torna menos essencial. Tu e a Sabrina são as minhas melhores amigas. Sempre. E desculpa se alguma vez te dei motivos para duvidares.

Ela tem os olhos a brilhar e a voz a tremer.

– Mas... e se eu mudar quando tiver o bebé? E se o abismo se abrir mais e mais, até não termos nada em comum?

– Não preciso que fiques na mesma, Cleo – digo. – E não é «ter coisas em comum» que me faz gostar de ti. Somos tão diferentes, Cleo. Todos nós. E eu não mudaria nada em ti. Tal como disse, és uma peça que faltava no meu coração, e a Sabrina também. Se os teus horários tiverem de mudar, ou se começares a cantar canções do dinossauro Barney, ou se te tornares uma daquelas pessoas que falam das diarreias dos filhos nas redes sociais...

– Pões fim ao meu sofrimento? – pede ela baixinho.

– Céus, claro que sim. Tiro-te o telemóvel e atiro-o ao mar. Mas continuarei a amar-te, mesmo assim. És família para mim. Tu e a Sab.

O sorriso de Cleo desvanece-se.

– Também não devia ter sido tão dura com ela.

– Talvez houvesse uma maneira melhor de dizer as coisas – admito –, mas na verdade penso que precisavas de desabafar. E se calhar nós precisávamos de ouvir essas coisas.

– Talvez. – Cleo morde o lábio. – A Sabrina é muito leal, mas quando se sente injustiçada...

– Não estou a dizer-te que *uses* a gravidez como moeda de troca – digo –, mas acho que quando ela souber o que tens passado, vai compreender. E depois vai organizar-te uma festa muito extravagante, com um bolo de bebé fotorrealista e cegonhas vivas a esvoaçar dentro de casa.

Cleo ri-se de novo e encosta a cabeça ao meu ombro.

– Mal posso esperar.

Entrelaça os dedos nos meus e ficamos ali mais um bocadinho, a ver os barcos para lá e para cá, a ouvir os tripulantes a falarem por megafone quando passam uns pelos outros na água.

Tudo está a mudar. Tem de ser. Não podemos parar o tempo.

Tudo o que podemos fazer é virar-nos numa direção e esperar que o vento nos deixe lá chegar.

Mais uma metáfora marítima. Não há dúvidas de que sou o pior pesadelo dos habitantes locais. Mas o ponto central é válido: as coisas mudam.

Duas das minhas melhores amigas vão ter um bebé.

Uma alegria quase dolorosa invade-me.

– Oh, meu Deus.

Cleo ergue a cabeça.

– Hum?

– Só agora é que percebi – digo – que vou ser *tia*.

Ela solta uma risada.

– Harry – diz –, vais ser comadrinha.

34

VIDA REAL

Sábado

– A Sabrina vai ficar aborrecida por eu te ter contado a ti primeiro – diz Cleo.

– Eu finjo que não sei – sugiro.

Ela olha para mim de lado.

– Ou então – digo –, podemos ser francas e conversar sobre o assunto.

Dá-me outro abraço.

– Tens a certeza de que não queres boleia até casa? – Vê as horas no telemóvel. Ligou a Kimmy para a vir buscar há cerca de dois minutos. Ela deve estar mesmo a chegar ao The Warm Cup.

– Encontramo-nos em casa – digo.

Primeiro preciso de encontrar algo para Sabrina. Não terminaremos esta viagem com tatuagens iguais – afinal, parece que a maioria dos tatuadores não tatuam grávidas, a verdadeira razão para a resistência de Cleo à ideia – mas isso não significa que não possamos encontrar *alguma coisa* para nos recordarmos deste lugar.

Depois de Kimmy apanhar Cleo, compro mais um café, desta vez gelado, e vou ver montras. Não faço ideia por onde hei de começar. Imagino que saberei o que comprar quando o vir. Até agora, a melhor opção parece ser *T-shirts* iguais com lagostas, ou *T-shirts* iguais a dizer *MAINÍACO* por cima de uma lagosta com óculos de aviador.

Na esquina, admiro uma montra com candeeiros e paninhos típicos, e a seguir depara-se-me outra repleta de boias coloridas, transformadas em ornamentos de jardim. Faço uma pausa para deixar um *Subaru* sujo de poeira

passar sem parar pelo sinal de Stop no cruzamento, e é então que me apercebo de onde estou.

Easy Lane. O pano de fundo da nossa discussão de ontem à noite. Mais à frente, vejo o estúdio de tatuagens, à esquerda. O meu primeiro impulso é virar costas à cena do crime. Depois reparo no número dourado por cima da porta da loja à minha direita.

125.

Easy Lane, 125.

Demoro um instante a lembrar-me porque me parece tão familiar, e quando me lembro volto para trás e procuro o número da loja de boias. 127. Sentido errado.

Estou à procura do 123.

Espero que outro carro passe e atravesso a estrada.

Easy Lane, 123. O local da minha *surpresa personalizada*.

Na porta, um decalque diz *EARTHEN* e um horário de funcionamento, mas com o brilho forte do sol não consigo ver grande coisa do outro lado do vidro.

Vejo as horas no telemóvel. *09h16m*. Se bem me lembro, o itinerário dizia que a «surpresa personalizada» de Sabrina para mim começava às nove. Hesito por um momento, mas decido enfrentar o que quer que seja e empurro a porta.

Sou recebida por uma rajada de ar quente.

– Harriet? – diz uma voz de mulher.

Pestanejo enquanto espero que passe a dilatação pupilar causada pela mudança súbita de luminosidade.

– Sim, olá!

Viro-me para a voz, sem saber se ela percebeu que eu ainda não consigo ver nada.

– O seu espaço está preparado lá ao fundo – diz ela.

– Obrigada. – Por alguma razão, só me ocorre meio segundo depois que podia ter-lhe dito que não fazia ideia do que estava aqui a fazer. Nem que sítio era este.

A minha visão ajusta-se à claridade enquanto ela me conduz ao fundo da loja, e começo a distinguir as prateleiras de carvalho montadas nas paredes, bem como as loiças em cores pastel que se encontram expostas nelas, à venda. Taças, pratos, chávenas, tudo em cores de rebuçado que se destacam contra as paredes brancas.

A funcionária da loja, uma mulher de franja reta, calças à boca de sino e argolas nas orelhas, que parece ter sido arrancada aos anos 70, conduz-me para uma sala com o dobro do tamanho da primeira.

Paro abruptamente, tão chocada como quando entrei na casa e dei de caras com Wyn.

– Pode escolher a roda que quiser – indica a mulher. – Não temos mais nenhuma reserva até às quatro.

Ainda não consegui pronunciar uma sílaba quando a sineta sobre a porta da loja toca e a semideusa dos anos 70 diz:

– Se precisar de ajuda, diga. – E, com estas palavras, pede licença para ir atender outro cliente.

Fico ali parada, a registar o que me rodeia.

A parede de trás é toda envidraçada, virada para a rua lateral. De uma parede à outra, vejo prateleiras de madeira, como as que vi lá fora, carregadas de tigelas e jarras e canecas. À direita, aventais sujos de barro e tinta colorida, pendurados em cabides, e no centro do chão de cimento polido uma longa mesa de madeira, com rodas de oleiro a intervalos regulares e bancos em frente de cada uma. Na parede esquerda, uma bancada comprida, com um lavatório e uma série de armários e gavetas, e pendurados do teto há vasos de plantas, heras-do-diabo e filodendros, como serpentinas vivas, captando a luz à medida que os vasos giram lentamente para um lado e para o outro.

Um nó forma-se na minha garganta.

Não devo ter falado mais do que três vezes na minha aula de olaria a Sabrina. Tenho a certeza disso porque, de uma maneira geral, acho embaraçoso tocar no assunto.

Receio que as pessoas me levem demasiado a sério e depois fiquem desapontadas quando descobrirem o meu nível medíocre. E, de alguma forma, tenho quase tanto medo de que *não* me levem a sério, de que menosprezem a atividade com um *Bom, toda a gente precisa de um passatempo* desinteressado, quando para mim parece ser muito mais do que isso.

Não é uma carreira – não é algo em que eu seja *boa*. Mas é algo mais. O sítio onde vou quando me sinto presa dentro de mim própria. Quando morro de medo de que todos os meus momentos mais felizes pertençam ao passado. Quando o meu corpo vibra com excesso de alguma coisa, ou dói por falta de algo, e a vida se estende à minha frente como uma ameaça.

Nas nossas poucas conversas telefónicas desde que comecei a frequentar as aulas, Sabrina fez uma ou duas perguntas diretas sobre o assunto e eu dei

respostas sucintas que levaram a conversa noutra direção. Era mais uma parte da minha vida que eu não me sentira preparada para partilhar antes desta semana, e no entanto Sabrina *viu*, *viu-me* mais plenamente do que eu percebera.

Porque o objetivo desta semana *não* era torturar-me a mim e a Wyn, e também não era só preservar o equilíbrio delicado da nossa família. Tudo o que ela fazia, correto ou não, era por amor. Por nos *conhecer*, por *querer* que fôssemos felizes.

Dirijo-me aos cabides e escolho um avental rosa-pálido, que ponho ao pescoço. Depois abro as gavetas do outro lado da sala e começo a recolher o que preciso.

Encho uma tigela de água e coloca-a na mesa, com alguns instrumentos, uma esponja e um pedaço de barro.

Não ter um plano formulado antes de iniciar um projeto raramente me corre bem, mas neste momento não quero saber. Não importa o que vou fazer, apenas que aproveite e aprecie o tempo passado a fazê-lo. Vai saber-me bem meter as mãos no barro molhado, curvada sobre a roda até me doerem as costas.

Sento-me no banco mais perto da janela e faço uma bola com o barro. Depois coloco-o na roda e achato-o com as palmas das mãos.

Assim que molho os dedos para começar a levantar o barro num cone, a calma invade-me. Os meus pensamentos desvanecem-se. Pressiono o pedal, manobrando o monte de barro enquanto ele se centra na roda giratória.

Perco-me no ritmo.

Para cima. Para baixo.

Não terei tempo para o pintar antes de deixar Knott's Harbor, não terei espaço para o levar para casa na minha bagagem depois de cozido. Mas não penso em nenhuma dessas coisas.

Trabalhar o barro faz-me sentir como se estivesse no mar alto, num dia límpido, com todos os meus pensamentos agradavelmente difusos sob a luz, a baloiçar na ondulação constante.

A minha *app* de meditação diz-me muitas vezes para imaginar os meus pensamentos e sentimentos como nuvens, e eu própria como a montanha pela qual elas passam.

Na roda de oleiro, nunca tenho de me esforçar. Torno-me um mero corpo, uma sequência de órgãos e veias e músculos a trabalhar em consonância.

Alivio o pé no pedal, abrindo o barro. Encosto os cotovelos ao corpo e pressiono com os polegares no centro, e conforme o barro roda, uma boca abre-se no topo. Com os polegares, afunilo as paredes por baixo da borda.

O cheiro a terra está por todo o lado. Sinto o suor arder-me na nuca. Estou vagamente consciente da dor na parte de cima das costas, mas é apenas uma observação, um facto que não requer ação. Não há necessidade de resolver o problema, de mudar seja o que for.

É apenas mais uma nuvem a passar.

A forma vaga de uma taça surge entre as minhas mãos. Tiro a esponja amarela da mesa e pressiono-a ao de leve contra a beira da taça, alisando os anéis. O suor brota agora na minha testa. A dor na espinha espalha-se aos ombros.

Seguro na borda grossa da taça e puxo-a para cima, esticando o barro, incentivando-o a subir mais e mais. Quando está tão alto quanto possível,

sem desabar, desço de novo as mãos para a base.

Esta é a minha parte preferida: quando trabalhei o barro até obter um cilindro estável, quando o mais ligeiro toque pode modificá-lo e dar-lhe forma. Adoro a facilidade com que tudo pode desfazer-se, e o êxtase de encontrar uma posição em que sei que isso não acontecerá, sem compreender a física por detrás, o *porquê*. O barro torna-se uma extensão de mim, como se eu e ele trabalhássemos juntos.

Faz-me lembrar algo que Hank me disse, há muito tempo, sobre crescer num rancho e treinar cavalos novos.

Ao que parece, ele tinha jeito para isso, e atribuía esse talento à sua paciência. Conseguia esperar que qualquer má disposição passasse. A fúria do animal não o deixava a *ele* furioso. *Ajuda-nos a compreendê-los melhor*, disse-me. *Não queremos que essa fúria se transforme em medo. Queremos transformá-la em confiança.*

E embora houvesse muitas coisas que ele detestava no trabalho do rancho, adorava essa sensação de chegar a acordo com outra criatura viva, de compreenderem as necessidades um do outro, dando espaço quando era tempo para isso, e aproximando-se quando tal era necessário.

O Wynnie também teria sido bom nisso, disse-me ele. *Ele sempre soube ouvir.*

Ao princípio, penso que o ardor é o suor a escorrer-me para os olhos. Só quando sinto o rasto quente a descer-me pelas faces é que percebo que estou a chorar.

Um choro diferente das várias espécies de choro que já chorei esta semana.

Não são soluços. Não é um pranto convulsivo. É apenas um lento e silencioso transbordar de sentimento.

Fungo com uma risada trémula, mas deixo as mãos onde estão, moldando esta coisa bela e delicada sem outro propósito que não a minha própria felicidade.

Quando levanto os olhos e o vejo ali, à porta, o meu estômago dá uma volta e o meu coração diz *tu*.

Como se o tivesse chamado com o seu batimento.

Levanto-me do banco, com as mãos sujas de barro molhado.

– O que estás a fazer aqui?

O lado direito da boca dele eleva-se.

– Vim recriar aquela cena do filme *Ghost.*

Perante a minha confusão aparente, diz:

– Acordei e não estavas lá.

Limpo as mãos ao avental.

– Vim buscar café, mas depois lembrei-me das surpresas que a Sabrina tinha planeado. Pareceu-me uma pena desperdiçá-las.

– Foi o que imaginei – diz Wyn. – Também fui fazer a minha.

Olho para o relógio por cima da porta. Estou aqui há mais tempo do que pensava. Duas horas com a mesma jarra.

– Como é que me encontraste?

Ele inclina a cabeça.

– Não é fácil esquecer uma morada como *Easy Lane, 123*.

– Por causa da oportunidade perdida – digo.

O sorriso dele abre-se lentamente.

– Devia ter sido Easy Street.

– Esta gente do Maine – digo –, fazem tudo para as suas cidades não serem *demasiado* adoráveis.

Ele aproxima-se mais e espreita para a roda.

– O que estás a fazer?

– Se queres que seja franca – digo –, nem tenho estado a prestar atenção.

– Parece uma jarra.

– És capaz de precisar de óculos – brinco.

Ele levanta a cabeça.

– É difícil?

– Acho que a parte difícil – digo – é que precisamos de fazer menos do que pensamos. E se pensarmos demasiado e fizermos um grande esforço consciente para a controlar, estragamos tudo. Pelo menos na minha experiência.

Ele sorri.

– Como a vida.

– Queres experimentar? – pergunto.

Ele recua, quase assustado.

– Não quero estragá-la – diz.

– Porque não?

– Porque está tão bonita – diz Wyn. – Tiveste tanto trabalho.

Solto uma risada-ronco e vou buscar um avental para ele, amarelo-claro.

– É barro molhado – digo, estendendo-lhe o avental. – Não é frágil.

– *Parece* frágil.

– Quer dizer, podes deitá-la abaixo ou esmagá-la, mas nada se vai partir. E de qualquer modo não tenho tempo para a terminar, por isso desde que voltemos a arrumar o barro quando acabarmos, está tudo bem.

– Isso não é triste? – As suas sobrancelhas unem-se no centro. – Trabalhar numa coisa que não conseguirás acabar?

– Diverti-me.

O sorriso de Wyn abre-se mais.

– Então ela acertou.

– É verdade – concordo. – Qual era a tua surpresa?

– Andar de caiaque.

Rio-me.

– Adoro que a tua fosse exercício e a minha estar sentada, muito quieta, a brincar com lama.

– Vê lá se adivinhas qual era a surpresa da Cleo e da Kimmy – diz ele.

– Elas foram? – pergunto. Será que Cleo já teve oportunidade de falar com Sabrina?

Ele faz que sim com a cabeça.

– A da Cleo – digo, depois de pensar um pouco –, era ir a um museu agrícola, e a Kimmy uma feira de velharias alucinogénica.

– Quase. Foi uma massagem para casais. – Ao ver a minha expressão, acrescenta: – Pareces surpreendida.

– E estou surpreendida – admito.

– Porquê?

– Bom, agora que sei que massagens para casais eram uma possibilidade, estou surpreendida que ela não nos tenha oferecido uma também.

– Eu não – diz ele. – Tu detestas que desconhecidos te toquem.

O meu coração tange. Outro pequeno lembrete de como estas pessoas me conhecem bem, contra todas as probabilidades, conhecem todas as partes de mim que eu me habituei a ver como difíceis ou desagradáveis, as partes que nunca partilho voluntariamente mas que me foram escapando aqui e ali ao longo dos anos.

Engulo a emoção crescente e inclino a cabeça para o banco.

– Senta-te.

Wyn põe o avental e empoleira-se no banco, com a consternação estampada no rosto.

– Relaxa. – Sacudo-lhe os ombros e puxo o banco do lado para junto do dele. – É como conduzir. Humedece as mãos.

– Oh, eu nunca conduzo com as mãos húmidas – diz ele.

– Aí tens o teu primeiro erro – digo. – É ilegal conduzir com as mãos secas.

– Acho que as leis são diferentes no Montana – diz ele.

– Não sejas ridículo – respondo. – Não há leis nenhumas no Montana. Qualquer pessoa com um chapéu grande o bastante pode reivindicar aquilo que quiser e passa a ser seu.

– É verdade – admite Wyn. – Uma vez arranjei uma cadeia de supermercados Walmart assim.

– Até aparecer um tipo com um chapéu maior – digo. – Não vou *obrigar-te* a fazer isto, Wyn. Pensei que querias.

– E quero – diz ele. – Estou a adiar porque tenho medo de estragar tudo.

– Já te disse que não podes estragar nada. É por isso que é uma boa atividade. Agora molha as mãos. – Inclino-me para a frente e puxo a tigela de água. Com uma ligeira careta, ele molha as mãos. – Muito bem – digo. – Agora, com a mão esquerda, faz uma ligeira pressão no lado da jarra. A mão direita é mais para a equilibrar, para a manter em pé.

Ele encosta as palmas das mãos aos lados da peça.

– E agora?

– Pisa o pedal, devagar.

Ele assim faz e, como estamos a falar de Wyn, fá-lo na perfeição. Mas assim que atinge a velocidade máxima pisa-o com demasiada força e tenho de intervir e segurar a sua mão direita, estabilizando-a antes que a potencial jarra caia.

– Bem te disse que ia estragar tudo.

– Que dramático – brinco, roçando com o nariz no pescoço dele. – Não estragaste nada. Estamos só a modificar a forma.

Inclino-me mais e pouso a outra mão nas costas da sua mão esquerda, mostrando-lhe a pressão certa, e a jarra começa a afunilar e a subir.

– Agora estamos mesmo a fazer a cena do filme *Ghost* – diz ele.

– Não é bem igual – digo –, mas acho que os meus braços não são compridos o suficiente para eu me sentar atrás de ti e fazer isto.

– Pois não – concorda ele. – Mas podes sentar-te no meu colo.

– Desculpa – digo. – Quem manda aqui sou eu. Toda a gente sabe que quem se senta ao colo é o aprendiz.

– Então queres que eu me sente no teu colo – diz ele.

– Não quero morrer hoje – respondo.

– Ainda bem. – Os olhos dele viram-se de novo para o barro. Contra todas as probabilidades estamos a conseguir impedir que a peça tombe ou desabe sobre si própria. Alarga, depois afunila e volta a abrir, meio torta, mas em pé.

Dou por mim a olhar fixamente para ele, sem qualquer intenção de responder.

Quando Wyn levanta o rosto, o meu coração dá um salto.

Ele sorri.

– O que é?

– Tenho de te dizer uma coisa – murmuro.

Wyn levanta o pé do pedal e o seu sorriso desvanece-se.

– Está bem.

Tento preparar-me. Sinto-me como gelatina. Gostava que estivéssemos às escuras, em lados opostos do quarto dos miúdos, a falar em murmúrios. É muito mais difícil dizer as coisas à luz do dia.

Fecho os olhos para não ter de ver a reação dele, para não ter de ver se o mundo se abre subitamente quando pronuncio as palavras:

– Acho que odeio o meu trabalho.

Espero.

Nada.

Não oiço nenhum ribombar ensurdecedor quando o planeta se fende em dois. Os meus pais e colegas de trabalho não irrompem pela porta de forquilhas em punho. O meu telefone não toca, com os telefonemas de todos os professores, explicadores e treinadores que alguma vez me escreveram uma carta de recomendação, ou me deram um trabalho de investigação, ou me enviaram um *e-mail* a dar-me os parabéns.

Mas todas essas coisas eram, a bem da verdade, possibilidades remotas.

A única coisa que importa, agora, a única coisa de que tenho medo, é a reação de Wyn.

Todas as sensações que costumam anteceder um ataque de pânico borbulham em mim: um calor ardente, garganta apertada, o estômago às voltas.

– Harriet – diz ele baixinho. – Olha para mim.

Respiro fundo e abro os olhos.

Ele tem a testa franzida, os olhos e a boca suaves. *Areia movediça*.

– Aconteceu alguma coisa no hospital? – pergunta.

O meu estômago afunda-se mais. Quem me dera que fosse assim tão simples, um momento concreto em que tudo correu mal. Abano a cabeça.

As mãos sujas de barro de Wyn pegam-me cuidadosamente nos pulsos.

– Então o que é?

– É difícil explicar.

– Mas podes tentar? – pede-me.

Engulo em seco.

– Não devia estar a pensar em mim. Devia estar a ajudar os outros.

– Mas tens de pensar em ti – diz Wyn.

Como resumir? Não há apenas uma coisa que eu mudaria. É que, por alguma razão, passo noventa por cento do meu tempo miseravelmente infeliz, e quanto mais tento enterrar essa infelicidade, mais ela cresce, incha, pressiona os meus limites.

É que, quando não estou aqui, sinto-me como se fosse um fantasma. Como se a minha pele não fosse suficientemente sólida para receber a luz do sol, e o meu cabelo não estivesse lá para dançar sob a brisa.

– Não sou boa no que faço, Wyn – digo, com voz embargada.

Ele sacode-me as mãos.

– És brilhante.

– Mas... e se não *for*? – digo. – E se dei a isto tudo o que tinha, todo o meu tempo e energia, e dinheiro, *céus*, o dinheiro. Centenas de milhares de dólares em empréstimos, alguns dos quais os meus pais tiveram de ser fiadores porque não tenho capacidade de crédito e... e construí uma vida em que tudo o que faço é esperar. Esperar que a cirurgia acabe. Esperar pelo fim do dia. Esperar para estar *aqui*, onde sinto...

Os lábios de Wyn entreabrem-se e o seu olhar é compadecido e doce.

– Onde me sinto eu própria. Onde sinto que estou no lugar certo.

A bifurcação certa do multiverso, penso. *Onde tu ainda estás tão perto que consigo tocar-te, saborear-te, cheirar-te.*

– Adorei a escola – digo. – Mas detesto estar em hospitais. Odeio o cheiro de antissético. A iluminação faz-me dores de cabeça e doem-me os ombros porque não consigo relaxar, porque é tudo tão... tão *duro*. E todos os dias, quando chego a casa, nem sequer me sinto aliviada porque sei que tenho de

regressar. E... e estou sempre à espera de que alguma coisa mude, de que algo *encaixe*, e de me sentir como sempre achei que me sentiria, mas nada. Vou ficando melhor naquilo que faço, mas aquilo que *sinto* sobre o que faço não muda.

As mãos de Wyn ficam rígidas. Baixa os olhos e diz, com voz rouca:

– Porque é que não me disseste? – pergunta.

– Estou a dizer-te.

– Não – responde ele com aspereza. – Quando eu estava lá. Quando precisavas de mim, e eu não conseguia chegar até ti por mais que me esforçasse. Porque é que não me deixaste entrar?

– Porque tinha *vergonha* – digo. – Tu seguiste-me de um lado ao outro do país, e estava tudo a ser tão difícil, para ti, e para nós. Não queria piorar ainda mais as coisas. Queria ser quem tu... quem *toda a gente* pensa que sou, mas não consigo. Não é isso que sou. Nunca quis desiludir-te.

Ele fita-me durante três segundos e solta uma risada frustrada.

– Não estou a brincar, Wyn.

Ele chega o banco para a frente e os meus joelhos encaixam entre os dele, os meus pulsos ainda nas suas mãos sujas de barro, os seus polegares a acariciarem-me a pele, agora com um ligeiro tremor.

– Não estou a rir de ti. É só porque sinto-me tão estúpido.

– Tu? *Eu* é que dediquei os últimos dez anos da minha vida e muito dinheiro imaginário a uma coisa que odeio.

– Eu... – Baixa rapidamente os olhos para as nossas mãos. – Estavas a sofrer e eu nem sequer dei por isso, Harriet. Ou dei, mas pensei que era por minha causa. Fiz merda, e perdi-te por causa disso.

Abano a cabeça com veemência.

– Tinhas coisas mais importantes com que te preocupar.

– Nada é mais importante do que tu – diz ele, rouco. – Pelo menos para mim. Nunca.

O sangue sobe-me às faces, à garganta, ao peito. Custa-me engolir.

– Talvez seja por isso que me custou tanto. Construíste a tua vida em torno dos meus planos. Deixaste amigos, perdeste tempo com a tua família... com o *Hank*... e agora eu não estou a conseguir... nada. Fizeste isso tudo por mim e nem sequer sou a pessoa que pensavas que era.

– Harriet. – A ternura na sua voz, nas suas mãos, rebenta com as suturas mal feitas no meu coração. – Sei exatamente quem tu és.

Ergo o rosto, com o coração apertado, e digo, num fio de voz:

– A sério? Porque eu não sei.

– Sabia quem tu eras antes mesmo de nos conhecermos – diz ele. – Porque tudo o que os nossos amigos me disseram era verdade.

– O que queres dizer é que já tinhas visto um quadro de mim nua – digo.

Ele sorri e as suas mãos tocam-me no rosto, sem que nenhum de nós se preocupe com o barro.

– O que quero dizer é que tens o riso mais esquisito de todas as pessoas que já conheci, Harriet – diz ele suavemente. – E de cada vez que o oiço, é como beber um *shot* de tequila. Como se pudesse embriagar-me com o teu som. Ou ter uma ressaca quando estou tempo de mais longe de ti.

»Vês o melhor em toda a gente, e fazes com que as pessoas que amas sintam que até os seus defeitos merecem ser apreciados. Adoras aprender. Adoras partilhar aquilo que aprendes. Tentas ser justa, ver as coisas do ponto

de vista da outra pessoa, e às vezes isso torna difícil que as vejas do teu, mas não quer dizer que não o tenhas. E mesmo quando estás zangada comigo, quero estar perto de ti. Nada disto... nenhuma das minhas coisas preferidas em relação a ti... nada do que te torna a pessoa que és, tem a ver com o trabalho. Não é por isso que te amo. Não é por isso que ninguém te ama.

– Talvez não – balbucio –, mas é por isso que se orgulham de mim. É a parte de mim que os deixa mais felizes.

Ele estuda-me o rosto.

– Os teus pais?

Baixo os olhos.

– Anda cá – diz Wyn.

– Porquê? – pergunto.

– Porque eu quero – diz ele.

– Que é feito das tuas boas maneiras do Montana?

– Anda cá, *se faz favor*.

Deixo-o puxar-me para o seu colo, com um dos braços à volta da minha cintura, a outra mão pousada no meu joelho, a deixar uma mancha de barro nas minhas calças de ganga.

– Os teus pais amam-te – diz ele. – E tudo o que fazem... e te incentivam a fazer... é porque querem que sejas feliz. Mas isso não significa que estejam automaticamente certos quanto ao que é melhor para ti. Principalmente se nunca lhes disseste como te sentes.

– Sinto-me tão egoísta só por estar a falar nisto – admito. – Como se tudo o que eles fizeram por mim não tivesse importância nenhuma.

– Não é egoísmo querer ser feliz, Harriet.

– Quando podia antes ser cirurgiã? – digo. – Sim, Wyn, acho que é egoísmo.

– *Merda* para isso – diz ele. – Uma oleira feliz é melhor para o mundo do que uma cirurgiã infeliz.

Um rubor espalha-se pelas minhas faces.

– Não sou oleira, Wyn. Não ganho dinheiro nenhum com isto.

– Talvez não. E não tens de ser, se não é isso que queres – diz ele. – Mas a questão é mesmo essa. O teu trabalho não tem de ser a tua identidade. Pode ser apenas um sítio onde vais, que não te define nem te torna miserável. Mereces ser feliz, Harriet. – Afasta uma madeixa de cabelo da curva do meu maxilar. – Tudo é melhor quando és feliz.

– Para mim – digo.

– E para mim – afirma ele, convicto. – Para a Cleo, e a Sabrina, e o Parth e a Kimmy, e para os teus pais. Para todas as pessoas que gostam de ti. O mundo precisará sempre de cirurgiões, mas também precisa de tigelas. Esquece aquilo que achas que os outros querem. O que é que *tu* queres?

Tento rir. Tenho o nariz a arder tanto que não consigo soltar uma das minhas gargalhadas-ronco.

– Não podes tu dizer-me o que hei de fazer?

Ele fecha os braços à minha volta. Aninho-me contra o seu peito, inspiro o cheiro dele e sinto o meu corpo acalmar-se.

– E se... – Encho-me de coragem, reunindo todos os restinhos que ainda possuo e que, a bem da verdade, não são muitos. Endireito-me um pouco para

o olhar nos olhos e a minha voz desvanece até ser um murmúrio. – E se eu fosse para o Montana?

Wyn baixa os olhos, as pestanas a fazerem sombra nas faces.

– Harriet – diz, com a voz tão embargada, como se lhe doesse dizer o meu nome, e o meu próprio coração adeja com uma pontada de dor. Porque conheço-o.

Sei como é um pedido de desculpas na voz de Wyn Connor.

Ele levanta a cabeça e o verde dos seus olhos é como musgo, húmido e quente. O peso no meu peito ameaça fraturar-me as costelas, perfurar-me o coração. Os meus olhos enchem-se de lágrimas mas, não sei como, encontro ainda forças para sussurrar:

– Porque não?

– Porque não podes continuar a fazer o que os outros querem – diz ele, em voz rouca. – Não podes ir atrás de mim, como eu fui atrás de ti. Não será suficiente.

– Mas eu amo-te – digo, emocionada.

– Eu também te amo – responde ele no mesmo tom, com as mãos a moverem-se incessantemente sobre mim. – Amo-te tanto. – Beija um sítio molhado das lágrimas no meu rosto e depois encosta a testa à minha. – Mas não podes ir atrás de mim. Eu fiz isso e só nos afastou, Harriet. Não posso permitir que construas a tua vida em torno de mim. Isso ia destruir-nos de novo e não *aguento*. Tens de perceber o que queres mesmo.

Sinto-me como se tivesse o coração num instrumento de tortura medieval, a ser esticado e desfeito pedacinho a pedacinho.

– E se tudo aquilo que eu quero mesmo fores tu?

– Agora – murmura ele. – E depois? Quando acordares um dia e perceberes que eu te deixei desistir de tudo por mim? Não posso permitir que faças isso.

Aqueles meses em que o vi afogar-se, debater-se numa vida em que não se integrava, vêm-me de novo à memória. Ele construíra a sua vida à minha volta e isso quase nos destruíra. Privara o nosso amor de oxigénio, até se tornar irreconhecível.

Fecho os braços à volta do pescoço dele e inspiro, um último trago de Wyn para me durar os próximos anos.

– Não quero continuar a sentir-me assim.

– Torna-se mais fácil – assegura-me ele, com voz embargada, enquanto me prende o cabelo atrás da orelha. – Um dia, mal te lembrarás disto.

O pensamento é dilacerante. Não é o que eu quero. Quero um universo qualquer menos esse. Todos os outros, onde somos eu e ele, espalhados ao longo do espaço e do tempo, a encontrar-nos sempre um ao outro, a única constante, a única coisa essencial.

Não suporto deixá-lo partir ainda. Mas é como ele disse.

Estamos a ficar sem tempo.

– Devíamos voltar – murmuro.

Wyn olha para a jarra e pergunta, abatido:

– Não devíamos destruí-la?

Abano a cabeça.

– Talvez possam enviá-la, depois de cozida.

– Queres mesmo ficar com ela? – pergunta.

Inspeciono-a, essa peça gloriosa, ondulada e torta, com o peito tão apertado que mal consigo respirar fundo, o meu coração mal consegue bater.

– Desesperadamente.

35

VIDA REAL

Sábado

Assim que entramos em casa, percebo que há algo errado. Está tudo demasiado parado e silencioso. Wyn e eu dirigimo-nos para a cozinha sem ver nem ouvir ninguém.

– Onde achas que estão? – pergunta Wyn, olhando para o relógio por cima do fogão. – Já cá deviam estar.

– Vou ver se a Cleo e a Kimmy estão na casa de hóspedes – digo. – Queres ir ver se a Sabrina e o Parth estão lá em cima?

Wyn acena afirmativamente e eu saio para o pátio e dirijo-me ao portão lateral.

Não há sinais de vida na casa de hóspedes, mas bato à porta, ainda assim. *Onde é que estão todos?* envio no nosso grupo de mensagens, enquanto regresso ao pátio. Por impulso, espreito para a praia do alto das escadas que descem até à água.

Parth está sentado nas rochas, com o sol a incidir no cabelo escuro e o vento a fazer esvoaçar o casaco. Chamo-o e começo a descer. Ele olha para trás por cima do ombro e depois continua a olhar para a água.

– Onde está a Sabrina? – pergunto.

Um encolher de ombros em resposta, que me causa um frio no estômago. Sento-me na rocha ao lado dele e estico as pernas sujas de barro para a água.

– Sei que não serve de muito – começo –, mas eu e o Wyn lamentamos muito não vos ter dito nada.

Ele levanta a cabeça.

– Deviam ter dito. Mas eu também devia ter ido logo falar contigo quando vi a mensagem no telemóvel do Wyn.

Sigo o olhar dele até um barquinho branco que desliza na direção de uma das ilhotas verdejantes ao largo da costa.

– Espero que consigas acabar por nos perdoar.

Ele lança-me um olhar de relance.

– Perdoar? Harriet, já estão mais que perdoados. És como uma irmã para mim, sabes? Perdoar-te-ei sempre. Somos família.

Sinto uma pontada no coração.

– Pensei que ser família significava apenas tempo ilimitado para guardar rancores.

Parth solta uma risada trocista e passa o braço sobre os meus ombros.

– Para algumas pessoas, talvez. Mas não para nós.

– Se não estás aqui a matutar em como te desiludimos – digo –, porquê esta contemplação melancólica do oceano?

O sorriso dele desaparece rapidamente.

– A Sabrina e eu discutimos. Ela saiu.

– Oh, meu Deus, Parth, lamento muito. A culpa é minha – digo. – Eu ligo-lhe e...

Ele baixa o braço e vira-se para mim.

– Não é – diz. – Na verdade, desde que ficámos noivos que parte de mim estava à espera que ela arranjasse maneira de voltar atrás. Quer dizer, só aceitou casar porque sentiu o seu mundo a desmoronar-se. Por mais que ela dissesse o contrário, eu sabia que ela queria uma âncora. E parte de mim

esteve sempre à espera que ela fugisse. Ontem à noite, discutimos e ela desceu para esfriar a cabeça e hoje quando acordei já cá não estava. Não atendeu o telefone a manhã toda.

– Está assustada, Parth – digo.

Ele solta uma fungadela desdenhosa.

– Estamos a falar da Sabrina. Ela não tem medo de nada.

Reflito por um momento na melhor maneira de explicar.

– Sabes aquilo que acabaste de me dizer? Que somos família?

Ele faz que sim com a cabeça.

– Bom, para ti, para a Cleo, para o Wyn e para a Kimmy, isso significa uma coisa – digo. – Para a Sabrina e para mim, é diferente. Nas nossas famílias, não ultrapassávamos as discussões. O pai dela preferia pedir o divórcio a pedir desculpa, e na minha casa as discussões acabavam sempre com alguém a virar costas. As coisas nunca se resolviam; iam-se transformando em calos.

– O que queres dizer? – pergunta Parth.

– A Sabrina não fugiu por não querer estar contigo – digo. – Fugiu porque tem medo que, no fundo, ela não mereça que vás atrás dela.

Os olhos de Parth fixam-se nos meus e uma expressão de compreensão relaxa-lhe o rosto.

– Merda. – Levanta-se, atrapalhado. – Temos de a encontrar.

– E encontraremos – prometo.

*

Cleo e Kimmy acabaram de chegar da sua massagem quando regressamos à casa. Também não sabem nada de Sabrina, e depois de todos tentarmos ligar-lhe e mandar-lhe mensagens, em vão, somos obrigados a aceitar que teremos de ir à procura dela.

– No programa dela, vocês passavam a manhã juntos – lembra Cleo. – Quais eram os planos?

– Não sei – diz Parth. – Ela é que organizou tudo e não me revelou pormenores.

– Não havia uma morada no itinerário? – pergunta Wyn.

Parth olha para ele.

– Oh, claro que havia uma *morada*, mas não vejo em que é que isso pode ajudar? – diz, com sarcasmo. – Não, claro que não! Tanto quanto sei, ela até pode ter saído a meio da noite. Pode estar numa cama de hospital neste preciso momento!

– Vamos encontrá-la – assevera Wyn. – Não penses já no pior.

– A culpa é minha – diz Parth. – Estava aborrecido com o que aconteceu ontem à noite e pus as culpas nela. Como se eu não tivesse concordado com tudo. E concordei, mas depois quando correu mal fingi que não tinha nada a ver com o assunto, e agora ela *desapareceu*.

Cleo fita a distância com ar pensativo.

– Temos de ser lógicos.

– Vais detestar esta ideia – diz Wyn a Parth –, mas que tal se ligássemos à família dela?

– Nem pensar que ela foi ter com a família – garante Parth. – Praticamente nunca lhes conta nada. Quer dizer, a minha família já está a planear um

casamento em grande, e a dela ainda nem sequer sabe que estamos noivos.

– Então vamos dividir-nos e procurar pela cidade – sugere Cleo.

– Está descansado, vamos encontrá-la – promete Kimmy, esfregando o ombro de Parth.

– Devíamos separar-nos – sugiro.

Wyn e Parth levam o *Land Rover*. Cleo e eu vamos na carrinha dela. Kimmy fica, para o caso de Sabrina voltar para casa.

A maior parte dos locais que frequentamos quando aqui estamos fica no centro da cidade, mas há também parques e bancos de jardim que vale a pena verificar, e algumas localidades próximas que visitamos de longe a longe.

Mas quando chegamos ao Bernie's – que está a rebentar pelas costuras, graças ao dia de sol e ao facto de ser o fim de semana do Festival da Lagosta – apercebo-me de que parte de mim estava à espera de a encontrar aqui, a beber café e a ver as gaivotas lutarem pelas batatas fritas no pátio.

– Devíamos perguntar ao empregado – diz Cleo –, para o caso de a terem visto.

Mas não viram. No entanto, a bem da verdade, as ruas estão tão cheias de turistas de caras pintadas e gelados em punho que, para variar, é bem possível que Sabrina consiga passar despercebida numa multidão.

Vamos ao Cinema Roxy e perguntamos ao funcionário da bilheteira (que, hoje, tem um chapéu de copa lisa e abas) se a viu, e quando ele se recusa a responder com outra coisa além de um encolher de ombros, compramos um bilhete cada uma e entramos para a procurar nas duas salas de cinema. Sem sucesso.

Procuramos na livraria Crime, Leu Ela, e no molhe, e no Lobster Hut, e nas casas de banho grafitadas do Lobster Hut. Até passamos pelo estúdio de tatuagens, na remota possibilidade de ela ter decidido fazer sozinha uma tatuagem de *wicked pissah,* só para ser rebelde. Mas não a encontramos em lado nenhum, e a próxima vez que tentamos ligar-lhe a chamada cai diretamente no gravador.

– Deve ter ficado sem bateria – diz Cleo.

– Nem parece coisa dela – digo.

– Achas que mentiu quando disse que os hotéis estavam todos esgotados? – pergunta Cleo. – Terá arranjado um quarto em algum lado?

Faço uma busca no telemóvel por quartos disponíveis na área. Não há nenhum hotel, motel, estalagem ou *hostel* com espaço nas imediações.

Recebemos uma mensagem no grupo e damos ambas um salto.

É apenas Wyn, cujo número eu voltara a desbloquear. *Alguma coisa?*, pergunta ele.

Nada. Vocês?

O Parth está mesmo preocupado, responde Wyn. *Vai ligar para os hospitais. Só para ficarmos descansados.*

Sinto um frio no estômago.

Vai dando notícias.

Vocês também, diz ele.

Cleo franze o nariz enquanto examina a nossa lista.

– Já fomos a todos os sítios habituais. Ela não... não achas que seria insensata o suficiente para pegar no barco sozinha, pois não?

O sangue abandona-me o rosto.

– A Sabrina é uma marinheira bastante segura de si – digo. – E acho que velejar é uma espécie de lugar feliz para ela. Lembra-lhe a mãe, e quando...

– Harry? – diz Cleo quando eu me interrompo. – O que foi?

– A mãe dela – digo.

– O que tem?

– Talvez não seja nada – digo. – Mas lembrei-me de mais um sítio para irmos ver.

*

– *Trava o carro!* – grito, com tamanha convicção que Cleo obedece instantaneamente e para mesmo no meio da estrada.

Embora «estrada» seja um nome demasiado generoso para o caminho ladeado de árvores para onde o GPS nos mandou. Presumo que existe um parque de estacionamento algures, mais à frente, mas estacionar já não é uma preocupação porque, primeiro, a pequena capela ao ar livre já se vê entre as árvores à nossa direita e, segundo, está um *Jaguar* vermelho-cereja estacionado na berma de terra batida.

Cleo arranca de novo e encosta a carrinha. Primeiro espreitamos para dentro do carro – vazio – e depois passamos por cima do murinho de pedra para subir a colina até à capela.

O bosque verde húmido dá lugar a um jardim bem cuidado. No centro, um pavilhão de pedra cinzenta, com trepadeiras de hera do lado esquerdo. As borboletas esvoaçam em espirais entontecedoras por entre os arbustos floridos encostados aos degraus, e o único som que se ouve são as ondas a rebentar à distância.

Não admira que o casamento dos pais de Sabrina tenha deixado nela uma impressão tão forte. Este lugar é maravilhoso. Parece que nada pode correr mal aqui, que não pode acontecer nada de mau.

Quando faço menção de avançar, Cleo fica para trás. Abre e fecha a boca algumas vezes.

– E se ela quer estar sozinha? – diz, por fim.

É possível. Ela tem razão.

Mas não é só quando querem estar sozinhas que as pessoas fogem e se escondem.

– E se ela precisar de saber que não está sozinha? – pergunto.

Cleo pega-me na mão. Subimos os degraus até ao fundo do pavilhão aberto.

Há meia dúzia de bancos corridos desgastados pelo tempo, um chão de lajes e algumas arcadas de madeira de ambos os lados. Mesmo à nossa frente, um arco de pedra emoldura um pedaço de água azul do Maine, à distância.

Sabrina está sentada à sua frente, de pernas cruzadas, a olhar para a distância. Toda a cena é serena, até ao pormenor dos pássaros que cantam nas árvores. Depois ela olha para trás por cima do ombro quando nos ouve.

Eu tinha-me mentalizado para um certo constrangimento, depois de tudo o que acontecera, mas assim que vemos o seu rosto abatido e os olhos inchados e vermelhos, a discussão da noite passada perde toda a importância.

Cleo e eu corremos para ela, ajoelhamo-nos no chão e abraçamo-la.

– Assustaste-nos – diz Cleo.

– Não foi a minha intenção – murmura Sabrina.

Separamo-nos mas ficamos sentadas no chão, num triângulo, como fizemos tantas noites no nosso quarto bafiento no dormitório da universidade.

– O meu telemóvel ficou sem bateria há algum tempo – diz Sabrina, por fim. – E... acho que quis adiar o inevitável.

– O inevitável? – pergunta Cleo.

Sabrina dobra os joelhos contra o peito e envolve-os com os braços esguios.

– O fim da viagem? A despedida? Está tudo a mudar, e eu não estou preparada.

É como se alguém tivesse pegado numa colher de gelado e escavado um buraco no meu peito.

– Queria adiar tudo isso, mas a Cleo tem razão – diz. – Há anos que nos temos vindo a afastar.

– Sabrina – digo. – Não imaginas como estou arrependida de não te ter contado o que se passava.

– Não é só isso. – Sabrina levanta o queixo. – Quando descobri da vossa separação, fiquei magoada, e a seguir fiquei zangada, mas depois... não sei. Apercebi-me de que éramos os seis há tanto tempo. E antes disso fomos os cinco durante ainda mais tempo, e antes fomos *nós* as três. E não é só por nos teres escondido uma coisa tão grave. É que... senti que se tu e o Wyn não estivessem juntos, que também não ias querer-nos a nós. Como se estivesses a eliminar-nos um a um.

– Sabrina, *não* – digo. – Garanto-te que não estava. Não estou.

– Não de forma consciente, talvez – diz ela. – Mas foi por isso que não nos disseste, não foi? Porque somos amigos do Wyn. Porque toda a nossa

amizade está entrelaçada com a vossa relação, e se vocês os dois se afastassem...

– O Wyn e eu não nos afastámos. – Não consigo falar mais alto do que um murmúrio. – Fui eu que o afastei, como fiz com vocês todos. E teve sempre a ver comigo, não contigo, nem com mais ninguém.

– Mas não és só *tu*, Harriet – diz Sabrina.

Cleo toca-lhe na mão.

– As coisas têm estado... complicadas, para mim, Sabrina. Mais nada.

– Sabes – diz Sabrina, vendo uma borboleta passar –, eu era mesmo, mesmo feliz quando era pequena. Os meus pais eram felizes. E depois deixaram de ser. E quando se separaram e seguiram caminhos diferentes... demoraram algum tempo, mas ambos voltaram a encontrar a felicidade. Ou, enfim... as suas versões semidistorcidas de felicidade.

»Com novos companheiros, e novos filhos. Toda a gente pôde recomeçar. Mas eu não era parte de nenhum desses recomeços. Eu pertencia à relação deles *um com o outro*. E quando isso acabou, fui empurrada de um lado para o outro como... como uma espécie de recordação. A única coisa que sempre senti como permanente, como se fosse minha, era este lugar. – A sua voz fica mais aguda. – Até conhecer vocês as duas.

Ela sempre foi tão forte, e parte-me o coração ouvir esta vulnerabilidade na sua voz.

– Conheci-vos – diz ela –, e finalmente senti que estava outra vez num lugar onde pertencia.

– Eu senti o mesmo, Sab. – Chego-me mais a ela.

– Também eu – diz Cleo. – A escola secundária foi um *inferno* para mim. Quer dizer, escolhi Mattingly porque não conhecia ninguém que fosse para lá, e a melhor situação social que conseguia sonhar para mim própria era o anonimato total. Aquelas primeiras semanas, quando nos conhecemos, foram uma espécie de experiência extracorpórea para mim. Nunca tinha tido amigas assim, aquelas amigas com quem falamos de tudo e com quem fazemos tudo. Para ser franca, estava sempre à espera que vocês conhecessem outras pessoas e me deixassem.

»E depois, um dia... foi mesmo antes das férias de outono, estávamos a despedir-nos com um abraço e eu percebi que... que já não estava com medo disso. Sem sequer me ter apercebido, passou. Soube nesse momento que vocês eram as minhas «para o resto da vida» É o que os meus pais chamam um ao outro. Porque, aconteça o que acontecer, serão sempre família. E é o que vocês as duas são. A relação pode mudar de forma mil vezes, mas estarão sempre na minha vida. Pelo menos, é o que eu quero.

– E eu – digo. – Aconteça o que acontecer entre mim e o Wyn, o meu lugar será sempre ao vosso lado. Não tenciono que isso mude. Gosto muito de ti, Sabrina, e desculpa se te fiz sentir que eras apenas uma parte da minha relação com o Wyn. És uma parte de *mim*. Estás tão gravada no fundo do meu coração que não conseguiria livrar-me de ti mesmo que tentasse, e não quero. Sei a sorte que tenho por vos ter. Por ter pessoas que me amam o bastante para não me largar mesmo quando eu estou demasiado assustada para deixar que se aproximem.

Cleo e Sabrina pegam-me nas mãos e os seus dedos entrelaçam-se nos meus.

– Meu Deus, estou farta de chorar esta semana – consegue Sabrina dizer por entre as lágrimas.

– Também eu – digo. – A magia da casa de férias, suponho.

– E eu – concorda Cleo. – Só que, no meu caso, acho que são as hormonas da gravidez ou...

– O QUÊ?! – Sabrina vira-se para ela e larga-nos para levar as mãos aos lados do rosto numa imitação perfeita do grande momento de McCauley Culkin em *Sozinho em Casa.*

– Merda! – diz Cleo. – Tinha um discurso preparado para te contar!

– Foda-se, estás a falar a sério? – berra Sabrina a plenos pulmões.

– Estamos numa capela – admoesta Cleo.

– Oh, por favor. Deus já ouviu tudo. Mas eu! Eu só ouvi uma vez que uma das minhas melhores amigas está grávida, foda-se!

– Bem – diz Cleo –, estou-grávida-foda-se. Surpresa!

Sabrina solta a sua gargalhada maquiavélica e bate com os pés no chão.

– E antes que perguntes – acrescenta Cleo –, sim, contei à Harry primeiro, mas não foi de propósito. Ela armou-me uma emboscada esta manhã e foi mais ou menos como agora.

– Bom, desde que a Harry te tenha armado uma emboscada – diz Sabrina entre mais gargalhadas ofegantes. – A sério, se mais alguém tem alguma confissão a fazer, é agora ou nunca! Acho que neste momento nada me deixaria zangada.

– Estraguei a tua placa de alisar o cabelo na universidade – digo-lhe.

– Uma vez, tive uma rapariga a dormir comigo que usou a tua escova de dentes, convencida de que era a minha – diz Cleo.

– Bom, que nojo – diz Sabrina. – Podia ter ido para o túmulo sem saber dessa.

– Fui eu que perdi aqueles *RayBan vintage* que costumávamos partilhar – admito. – Céus, na verdade é um alívio deitar isto cá para fora.

– Oh! – exclama Cleo. – Eu disse àquele poeta estúpido com quem andaste que era bruxa, e que se ele alguma vez voltasse a contactar-te lhe lançava uma praga tal que lhe cairia a pila.

Sabrina leva a mão ao peito, obviamente sensibilizada.

– Estás a ver, é por coisas dessas que vais ser uma excelente mãe.

– Não sabia que tinhas feito isso – digo a Cleo. – Se soubesse, se calhar não tinha dito a esse mesmo tipo que o meu pai era da Máfia.

Sabrina riu-se.

– Tenho as melhores amigas.

– A melhor *família* – corrige Cleo.

A dor no meu peito é quase agradável. Espalha-se pelos meus membros, até às mãos e aos pés, sólida, como se o amor tivesse massa e peso.

– Sabes – digo –, o Parth também não tenciona ir a lado nenhum.

Ela desvia os olhos.

– Se nem tu e o Wyn conseguiram...

Seguro-lhe no rosto.

– Vocês não são nós – digo. – E tu és muito, muito mais corajosa do que eu, Sabrina.

Ela revira os olhos.

– Estou a falar a sério – digo. – Tu consegues, se quiseres.

Num fio de voz, Sabrina admite:

– E quero. Ele é o amor da minha vida. Quero casar com ele.

– Então vamos lá levar-te para casa – diz Cleo.

Sabrina limpa as lágrimas dos olhos.

– Vamos para casa – diz, aliviada. Como se, agora que tomou a decisão, não lhe restasse uma pontinha de medo.

No caminho de regresso aos carros, Sabrina olha uma última vez para a capela, as árvores, a água ao fundo.

Sorri. Como se ao olhar para trás visse a felicidade desse dia que passou aqui com os pais, e não a dor do que veio depois.

Como se, mesmo depois de algo belo se quebrar, o processo de construção ainda tivesse importância.

36

LUGAR FELIZ

KNOTT'S HARBOR, MAINE

Um sábado à tarde. Um casamento, só no aspeto mais técnico da palavra. Há *bouquets* de girassóis para todas entregues à porta de casa, e um bolo que diz *Feliz Aniversário, wicked pissah* por entre flores verdadeiras, comestíveis. Ao ver a expressão de Sabrina e Parth, encolho os ombros.

– Muitos negócios não fazem coisas para casamentos.

– Sim, mas quem é que te deixou usar a expressão *wicked pissah* desta maneira? – diz ela.

– Este – diz Parth – é o melhor aniversário que já tive.

Tem um fato vestido que o faz parecer um James Bond de Férias. Sabrina enverga a sua indumentária chique de velejar. Nós os quatro temos as camisolas da Lobster Hut, todas amarrotadas de muito uso e apertadas de muito comer.

O fotógrafo chega às três e meia, para nos fotografar a não fazer nada, além de estarmos sentados à volta da piscina com roupas semiformais, a sugerir nomes cada vez mais ridículos para o bebé de Cleo e Kimmy.

Quando contaram a Parth e a Wyn da gravidez, Parth pestanejou, mudo com o choque, e Wyn deu um salto e desatou a rir e a olhar para nós como se estivesse à espera de um *apanhei-te!*

– A sério? – disse Parth. – Tens um bebé no corpo? Neste preciso momento?

Cleo riu-se.

– Sim, está no meu corpo.

– Isto é... Oh, meu *Deus*! – gritou Wyn. – Vais ter um bebé!

– Alguém traga as almofadas dos fanicos – disse Kimmy. – O Wyn vai desfalecer.

Ele deu a volta à cozinha, abraçando cada uma delas, e depois olhou para mim, com os olhos cintilantes e límpidos, sem qualquer neblina. Como se o seu primeiro instinto ao sentir alegria fosse ver se eu estava a sentir o mesmo, partilhar o sentimento.

Fez o meu coração voar, e palpitar, e arder de esperança.

Agora estamos todos a beber champanhe e sidra sem álcool ao sol, e a pressionar as nossas amigas a chamarem ao seu bebé Kardashian Kimberly Cleopatra Carmichael-James, enquanto um profissional contratado nos tira fotografias.

O celebrante do casamento chega às quatro.

Às cinco, eles estão de pé ao fundo da doca, com a luz a refletir-se nos seus cabelos, olhos brilhantes das lágrimas, e prometem amar-se um ao outro para sempre. Cleo e eu abraçamo-nos, com os *bouquets* de girassóis no meio de nós, e tentamos não soluçar.

Às cinco e meia, estamos a atirar-nos do fundo da doca, perdidos de riso, a falhar miseravelmente no jogo de *Não Podes Gritar*, e depois saímos da água gelada e corremos para o conforto da piscina aquecida.

Mandamos vir *pizza* – ninguém quer sair de casa e não há muitas opções em Knott's Harbor – e comemo-la acompanhada de champanhe *Veuve Clicquot*. Não falamos sobre o dia de amanhã, em que nos despediremos. Uns dos outros, desta casa, de uma era da nossa vida que gostávamos que pudesse durar para sempre.

Neste momento, estamos aqui.

Quando o sol começa a descer no céu, agasalhamo-nos e descemos até às rochas para ver a noite cair. Acendemos uma fogueira, assamos *marshmallows*. Sabrina carboniza o seu e Parth torra pacientemente o dele até estar dourado na perfeição.

Quando Wyn me vê estremecer, despe a sua velha *sweatshirt* de Mattingly – sempre foi mais encalorado do que eu – e enfia-a pela minha cabeça, sorrindo enquanto puxa os cordões do capuz e faz um laço debaixo do meu queixo. A *sweatshirt* cheira a fumo e a maresia e a ele. Nunca mais a quero despir.

Acendemos os pauzinhos de estrelinhas que Parth encontrou na garagem e escrevemos os nossos nomes na escuridão, impermanentes mas ainda mais brilhantes e ardentes por isso mesmo.

Era assim que eu costumava pensar no amor. Como algo tão delicado que nunca se poderia apanhar sem o extinguir. Mas agora sei que não é assim. Sei que a chama pode vacilar e estremecer ao vento, mas sempre lá estará.

Falamos sobre o céu da noite. Falamos sobre o fantasma no edifício do nosso antigo dormitório. Sobre as flores roxas que nasciam sempre ao lado da longa estrada que levava a Mattingly, e sobre o algeroz partido por cima do nosso apartamento em Nova Iorque, onde se formavam estalactites que eram como punhais de um metro. Falamos sobre as coisas a recordar, as coisas de que sentiremos falta.

– Havemos de voltar – diz Kimmy. – O bebé tem de conhecer a magia do Maine.

– Não sei – diz Sabrina. – Talvez, para o ano, possamos ir a algum sítio novo.

A mão de Wyn aperta a minha, como se a mera menção do próximo ano pudesse transformar-nos em fumo.

E mesmo essa dor é de certa maneira um prazer, sentir-me tão amada, amar tão profundamente.

Ficamos acordados até Cleo começar a dormitar com a cabeça no ombro de Kimmy, e Sabrina não parar de bocejar, e depois dizemos boa noite, como se fosse uma noite como as outras. Como se, amanhã, pudéssemos acordar e recomeçar a semana.

Depois de nos fecharmos no nosso quarto, Wyn e eu ficamos algum tempo agarrados um ao outro na escuridão, as minhas mãos na sua nuca, a cabeça dele curvada para o meu ombro, a inspirar-nos um ao outro.

O meu corpo sempre o amou, sem reservas nem cautela. Soube muito antes do meu cérebro, e ainda sabe.

O pescoço dele, os seus ombros, a cintura, os pelos macios que desaparecem sob o cós das calças, os ossos das ancas. As curvas suaves das suas costas e os músculos duros no seu abdómen. Cada pedacinho dele em que pensei, com que sonhei, que desejei.

– Tens os dedos frios – murmura ele, levando a minha mão aos lábios.

– A tua pele é tão quente – murmuro em resposta.

Lentamente despimo-nos, encontramo-nos um ao outro. Não fingimos que o amanhã não chegará, mas entregamo-nos plenamente a esta noite.

Um emaranhado de membros e cobertas. Pele a escorregar sobre pele. Dedos fechados na nuca, na parte macia das ancas, nos músculos duros das coxas.

– Amo-te – diz ele com a boca na minha, e desejo poder engolir a palavra, como se isso me deixasse conservar esse som para sempre, guardar este momento para sempre.

Sinto um ardor no nariz. A voz falha-me.

– Não digas isso.

– Porquê? – murmura ele.

– Porque essa palavra já não me pertence.

– Claro que pertence – diz ele. – Pertencia-te antes de eu sequer te ver pela primeira vez. Pertence-te em todos os universos onde existimos, Harriet.

Fecho os olhos. Tento agarrar-me às palavras. Queimam-me as palmas das mãos.

Antes de eu conhecer Wyn, poderia ter vivido bem sem ele. Agora, sentirei sempre o sítio onde ele não está.

O *desejo* é uma espécie de ladrão. É uma porta no nosso coração, e depois de sabermos que lá está, passamos o resto da vida a ansiar pelo que está do outro lado.

Ele entrelaça os dedos nos meus e diz-me que me ama de todas formas que consegue.

Só quando estou já meio a dormir, a mergulhar no sono com a têmpora encostada ao peito dele, é que o oiço murmurá-lo uma última vez:

– Amo-te.

Por entre os véus translúcidos do sono, oiço-me murmurar:

– *Tu.*

37

VIDA REAL

Domingo

Acordo antes do despertador e desligo-o antes que toque. Wyn dorme profundamente, nu e belo na claridade azulada da manhã.

Ele quereria certamente que eu o acordasse.

Mas não tolero a perspetiva de o nosso último momento juntos ser um adeus. Quero recordá-lo assim, num momento em que ele ainda é meu e eu sou sua.

Termino silenciosamente de arrumar as malas e desço em bicos de pés.

Cleo e Sabrina já estão a beber chá e café, respetivamente, na cozinha.

– Eu disse-te que apanhava um táxi para o aeroporto – murmuro, e junto-me a elas enquanto Sabrina enche uma caneca para mim.

– Está fora de questão – diz – que os teus últimos minutos em Knott's Harbor sejam passados na companhia de um estranho.

– Na verdade – digo –, os meus últimos minutos em Knott's Harbor serão passados com o Ray.

– Mais uma razão para te dar boleia. Podem ser os últimos minutos da tua *vida* – diz Sabrina.

Cleo cospe o chá para a caneca.

– Sabrina!

– Estou a brincar! – diz ela. – O Wyn não vem?

– Vou deixá-lo dormir – digo.

Ela e Cleo entreolham-se.

– Eu sei – digo, antecipando-me a elas. – Mas é o que eu preciso.

Sabrina passa o braço pelos meus ombros.

– Assim sendo, é o que terás, miúda.

Levamos o *Rover* até ao aeroporto, e Sabrina e Cleo insistem em estacionar e entrar comigo. Paramos junto das portas de segurança por um instante – chegámos *demasiado* cedo para um aeroporto tão pequeno – mas eu não suporto longas despedidas. Cada segundo que passa torna tudo mais difícil.

Consigo aguentar o nosso abraço de grupo sem chorar. Mantenho a compostura enquanto trocamos promessas de nos voltarmos a ver em breve. E quando Sabrina me recorda de que tem espaço para mim no seu sofá em Nova Iorque, sempre que eu queira.

Ainda não sei o que vou fazer quando regressar a São Francisco, e quando lhes confessei como estava a sentir-me em relação ao trabalho, tanto Cleo como Sabrina afirmaram sem rodeios que não podiam ser elas a dizer-me o que fazer. Tenho de descobrir aquilo que quero.

Como se me lesse a mente, Cleo toca-me no cotovelo e diz:

– Não há respostas erradas.

Um último abraço e depois unimos os dedos mindinhos queimados numa promessa silenciosa e, sem mais uma palavra, junto-me à fila para passar pelo controlo de segurança.

Digo a mim própria que não vou olhar para trás. E, imediatamente, olho para trás.

As minhas melhores amigas estão a chorar, o que faz com que eu desate a chorar, o que faz com que nos comecemos a rir as três.

– Minha senhora – diz o agente de segurança, fazendo-me sinal para avançar, e ainda estou a rir e a chorar quando passo pelo *scanner* e avanço pelo corredor, olhando para trás de poucos em poucos segundos para as ver a acenar da outra ponta do aeroporto até que, por fim, o corredor faz uma curva e sou obrigada a um último adeus antes de deixar de as ver.

Quando chego à porta de embarque, já me recompus. A zona de espera está vazia. Qualquer pessoa de bom senso chegaria a este aeroporto específico vinte minutos antes de descolar, mas eu segui o habitual padrão de duas horas e agora tenho muito tempo para ficar aqui sentada com os meus pensamentos.

Pego no livro que comprei na Crime, Leu Ela e olho para a primeira página durante uns bons vinte minutos sem conseguir registar outra palavra a não ser *«cupcake».* Ou estou com mais fome do que pensava, ou a minha capacidade de retenção está cada vez pior.

Guardo o livro e tiro o telefone.

O meu coração palpita ao ver a imagem no ecrã. O *site* que pedira a Wyn para me mostrar de novo ontem à noite ainda está aberto. Uma mesa de carvalho num campo verde e amarelo, com flores silvestres a trepar pelas pernas e uma cordilheira irregular de montanhas roxas ao fundo.

Tira-me o ar. Não a imagem propriamente dita, mas o anseio, a *necessidade* que ela desperta no meu âmago. *Isto*, penso. *É isto que quero.*

Uma vaga de adrenalina percorre-me a espinha.

A minha pulsação acelera. Os arrepios espalham-se, como um incêndio florestal, pela minha pele.

Levanto-me, quase a rir com a força bruta desta tomada de consciência.

Wyn pode estar mais feliz e mais saudável do que estava há seis meses, e eu posso ter sido um pouco mais honesta em relação ao que sinto, mas *conheço-o*, cada centímetro dele. Memorizei o ritmo da sua respiração enquanto dorme e o cheiro da sua pele quando esteve ao sol, e sei quando ele está assustado.

Talvez não o tenha visto logo, porque estou pouco habituada a confiar em mim mesma, porque costumo seguir os outros e dar mais valor à opinião deles do que à minha. Mas *agora* vejo.

Ele está com *medo.*

Ainda não está convencido de que eu conseguirei amá-lo para sempre. Uma parte dele continua à espera de que eu escolha outra pessoa. Acredita que, se eu tiver mais opções, ele não será a minha primeira escolha. Pode pensar que está a proteger-me, mas na verdade está também a proteger-se a si próprio.

No entanto, tinha razão quanto a uma coisa. Não pode ser ele a dizer-me aquilo que eu quero.

Toda a minha vida deixei as outras vozes entrar e abafei assim a minha.

Agora, a minha mente está estranhamente silenciosa. Pela primeira vez em muito tempo, oiço-me claramente.

Uma palavra. É tudo o que basta para responder à única pergunta que não pode esperar.

Tu.

Pego na mala e volto para trás pelo mesmo caminho. Mas não sinto que esteja a andar para trás.

Sinto que estou a dar o primeiro passo num caminho novo.

38

VIDA REAL

Domingo

Não sei porque é que estou a correr pelo aeroporto. Não tenho um avião para apanhar, não tenho um prazo a cumprir.

Esta não é a minha *última oportunidade* de dizer a Wyn como me sinto.

Na verdade, é o mais cedo que consigo chegar junto dele. Não quero perder nem mais um minuto. Assim, corro para a porta de segurança, a arrastar a mala atrás de mim. Quase colido com as portas automáticas enquanto estas se abrem, depois cambaleio no passeio lá fora, encandeada pelo sol, arrepiada pelo frio.

Não há um único táxi no exterior do aeroporto. Pego no telemóvel e procuro serviços de carros em Knott's Harbor. O primeiro número que marco está ocupado.

Nem sabia que ainda existia sinal de ocupado. Solto uma exclamação irritada e desligo, perscrutando o parque de estacionamento, desesperada, como se pedir boleia a um desconhecido pudesse ser uma opção viável.

E depois vejo-o. Uma mancha encarnada que me faz parar o coração.

Um carro a estacionar. Um homem a saltar de trás do volante, com o vento a fazer-lhe esvoaçar o cabelo claro.

Os meus pulmões contraem-se com o choque de o ver, a presença dele sempre um pouco mais sólida do que tudo o resto à minha volta.

Quando os nossos olhares se encontram ele estaca, com a porta do carro ainda entreaberta. Sinto-me como se deslizasse através da estrada, até um carro me buzinar para me avisar que estou à sua frente.

Começo a correr. Wyn avança também. Encontramo-nos num espaço vazio no parque de estacionamento mal cuidado.

– Estás aqui – diz ele, ofegante.

Eu ainda estou a tenta recuperar a capacidade da fala.

– Não te despediste – diz ele.

O melhor que consigo fazer naquele momento é:

– Não fui capaz.

Ele franze a testa. O momento arrasta-se.

– Era só isso? – pergunto.

– O quê?

– Vieste até aqui só para te despedires de mim?

Ele coça a nuca e olha de lado para as árvores que ladeiam o parque, antes de se virar de novo para mim. Os cantos da sua boca estremecem e o meu coração imita o movimento, espremendo todos os pedacinhos de amor para as minhas veias.

– Porque é que não estás no avião? – pergunta ele.

– O avião vai na direção errada.

Ele abana ligeiramente a cabeça, com a expressão tensa.

– Disseste que eu tinha de perceber aquilo que queria – continuo. – Que não posso continuar a fazer o que as outras pessoas acham que é melhor para mim.

– Continuo a pensar assim. – A voz de Wyn treme.

– E isso inclui-te a ti? – pergunto.

– Como assim? – diz ele.

– Quer dizer... – Aproximo-me mais para o inspirar, e os meus ombros relaxam com o alívio que esta proximidade me traz. – *Tu* podes dizer-me o que me fará feliz ou não?

Ele franze o sobrolho.

– Não estava a tentar fazer isso.

– Estavas, sim – digo. – E percebo porquê. Eu podia ir viver para o Montana e um dia mais tarde perceber que queria... não sei... trabalhar como *palhaça*, ou coisa do género.

Um lado da boca dele eleva-se.

– Palhaça?

– Ou bióloga marinha – digo. – Que tenho de partir para estudar as baleias ou os polvos.

– Mais provável – admite ele.

– E podia implodir tudo outra vez – digo. – Ainda pior do que antes. Ao ponto de não conseguirmos voltar a encontrar-nos um ao outro.

Ele baixa o queixo e diz, em voz rouca:

– É possível.

– Tens razão, eu não sei o que quero fazer a seguir – admito. – Terei de encontrar outro trabalho que odeie um bocadinho menos e ir pagando os empréstimos aos poucos enquanto decido. Mas sei aquilo que não quero.

»Não quero estar sempre cansada. Não quero ter horários opostos de todas as pessoas que amo, ou estar de serviço quando quero sair. Não quero passar oito horas seguidas em pé, e ter frieiras a sangrar nos nós dos dedos no inverno de tanto lavar as mãos. Não quero sentir que não tenho energia nem tempo para experimentar algo novo, porque estou a dedicar tudo o que tenho

a um trabalho de que nem sequer *gosto*. Não quero viver a minha vida como se fosse um triatlo, como se tudo o que importa fosse um galardão imaginário. Quero que a minha vida seja... seja como fazer *olaria*. Quero apreciar o que faço enquanto está a acontecer, e não apenas por aquilo que poderá trazer-me um dia.

»E não quero ter um país inteiro a separar-me de ti. *Nem* da tua família. Não quero perder uma única ocasião festiva com eles. Não quero adormecer sem poder encostar os pés às tuas pernas para os aquecer, e não quero dizer adeus à tua *T-shirt* dos *rodeos* e não quero deixar-te sair daqui sem compreenderes que *tenho* a certeza disto. E agora podes dizer-me que parta, e eu irei, mas não penses que é um gesto nobre. Não penses que estás muito certo.

Os olhos dele abrem-se mais.

– Certo em relação a quê?

– A tudo! – grito. – Que eu não te quero! Que não consegues fazer-me feliz! Que se eu voltar para a Califórnia agora isso tem alguma coisa a ver com aquilo que *eu* quero. Que *tu* é que és a pessoa de sorte nesta relação, quando obviamente sempre fui eu. Que os Gladiadores de Supermercado é um jogo a sério e que faz *algum* sentido pôr copos na prateleira de baixo da máquina da loiça. Podes dizer-me que não, Wyn, mas não podes dizer a ti próprio que é isso que *eu* quero. Se tens medo, se não és capaz de confiar em mim, então diz-me que vá, mas não fiques convencido de que é isso que eu quero.

– *Harriet* – diz ele, em voz rouca.

O meu coração baloiça-me no peito, preparando-se para levantar voo ou para cair no abismo.

Wyn segura-me no rosto.

– Sim, *tenho* medo.

Um compasso de silêncio. Nada a não ser a nossa respiração, e o vento frio, que me sopra um caracol de cabelo para o rosto.

– Oh – murmuro.

O leve sorriso no rosto dele escancara-me, vértebra após vértebra. Ele enfia os dedos no meu cabelo. Engole em seco.

– Quando acordei esta manhã, a cama já estava fria onde tu devias estar.

Ergue os olhos, tão límpidos e claros, sem nevoeiro algum a turvá-los.

– Teria feito tudo para te trazer de volta por um último minuto – diz. – Mas não podia, por isso segui-te. E se tu não estivesses aqui fora, eu teria comprado um bilhete. E se entrasse e tu já tivesses embarcado, teria entrado no avião. E teria esperado até aterrarmos em Boston para falar contigo. E se por alguma razão nos desencontrássemos no desembarque, iria à procura da porta de embarque seguinte para falar contigo. E enquanto estava ali deitado na cama, a ver este plano estúpido formar-se, de como iria ter contigo para me despedir de ti em pessoa, percebi por que razão não podemos fazer isto.

O meu coração, com um frémito, ergue-se para ele como que atraído por um íman.

– Porquê?

Ele sorri-me e é como uma pancada no meu coração, um aperto que é quase um ataque cardíaco.

– Porque não há lugar nenhum onde eu não iria por ti. E se chegares ao Montana e depois perceberes que tens de estar noutro lado qualquer, não há nada que eu não esteja disposto a fazer para que isso funcione. Prefiro ter-te

cinco dias por ano a ter outra pessoa qualquer o tempo todo. Prefiro discutir contigo a não falar, e quer estejamos juntos ou não, eu sou teu, por isso vamos estar juntos, Harriet. O máximo que conseguirmos. Enquanto conseguirmos. O mais depressa que conseguirmos. O resto, logo se vê.

– Wyn – murmuro, trémula. Os dedos dele entrelaçam-se nos meus caracóis. – Estás a dizer que posso ir contigo para casa?

– Estou a dizer – murmura ele docemente –, que só me sinto em *casa* se tu lá estiveres.

Fecho os braços à volta dele, com o coração a bater descompassado enquanto o vento sopra.

– Amo-te – digo-lhe.

– Em todos os universos. – E beija-me então, com um caracol de cabelo soprado pelo vento preso entre os nossos lábios. Como se fosse o primeiro e o último. O fim de uma era e o princípio de outra.

Aqui, sei, *é exatamente onde quero estar.*

39

VIDA REAL

Segunda-feira

No dia em que desisto do internato, ligo aos meus pais para lhes dar a notícia.

Eles ficam, como é compreensível, chocados. Querem apanhar um avião e vir imediatamente ter comigo a São Francisco.

– Vamos conversar sobre isto – diz o meu pai.

– Podemos ajudar-te a perceber o que se passa – diz a minha mãe.

– Não tomes nenhuma decisão enquanto não chegarmos – insiste o meu pai.

Nunca me visitaram, nem uma única vez.

Apercebo-me então da ironia: trabalhei tanto para conquistar o seu amor e orgulho, e isso não me aproximou deles. Quando muito, acho que ainda nos afastou mais.

– Já tomei a decisão – digo. – Já desisti. Mas vou pagar o resto dos empréstimos sozinha. Não quero que se preocupem com isso.

A minha mãe começa a chorar.

– Não percebo de onde é que isto vem.

– É totalmente inesperado – concorda o meu pai.

– Não é – digo. – Demorei anos a chegar a esta decisão. E já encontrei outro trabalho.

– Um trabalho? Que trabalho? – pergunta a minha mãe.

– Num estúdio de olaria – digo.

– *Olaria?* – Pelo tom da voz do meu pai, parece que eu lhe disse que vou lançar um esquema de pirâmide a vender metanfetaminas para cães.

– Mas nem sequer sabes nada de olaria – diz a minha mãe.

– Sei um pouco – digo. – Não o suficiente. E sei que não será muito impressionante de colocar no postal de Natal, mas é a isso que vou dedicar o meu tempo, para já.

– Mas *porque* é que estás a desperdiçar o teu tempo com isso? – diz o meu pai.

– Porque me faz feliz – respondo. – E nada que me faça feliz é, para mim, um «desperdício de tempo».

– Se calhar precisas só de umas férias – sugere a minha mãe.

– Quero uma *vida* – digo. – E não gosto de cirurgia ao ponto de querer que seja essa a minha vida. Quero dormir até tarde de vez em quando. Quero ficar a pé até tarde, e fazer férias com os meus amigos, e quero ter energia para decorar o apartamento e para experimentar coisas novas. Não consigo fazer nenhuma dessas coisas quando estou sempre tão exausta. Sei que é uma desilusão para vocês, mas é a minha escolha.

– Harriet – diz a minha mãe. – Estás a cometer um erro do qual te arrependerás para o resto da vida.

– Talvez – admito. – Mas se assim for, é comigo. E juro que não deixarei que isso vos afete.

– Espera um pouco – pede o meu pai. – Nós vamos aí ter contigo, há de resolver-se tudo.

– Não podem vir cá – digo.

– Somos os teus pais! – exclama a minha mãe.

– Eu sei – digo. – E se quiserem visitar-me daqui a algumas semanas, adoraria ver-vos. Mas não vou mudar de ideias e não vale a pena irem a São Francisco porque eu nem sequer lá estou.

– Como assim? Onde é que estás?

Nos altifalantes soa um aviso. A minha porta de embarque foi alterada.

– No aeroporto de Denver – digo. – Tenho de ir, mas ligo-vos quando chegar.

– Quando chegares *aonde*? – diz a minha mãe, erguendo a voz de uma forma que nunca fez comigo.

– A casa – digo, e depois esclareço: – Ao Montana.

Outro silêncio.

– Amo-vos muito. – Não parece natural, mas isso não significa que não seja verdade, apenas que não o digo há muito tempo. – Falamos logo à noite.

Desligo e arrasto as minhas coisas para a nova porta de embarque, parando pelo caminho para comprar um café gelado e um bolo de canela. Quando me deixo cair numa das cadeiras de napa esgaçadas, o meu telefone vibra com uma mensagem, e preparo-me para um sermão apaixonado ou um testamento persuasivo.

Em vez disso, vejo uma mensagem de Eloise. Nunca fomos o tipo de irmãs que conversa por mensagem.

A mãe ligou-me, fora de si, escreve ela.

Faço uma careta.

Lamento muito, escrevo. *Espero que não te tenha chateado muito.*

Vejo-a começar a escrever uma resposta, depois parar. Continuo a desmantelar sistematicamente o meu rolo de canela.

Depois oiço a resposta dela a chegar.

Não és responsável pls sentimentos da mãe. É o q diz o meu terapeuta. Só queria ver se está td bem pq ela está convencida de q tiveste um esgotamento qq. Tiveste?

Eloise é a única pessoa que conheço que escreve as mensagens em frases completas, incluindo pontuação, mas se recusa a escrever uma data de palavras por extenso. No entanto, essa é a única parte da mensagem que não é um choque ou uma surpresa para mim.

Não fazia ideia de que Eloise andava num terapeuta. Por outro lado, não sei muito sobre Eloise, ponto final. Nunca falámos de forma tão aberta e fico estranhamente sensibilizada.

Pode ser uma forma de esgotamento, escrevo. *Mas a verdade é que acho que nunca quis ser cirurgiã. Só gostava de deixar as pessoas orgulhosas. E da perspetiva do dinheiro.*

Merda!, responde ela, e durante um minuto não recebo mais nada. Talvez seja este o fim das nossas confissões fraternais em adultas. Dez minutos depois, outra mensagem.

> Acho q devia dizer-te q sempre me ressenti de ti, pq achava q eras cm eles e q p isso sempre gostaram mais de ti. Agora começo a perceber a pressão q devias sentir, e talvez se tivéssemos agido cm irmãs mais cedo, as coisas tivessem sido diferentes. Portanto, isto pode não significar grd coisa, mas p q conste, estou orgulhosa de ti. E a mãe acabará p ultrapassar o choque. Foi o q aconteceu c o meu piercing no umbigo.

A sério? respondo.

Bom, nunca o disse diretamente, responde Eloise*, m deixou de olhar p a minha barriga c suspiros desolados. Isto há de correr melhor. Conta comigo.*

Encosto-me, aliviada.

Obrigada, digo. *Desculpa não te ter apoiado mais. Quem me dera tê-lo feito.*

Não te preocupes c isso, diz ela*. Eras uma miúda. Nunca mandámos na nossa vida então, m agora nós é q sabemos. Faz o q for melhor p ti. Não se pode pedir mais nada.*

Nunca chorei por causa de uma mensagem com tantas abreviaturas, mas estou a pensar imprimir esta mensagem e pô-la no frigorífico da família Connor para não se perder. Podemos não ter fotografias com máscaras de Halloween a combinar, mas amamo-nos. Há esperança. Se eu quiser ser mais próxima dela, posso trabalhar para isso.

*

O meu pai é o primeiro a aceitar a realidade. Começa a mandar-me artigos sobre os benefícios da olaria para a saúde mental, e mensagens sobre um novo concurso televisivo entre ceramistas.

A minha mãe, é mais complicado.

Quando ela e o meu pai finalmente nos vêm visitar ao Montana, ela praticamente não abre a boca durante todo o primeiro dia.

Levo-os a lojas de antiguidades, e a dar um passeio a cavalo para principiantes. Passamos pela *happy hour* num bar cujo tema parece ser *caça mas sofisticado*, um daqueles novos estabelecimentos destinados aos veraneantes, que fingem ser tradicionais.

– O Hank detestava este bar! – diz Gloria alegremente quando o empregado se afasta depois de recolher o nosso pedido. – Nunca cá vinha. A minha vizinha BethAnne é que costumava vir comigo.

Os meus pais seguem-me para as aulas de olaria para principiantes com as quais comecei a ajudar na Gallatin Clay Co. O meu pai faz um esforço por parecer interessado, enquanto a minha mãe opta simplesmente pela atitude «não chorar».

A seguir, mostro-lhes os meus últimos projetos, pequenas peças soltas que fiz depois de mais uma encomenda para o hotel. A minha mãe pega numa tigela vidrada em vários tons de azul e inspeciona-a durante muito tempo antes de dizer:

– Esta é bonita.

– Obrigada – digo. – Fiz essa para a Sabrina e o Parth.

– Os teus amigos que se casaram há pouco tempo? – pergunta o meu pai.

– Sim – diz a minha mãe. – Os advogados.

Mais uma vez, penso que talvez os meus amigos não tenham sido os únicos que eu afastei. Se eu estava sempre a virar a conversa para aquilo que *sabia* que os meus pais gostavam sobre mim, não lhes dei oportunidade de conhecerem o resto.

Passamos alguns momentos divertidos. Outros terrivelmente constrangedores. E por fim a visita termina e um táxi estaciona à porta dos Connor e Wyn afasta-se para que eu e os meus pais nos possamos despedir em privado.

Antes de me lembrar que a nossa família nunca foi muito dada a abraços, já me agarrei ao meu pai. Seria demasiado embaraçoso voltar atrás, por isso

abraçamo-nos durante breves instantes. Depois faço o mesmo com a minha mãe.

O meu pai entra no táxi e a minha mãe começa a segui-lo mas depois volta para trás.

– Nunca teve nada a ver com o postal de Natal, Harriet – diz-me. – Tens de compreender.

Sinto um ardor ao fundo do nariz. Algum instinto latente em mim acredita que esta vaga de emoção representa perigo. O meu sistema nervoso diz à minha glote que se mantenha aberta para deixar entrar mais oxigénio se eu precisar de fugir a correr. Mas não é o que faço.

– Eu desisti de tudo – diz ela debilmente.

– Eu sei – digo. – Desististe de tudo por nós, e compreendo o que isso te custou, e lamento muito...

– *Harriet.* Não. – Pega-me no cotovelo. – Não é isso que quero dizer. Desisti de tudo pelo teu *pai*. Ele queria continuar a trabalhar. Ele quis mudar-se para o Indiana. E eu pensei que se ele fosse feliz, isso seria suficiente. Não penses que não estou orgulhosa de ti, querida. Mas estou *aterrorizada* por ti. Temo que um dia acordes e percebas que construíste a tua vida à volta de outra pessoa e que não há espaço para ti. Nunca teve nada a ver com o postal de Natal. Quero é que *tu* sejas feliz.

– E *sou* feliz – garanto-lhe. – Não vim para cá por causa do Wyn. Vim por mim. E não sei como tudo isto acabará, mas sei aquilo que quero.

Os olhos dela enchem-se de lágrimas. Força um sorriso e prende-me o cabelo atrás da orelha.

– Sabes que sempre me vou preocupar contigo.

– Talvez possas reduzir um bocadinho – digo. – Talvez vinte minutos por dia de preocupação. Porque eu estou bem. E se não estiver, digo-te.

Ela toca-me no cabelo.

– Dizes?

– Se tu quiseres.

Assente com a cabeça.

– Amo-te.

– Eu sei – digo. – Eu também te amo.

Ela acena uma vez mais e depois junta-se ao meu pai no táxi.

Enquanto lhes faço adeus, oiço a porta de rede abrir-se atrás de mim. O cheiro a pinho de Wyn envolve-me antes de os braços dele o fazerem, e encosto-me a ele. Cortou o cabelo, já não tem a barba grande, e os pelos que começam a despontar arranham-me a têmpora, seguidos da suavidade da sua boca.

Ficamos ali parados, a ouvir uma coruja piar ao longe, a ver as luzes do carro diminuírem à distância.

– Tens fome? – pergunta ele por fim.

– Estou esfaimada – digo.

40

LUGAR FELIZ

VIDA REAL

A nossa casa. Uma mesa de madeira, uma jarra cheia de flores silvestres, um campo verde e dourado. Longas caminhadas com Wyn, passeios mais curtos com Gloria.

Estar sentada no alpendre das traseiras, a fumar um charro com o amor da minha vida e a mãe dele. Ficar palerma de riso e cheia de fome, fazer *brownies* numa cozinha demasiado quente. Ficar a dormir lá, num quarto cheio com os troféus de futebol da escola secundária de Wyn, para não ter de conduzir até ao meu apartamento no centro, por cima da papelaria cara.

O cartão com a data do nosso casamento preso em lugar de destaque no frigorífico de Gloria.

Memorizo todas as tábuas que rangem no soalho, para conseguir descer as escadas de manhã, pé ante pé, sem acordar ninguém, pegar no *Jeep* e ir à cidade comprar um café com leite e muito açúcar para mim, café simples para eles os dois, rolos de canela e laranja para todos. Ou, pelo menos, Wyn comerá um bocadinho e eu acabarei o resto do dele.

Caminho um pouco, aprecio o aroma agridoce dos pinheiros e álamos.

Aqui há uma loja inteira só com molhos, xaropes e óleos. A semana passada, depois de provarmos à vontade duas dúzias de amostras, Wyn e eu comprámos um xarope de ácer fumado, envelhecido em barris de *bourbon* chamuscados. No aniversário de Gloria, fizemos panquecas e quando ela provou o xarope disse:

– Sabe a acampar.

E depois ficou emocionada, porque era algo que ela e Hank costumavam fazer.

– Quando começámos a namorar e não tínhamos dinheiro – explicou. E com uma risada chorosa, acrescentou: – E depois de estarmos casados há décadas e *ainda* não termos dinheiro.

Wyn levantou-se e abraçou a mãe e ela deu-lhe palmadinhas no braço enquanto se recompunha. Compreendi então a honra imensa que é sofrer como ela está a sofrer. Ter amado alguém tanto que o sabor de um xarope de ácer nos consegue fazer chorar e rir ao mesmo tempo.

E sei que, mesmo que não venha a ter mais nada, isto é uma coisa que eu também terei. Sei que escolhi o universo certo.

O pensamento parte-me um bocadinho o coração, pelos meus pais. Pelo meu pai, que trabalhou quase todas as semanas da sua vida, de segunda a sexta, num trabalho de que não gostava o suficiente para falar sobre ele, e compreendo que ele foi privado de algo e que aceitou essa perda. Porque nós precisávamos dele, ou pelo menos ele acreditava que assim era. E pela minha mãe, que deixou para trás um lar para o seguir e nunca mais encontrou outro.

Entro na loja e compro quatro frascos de xarope de ácer de acampamento.

Um para Parth e Sabrina, outro para Cleo e Kimmy, e um para cada um dos meus pais. Quero que ambos possam aproveitar até à última gota.

Quero que tenham tudo o que sempre desejaram.

Ainda há alturas em que me sinto ansiosa com a minha decisão, em que temo que os meus pais nunca a compreendam realmente, nunca me compreendam a mim, ou me pergunto se algum dia encontrarei algo que seja mesmo *meu*.

E sempre que preciso de um lugar feliz, ainda penso na casa de férias. Ou talvez não propriamente na casa, mas naquele nicho no vão das escadas que cheira a Wyn, na doca banhada pelo sol e em Cleo a perguntar pelas nossas outras vidas, Sabrina e Parth furiosos por causa de um jogo de *gin rummy*, e Kimmy a cantar Crash Test Dummies com uma colher de pau a fazer as vezes de microfone.

Penso em nós as três sentadas lado a lado numa cama individual num quarto bafiento de dormitório, com echarpes de seda presas ao teto para suavizar a claridade das luzes fluorescentes, a vermos *As Meninas de Beverly Hills*.

Imagino uma quinta cada vez mais recuperada no norte do estado de Nova Iorque, e recordo a primeira vez em que peguei na minha afilhada Zora, sem conseguir parar de olhar para os dedinhos minúsculos, os olhos castanho-dourados como os da mãe a olharem para mim enquanto o meu coração dizia *milagre, milagre, milagre*.

Revisito a viagem que fiz de carro desde São Francisco, com a minha mãe, as minhas coisas todas enfiadas num atrelado. Os motéis duvidosos em que ficámos pelo caminho, a ver episódios de *Crime, Disse Ela* e a comer os chocolates que as máquinas de venda automática tinham disponíveis. Boa parte dessa viagem foi positivamente constrangedora, ou stressante, ou enfadonha, mas na minha memória não são esses os momentos que ficaram.

É, sim, ouvir a minha mãe contar-me como ela e a irmã fingiam ser bruxas nos bosques do Kentucky, onde viviam quando eram pequenas, e esmagavam amoras com lama e ervas numa mistela que depois espalhavam na testa e fingiam que as tornava invisíveis.

É quando ela me pede que lhe conte a história toda de como conheci Wyn e como me diz a seguir, entre lágrimas, *Tudo o que quero é que sejas feliz.*

E eu digo: *E tu? Não queres ser feliz?*, e ela parece tão confusa, como se tal pensamento nunca lhe tivesse ocorrido. Todo aquele tempo, as noites que passei acordada no meu quartinho amarelo a regatear com o universo, a gastar desejos com a alegria dela, e agora compreendo.

Não tens o poder de dar felicidade a ninguém, mãe, digo-lhe. *Tens é de encontrar a tua.*

Eloise e eu trocamos mensagens de vez em quando, na maior parte conversas superficiais, mas estou a tentar. Tenho esperança.

Às vezes, olho também para a frente. Penso no rancho e centro de eventos rústico no qual Wyn e eu fizemos uma reserva, e imagino um dia no princípio do outono, já com um friozinho no ar, entre o cheiro a feno e folhas secas. Imagino os nossos amigos e familiares alinhados em frente de uma das mesas de Wyn, com uma toalha de renda antiga por cima, mantas em todas as cadeiras à espera que os convidados se enrolem nelas, enquanto o sol se põe. (Ou na despedida de solteira em Las Vegas que Sabrina já começou a planear.)

Mas mais do que todos esses lugares, quando preciso de me sentir segura e feliz, volto para casa.

E esteja o tempo como estiver – montes de neve ou o sol a ressequir os campos sequiosos – quando subo os degraus e enfio a chave na fechadura, sinto uma leveza no peito, uma certeza:

Ele estará à minha espera do outro lado, ainda coberto de serradura, a cheirar a pinho e canela. Antes mesmo de o ver, o meu coração começa a cantar a sua canção preferida.

Tu, tu, tu.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer à equipa que tem estado ao meu lado ao longo de todo o processo: Amanda Bergeron, Dache' Rogers, Danielle Keir, Jess Mangicaro, Sareer Khader eTaylor Haggerty. Este, tal como os meus três últimos livros, verdadeiramente não teria sido possível sem a vossa ajuda, e todos os dias estou grata por vos ter ao meu lado. Obrigada, obrigada, obrigada.

Um enorme obrigada a Alison Cnockaert, Anthony Ramondo e Sanny Chiu pela capa maravilhosa e *design* interior, tal como aos meus incríveis editor e revisor, Angelina Krahn e Jamie Thaman, respetivamente.

Um agradecimento infindável a Cindy Hwang, Christine Ball, Christine Legon, Claire Zion, Craig Burke, Ivan Held, Jeanne-Marie Hudson, Lindsey Tulloch e a toda a equipa da Berkley.

Também tenho de agradecer à minha equipa do outro lado do oceano, na Viking, especialmente a Vikki, Ellie, Lydia, Georgia e Rosie, e à fantástica *designer* da capa, Holly Ovenden.

Estou também imensamente grata para com Holly Root, Jasmine Brown, Stacy Jenson e o resto da equipa da Root Literary, bem como a minha agente de direitos internacionais, Heather Baror-Shapiro, e a sua equipa na Baror International.

O mundo editorial pode ser volúvel, com sempre a ir e a vir, mas uma pessoa que esteve comigo desde o início foi a minha incomparável agente para direitos cinematográficos e defensora, Mary Pender, com a sua equipa na UTA. Sinto-me muito grata por te ter ao meu lado.

Tantos amigos autores me deram apoio com este (e outros) livros, mas tenho de agradecer especialmente às pessoas com quem posso *sempre* contar para ler depressa e discutir alguns pontos de enredo complicados de forma a resolver a lógica emocional das minhas personagens. Brittany Cavallaro, Isabel Ibañez, Jeff Zentner e Parker Peevyhouse: nunca serei capaz de vos agradecer o suficiente pelo tempo, energia, gentileza e amor que me dão, como amigos e como colegas. Como o Jeff gosta de dizer, "São a minha banda".

Aqui é que a coisa complica, porque ao longo dos anos, tantas pessoas me apoiaram, a mim e aos meus livros, de tantas formas, por isso deixem-me dizer a cada jornalista, *podcaster*, crítico, clube do livro, *web show*, revista, programa de rádio, vendedor de livros, bibliotecário, perfumaria e amigo escritor que se envolveu com um dos meus livros: muito obrigada. Adoro o meu trabalho e estou infinitamente grata a todos os que permitiram que continuasse a fazê-lo.

E, de um ponto de vista mais técnico, só sou capaz de escrever livros sobre amizade, família e amor por causa das pessoas a quem tenho a incrível sorte de chamar amigos, família e companheiro. Obrigada por me amarem e por me apoiarem sempre.

Por último, mas não menos importante, obrigada aos meus leitores. Por tudo. Tudo mesmo. Estou tão grata por os nossos caminhos se terem cruzado desta forma bizarra e maravilhosa.

Obrigada.



EMILY HENRY é autora de vários *bestsellers* (por vezes, em simultâneo!) do New York Times, entre eles, *Romance de Verão* e *Doidos por Livros*. Vive e escreve em Cincinnati e na parte do Kentucky que fica mesmo por baixo. Os seus livros já figuraram em diversas publicações, nomeadamente, *Buzzfeed*, *Oprah Magazine*, *Entertainment Weekly*, *The New York Times*, *The Skimm, Shondaland*, e muitas outras.

Pode encontrá-la no Instagram em:

@emilyhenrywrites.